

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA  
MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

**ÉRIKA BEZERRA DE MENESES PINHO**

**“O TEMPO BOM DO FAROL”: TRANSGRESSÃO, SOCIABILIDADE E AFETO  
NAS TRAJETÓRIAS DE EX-PROSTITUTAS IDOSAS**

**FORTALEZA  
2012**

**ÉRIKA BEZERRA DE MENESES PINHO**

**“O TEMPO BOM DO FAROL”: TRANSGRESSÃO, SOCIABILIDADE E AFETO  
NAS TRAJETÓRIAS DE EX-PROSTITUTAS IDOSAS**

**Dissertação apresentada ao curso de  
Mestrado em Sociologia da Universidade  
Federal do Ceará como pré-requisito  
parcial para a obtenção do título de Mestre  
em Sociologia.**

**Orientador: Prof. Dr. Antônio Cristian  
Saraiva Paiva.**

**FORTALEZA  
2012**

**ÉRIKA BEZERRA DE MENESES PINHO**

**“O TEMPO BOM DO FAROL”: TRANSGRESSÃO, SOCIABILIDADE E AFETO  
NAS TRAJETÓRIAS DE EX-PROSTITUTAS IDOSAS**

**Dissertação apresentada ao curso de  
Mestrado em Sociologia da Universidade  
Federal do Ceará como pré-requisito  
parcial para a obtenção do título de Mestre  
em Sociologia.**

**Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva (Orientador).  
Universidade Federal do Ceará**

---

**Prof. Dra Mirian Goldenberg  
Universidade Federal do Rio de Janeiro**

---

**Profa. Dra. Ana Rita Fonteles Duarte  
Universidade Federal do Ceará**

---

**Profa. Dra. Francisca Inar de Sousa  
Faculdade Ateneu**

## AGRADECIMENTOS

Quando se escrevem agradecimentos para este tipo de trabalho, é normal o medo de que a pressa e a obrigatoriedade de cumprir um prazo nos levem a esquecer alguém que foi importante para a realização da pesquisa. Neste momento, temo também cometer a indelicadeza de realçar a importância de uns em detrimento de outros, pela mera questão da ordem em que as pessoas às eu devo minha gratidão são apresentadas. Quero deixar claro, portanto, que todos citados aqui são fundamentais. Não teria conseguido sem as entrevistadas, assim como não teria conseguido sem meu querido grupo de amigos, que “segurou minha onda” e garantiu que meu sentimento de identidade não se perdesse em algum momento do labirinto da dissertação. Agradeço a cada um dos amigos “das antigas”: Lucas Nepomuceno, Marília Saatman, Aline Penaforte, Lúcio Gomes, Karol Mota, Daniel Lopes e Ana Flávia.

Dorinha, Edna, Glória, Novinha, Augusta, Peregrina, Perpétua, Maria Angelina e Dircinha, encontrá-las e conhecer suas histórias foi uma grande aventura e engrandeceu-me como pessoa. Tenho por todas um grande carinho, respeito e sincera admiração. Agradeço também a Karla e Beta, por intermédio das quais fui apresentada a boa parte das entrevistadas.

Meus agradecimentos também ao professor Antônio Cristian Saraiva Paiva, orientador deste trabalho, pela generosidade demonstrada nos constantes empréstimos de livros, indicações de materiais e de caminhos teóricos e empíricos a trilhar, e principalmente por ter confiado em mim.

Agradeço a Mateus Perdigão, Marcus Vinícius Oliveira, tia Sônia, Bruno, Mercês e Milena Távora, que estiveram ao meu lado durante parte importante da pesquisa, como uma segunda família.

À turma de mestrandos de 2010: Cristina Peixoto, Daniel Valentim, André Mindoso, Joyce Martins, Bruna Karoline, Nathalia Sobral, José Tiago, Cleyton Monte, Aglailton Magalhães, Alberto dos Santos Barros Filho, Bruno Sampaio, Edgar Braga, Gabriel Andrade, Juliana Avelar, Narah Maia, Marcos Aurélio de Andrade, Rynne Bahia, Vinícius Frota (e Kílvia). Tê-los conhecido está entre as boas coisas que este curso me proporcionou. A todas as colegas do Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade (NUSS/UFC), pelas discussões e contribuições ao longo do andamento da pesquisa. Ao colega Caio Anderson Feitosa, agora mestrando da Universidade Federal do Ceará, com quem compartilhei locais de pesquisa e várias angústias e descobertas do campo. Ao meu amado Ricardo César Oliveira, que soube estar presente quando necessário e me ajudou muitíssimo na reta final deste trabalho. Aos meus pais, Graça e Hermano, e ao meu irmão, Germano, pela ajuda de todos os dias. A Deus, por tudo.

À banca de qualificação deste trabalho, formada pela Profa. Dra. Ana Rita Fonteles Duarte e Prof. Dr. Alexandre Fleming Câmara Vale, pela leitura atenta e as indicações pertinentes. À Profa. Dra. Mirian Goldenberg, por ter aceito gentilmente o convite para participar da banca de defesa deste trabalho. Ao Prof. Dr. Francisco Gilmar de Carvalho, exemplo de pesquisador ético e competente, por ter me estimulado a tentar o mestrado, e pela sugestão deste tema, ainda na graduação. À Profa. Dra. Francisca Ilmar de Sousa, destacada pesquisadora na temática do mercado do sexo, pelo privilégio de tê-la como

interlocutora ao longo do processo da pesquisa. À amiga Paula Luna Salles, pesquisadora também dedicada ao tema, pelas trocas de informações e indicações. À historiadora Luciana Rodrigues, pela companhia nas primeiras incursões ao campo. À querida amiga Natasha Brand, pela ajuda na tradução do resumo deste trabalho para a língua inglesa. Ao historiador e jornalista Miguel Nirez de Azevedo (Nirez), pelas informações históricas e fotografias da cidade de Fortaleza no período. Ao Museu de Arte Contemporânea da Universidade Federal do Ceará, pelo acesso às reproduções das obras do artista plástico Descartes Gadelha, especificamente os quadros de sua exposição sobre a antiga zona de meretrício do Arraial Moura Brasil. À Caroliny Braga, colega jornalista que me facilitou o acesso a importantes informações sobre os projetos de urbanização voltados para o bairro do Serviluz, em elaboração pela Prefeitura de Fortaleza, através da Fundação de Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza (Habitafor). Da mesma forma, ao arquiteto e urbanista Daniel Rodrigues, do mesmo órgão municipal, pelas informações gentilmente prestadas. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo financiamento por meio do qual esta pesquisa foi viabilizada.

## RESUMO

Esta dissertação foi elaborada a partir de narrativas de histórias de vida de seis mulheres idosas, que exerceram o meretrício na zona do Farol do Mucuripe, em Fortaleza, nas décadas de 1960 a 1980. Para este trabalho, foram utilizados métodos da história oral, aliados a estratégias próprias do fazer etnográfico, que incluíram a interpretação dos significados culturais presentes nas falas e práticas das pesquisadas, assim como a presença da pesquisadora no bairro Serviluz, onde as mesmas residem, de modo a criar uma rede de relações própria ao desenvolvimento da pesquisa. Os conteúdos apresentados nas falas foram a base de escolha das categorias privilegiadas na análise final, a saber: as características da sociabilidade nos contextos prostituintes referidos, o suposto aspecto transgressor das práticas e discursos e a presença do afeto como componente da modalidade de meretrício descrita pelas entrevistadas. Diante de modelos restritos para a vivência da condição feminina, as mulheres pesquisadas fizeram parte da construção coletiva de um modo *sui generis* de se tornar mulher, em que os esforços pessoais eram dirigidos à busca de autonomia subjetiva. Ao longo deste processo, entretanto, as personagens deste estudo mantiveram a conformidade com valores tradicionais sobre a sexualidade e o papel da mulher na sociedade. Conclui-se que a prática da prostituição na zona de meretrício do Farol, nas décadas relatadas, concorreu para o reforço da moral estabelecida. Assim, a existência de um local reservado para a sexualidade fora da instituição do casamento possibilitava que o descumprimento à norma social ocorresse de forma organizada e não-transgressora.

**Palavras-chave: Prostituição, Memória, Sociabilidade, Velhice, Transgressão**

## **ABSTRACT**

This dissertation was built upon narratives of stories of elderly women's lives who worked as prostitutes in the area known as Farol do Mucuripe, in Fortaleza, from 1960 to 1980. For this work, were used methods of oral history, combined with ethnographic strategies, such as the interpretation of cultural meanings and practices presented in the speeches of the interviewees, as well as the presence of the researcher in the district of Serviluz, where they reside, in order to create a network of relationships favorable to the development of this research. The contents of the speeches were the basis for the choice of central categories of the final analysis, namely the characteristics of sociability in that prostitutional context, the supposed transgressive aspect of the practices and discourses and the presence of affect as a component of the modality of prostitution described by the interviewees. Confronted with restrictive models to the experience of womanhood, the women surveyed were part of the collective construction of a sui generis way to become a woman, in which the personal efforts were directed to the search for subjective autonomy. Throughout this process, however, the characters in this study maintained compliance with traditional values about sexuality and the role of women in society. It is concluded that the practice of prostitution in red-light area known as Farol, during the reported decades, helped to strengthen the established morals. Thus, the existence of a specific place for sexuality outside the institution of marriage allowed that the noncompliance of social norms occurred in an organized and non-transgressive way.

**Keywords: Prostitution, Memory, Sociability, Old age, Transgression**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1. METODOLOGIA E INSERÇÃO NO CAMPO.....</b>	<b>13</b>
1.1. Histórias orais de mulheres.....	13
1.2. Uma sociologia do indivíduo.....	16
1.3. Andanças e encontros: aproximações de um campo invisibilizado.....	19
1.4. Considerações ético-metodológicas ou “existe uma entrevista desinteressada?” .....	21
1.4.1 Hospitalidade e contraprestações.....	24
1.4.2 Rumores e uma (quase) expulsão.....	29
<b>2. DAS CINZAS AO FAROL: HISTÓRIA E TERRITORIALIDADES DO MERETRÍCIO EM FORTALEZA.....</b>	<b>31</b>
2.1. Localização do meretrício em Fortaleza: primeiros esforços.....	31
2.2. Baixo meretrício: o “Curral das Éguas” .....	32
2.3. As pensões galantes do Centro.....	40
2.3.1. Tolerância relativa.....	48
2.3.2. Aplaudidas na rua: lembranças do carnaval.....	53
2.4. Novo deslocamento: da Rua da Frente à Zona do Farol.....	57
2.4.1. “Idade de ouro” e decadência da zona do Farol.....	60
2.4.2. A chegada das mulheres do Curral.....	62
2.4.3. A velhice da comunidade e a possibilidade de novos deslocamentos.....	65
<b>3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROSTITUIÇÃO COMO OBJETO SOCIOLÓGICO.....</b>	<b>70</b>
3.1 Prostituição: da visão normativa à visão positiva.....	70
3.2 Sociabilidades: tentativas de compreensão.....	77
3.3 Perspectivas sociológicas sobre a prostituição em Fortaleza.....	81
3.4. Prostitutas e velhice: um silêncio significativo.....	83
<b>4. LEMBRANÇAS: TRAJETÓRIAS DE EX-PROSTITUTAS.....</b>	<b>86</b>
Dorinha.....	90
Edna.....	119
Novinha.....	127
Glória.....	146
Maria Angelina.....	160
Dircinha.....	177
<b>5. FRAGMENTOS DA MEMÓRIA E O MOSAICO SOCIAL.....</b>	<b>200</b>
5.1 Tornar-se mulher na batalha.....	201
5.2 O valor da autonomia.....	203
5.3 A mulher imperosa.....	207
5.4 Afetividade e utilitarismo – esferas distintas?.....	210
5.4.1 A generosidade dos amigos.....	212
5.5. Envelhecimento e <i>aposentadoria</i> : “eu não estou morta” .....	220
5.6 Transgressão ou retorno à norma?.....	223
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>227</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>230</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma discussão sobre prostituição, transgressão e sociabilidade, a partir de narrativas de ex-prostitutas idosas. Tendo como foco as trajetórias de seis mulheres que participaram da fundação de uma zona de meretrício na cidade de Fortaleza, busquei compreender as significações que as entrevistadas produzem sobre si mesmas com relação à experiência no meretrício.

O fio condutor das reflexões aqui apresentadas será a construção das narrativas das colaboradoras da pesquisa, entendida com *trabalho da memória*<sup>1</sup>, em que as experiências vividas são ressignificadas. Concordo com Ecléa Bosi, que contrapõe a memória da pessoa idosa à memória dos jovens: enquanto, para os últimos, a rememoração é uma fuga dos afazeres cotidianos, para os primeiros, lembrar seria um trabalho de reconstrução (BOSI, 2007, p. 60). Parto da idéia de que os relatos se aproximam mais da criação que da representação, na medida em que revelam a agência dos sujeitos, tanto no momento da ação rememorada, como na narrativa que reformula o sentido da experiência vivida. Os relatos cumprem o papel político de exaltar a capacidade de permanente reinvenção de si, ao passo que recuperam uma memória social.

A pesquisa cujos resultados são aqui apresentados representa a segunda etapa das investigações que pude realizar sobre o universo da prostituição. Para a minha monografia de conclusão de curso, apresentada em 2006, pesquisei conjugalidades e afetividades a partir dos relatos de prostitutas que trabalhavam em um bar nas proximidades do Farol do Mucuripe, no bairro do Serviluz, em Fortaleza. As relações duradouras entre marinheiros estrangeiros e as garotas de programa que passaram por aquele bar e as histórias de namoros e casamentos constituídos nesse contexto formaram o centro da análise.

O interesse pelo tema e pelas histórias da zona de meretrício da região portuária dá o tom deste novo trabalho, com outro recorte geracional. Interesse-me, desta feita, por ouvir os relatos de mulheres que se prostituíram nas décadas de 1960 a 1980, e que atualmente ainda residem nas proximidades do porto de Fortaleza. Assim como minhas interlocutoras da pesquisa passada, as narradoras apresentadas neste trabalho teceram expectativas de futuro e construíram sentidos próprios para suas histórias de vida. O que o envelhecimento representou para essas mulheres? Eis uma das questões que nortearam as reflexões, a partir de suas próprias experiências e relatos.

---

<sup>1</sup> Ver BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

## Breve apresentação das personagens

Dentre as personagens deste estudo, a única cujo nome verdadeiro foi mantido é Maria das Dores Romão (Dorinha), que leu as versões iniciais deste trabalho e me pediu expressamente pela preservação de sua denominação original. Os demais nomes são fictícios. As mulheres que concordaram em participar deste estudo afirmam ter orgulho em expor suas trajetórias, e a maioria declarou que eu poderia utilizar seus nomes originais, se quisesse. Tomei a decisão, entretanto, de usar denominações fictícias. A razão para este procedimento é a consciência de que as falas utilizadas neste trabalho, embora não sejam deturpadas, passam pela minha mediação na escolha dos trechos significativos e em sua interpretação. É importante lembrar, com Geertz, do caráter construído dos textos antropológicos:

Os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um "nativo" faz a interpretação em primeira mão: é a *sua* cultura.). Trata-se, portanto, de ficções: ficções no sentido de que são "algo construído", "algo modelado" – o sentido original de *fictio* – não que sejam falsas, não factuais ou apenas experimentos do pensamento (GEERTZ, 1989, p. 11).

Assim, Maria das Dores (Dorinha), Edna, Novinha, Dircinha, Glória, Maria Angelina, Augusta e Peregrina são as personagens deste estudo. O termo "personagens", por sua vez, reforça a noção de que as interpretações das trajetórias sociais aqui expostas são de minha responsabilidade, embora empiricamente orientadas.

Discutindo a mudança de nomes de personagens no texto final de suas pesquisas, o antropólogo Hélio Silva explica:

A razão da mudança dos nomes não é tanto de ordem ética. Não se trata de ocultar identidades para preservá-las. Os nomes dados pelo autor significam que o personagem que circula nas páginas foi construído a partir de uma seleção de episódios, falas e atitudes e, portanto, é uma criação sua. Não se confunde com a pessoa que circula pelas calçadas. (SILVA, 2007, p. 43).

O mesmo autor acrescenta que, após a morte de duas de suas entrevistadas, decidiu-se por publicar seus verdadeiros nomes, como forma de prolongar suas memórias.

Neste texto, não há a intenção de "dar voz" a mulheres em posição subalterna, falando por elas. Não acho que esta seja uma responsabilidade da pesquisadora, nem que "falar por elas" seja necessário no caso das prostitutas, cada vez mais organizadas enquanto coletivo profissional.

As falas das entrevistadas foram transcritas e preservadas com os vocábulos originais. As edições foram apenas no sentido de organizar a ordem cronológica de fatos relatados. Espero que as mulheres que colaboraram com a pesquisa se reconheçam no texto, apesar das perdas de significados associados à fala, às entonações e ao gestual – tudo aquilo que seria impossível transcrever, mas que se incorpora aos dados de análise. Nesta, de minha inteira responsabilidade, as entrevistadas poderão ou não encontrar pontos dos quais divergem, quando este trabalho for lido por algumas delas.

Vinte entrevistas, de em média duas horas cada uma, foram registradas com o auxílio do gravador, nos anos de 2010 e 2011, das quais quinze foram transcritas integralmente. Passei longas horas em companhia das mulheres escutadas, ao longo das entrevistas registradas pelo gravador ou em conversas mais informais. As entrevistas foram conduzidas como diálogos, em que foram levadas em conta as declarações espontâneas das pesquisadas. Os questionamentos da pesquisadora foram feitos com o objetivo de preencher lacunas de informação, em assuntos já trazidos à tona pelas narradoras, ou quando se fez necessário comparar experiências entre diferentes entrevistadas. A interação com as pesquisadas, para além dos momentos das entrevistas, foi buscada como modo de construir um laço de confiança com a pesquisadora, e como forma de observar seu cotidiano. A convivência mais prolongada com algumas das entrevistadas, e a possibilidade de comparar suas práticas com suas representações em discurso, funcionou como um critério de verificabilidade dos dados obtidos. Com algumas das entrevistadas, foi possível estabelecer o hábito de fazer-lhes visitas ocasionais, em que me eram contadas as novidades sobre a vizinhança e alguns de seus problemas familiares, enquanto tomávamos um café. Declarações ouvidas nestes momentos, e autorizadas a serem utilizadas na pesquisa, foram de grande valia posteriormente. Também era nesses momentos em que as entrevistadas mostravam-me, satisfeitas, pequenos objetos de recordação, com a xícara preferida de Novinha, marcada com um emblema náutico, presente de um marítimo. O zelo com o objeto querido não fazia dele um enfeite intocável, e o uso constante era revelado pelas bordas arredondadas da louça. É o que Ecléa Bosi descreveu como “objetos biográficos”<sup>2</sup>, que chegam a envelhecer junto com seu possuidor:

Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade. Mais que da ordem e da beleza, falam à nossa alma em sua doce língua natal. (BOSI, 2007, p. 441).

O desejo de estudar as trajetórias de vida me conduziu na procura dessas personagens e em andanças por alguns dos locais citados em suas lembranças. Para

---

<sup>2</sup> De acordo com Ecléa Bosi, a expressão pertence, originalmente, a Violette Morin. (BOSI, 2007, p. 441).

realizar esta pesquisa, fui ao encontro das entrevistadas em suas casas, nos bairros Moura Brasil e Serviluz. As visitas, assim como as indicações das entrevistadas, me possibilitaram reconhecer na atualidade alguns dos cenários de suas narrativas, a exemplo de casas de meretrício, por elas mencionadas, cujos prédios continuam a existir, embora com modificações na estrutura arquitetônica original e novos usos comerciais.

A cidade de Fortaleza é o espaço social predominante nas memórias das entrevistadas, embora também sejam citados o município cearense de Camocim, onde parte delas viveu a infância, e as cidades de Canindé, no sertão do Ceará, e de Mossoró, no Rio Grande do Norte, onde se também se prostituíram por períodos curtos de tempo.

Ciente de que o aspecto histórico não é o principal neste estudo, mas tem papel importante na compreensão das experiências relatadas, anuncio um detalhamento da história das zonas de meretrício da cidade no segundo capítulo desta dissertação. A perspectiva histórica do meretrício na cidade de Fortaleza que apresento neste trabalho vem auxiliar o projeto de compreender as experiências sociais a partir das trajetórias individuais relatadas, de modo a conduzir esta pesquisa sociológica a partir de uma escala individual.

As trajetórias das seis personagens do estudo permeiam todo o material, com trechos discutidos ao longo do trabalho. Entretanto, optei por reunir, no terceiro capítulo, as narrativas de cada uma das personagens, de modo a possibilitar que o leitor conheça os relatos que fundamentaram as análises aqui apresentadas.

O quarto capítulo é dedicado a uma revisão bibliográfica e problematização sobre as abordagens sociológicas sobre o meretrício. A perspectiva histórica sobre as pesquisas que tem as prostitutas como sujeito é acionada de forma crítica, de modo a demonstrar que a construção da prostituição como objeto sociológico foi, desde o século XIX, produto de uma vontade disciplinadora, que reforçava os estigmas que atingiam as pesquisadas. A categoria sociabilidade, já anunciada no segundo capítulo, é movimentada, na quarta parte deste trabalho, com o objetivo de compreender os contextos de prostituição em suas especificidades - em vez de descrevê-los a partir das características em que divergem da norma estabelecida. Os aspectos relacionais e associativos da prostituição no contexto pesquisado foram o viés encontrado para observar o fenômeno estudado sem recorrer a explicações normativas. Para problematizar o conceito de sociabilidade, recorri aos trabalhos de Simmel (2006) e Maffesoli (2009).

As categorias centrais do estudo - transgressão, sociabilidade e afeto - são foco das discussões apresentadas no capítulo cinco, em que questiono se a prostituição foi, no âmbito das trajetórias pesquisadas, uma prática transgressora. As interpolações entre afeto

e interesse, no contexto da prostituição praticada na zona de meretrício do Farol, são também objeto das discussões no último capítulo.

A metodologia escolhida para a pesquisa, alguns aspectos epistemológicos sobre a sociologia a partir de narrativas individuais, e a descrição da inserção no campo são os tópicos abordados no primeiro capítulo.

## 1. METODOLOGIA E INSERÇÃO NO CAMPO

### 1.1 Histórias orais de mulheres

O trabalho com histórias de vida se revelou um meio satisfatório para a compreensão das experiências das informantes. Para tanto, são analisadas as falas obtidas nas entrevistas, e as formas discursivas empregadas pelas colaboradoras para ressignificar suas vivências. Mentiras, esquecimentos e silenciamentos são, neste contexto, tão importantes quanto os fatos como realmente aconteceram. A forma como as pessoas contam é significativa, e tem fundamento nas estratégias acionadas pelas entrevistadas para interagir com as circunstâncias sociais. Como destaca Meihy (2002), a narrativa permeada por inverdades pode revelar “a vontade de que os eventos abordados tivessem sido daquela forma” (op. cit., p. 51). Para este autor, a pesquisa com histórias de vida não pode desconsiderar as idiossincrasias dos colaboradores, refletidas nos depoimentos fantasiosos ou nostálgicos, sob pena de perder sua eficiência científica.

O procedimento metodológico aqui referido, que busca o registro de narrativas com vistas à produção de um documento histórico, recebe o nome de história oral (DELGADO, 2010, p. 16). Na presente pesquisa, o documento produzido a partir da captação das narrativas orais fornece os dados empíricos para a interpretação sociológica. É a história oral, como opção metodológica, que possibilita que o trabalho se reporte a um contexto histórico passado, sem perder sua ligação com a realidade social presente. O método escolhido alia, portanto, o sincrônico e o diacrônico, promovendo um duplo movimento, em que presente e passado se interpelam mutuamente, lançando luz um sobre o outro. As dimensões individual e social, em suas imbricações, também são examinadas por meio desta metodologia. As lembranças de cada sujeito da pesquisa vão além da individualidade, e se inserem, como propõe Halbwachs (2006), nos “quadros sociais da memória”. Não existiriam, portanto, lembranças puramente individuais. Toda memória tem seu substrato na realidade social, no processo de socialização vivido. Como explica Ecléa Bosi:

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, com os grupos de convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo. (BOSI, 2007, p. 54).

Refletindo sobre a memória como prática social, a historiadora Michelle Perrot destaca algumas particularidades da maneira como as mulheres guardam e recordam o passado. A especificidade da memória feminina, corroborada por diferentes experiências de

pesquisa com testemunhos de mulheres, não teria sua base em uma *natureza* das mulheres, mas no fato de que a memória reflete a experiência social, profundamente afetada pela maneira como se vivenciam os papéis de gênero. Afastando-se de determinismos biológicos, Perrot demonstra como a posição feminina no mundo social, tradicionalmente ligada aos assuntos domésticos em detrimento da esfera pública, faz das mulheres “porta-vozes da vida privada” (PERROT, 2005, p. 42).

Margareth Rago também aponta as propriedades da memória das mulheres, a partir da "dimensão antropológica do olhar feminino, sempre atento aos detalhes, aos microcosmos, aos pequenos acontecimentos cotidianos trazidos também para o mundo público" (RAGO, 2001, p. 20). As reflexões das autoras citadas são válidas para as personagens deste estudo, mulheres cuja socialização primária, ocorrida em cidades do interior do Ceará nas décadas de quarenta e cinquenta do século XX, foi perpassada pela estreita vinculação entre feminilidade e mundo doméstico. À reflexão de Michelle Perrot sobre o papel feminino de "guardiãs da memória", relacionado à habilidade de organizar a memória familiar e ao hábito da rememoração, Rago acrescenta a capacidade, tradicionalmente característica das mulheres, de tecer redes e relações (RAGO, 2001, p. 18).

Perrot destaca que a irrupção da fala feminina no espaço público é um fenômeno relativamente recente, tendo se intensificado apenas no século XIX. A atitude barulhenta demais no espaço público foi, por muito tempo, assimilada ao comportamento de mulher de “vida fácil”. Enquanto para os homens a ocupação de espaços de visibilidade no mundo social tem sido relacionada à valoração positiva, o papel ativo das mulheres foi historicamente associado à desqualificação de seu valor subjetivo e perda da honra pessoal. O efeito de silenciamento é visível também no papel secundário das mulheres nos registros historiográficos e pela construção *masculina* das mulheres na ciência social, quadro que veio se modificar somente nas últimas décadas do século XX.

A vivência das meretrizes na esfera pública não alterou o quadro de invisibilidade social da sua experiência. As mulheres *públicas* freqüentavam espaços e horários vetados às “senhoras respeitáveis”, mas suas falas permaneceram tão silenciadas nos discursos sociais quanto a voz do conjunto das mulheres. Da mesma forma que as cortesãs, prostitutas que povoaram o imaginário europeu no longo período dos séculos XVI a XIX, as meretrizes das pensões fortalezenses participavam da sociabilidade masculina, circulando em salões onde se discutiam assuntos como política e literatura. A forma de participação nesse contexto, entretanto, marca a diferença de prestígio das prostitutas nos dois momentos citados. As cortesãs ocupavam o espaço público de maneira diferenciada por

serem as únicas mulheres com acesso à instrução em sua época, e costumavam ganhar fortuna e poder, embora não fossem totalmente aceitas pela sociedade, sendo, por exemplo, desvalorizadas no mercado matrimonial<sup>3</sup>.

Se as cortesãs de outrora foram celebradas por sua influência nos negócios políticos e por sua atuação artística, as prostitutas de baixo meretrício de meados do século XX eram as parceiras da clandestinidade sexual e o anti-modelo da esposa. Os esforços moralizantes de que eram alvo não visavam ao fim da prostituição, mas à higienização da atividade. Consideradas “um mal necessário”, deviam exercer o meretrício em espaços restritos e sob a vigilância das autoridades policiais e sanitaristas. O silenciamento de suas subjetividades e a ausência de sua fala no discurso da ciência era reflexo do imperativo de mantê-las contidas.

O fato de sua existência não se restringir à esfera privada não resultou em uma representação social razoável. Por muito tempo, a vontade de saber sobre o sexo fez das *mulheres públicas*, como as prostitutas já foram chamadas, objeto das investigações dos *homens da ciência*:

Embora muitos tivessem interesses filantrópicos em relação às prostitutas, a produção científica desses homens resultou num processo de sujeição da mulher pelos próprios pressupostos do raciocínio discursivo com que operavam. Construir **masculinamente** a identidade da prostituta significou silenciá-la e estigmatizá-la e, ao mesmo tempo, defender-se contra o desconhecido – a sexualidade feminina –, recoberta por imagens e metáforas assustadoras (RAGO, 2008, p. 23).

As falas das próprias mulheres não ressoavam nos meios científicos. Quando vinham a público, suas narrativas ganhavam a forma de lamuriosas autobiografias, que fascinavam leitores com o candente tema da sexualidade, ao passo que admoestavam sobre a tragédia que aguardava as mulheres que não zelavam pela sua *honra*<sup>4</sup>. A partir da segunda metade do século XIX, etnografias e pesquisas com histórias de vida buscaram preencher as lacunas do reconhecimento de diversos grupos de excluídos. Como aponta Michelle Perrot, o esforço para incluir na história a vida privada, familiar ou pessoal tem, nas mulheres, as principais protagonistas e beneficiárias (PERROT, 2005, p. 13).

---

<sup>3</sup> Um estudo histórico sobre as cortesãs ao longo dos séculos pode ser lido em GRIFFIN, Susan. *O livro das cortesãs: um catálogo das suas virtudes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

<sup>4</sup> São exemplos deste tipo de literatura os dois textos autobiográficos da prostituta identificada como O. W., editados pela repórter americana Marjorie Smith. SMITH, Marjorie. *No Bed of Roses: The Diary of a Lost Soul*. New York: The Sheridan House, 1930, e SMITH, Marjorie. *God have mercy on me*. New York: The Sheridan House, 1930.

As personagens deste estudo trabalharam em pensões alegres como prostitutas, enquanto freqüentaram intensamente, nas horas de lazer, bares, clubes e boates, em uma época em que a maioria das mulheres não conhecia o cotidiano além das fronteiras do lar. O que se pode referir como feminino nas suas práticas de rememoração é o cuidado com a minúcia, a sensibilidade em perscrutar o que é fugidio, cotidiano. Características que não estão relacionadas, cabe reiterar, a nenhum substrato biológico, mas à forma de socialização feminina de que partilharam - seja na infância em famílias conservadoras, no trabalho doméstico durante a adolescência, e no posterior aprendizado necessário à construção do papel de meretriz, com todas as sutilezas referentes ao modo de andar, vestir, agir.

Contar uma história das pensões alegres no feminino pode constituir um contraponto à fala masculina sobre a prostituta, que marcou a pesquisa social nos séculos XIX e início do século XX e ainda encontra reflexos no senso comum. Observar também experiências da esfera individual pode ajudar a iluminar diferentes vivências das mulheres que viveram a prostituição, contribuindo para uma teorização menos totalizante sobre o tema.

## **1.2. Uma sociologia do indivíduo**

O estudo da realidade social a partir de suas manifestações individuais é o objetivo deste e de outros estudos sociológicos que privilegiam o método biográfico, tais como os trabalhos de Bosi (2007), Eckert (2004) e Kofes (2001). Desenvolvo, nesta sessão, alguns aspectos desta opção metodológica, com suas possibilidades e limitações.

Ao lidar com os testemunhos das entrevistadas, algumas questões se colocam à pesquisadora, a começar pela própria discussão dos termos a serem utilizados – entre tantos outros, pode-se falar em narrativas, histórias de vida, biografias ou trajetórias.

Outra questão, de caráter epistemológico, se refere à validade dos relatos para a produção de conhecimento nas Ciências Sociais. Esta interpelação integra, por sua vez, o debate mais amplo em torno dos materiais “verdadeiramente” sociológicos. Não está entre os objetivos deste trabalho retomar esta longa discussão, que remonta aos primórdios da sociologia e permanece candente. É válido, entretanto, citar Bernard Lahire, que confronta este tipo de questionamento epistemológico ao partir da premissa de que as Ciências Sociais não devem se impor limites de campo de estudo. Para o autor, não haveria objetos menos sociológicos que outros, até porque “é o ponto de vista que cria o objeto e não o objeto que esperaria calmamente no real o ponto de vista científico que viria revelá-lo” (2003, p. 07). Também seria oportuno lembrar, com Fabiani (2002, p. 34), que toda análise

sociológica utiliza dados biográficos. Ambos os autores defendem, a seu modo, o uso sociológico das histórias de vida, enquanto apontam que seria mais produtivo centrar fogo na discussão sobre as maneiras de trabalhar com esses objetos, aspecto comumente negligenciado no campo das teorizações metodológicas (FABIANI, 2002; LAHIRE, 2003).

Apresentando um quadro do uso das histórias de vida nas ciências sociais, o sociólogo francês Daniel Bertaux destaca um momento de proliferação dos trabalhos desta temática no período entre as duas guerras mundiais, por parte dos sociólogos da Escola de Chicago. Pesquisas com histórias orais constituíram, neste período, a maior parte dos trabalhos empíricos em Sociologia nos Estados Unidos e na Polônia, tendo como sujeitos membros de segmentos marginalizados da população (BERTAUX, 1980). O autor descreve uma retomada da produção de pesquisas com relatos de vida na sociologia francesa, verificada nas décadas de 70 e 80, após quase trinta anos de abandono do método.

Em resposta à retomada descrita por Bertaux, a validade do uso dos relatos como objeto sociológico foi questionada, sobretudo, pelas correntes teóricas de inspiração estruturalista. Bourdieu prestou sua contribuição para este debate de forma bastante incisiva. No artigo intitulado “A ilusão biográfica”, publicado originalmente em 1986, o autor caracteriza as histórias de vida como “uma destas noções de senso comum que entraram de contrabando no universo científico” (BOURDIEU, 1996, p. 183). Entretanto, mais recentemente, na obra *A Miséria do Mundo* (1997), o sociólogo francês parece legitimar, embora não o declare, a importância dos testemunhos como fonte de conhecimento, apresentando suas reflexões a partir de entrevistas com dados biográficos. A crítica prévia de Bourdieu, apesar de ter estigmatizado as histórias de vida como objeto, contribuiu para uma elaboração mais conseqüente do trabalho com materiais biográficos. A “ilusão biográfica”, compreensão do sujeito pesquisado como uma totalidade, cuja vida se desenrola em uma sequência coerente de etapas lineares, representa, como proposto por Bourdieu, uma das armadilhas do método biográfico.

A pista deixada por Bourdieu encontra continuidade nas reflexões de Bernard Lahire, que se questiona:

De que modo modificar o gênero biográfico que privilegia, como gênero discursivo, a coerência de um percurso, de uma via ou de um proceder em detrimento de todas as incertezas, incoerências, contradições mesmas de que são modeladas as personagens históricas reais? Não se trata absolutamente de ceder à ilusão positivista de poder apreender a totalidade de uma “personalidade” em todas as facetas de sua existência. Mas de evitar a atenuação ou a eliminação sistemática dos dados heterogêneos e contraditórios, pelo cruzamento dos múltiplos dados de arquivos sobre o mesmo indivíduo, examinando-o a partir de aspectos muito diferentes de sua

atividade social, em lugar de simplesmente traçar seu retrato coerente (LAHIRE, 2003, p. 21).

A “ilusão” descrita por Bourdieu, que leva os pesquisadores a atribuir um sentido às trajetórias narradas, assimilando-as a percursos com orientação determinada, é produto de um momento histórico que exalta a individualidade, a personalidade. Descrevendo este contexto, Lahire caracteriza a subjetividade desvencilhada do social como um dos “grandes mitos contemporâneos” (LAHIRE, 2003, p. 25).

O projeto de uma sociologia do indivíduo, como formulado pelo autor, propõe a tarefa de compreender a produção social do indivíduo, e de mostrar que o social se faz presente nas singularidades individuais. As imbricações entre social e individual, neste projeto analítico, mostram o caráter ilusório da idéia de uma vida subjetiva desvencilhada das determinações da sociedade, ao mesmo tempo em que se reconhece a “pluralidade interna” que confere a cada indivíduo o que se poderia chamar sua “singularidade”. Caberia a uma sociologia em escala individual, portanto, indagar:

Como vive o indivíduo a pluralidade do mundo social, assim como sua própria pluralidade interna? Que produz essa pluralidade (exterior e interior?) sobre a economia psíquica, mental dos indivíduos que a vivem? Quais disposições investe o indivíduo nos diferentes universos (no sentido mais lato do termo) que é levado a atravessar? Como distribui ele sua energia e seu tempo entre esses mesmos universos? (LAHIRE, 2003, p. 18).

Concordando, com este autor, que o indivíduo encerra múltiplas disposições sociais, ou nas suas próprias palavras, que “o singular é plural”, novos questionamentos podem ser colocados. A pesquisa social pode investigar a quais injunções corresponderiam os esforços do sujeito em organizar o discurso para a produção de uma coerência interna. A quais ideais está vinculada a crença em uma identidade pessoal independente do social?

As reflexões de Suely Kofes sobre as interpretações individuais da experiência social agregam alguns argumentos valiosos à defesa da importância epistemológica da pesquisa a partir da escala individual. Referindo-se a algumas das utilizações das histórias de vida na Antropologia, a autora enumera análises focadas nas narrativas de um único biografado, que nem por isso deixam de falar de processos sociais mais amplos (KOFES, 1994, p. 140). Os relatos de vida, segundo a autora, podem ter usos diversos, assumindo o valor de documento cultural, narrando o encontro etnográfico ou ainda promovendo a “reconstrução de um processo sociocultural através de uma experiência particular” (KOFES, 1994, p. 117).

Outra possibilidade de uso dos depoimentos em primeira pessoa na pesquisa social seria constituir, nas palavras de Howard Becker (1983), um “mosaico” que retrataria a

complexidade da vida na cidade. Becker descreve um modelo colaborativo de produção científica, em que diversos empreendimentos de pesquisa, com diferentes técnicas, poderiam ser acionados para produzir um quadro dos processos sociais a partir das experiências individuais.

As trajetórias individuais relatadas pelas entrevistadas constituem o foco desta pesquisa. O estudo das trajetórias guarda uma **intenção biográfica**, mas no sentido de observar o que as entrevistadas relacionam, em seus relatos, como sendo significativo, formativo, transformativo. Os relatos se tornam campo para a interpretação da construção de uma identidade narrativa.

Entendendo as narrativas como forma de organização do discurso (AMADO E FERREIRA, 1996, p. XV), mas também como espaço de esquecimentos e silêncios, admite-se que o discurso não se organiza de forma linear, mas se desenvolve nas idas e vindas do “trabalho da memória” (BOSI, 2007).

A questão da não-linearidade, das dobras dos discursos que não seguem o ritmo cronológico, mas o tempo próprio das imbricações entre vida social e experiência individual, pode ser o eixo para a discussão sobre as nomenclaturas utilizadas para o trabalho com materiais biográficos.

Uma precaução que norteia este trabalho é a de que as narrativas não podem ser tratadas como sequências de fatos que tendem a um sentido, como o termo “história de vida” poderia sugerir. O que não invalida, de todo modo, o uso da terminologia em questão, uma vez dissuadido o possível equívoco.

### **1.3 Andanças e encontros: aproximações de um campo invisibilizado**

Conversando com professores e lendo obras que se apoiam nas histórias de vida como *corpus* de análise e técnica de pesquisa, optei pelo trabalho com um número reduzido de sujeitos, de modo a privilegiar a profundidade das análises em detrimento do número de histórias<sup>5</sup>. As personagens deste estudo não atuam mais como prostitutas, e já não frequentam ambientes de meretrício, tampouco participam de movimentos políticos pelos direitos da categoria. Não as encontrei em contextos institucionais, mas em suas casas, junto às suas famílias, em lares de classe média baixa.

---

<sup>5</sup> Um exemplo de estudo em que se optou por um número menos de sujeitos pode ser encontrado no livro de Mirian Goldenberg sobre as amantes de homens casados (GOLDENBERG, 1997). A antropóloga relata ter entrevistado oito mulheres, que conhecia previamente, em sua pesquisa qualitativa.

Tratam-se, como na expressão proposta por Paiva (2007), de *biografadas anônimas*. O desejo de observar o aspecto micropolítico das construções identitárias, que me levou a não buscar as entrevistadas em espaços mais óbvios, como o movimento de prostitutas, produziu algumas dificuldades na fase inicial da pesquisa de campo. O processo de chegar às mulheres foi permeado por alguns percalços que registro aqui brevemente, antes de me ater aos encontros com as atuais entrevistadas.

Em uma fase bastante inicial do trabalho de campo, nos meses de janeiro e fevereiro de 2010, amarguei a primeira tentativa frustrada de aproximação. Conheci a organização eclesial Ninho<sup>6</sup>, uma pastoral da Igreja Católica voltada para prostitutas. Em Fortaleza, a entidade promove cursos de artesanato e costura para que as prostitutas possam complementar a renda – e quem sabe desistir do meretrício – e realiza visitas de caridade a zonas de prostituição remanescentes em alguns bairros da cidade, a exemplo da Barra do Ceará, o Moura Brasil e o próprio Serviluz. A proposta de participação em uma das visitas, apenas para conhecer as áreas de atuação da pastoral, foi acolhida com muito interesse, mas ao agendamento da visita se seguiram inúmeros adiamentos, e finalmente a explicação de que nenhuma das mulheres atendidas concordaria em falar de um passado do qual se envergonhavam. Ouso atribuir esta negativa, também, a um provável cansaço das informantes desta entidade, que referiram ser procuradas com frequência por pesquisadores. Não é difícil imaginar, por outro lado, que as experiências marcadas por um forte estigma social, como a prática da prostituição, podem ser objeto de um ocultamento sistemático por parte das mulheres, sobretudo no caso daquelas que participam mais ativamente de campos religiosos.

Escrutinar redes de relações e traçar aproximações cuidadosas com possíveis informantes foi um dos aspectos mais delicados do campo. Às tentativas frustradas, felizmente, sucederam-se outras aproximações, em que o meu interesse como pesquisadora foi ao encontro de mulheres declaradamente desejosas de narrar as próprias lembranças. Neste processo, foi importante a formação de uma rede de indicações, que me garantiram não só os nomes e contatos de possíveis pesquisadas, como também me proveram de referências fundamentais para o estabelecimento de laços de confiança com as entrevistadas.

---

<sup>6</sup> A organização foi fundada em Paris, no ano de 1936, pelo padre André Marie Talvas. O ideário seguido pela entidade considera a prostituição uma forma de escravidão que deve ser abolida. Os projetos do Ninho atuam no sentido de promover a saída das mulheres do meretrício por meio da capacitação para o mercado de trabalho. Atualmente, tem elos em vários países do mundo, inclusive o Brasil. Site oficial: <http://www.mouvementdunid.org/>.

#### 1.4 Considerações ético-metodológicas ou “existe uma entrevista desinteressada?”<sup>7</sup>

Após um ano de conversas apenas com Dorinha e Edna, decidi que, embora as narrativas de ambas representassem um rico material empírico, a pesquisa certamente se beneficiaria da contribuição de mais entrevistadas. Uma de minhas opções na busca de novos sujeitos seriam as incursões ao bairro Moura Brasil, onde Edna havia me apresentado três de suas amigas do tempo das pensões do antigo *Curral*<sup>8</sup>. A minha inserção no bairro, no entanto, demandaria tempo, algo que pude constatar em uma visita a uma das amigas de Edna. Naquela tarde, fui ao bairro acompanhada de minha colega Luciana Rodrigues<sup>9</sup>, historiadora, a quem também interessa o período das pensões. Vivi, novamente, a experiência de adentrar, como uma desconhecida aos que ali habitam, um bairro representado pelos meios de comunicação como um local de violência. À exceção de duas donas de bar, amigas de Edna, que cumprimentamos logo na entrada do bairro, não conhecíamos moradores que pudessem nos ciceronear e eventualmente nos defender de ameaças que não sabíamos exatamente quais poderiam ser. De todo modo, o caminho não era tão longo, e descemos a rua Aprendizes de Marinheiro, para chegar, como haviam nos ensinado, na segunda curva de um beco estreito. Uma pequena escada de cimento conduzia à porta da casa de dona Lourdes, construída sobre um elevado. Por duas vezes, fizemos este caminho, sem que pudéssemos entrar e conversar. Da primeira vez, em que nossa visita não era esperada, a entrevistada desculpou-se e disse estar bastante ocupada com os afazeres domésticos, mas deu-nos seu telefone e pediu que ligássemos para marcar um novo encontro. Em um outro momento, o encontro marcado foi impossibilitado por um problema familiar da entrevistada. Lourdes estava em desespero, após haver confirmado suas suspeitas de que o neto que ela cria como filho, então com nove anos de idade, tinha começado a fumar maconha com amigos do bairro. Ao mesmo tempo, percebi que freqüentar a casa de Lourdes com uma certa frequência, como havia feito com Dora para ouvir seus relatos e realizar a observação necessária ao trabalho, me exigiria a formação de uma rede de interconhecimento naquela comunidade. Pareceu-me arriscado simplesmente

---

<sup>7</sup> A expressão parafraseia o título de um artigo de Pierre Bourdieu. Cf. “BOURDIEU, Pierre. É possível um ato desinteressado? In: BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2010. p. 137-157.

<sup>8</sup> A zona de meretrício que existiu no bairro Moura Brasil até o início da década de 1970, conhecida como Curral das Éguas, é objeto de considerações mais detalhadas no segundo capítulo dessa dissertação.

<sup>9</sup> Cf. OLIVEIRA, Luciana Rodrigues de. Memórias afetivas: os bordéis do Sobrado Dr. José Lourenço e seus personagens (1950-1970). In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300855936\\_ARQUIVO\\_MEMORIASAFETIVAS.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300855936_ARQUIVO_MEMORIASAFETIVAS.pdf)

andar sozinha pelos becos a cada vez que fosse necessário visitar dona Lourdes. Por outro lado, não me senti à vontade para pedir à entrevistada, que tinha seus próprios problemas naquele momento, para conduzir-me da entrada do bairro até sua residência, a cada visita. Lamentei a perda dos dados que me seriam úteis, certa de que dona Lourdes poderia ter oferecido um interessante quadro do que foi, durante um longo período, a zona de prostituição conhecida como Curral das Éguas.

O prazo para findar o trabalho também era um fator a ser observado. Decidi iniciar a segunda etapa do trabalho de campo no bairro Serviluz, onde moravam atualmente Edna e Dorinha. Não tive sucesso em obter indicações de novas entrevistadas através destas duas narradoras, por motivos opostos. Dorinha, que representava uma história de ascensão social, visível nas características da bem-cuidada casa em que habitava e no nível educacional e acadêmico que conquistara, havia se voltado para a família e se distanciado das companheiras de outrora, e, embora as encontrasse esporadicamente pelo bairro, já não sabia onde localizá-las. Edna, que assumira o estigma que lhe foi imposto quando se mudou do Curral para o Farol, e defendia-se das acusações contra sua pessoa confirmando ser mesmo uma mulher promíscua e perigosa, como lhe diziam, vive de forma isolada, como uma pária. É sintomático que ela tenha apontado somente, quando eu lhe pedi que indicasse amigas com quem eu também pudesse conversar para a pesquisa, outras mulheres que viveram na zona de meretrício do Curral. Edna diz não ter amigas no Serviluz, o que se confirma quando pergunto, às mulheres mais velhas, se a conheceram. Lembram-se prontamente quando falo de uma mulher sozinha, que foi casada com um homem que botava *carteado* na rua<sup>10</sup> e cria um filho com problemas mentais. Recomendam-me que tenha cuidado, falam que Edna era *arruaceira* e costumava brigar nas ruas, ou desconversam: “é, tinha essa Edna, mesmo, mas ela era assim, bem ralé”.

A busca de novas pesquisadas começaria, portanto, de outro ponto. Lembrei-me de Karla, líder comunitária e também proprietária de um bar local, que eu havia conhecido ainda na monografia. Decidi visitá-la, falando de minha pesquisa, e passar a freqüentar o local, de modo a puxar assunto com ela e outras pessoas que por ali passassem, até descobrir possíveis entrevistadas. Karla não correspondia, ela mesma, ao perfil de entrevistada que eu procurava. Não havia sido prostituta, embora o bar de sua propriedade também funcionasse como prostíbulo. O bar, que funcionava em um salão amplo, na parte da frente da casa alugada por Karla, recebia algumas *garotas* amigas da proprietária, não mais que duas a cada vez, a partir das cinco da tarde, quando era ligado um som em volume alto, de modo a atrair clientela. Por trás de um pequeno balcão, que funcionava como a

---

<sup>10</sup> A expressão era usada por Edna para se referir à atividade através da qual o marido ganhava algum dinheiro, por meio de jogos de cartas em bancas de rua. “Ele vivia de botar *carteado* na rua, essa ganha, essa perde”.

gerência do bar, ficava o quarto que era alugado para os programas. O salão do bar, e a própria casa de Karla, foram freqüentados por mim nessa segunda etapa do campo. Durante alguns meses, com periodicidade incerta, freqüentei o lugar em visitas espaçadas. E, após estabelecer laços com algumas entrevistadas, passei a visitar o bar de Karla quase diariamente, durante aproximadamente três meses, de outubro a dezembro de 2011.



Figura 1 Mapa das áreas visitadas na pesquisa. Em *laranja*, o bairro Moura Brasil (antiga zona do Curral). Em *verde*, quadrilátero que concentrava a maior parte das pensões do Centro da cidade nas décadas de cinquenta e sessenta. Em *vermelho*, a região do Mucuripe que abrigou muitas casas de meretrício na mesma época. Em *lilás*, parte do bairro Serviluz, onde moram as entrevistadas e onde existiu a zona de meretrício do Farol. As distâncias aproximadas são de 10 quilômetros, entre Moura Brasil e Serviluz, e de três quilômetros, entre Mucuripe e Serviluz.

Basicamente, eu estava no bairro Serviluz todos os dias, na calçada do bar, e eventualmente conhecendo senhoras que ali moravam e visitando suas casas para longas conversas. Karla ajudou-me sobremaneira na realização da pesquisa. Sua casa foi meu ponto de apoio no bairro, durante tardes e noites, quando eu chegava, no meu carro, normalmente trazendo lanches ou, como forma de retribuição pela hospitalidade, algum item que pudesse ajudar nas necessidades imediatas. Ser vista com ela, líder comunitária do bairro, propiciou-me também a segurança necessária para conduzir a pesquisa. O medo relacionado à criminalidade no bairro, espalhado pela imprensa, foi no início motivo de preocupação para mim. Assim, quando havia a necessidade de me deslocar pelo bairro, evitava fazê-lo sozinha, e foi providencial a ajuda não só de Karla, mas também de pessoas que através dela pude conhecer, e que me acompanhavam nas idas até os becos estreitos do Titanzinho. Os laços criados com pessoas “nascidas e criadas” no bairro foram, nesse sentido, providenciais. A presença, ao meu lado, de uma pessoa conhecida no bairro, me permitiu circular sem maiores problemas, mas não evitava os olhares curiosos sobre a minha figura desconhecida (andando comigo, Beta frequentemente era cumprimentada por conhecidos seus, sentados às calçadas, que lhe perguntavam “quem era esta moça”). Assim, embora não fosse prostituta, nem idosa, o contato com Karla como representante da

comunidade foi uma constante ao longo da pesquisa de campo. A maneira como fui recebida no bairro por Karla, seu papel de intermediadora de meus contatos com a comunidade nas primeiras semanas de inserção e outros aspectos da convivência com esta personagem passam a ser problematizados a seguir.

#### 1.4.1 Hospitalidade e contraprestações

No Serviluz, zona portuária, o encontro do “nativo” com a “pessoa de fora” sempre foi parte do cotidiano, a ponto de o bairro ser citado por sua “vocaçãõ hospitaleira” (NOGUEIRA, 2007, p. 56). O fluxo de visitantes no bairro foi intenso até meados da década de 1980, época em que escasseou o movimento de marítimos e turistas e decaiu o meretrício local.<sup>11</sup> Antes desse período de fuga dos visitantes, era comum que fossem recebidos estrangeiros ou fortalezenses abastados, que acediam àquela região em busca de diversão, atraídos pelos bares ou pela paisagem privilegiada do local. A pessoa de fora era bem recebida porque representava uma ajuda bem vinda e oportunidades de mudanças da realidade vivida. Entretanto, mesmo após a diminuição drástica do fluxo de visitantes, em função ao aumento da violência e da estigmatização do bairro, resquícios dessa tradição de acolhimento permanecem no repertório cultural da comunidade, principalmente no caso das gerações mais antigas. No convívio com minhas entrevistadas, mulheres idosas que me receberam em suas casas várias vezes, para longas conversas, pude comprovar a “vocaçãõ hospitaleira” da comunidade do bairro. As mulheres que colaboraram para a pesquisa sabiam que estavam me ajudando em algo importante *para mim*. Compreendiam que o fato de eu estar ali, fazendo a pesquisa, resultaria em obter um diploma na Universidade, “vencer na vida” – e por isso, viam com boa vontade meus esforços de aproximação, e me ajudavam. Ao mesmo tempo, se mostravam satisfeitas em ver que eram reconhecidas como personagens históricas, fundadoras do Serviluz, e demonstravam gostar das conversas que tínhamos. “Volte mais vezes, minha filha. Seu papo é muito *sadio*”, me disse Novinha ao final de nosso segundo encontro, na varanda de sua casa. Filhos e filhas das entrevistadas também davam mostras de que valorizavam o trabalho que estava a ser feito com a colaboração de suas mães. A eles, interessava ter acesso, posteriormente, ao resultado da pesquisa, que seria uma forma de registro da história de vida de suas mães.

Laços afetivos foram formados e os momentos de “despedida”, quando anunciei que estaria ausente por meses, pois o trabalho de campo havia terminado, foram permeados por

---

<sup>11</sup> A decadência da zona de meretrício do Farol, que se localizava no bairro, tem suas causas detalhadas no segundo capítulo desta dissertação.

expressões autênticas de carinho por cada uma, e recomendações de que retornasse logo que possível para revê-las, o que me proporcionou profunda gratificação<sup>12</sup>.

Entretanto, no caso específico de Karla, por seu papel de líder comunitária, verifiquei que as trocas envolvidas na relação de acolhimento assumiam formas mais utilitaristas, voltadas para eventuais ganhos imediatos para o bairro que pudessem ser obtidos por meu intermédio. Desconstruir esse pressuposto de Karla ao meu respeito foi uma das maiores dificuldades do trabalho de campo. Afinal, se não era para levar algo de bom para a vida das pessoas, por que eu estava ali, tomando o tempo delas? O simples fato de estar fazendo um trabalho da faculdade, escrevendo um livro, como expliquei algumas vezes, não era algo representativo naquele contexto de carências mais urgentes<sup>13</sup>.

Minha convivência com Karla foi eivada de contradições, oscilando entre manifestações de apreço e momentos de desconforto quando se tornava perceptível que eu não poderia atender a *todas* as solicitações, embora fizesse constantes favores, como caronas de carro e outras ajudas pontuais. Alguns pedidos eram velados, tomando a forma de reclamações e expressões de dificuldades mais urgentes, na espera de algum retorno de minha parte. Outros eram feitos de forma direta: “Érika, amanhã preciso que você traga cinco quilos de alimento, pra ajudar na *Cozinha Popular*”, ou “a filha de uma conhecida precisa de uma mochila, tenho certeza que você vai arranjar”. Alguns pedidos foram atendidos, e outros tive de recusar, de modo a evitar uma imagem de *madrinha* da comunidade, com a qual eu não poderia arcar. A própria ajuda da minha parte poderia resultar em implicações indesejadas, como o estabelecimento de uma relação pesquisadora-pesquisadas em bases paternalistas, clientelistas. Este dilema é problematizado por Daphne Patai, a partir de suas pesquisas com mulheres pobres no Nordeste brasileiro, na década de 80:

Eu me afligia com a miséria completa de algumas das pessoas que eu entrevistava, com minhas possibilidades limitadas de oferecer ajuda prática, e até mesmo com os problemas relacionados à oferta

---

<sup>12</sup> No dia de Natal, devolvi a Maria Angelina algumas fotos antigas que ela havia me emprestado. Junto, dei-lhe de presente um porta-retratos, com uma de suas fotos restaurada. Quando nos despedimos, ela abraçou-me e disse: “Olhe, eu gosto muito de você. Venha aqui sempre que quiser. Eu amo você como eu amaria uma filha”. A reciprocidade do respeito e afeto foram, para mim, importante indicativo de que as relações estabelecidas ultrapassaram a superficialidade do utilitarismo, o que me gratificava.

<sup>13</sup> Karla sustentava a família e “se virava” como podia. Além de manter um bar e um quarto de aluguel para programas sexuais, abertos ao público até de madrugada, ela mantinha uma unidade de um programa *Cozinha Popular*, através do qual complementava a renda e garantia cinquenta refeições diárias, ao preço de um real, para moradores pobres do bairro. Dois meses depois do início das atividades da *Cozinha*, e já bastante endividada, a verba que deveria ser destinada para custeio das atividades ainda não havia sido paga pelo órgão público responsável. Foram muitas as vezes em que cheguei a sua casa com alguns quilos de alimento para contribuir com as refeições. Não era a solução do problema, mas era alguma ajuda, na medida das minhas possibilidades. Além disso, me dispus a fazer atas de reuniões e ajudá-la a revisar materiais escritos de uma ONG do bairro, da qual Karla fazia parte.

dessa ajuda, que sinalizava claramente o paternalismo e a reintrodução de uma hierarquia por vezes ausente na intensa intimidade da situação de entrevista (PATAI, 2010, p. 68-69).

O escasseamento dos visitantes, somado à memória das oportunidades obtidas, no passado, junto aos “de fora”, são fatores que podem explicar a expectativa das pessoas da comunidade diante de um pesquisador. Vindo de fora, e de certo modo estrangeiro ali, o pesquisador pode ser sondado por algumas pessoas a respeito dos ganhos que é capaz de levar ao lugar. Não acho que sejam uma mera idiossincrasia os insistentes pedidos de Karla para que eu e um colega, pesquisador, garantíssemos *projetos sociais* e outros benefícios, que resolvessem necessidades básicas do bairro – a despeito de que explicássemos, repetidamente, que tais feitos não estavam ao nosso alcance. Entre as entrevistadas, que não tinham esse papel de liderança, outros sentidos eram atribuídos às relações estabelecidas entre pesquisadora e pesquisada. Para Dircinha, que visitei algumas vezes, recusar ofertas de ajuda era uma forma de viver com dignidade sua condição de pobre. Na primeira visita, perguntei-lhe se o médico lhe deixava comer bolo, pois eu gostaria de preparar um para a outra tarde em que combinei de ir encontrá-la. Ela, que havia sido muito simpática ao longo da tarde, foi taxativa na recusa: “não precisa trazer comida pra cá não, aqui tem!”. Assim, nos outros encontros aceitei água e suco, que me eram oferecidos gentilmente. No caso de Novinha, quando lhe expliquei minha pesquisa, foi-me perguntado: “o que eu ganho com isso? Seria bom uma máquina de costura nova para minha filha, que vive de consertos em roupas”. Fui sincera e expliquei-lhe que eu *poderia* lhe dar a máquina, mas não estava ao meu alcance proporcionar um ganho igual para todas as mulheres com quem eu vinha conversando, o que seria injusto. Ela assentiu, e disse que não havia problemas, me ajudaria da mesma forma. De outra feita, estive em sua casa e lembrei que havia esquecido de aproveitar a viagem para devolver-lhe um antigo retrato seu, que me havia sido emprestado. Vendo meu constrangimento, ela tranquilizou-me: “tem nada não, filha. É bom que você vem de novo, e mais vale a nossa amizade”. De fato, desenvolvemos um laço afetivo ao longo da pesquisa, e tivemos agradáveis momentos em que vimos fotos de navios antigos e me foram mostrados objetos que lhes traziam especiais lembranças da juventude<sup>14</sup>.

Ao longo da convivência com várias pessoas da comunidade, entretanto, a dificuldade em deixar claros os limites de meu papel como pesquisadora foi percebida em

---

<sup>14</sup> Não quero com isso afirmar que todos os sujeitos de pesquisas devam ser amigos em potencial dos pesquisadores. Concordo com Daphne Patai, que nos alerta de que, “como pesquisadores, é indiscutível, usamos os outros em nossos trabalhos” (PATAI, 2010, p. 93). O que assegura que a relação estabelecida vá além do utilitarismo, mais que a eventual ligação afetiva com as pesquisadas, seria o compromisso de dar, às suas falas, o devido lugar. Fundamentalmente, isso significa reconhecer a capacidade de agência dos sujeitos da pesquisa, e o seu papel de protagonistas sociais.

vários momentos. Minha presença ali, de forma contínua, também não era sempre bem compreendida, impondo-me um cuidado constante na negociação do meu papel. Meu procedimento, bastante diferente do trabalho de uma jornalista, por exemplo, que faria uma incursão pontual e voltaria para casa com uma entrevista gravada, era objeto de indagações por parte de Karla. “Eu sei, você é tipo uma assistente social”, me disse uma vez uma *garota* que esperava clientes no bar de Karla.

Dada a maneira como freqüentava, diariamente, seu bar e sua casa, e as conversas em que ela me falava das dificuldades de sua vida e eu falava da minha pesquisa, era natural que Karla também tivesse sua própria opinião sobre mim e minha presença no Serviluz. Por várias vezes, Karla me alertou sobre o cuidado que eu deveria ter para não *me misturar demais*. Para ela, a presença contínua na comunidade poderia representar um perigo para mim: “aqui tem muita *tentação*. Você resiste porque é forte, mas vai que tu tava numa necessidade, oferecem tanto num programa, tu não ia, não?”. E perguntava, por vezes, se eu morava com meus pais e se eles permitiam que eu fosse ao Serviluz. Chegou a afirmar, certa vez, rindo-se: “se eu fosse teu pai, não deixava. Aqui não é para você, não”. Dizendo isso, ela se referia não apenas a mim, mas aos estudantes de classe média que eventualmente iam ao bairro para realizar pesquisas acadêmicas. Citava o exemplo de um colega pesquisador, a quem eu conhecia, e que na opinião dela havia cruzado limites ao morar no bairro e fazer amizade com jovens envolvidos com o tráfico de drogas. E, embora eu lhe explicasse, de modo simplificado, que o procedimento do colega em questão lhe garantiu vasto material empírico, e era parte intrínseca do seu trabalho antropológico, o argumento não parecia convencê-la. À medida que as semanas passavam, e as visitas passavam a ser diárias, Karla mudava de idéia a respeito da minha permanência no bairro: “é, pra fazer esse tipo de pesquisa você tem mais é que *se misturar*, né?”. A afirmação de que eu *me misturava*, por estar ali mesmo pertencendo a outra classe social, não refletia, entretanto, nenhuma significação de deferência. O reconhecimento, por parte de Karla, e posteriormente por parte das entrevistadas, de que eu pertencia a uma classe social mais elevada que a das pessoas do bairro fez da minha pessoa um objeto de maiores conjecturas, a ponto de, por vezes, ter me sentido respondendo a um questionário sócio-econômico. Muitas perguntas foram feitas e respondidas pacientemente, até que se entendesse afinal que não estavam diante de uma pessoa rica, mas uma estudante de classe média. Por outro lado, também recaía sobre mim – assim como sobre todos os pesquisadores e jornalistas que iam até lá – um mesmo julgamento moral: um interesse *pessoal* nos conduzira até o bairro pobre, e nossos ganhos com a pesquisa seriam maiores do que aqueles obtidos pelas pessoas pesquisadas. E, sob vários aspectos, as pesquisadas estão certas a respeito da desigualdade nas trocas estabelecidas. É fato que *nós*,

pesquisadoras, geralmente obtemos um título e galgamos degraus na carreira acadêmica após findar uma experiência de campo com sujeitos economicamente desfavorecidos. O retorno destinado aos sujeitos da pesquisa é, nesse sentido, inegavelmente desproporcional. Como escreveu a antropóloga Alba Zaluar, espera-se, ao menos, que o trabalho influa nas políticas destinadas às comunidades pesquisadas (ZALUAR, 2000, p. 32).

Em duas ocasiões, Karla citou-me exemplos em que pessoas da comunidade foram remuneradas para ceder entrevistas. Nas primeiras semanas em que lá estive, ouvi de Karla que estava cansada de receber *menino*, estudante, filmagem, reportagem, entrevista. Como líder comunitária e espécie de porta-voz do bairro, ela havia perdido as contas das solicitações de ajudas para trabalhos acadêmicos, reportagens e documentários, de pessoas que depois “simplesmente sumiam”, inclusive sem dar-lhe sequer uma cópia do produto final. Esse tipo de atitude, vista como uma grave traição à sua confiança, a exasperava. Contou-me que havia recebido recentemente uma sugestão de um membro de partido político, seu conhecido, que tinha no bairro sua base eleitoral: “Karla, tu é besta. Recebe esses estudante, tudim. Deixa filmar, perguntar o que quiser aí. Mas cobra cem reais”. O segundo caso foi contado após o término da pesquisa de campo, em uma visita minha à sua casa para ajudá-la na revisão de um texto. Karla contou-me que havia sido procurada, nos primeiros dias do ano, por uma repórter de TV, que lhe pediu indicações de uma personagem para uma matéria sobre turismo sexual. Karla explicou que havia pedido que pagassem à indicada:

Eu arranjei uma entrevista pra ela, mas eu disse: “ela dá uma senhora entrevista, mas não é de graça”. Aí eles disseram, “pode deixar, a gente dá um agradinho a ela. Era reportagem da TV. Aí num instante apareceu 20 reais pra ela. Num instante aparece dinheiro. Imagina aí, se eu não falasse. Porque pensa que eu sou besta? É só a mulher marcar, chegar, e contar a vida todinha dela, e a outra sair, e num dar nada? Porque afinal a mulher tá contando tudo da vida dela, elas não gosta disso. Ela vem, sai daqui sendo uma bela repórter, e a outra, nada. Foi-se o tempo, hoje não dá mais pra ser só na base da amizade [KARLA, 2012].

Contando-me essas histórias, Karla apresentava uma sugestão bastante explícita de que passasse a fazer o mesmo, remunerando as mulheres com quem conversei. Sua atitude revela uma aguda consciência da desigualdade envolvida nas trocas entre pesquisador e pesquisado. Ao mesmo tempo, Karla também estava consciente de que, intermediando ganhos para as mulheres locais, adquiria capital simbólico que lhe seria útil em seu desempenho como líder comunitária. A mim, não parece injusto remunerar entrevistas, ou cobrar por concedê-las. Mas tratei de explicar-lhe que, no caso da minha pesquisa, extensa e com muitos encontros, com muitas mulheres, remunerar cada

entrevista ou conversa seria inviável, diante da limitação dos meus recursos financeiros. E, mais do que isso, eu estava insegura, enquanto pesquisadora, diante da possibilidade de criar relações paternalistas com as pesquisadas. Ofereci, portanto, outros tipos de ajudas, inclusive materiais, mas evitando que assumissem o caráter de pagamentos por serviços prestados. De todo modo, o valor da entrevista como moeda de troca foi exposto em muitos momentos, e as falas de Karla a esse respeito ganham destaque porque ela constituiu para si um papel de porta-voz do bairro. Seu papel de intermediadora entre os nativos e os “forasteiros” lhe era precioso, o que pude comprovar a cada vez em que chegava a seu conhecimento que eu havia conhecido alguma pesquisada sem sua intervenção. Nesses casos, era perceptível seu interesse em saber quem havia me apresentado a moradora em questão.

#### 1.4.2 Rumores e uma (quase) expulsão

Na primeira quinta-feira de 2012, estava combinada uma visita minha à casa de Karla. Eu deveria ir lá para entregar o texto revisado do estatuto da ONG do bairro, que eu já lhe devia havia um mês. O atraso se deveu às inúmeras obrigações de fim de ano, e já era hora de cumprir o favor prometido. Eu não suspeitava, no entanto, que Karla estivesse com raiva de mim, já que havíamos nos encontrado no dia após o Natal, e fui bem recebida. Na véspera da data combinada para a visita, recebi uma mensagem desaforada no meu celular. Karla dizia que eu aparecesse imediatamente, levando seu texto já finalizado, pois estava “com muito ódio” de mim. Meu colega, que também a havia entrevistado algumas vezes, e revisara o texto junto comigo, recebeu também uma mensagem, ainda mais curiosa: ela teria descoberto que estávamos *tramando algo* contra a referida ONG, e faria de tudo para nos mandar “para a cadeia”. Respirei fundo e tratei de ligar-lhe para perguntar do que se tratava sua desconfiança, já que era apenas a revisão de um texto, e ainda estávamos na véspera da data combinada. Ela apenas chorava e dizia que nunca mais confiaria em ninguém depois *daquilo que fizemos*. Dava indícios de que suspeitava que tivéssemos feito algo errado, mas não deixava claras as suas preocupações. Tive o sangue frio de explicar-lhe novamente que eu era uma *pesquisadora*, apenas uma estudante, e não estava no bairro para conseguir votos, dinheiro, nem vantagens – apenas desejava escrever um livro sobre idosas ex-prostitutas. A carga emocional envolvida nos deixou apreensivos

de que algum boato estivesse correndo a comunidade a nosso respeito, mas não fazíamos idéia do que poderia ser. Na sexta-feira da mesma semana, ainda assustados, fomos vê-la em sua casa, eu e meu colega. Fomos bem recebidos, fizemos uma última revisão do texto junto com ela e voltamos a perguntar o que tinha motivado tamanha raiva súbita. Ela desconversou e continuou a nos tratar normalmente. Aparentemente, suas suspeitas, fossem ou não motivadas por algum boato na comunidade, haviam se dissipado. Nessa mesma tarde, novas necessidades foram apresentadas. As prostitutas do bairro precisavam de orientação jurídica sobre aposentadoria. Mais uma vez, deixamos claro que não poderíamos *prometer* nada, mas faríamos o que estava ao nosso alcance, convidando algum colega estudante de Direito para fazer uma palestra na comunidade.

De todas as contraprestações oferecidas pela hospitalidade e informações cedidas, considerei algumas, como essa, bastante justas. Outras exasperavam-me e me faziam questionar até que ponto ia minha obrigação moral de contribuição, ou se o trabalho em si já não bastaria. Desde o começo do trabalho, entretanto, assumi uma tarefa de defesa moral do bairro, que não pretendo abandonar. Junto à comunidade acadêmica, e para aqueles que ainda têm do Serviluz a imagem de um local de violência generalizada, me disponho a prestar informações de modo a relativizar a maneira deturpada como o bairro é retratado na mídia. Penso que a insistência midiática nos casos de violência estigmatiza o bairro e oculta as pautas positivas relacionadas à região, produzindo um efeito perverso de desinformação.

## 2. DAS CINZAS AO FAROL: HISTÓRIA E TERRITORIALIDADES DO MERETRÍCIO EM FORTALEZA

### 2.1. Localização do meretrício em Fortaleza: primeiros esforços

Os espaços da cidade evocados nas reminiscências das entrevistadas evocam as origens do *zoneamento moral* da cidade, com a circunscrição dos lugares destinados à prática do meretrício<sup>15</sup>. Manter a prostituição em áreas restritas era um esforço condizente com a preocupação com o ordenamento social da cidade. O historiador cearense Mardônio Guedes explica que, desde a década de 30, Fortaleza passava por um modelo de modernização que se estendeu também ao controle do meretrício:

Reforçavam-se as perspectivas de reformar, moralizar a cidade, intenções que pontuavam os discursos dos poderes instituídos. Em certa medida, tentava-se controlar os segmentos populares que possuíam comportamentos tidos como desregrados. Pretendia-se afastar esses grupos sociais de espaços centrais da cidade freqüentados por famílias de “bons costumes”. Essas intenções forjavam um quadro conflituoso entre práticas de ordenação do espaço urbano e relações sociais produzidas no meretrício (GUEDES, 2002, p. 57).

Os esforços de restrição espacial da prostituição a algumas ruas da cidade remontam a 1918, quando a localização do meretrício foi recomendada pelo chefe de polícia da época (PONTE apud SOUSA, 1998, p. 62). Já nos anos trinta, entretanto, o intento ainda não havia sido conseguido. Ao passo que o banho de mar começava a ser programa dos fins de semana das famílias, o meretrício sem local específico, praticado em vários espaços da cidade, se tornava cada vez mais visível e incômodo para as elites. À época, as praias de Formosa, Iracema e Meireles eram as preferidas para o banho, apesar do avanço do mar e da diminuição da extensão da faixa de areia, causados pelas obras de construção do Porto do Mucuripe, iniciadas em 1939.

Em 1929, Fortaleza vivia o auge dos esforços de disciplinarização da cidade sob padrões europeus. As ruas haviam sido dispostas em desenhos quadriculados, o Centro da

---

<sup>15</sup> Para elaboração deste capítulo, empreendi uma pesquisa, ao longo de um mês, no arquivos de periódicos da Biblioteca Pública Estadual Menezes Pimentel. Foram consultados jornais entre as décadas de 1930 e 1970, em meses e anos previamente listados a partir das informações obtidas nas narrativas das entrevistadas. Para o refinamento das edições a manusear, foram de grande importância as consultas feitas no site Portal da História do Ceará [<http://www.ceara.pro.br/>], em que obtive datas precisas a partir de entradas referentes a obras realizadas na cidade. Foi possível, desta forma, localizar notícias referentes às expulsões de prostitutas pelas administrações municipais, resultado de desapropriações que deram lugar a avenidas. Da mesma maneira, foram obtidas as datas das portarias de polícia que buscaram regulamentar o meretrício na cidade. A lista dos jornais consultados encontra-se ao final das referências bibliográficas deste.

cidade era espaço privilegiado de sociabilidade. Surgiam os bairros elegantes, em Jacarecanga e na Praia de Iracema, em um movimento que agravava a distinção entre ricos e pobres (PONTE apud SOUSA, 1998, p. 58). Ao mesmo tempo,

[...] o movimento da multidão na Capital também se adensou (a população em 30 atinge os 100 mil habitantes) e na sua maior parte era formada pelos que a ordem capitalista civilizadora procurava disciplinar ao mesmo tempo que produzia: os operários e demais categorias de trabalhadores com suas greves, associações e partidos políticos, e os trabalhadores em disponibilidade, os mendigos, menores abandonados, prostitutas e todos os pobres com suas aparências e comportamentos tidos como selvagens, nocivos e constrangedores (PONTE apud SOUSA, 1998, p. 61).

A necessidade de separar os espaços da casa e da rua era defendida com indignação:

[...] não se justifica absolutamente que a polícia permaneça de braços cruzados, enquanto as famílias honestas vivem a sofrer vexames e humilhações, em revoltantes atentados ao seu pudor, ao seu recato, aos seus sagrados sentimentos de dignidade. É abjecto, é tôrpe, é ignobil essa promiscuidade sordida de mulheres de vida facil com elementos de outra categoria social, habitando nas mesmas ruas e, muitas vêzes, em casas visinhas. Não há o menor respeito à santidade do lar alheio (*Gazeta de Notícias*, 30.01.1929, apud SOUSA, 1998, p. 61).

## 2.2. Baixo meretrício: o “Curral das Éguas”

Só 20 anos depois da recomendação do chefe de polícia, já em 1938, foi realizado o intento de localizar o baixo meretrício longe do Centro da cidade. O interventor Menezes Pimentel providenciou a remoção das prostitutas das ruas centrais de Fortaleza para uma área próxima ao Passeio Público, por trás da Estação Ferroviária Engenheiro João Felipe. Na quadra das ruas Senador Pompeu (lado nascente) e General Sampaio (lado poente), estava localizado o início da área, conhecido reduto de prostitutas e boêmios. O bairro conhecido como Arraial Moura Brasil passou a ser chamado pelo povo de “Curral das Éguas”, embora a zona de meretrício não tenha chegado a abranger a totalidade do bairro, como fez questão de destacar um morador entrevistado por um jornal local: “entre o Arraial e a cidade (na Praia Formosa) está a zona de baixo meretrício. ‘Seu’ José Valter lamenta que as famílias, para ir ao centro, tenham de passar por ali”<sup>16</sup>. Próximo à zona do Curral, ainda nos limites do bairro Moura Brasil, ficava a área denominada de *Cinza*, também citada na imprensa local como região de desordem e promiscuidade. A denominação de Cinzas

<sup>16</sup> Cf. Jornal O Nordeste, 24 de dezembro de 1951, p.8.

deveu-se, à época, aos resíduos da combustão de madeira utilizada nas atividades da Usina Light, responsável pelo fornecimento de energia para a cidade de Fortaleza<sup>17</sup>.

“Oitão Preto”, nome de uma casa de meretrício localizada na entrada do “Curral”, foi outra denominação recebida pela comunidade do Moura Brasil. Nas reminiscências de Edna, que morou por muitos anos na zona de meretrício do Curral, o nome deste estabelecimento encontra uma explicação: “era um murozão preto, com um oitão pintado, era o número oito, de longe a gente via, e o povo ficou chamando o Oitão Preto”. A grandiloquência de Edna, revelada nos superlativos que definem o Oitão, está também na descrição de seu cotidiano no meretrício, na época do antigo Curral: “mulher, e aí a gente passava a noite bebendo mais os caboco, e aí ia pro quarto, menina, e era putaria demais”. O passado ganha, na fala dos narradores que viveram a época, contornos grandiosos. No discurso do memorialista Zenilo Almada, o Oitão Preto aparece revestido de um ar legendário:

[...] na descida do ‘Curral’ mais à frente, famoso pela localização, célebre também pelo esconderijo, o inesquecível ‘Oitão Preto’ - por detrás da Estação Central, no extenso prolongamento de muro pintado de preto com degraus e descida para rua do trilho do trem, um grande número de casas populares de propriedade do Sr. João Pernambuco, as quais também se instalaram freges e ‘basfond’<sup>18</sup>. [Jornal DIÁRIO DO NORDESTE, 18/11/2007]<sup>19</sup>.

As falas de quem viveu a época vão além do lugar-comum da zona de baixo meretrício como local de promiscuidade. O artista plástico cearense Descartes Gadelha, que morou, na década de 1960, na rua Castro e Silva, próxima à zona de meretrício, conheceu o lugar quando jovem e descreveu o Curral das Éguas como “o lado romântico e ingênuo da prostituição, muito diferente das casas de hoje”<sup>20</sup>. Suas lembranças evocam a Amplificadora Brasil, rádio popular do bairro, em que se transmitiam recados e se dedicavam músicas “de um alguém para outro alguém”.

As reminiscências do artista plástico ganharam expressão em 1991, quando a velha dedicatória deu o título de uma exposição do artista sobre o bairro. Mais de oitenta telas, de autoria de Gadelha, retrataram suas lembranças do cotidiano do Curral. Madames

<sup>17</sup> As informações deste parágrafo foram extraídas do livro “O Cliente: o outro lado da prostituição”, de Inar de Sousa. Cf. SOUSA, 1998, p. 65-66.

<sup>18</sup> *Freges e basfonds* eram denominações utilizadas na época para os locais de meretrício. O uso da terminologia *basfond* foi verificado, principalmente, como eufemismo para áreas de prostituição, principalmente em matérias policiais do jornal católico O Nordeste (1950-1956).

<sup>19</sup> Diário do Nordeste, 18 de novembro de 2007. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/m/materia.asp?codigo=487190>.

<sup>20</sup> Cf. Jornal Diário do Nordeste, 26 de fevereiro de 1991, matéria “De um alguém para outro alguém: Cenas da prostituição em Fortaleza em 80 quadros de Descartes Gadelha”.

ostentando jóias, meretrizes com trajes rotos e cabos-de-polícia divertindo-se nos bares locais são alguns dos temas dos quadros.

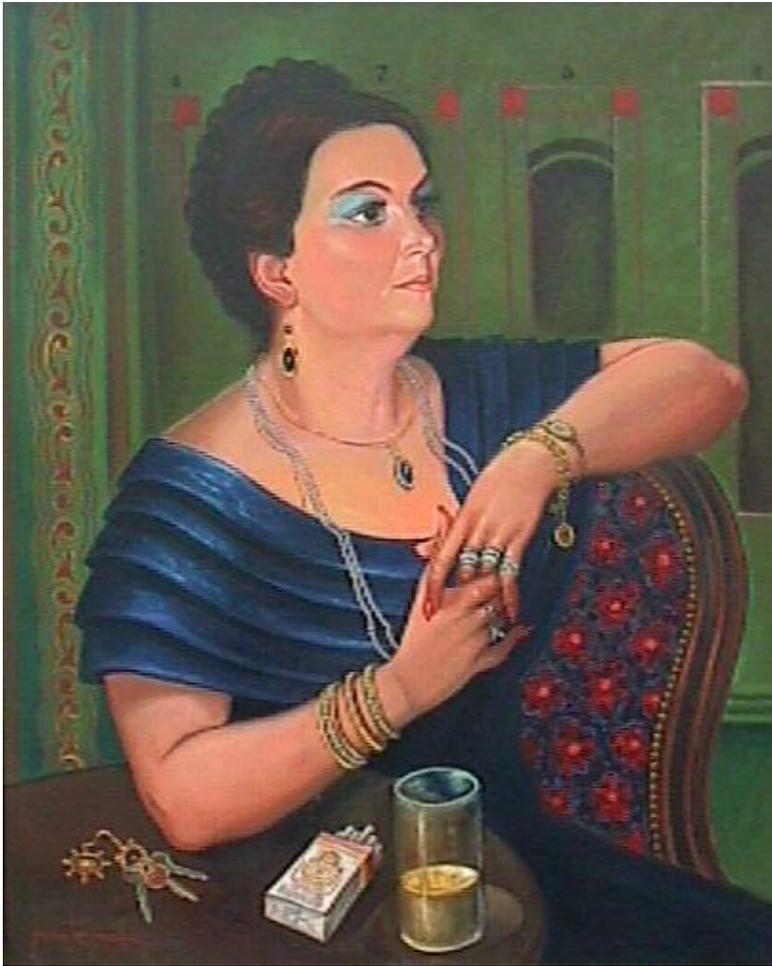


Figura 2 "Retrato da madame"

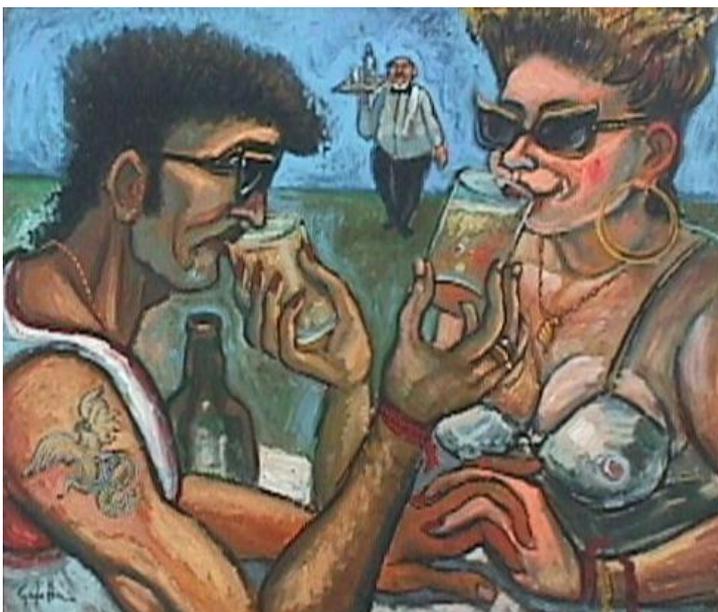


Figura 3 "O amor nascendo de uma cerveja"

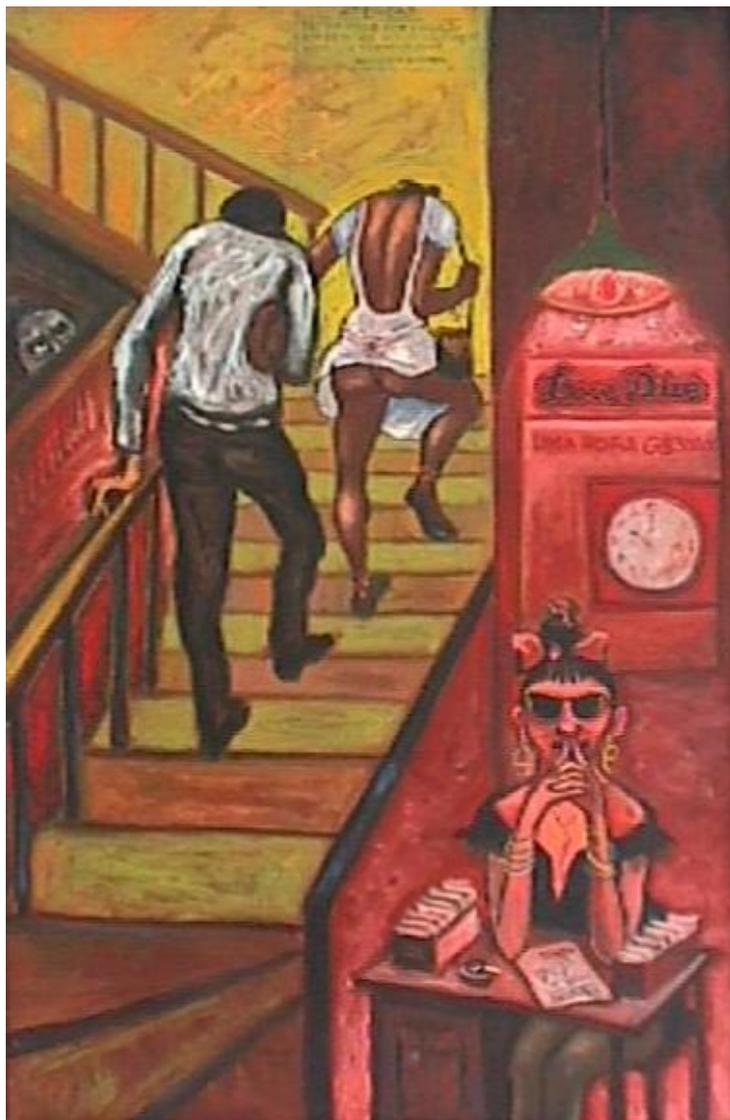


Figura 4 "A autoridade"

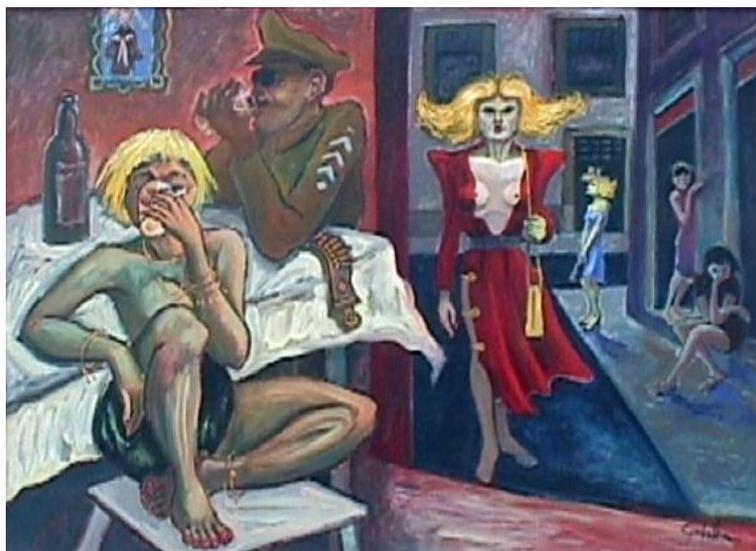


Figura 5 "A batalha"



Figura 6 “A batalha”

As imagens de 1 a 5 são reproduções das obras de Descartes Gadelha.

Fonte: Acervo do Museu de Artes da UFC (MAUC).

Para Descartes Gadelha, o Curral das Éguas consolidou-se como o local do final de carreira das meretrizes da cidade. Ele descreve uma trajetória exemplar, em que a moça interiorana, “perdida” após a perda da virgindade e expulsa de casa pelos pais, não teria alternativas para prover seu sustento, senão o meretrício, e assim descreve uma carreira típica dessas mulheres *desviantes*:

Elas começavam nas grandes pensões como a Fascinação, na esquina da Senador Alencar com Castro e Silva que tinha como marca registrada a música Fascinação na voz de Carlos Galhardo. Outra casa considerada "classe A" era a Hollywood, onde se encontrava as **novidades que apareciam na praça**. Garotas com 18 anos, recém-acolhidas pela dona da pensão. Da Fascinação e Hollywood as mulheres desciam para a América, Los Angeles ou Califórnia. De lá para o Zé Tatá ou o Oitão Preto, **quando as mulheres atingiam 25 anos, já estavam no Curral**. Esse movimento de decadência e de descida era natural e encarado como inevitável. [Jornal DIÁRIO DO NORDESTE, 26/02/1991, grifos meus]<sup>21</sup>.

<sup>21</sup> Cf. Jornal Diário do Nordeste, 26 de fevereiro de 1991. Disponível em: <http://www.mauc.ufc.br/expo/1991/01/index1.htm>

Me permito afirmar que a trajetória descrita por Gadelha pode ser tomada como *típica*, pois, guardadas as idiosincrasias de cada mulher, havia um fluxo de mudança dos locais de moradia/trabalho ao longo de seus períodos na prostituição. No meretrício, a mudança de local pode ter valor estratégico, quando se considera que mulheres desconhecidas em um local, tidas como novidade, despertam maior interesse e alcançam melhores ganhos. Outros fatores, como indisposição com madames ou a impossibilidade de quitar o aluguel dos quartos de pensão poderiam ser motivo de expulsões ou mudanças voluntárias, determinando a curta permanência em cada lugar. Como explica Edna, citando o nome de várias pensões do Centro da cidade:

O primeiro cabaré que eu fui... Deixe eu ver se eu me lembro. Acho que foi no Bar da Alegria. Tinha a América e o Ubirajara, que era duas pensão, uma de frente pra outra. Parece que era a rua da Coelce, não é, a Barão do Rio Branco? Como era o nome da outra, não sei se era América. Eu já morei na Ubirajara. Eu não morava muito tempo... Passava um mês... Porque ninguém não passa muito tempo num canto não. [EDNA, 2010].

A rápida depreciação do corpo no trabalho prostituinte, no entanto, determinava a queda progressiva nos ganhos. Edna corresponde, em vários aspectos, à trajetória típica apresentada. Após a vinda do interior e *estréia* em uma pensão requintada, de mulheres “selecionadas”, Edna passou a alugar quartos no Curral, tendo seguido de lá para a zona portuária do Farol, onde fez seus últimos programas. A continuação da trajetória exemplar descrita por Gadelha, entretanto, não se aplica a Edna, a quem conheci com mais de setenta anos e ainda nômade, morando alternadamente em pequenas casas alugadas nos bairros do Moura Brasil e do Serviluz.

No Curral, elas arranjavam velhos para sustentá-las até mais ou menos uns 35 anos e, depois disso, tornavam-se cafezeiras, boleiras e executavam pequenos serviços. [...] Elas não passavam dos 50 anos, talvez pelas condições de vida, alimentação e, principalmente, pela grande quantidade de bebida que consumiam<sup>22</sup>.

À imagem decadente que o local adquire ao ser descrito como o ponto final da carreira e da vida das meretrizes, imediatamente sobrepõe-se, no discurso de Gadelha, um sentido nobilitante da comunidade que ali existiu, quando o narrador enfatiza a solidariedade que se manifestava em momentos críticos. A morte de uma das meretrizes, segundo o antigo freqüentador,

<sup>22</sup> A morte precoce da totalidade das prostitutas, vítimas de doenças ou da violência, é um dado que me pareceu menos verossímil a considerar que conheci tantas mulheres idosas, ex-prostitutas, em uma pequena área do Serviluz.

[...] revelava-se o momento mais fraterno e religioso da comunidade. Quando a companheira não tinha dinheiro para ser enterrada, as prostitutas se quotizavam e iam deixar o dinheiro na sede da amplificadora Brasil que passava todo o dia tocando a Ave-Maria, de Schubert, na voz de Vicente Celestino. O código era tão perfeito que ao se ouvir a música, todos no arraial sabiam da morte da prostituta, a ser velada na capela de Santa Terezinha, construída pelas mulheres-damas, hoje o único marco referencial da extinta comunidade. [Jornal DIÁRIO DO NORDESTE, 26/02/1991].

Manuseando os jornais fortalezenses das décadas de 1950 1960, no entanto, tem-se um contraponto aos discursos dos narradores. Os jornais impressos da época revelam outro ponto de vista, que se coaduna com ideais de moralização da cidade, especialmente no caso do jornal católico O Nordeste. Percebe-se que o bairro do Arraial Moura Brasil foi estigmatizado, pela imprensa, como um local de promiscuidade e contaminação moral. A proximidade dos casebres de famílias pobres e casas de bebidas, de trabalhadores e *vagabundagem*, era vista com preocupação:

Os meios de trabalho são os mais variados. Há de todas as profissões. E o maior perigo local é, todavia a vagabundagem explorada pelos agitadores e pelas casas de bebidas. [Jornal O POVO, 9/02/1953]<sup>23</sup>.

A *mistura* das famílias pobres às meretrizes e bêbados é objeto das reclamações de um morador do Moura Brasil, que relata seu constrangimento pela proximidade dessas personagens nos transportes públicos do bairro: “Mesmo nos ônibus viaja gente da pior espécie” [Jornal O Nordeste, 24/12/1951]<sup>24</sup>. O Arraial Moura Brasil também ocupa as manchetes policiais, com notícias de violência contra meretrizes e entre clientes do local<sup>25</sup>.

Na década de 40, entretanto, as características da zona de baixo meretrício do Curral estavam apenas se delineando. Parte desse processo de identificação do lugar se fez por oposição à imagem do meretrício no Centro da cidade, caracterizado por uma clientela mais abastada. O próprio deslocamento das meretrizes para a área que passaria a ser conhecida como Curral está, também, relacionado com a implantação da modalidade de meretrício de pensões, no Centro da cidade. O estabelecimento do baixo meretrício no Curral e a multiplicação das casas voltadas para o meretrício de luxo, no Centro, são fatos ligados entre si, igualmente influenciados pelas medidas de restrição da prostituição que a Chefatura de Polícia passara a adotar a partir de 1935. Em 12 de junho do referido ano, duas portarias do Chefe de Polícia Manuel Cordeiro Neto determinaram mudanças na prostituição em Fortaleza. A primeira suspendia a realização de festas nos cabarés da cidade, até que fosse expedida ordem em contrário. Outra medida ditava um toque de

<sup>23</sup> Cf. O Povo, 9 de fevereiro de 1953, p.3.

<sup>24</sup> Cf. Jornal O Nordeste, 24 de dezembro de 1951, p.8.

<sup>25</sup> Cf. Jornal Gazeta de Notícias, 18 de junho de 1947, p. 4; Jornal O Unitário, 18 de junho de 1947, p.1.

recolher, a partir da meia-noite, nas pensões do Centro. No dia 22 de junho do mesmo ano, o jornal O Nordeste, órgão da Arquidiocese de Fortaleza, repercutia positivamente as portarias de restrição do meretrício e também aplaudia uma nova determinação, que vetava a circulação das mulheres cadastradas como meretrizes pelas ruas da cidade, antes das vinte e uma horas:

Baixou, há pouco, a Chefatura de Polícia, uma portaria referente às *horizontaes*. Proíbe-lhes perambularem pelas ruas antes das 21 horas, e regulariza a realização de certas diversões nas suas residências coletivas. [...] Medida digna de louvor, pois visa a acautelar o princípio da moral social, como, aliás, se pratica em todos os centros adiantados e policiados. Não quer dizer que essas infelizes criaturas fiquem coibidas de ir à rua, de se locomover, mas objetiva, apenas não o fazerem com atitudes e exhibições atentatórias das boas normas de conduta, provocando escândalos e determinando reparos... Com licenciosidades. [Jornal O NORDESTE, 22/06/1935]<sup>26</sup>.

As mulheres que não estavam confinadas em pensões no Centro da cidade haviam sido, anteriormente, removidas para o Curral das Éguas, ainda próximo ao Centro, mas longe dos olhos das famílias que ali circulavam. Assim, duas modalidades de prostituição passaram a se desenvolver nessas duas áreas. O baixo meretrício no Curral, e a prostituição de alto nível nas chamadas “pensões galantes”.

A maior vigilância das casas após a meia-noite parece ter sido de fato exercida, considerando-se o fato de outros espaços da cidade terem começado a ser procurados para as farras boêmias. Nos anos 40, a praia do Mucuripe tornou-se local de diversão para boêmios e algumas das prostitutas do Centro, que frequentavam os bares da rua da Frente (atual avenida Beira-Mar) com seus clientes. O relato de uma antiga moradora do bairro do Mucuripe ao historiador Blanchard Girão fornece um quadro desta mudança de costumes:

“aquelas mulheres das pensões do Centro vinham com seus amigos para completar a noitada. Os pescadores, o povo todo da vila, ficavam esperando para ver aquilo. Elas muito bem vestidas, bonitas, diferentes das mulherzinhas pobres do Mucuripe” (GIRÃO, 1998, p. 115).

No início da década de 1950, o Arraial Moura Brasil já era considerado, juntamente com o Pirambu, bairro vizinho, como a área de maior densidade demográfica da capital, com dezoito mil e cem habitantes<sup>27</sup>. As condições de moradia no bairro eram precárias, “as casas construídas sem o critério de qualquer plano, trepadas em dunas, soterradas na areias fofa das depressões, cobertas de telha, palha, zinco”<sup>28</sup>.

<sup>26</sup> Cf. O Nordeste, 22 de junho de 1935, p.3.

<sup>27</sup> Cf. Jornal O Povo, 9 de fevereiro de 1953, p.3.

<sup>28</sup> Cf. Jornal O Povo, 9 de fevereiro de 1953, p.3.

Todos os anos, o avanço do mar sobre a Praia Formosa, que delimitava o bairro, causava o desabamento de casebres ali existentes<sup>29</sup>. “Na praia de Iracema, houve dinheiro para construir um quebra-mar. No Arraial, o povo é pobre e sem prestígio”, reclamava um morador que constatava a violência das ondas, 1951<sup>30</sup>.

O Curral foi uma forma encontrada pelas autoridades para equacionar, temporariamente, a localização do meretrício em Fortaleza. Desta forma, recebeu o tratamento que a sociedade brasileira destina aos espaços marcados pela contradição social, destinados a serem soluções transitórias:

geralmente são regiões periféricas ou escondidas por tapumes. **Jamais são concebidas como espaços permanentes** ou estruturalmente complementares às áreas mais nobres da mesma cidade, mas são sempre vistos como locais de transição: "zonas", "brejos", "mangues" e "alagados". Locais liminares, onde a presença conjunta da terra e da água marca um espaço físico confuso e necessariamente ambíguo". (DAMATTA, 1997, p. 45, grifo meu).

Como região transitória, a zona de prostituição localizada no bairro Arraial Moura Brasil, dividida nas áreas conhecidas como Curral das Éguas, Cinzas e Oitão Preto, resistiu por pouco mais de três décadas, até que os casebres da região foram desapropriados, visando à construção da avenida Presidente Castelo Branco, que foi inaugurada em 1973. A maior parte das mulheres que ali se localizavam foram então transferidas para os arredores do Farol do Mucuripe, onde já se estabelecia, desde o final da década de 1950, uma área de meretrício marcada pela proximidade do Cais do Porto. As mulheres do Curral não foram recebidas por suas companheiras da zona do Farol sem maiores reservas. Pelo contrário, a chegada das mulheres paupérrimas fez com que as meretrizes do Farol acionassem, contra as recém-chegadas, um amplo leque de estigmatizações, fato que será objeto de discussões mais detalhadas ainda neste capítulo.

### 2.3. As pensões galantes do Centro

“Pensões altas”, “pensões alegres” ou ainda “pensões galantes” foram alguns dos termos mais comumente usados para designar as casas de meretrício do Centro da cidade de Fortaleza. Essas denominações, ligadas ao modo como o meretrício e o lenocínio foram

<sup>29</sup> Cf. Cf. Jornal O Nordeste, 5 de novembro de 1951, p. 3. “O deputado Mariano Martins apresentou um projeto à Assembleia, mandando destinar 300 contos para auxílio às vítimas das marés altas no Arraial Moura Brasil”.

<sup>30</sup> Cf. Jornal O Nordeste, 29 de dezembro de 1951, p.8.

praticados nas ruas centrais da cidade, encontram registro já nas décadas de 30 e 40 do século passado, e permaneciam populares nos anos cinquenta e sessenta<sup>31</sup>.

No Centro da cidade, as pensões passaram a ocupar, a partir da década de 30, os pavimentos superiores de comércios localizados em antigos sobrados. O desenvolvimento de novos bairros de classe média impulsionava, à época, a mudança de costumes por parte dos comerciantes, que até então habitualmente moravam nos andares acima das próprias lojas do Centro. Novos locais de moradia eram procurados pelas famílias, em bairros como Jacarecanga, Aldeota e São Gerardo, enquanto o Centro da cidade tornava-se cada vez mais um lugar voltado para o comércio e o lazer. Os espaços vazios foram propícios à alocação das meretrizes, que haviam sido impedidas de abordar clientes nas ruas da cidade quando o capitão Cordeiro Neto assumira a chefia de polícia da cidade, em 1935<sup>32</sup>. Juarez Leitão, em seu livro sobre as pensões da cidade, associa o decreto de Cordeiro Neto à proliferação de cabarés elegantes no Centro da cidade:

Putá não podia mais pegar homem pelo Centro da cidade. Os cidadãos abastados, laborando em seu próprio interesse, conseguiram uma solução para o problema: as mulheres de melhor aparência se instalariam discretamente no Centro, nos altos dos velhos sobrados das ruas Major Facundo e Barão do Rio Branco (LEITÃO, 2000, p. 238).

Os nomes de algumas das pensões remetiam às idéias de grandiosidade e luxo, como era o caso das boates Império e New York, localizadas na avenida Barão do Rio Branco. Bailes com orquestras estavam entre as atrações de várias das pensões, dentre as quais o Bar da Alegria, como recorda o memorialista Zenilo Almada<sup>33</sup>:

Em matéria de pensão de mulheres a mais atraente era na Rua Barão do Rio Branco - o famoso 'Bar da Alegria' - pensão da espanhola Nena, gerenciada por Beatriz, mais tarde madame, e, proprietária de uma pensão na Praia do Futuro. Muito concorrida e conhecida por seus bailes de aniversário em que cada 'fubana', trajada de longo, com tecidos e cores iguais comparadas às festas de adolescentes, ao som de vários instrumentos musicais, verdadeiras orquestras com exigência de convites impressos para entrar no recinto obedecendo ritual e direito à valsa no início do baile. [Jornal Diário do Nordeste, 18/11/2007].

<sup>31</sup> Matérias de jornais da cidade de Fortaleza, nas décadas de 30 e 40, foram estudadas por Guedes (2002), em pesquisa sobre casos de violência relacionada ao meretrício.

<sup>32</sup> Ver nota do dia 12 de junho de 1935, no jornal O Nordeste, reproduzida nos anexos deste trabalho, onde é possível ler as portarias despachadas pelo Chefe de Polícia a este respeito.

<sup>33</sup> Um vívido retrato das casas de meretrício das décadas de 1950 a 1970 é encontrado na série de artigos "Pensões da cidade", do memorialista cearense Zenilo Almada. Cf. Jornal Diário do Nordeste, suplemento Ler, artigos "História como memória: as pensões da cidade" e "De madame Julinha a Pirrita", 18.11.2007.

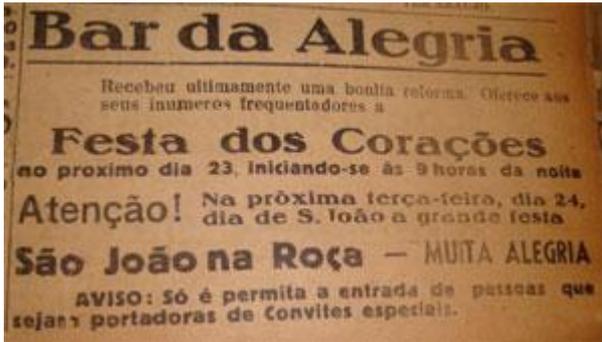


Figura 9 Jornal GAZETA DE NOTÍCIAS, 18/06/1947.

As festas do Bar da Alegria chegavam a ser anunciadas previamente em jornais locais. Em junho de 1947, o jornal Gazeta de Notícias publicava o anúncio de que o bar "recebeu ultimamente uma bonita reforma" e informava aos frequentadores sobre os próximos bailes previstos.

Peregrina, que conheceu as pensões do Centro ainda criança, visitando clandestinamente os locais em que sua mãe trabalhava, assim recorda os bailes da boate Guarani:

toda semana, tinha festa de orquestra, aqueles saxofone, aquelas orquestra. Aí toda semana tinha o baile azul, o baile róseo, as mulheres tudo de azul, de róseo, de longo, de sandália alta [PEREGRINA, 2011].

As casas de prostituição do Centro da cidade ofereciam, além dos serviços sexuais, a diversão nos salões. A habilidade com a dança era um dos aprendizados na noite, para as inquilinas. "Fazer salão" era um dos deveres das meretrizes, que deveriam estar presentes nos bares e dancings das pensões, nos horários de abertura das casas, arrumadas segundo padrões de elegância da época, sentadas à espera de clientes. Cabia a elas a iniciativa de chamar para dançar a mulher que lhe interessasse. As mulheres também colaboravam para o lucro da casa estimulando o consumo de bebidas alcoólicas por parte dos clientes, que deviam também pagar-lhes doses de bebidas destiladas, disponíveis no bar da casa. A quantia paga pelos serviços sexuais pertencia à prostituta, enquanto a madame lucrava com as "chaves", ou seja, o aluguel dos quartos em que os encontros aconteciam.

Dentre os antigos sobrados que se prestaram ao uso das pensões, a maioria encontra-se bastante degradada e poucos contaram com alguma forma de cuidado arquitetônico. O interior de uma pensão da época ainda pode ser vislumbrado no Sobrado

José Lourenço, recentemente restaurado pelo governo do Estado (vide fotos abaixo). No local, funcionou, na década de sessenta, a famosa Pensão Marajá<sup>34</sup>.



Figura 10 - Fachada atual do sobrado em que funcionou a Pensão Marajá.

Fonte: <http://patrimonioparatodos.wordpress.com>

Nos andares térreos, gerenciados por outros locatários, comércios tradicionais abriam suas portas durante o dia. Como descreveu o cronista e historiador cearense Blanchard Girão:

Os cabarés situavam-se no Centro, nos velhos casarões herdados dos tempos mais antigos, dos quais as chamadas “pensões alegres” ocupavam a parte superior (GIRÃO, 1997, p. 174, apud GUEDES, 2002, p. 59).

---

<sup>34</sup> O prédio onde existiu esta casa foi reformado e nele hoje funciona o Museu do Sobrado José Lourenço, aberto à visitação na avenida Major Facundo, 154, Centro de Fortaleza. As pensões do sobrado José Lourenço são objeto de estudo da historiadora cearense Luciana Rodrigues.

OLIVEIRA, Luciana Rodrigues de. Memórias afetivas: os bordéis do Sobrado Dr. José Lourenço e seus personagens (1950-1970). In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300855936\\_ARQUIVO\\_MEMORIASAFETIVAS.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300855936_ARQUIVO_MEMORIASAFETIVAS.pdf)



Figura 11 Sobrado do Dr. José Lourenço  
Terceiro andar, onde funcionavam parte dos quartos da casa.  
Fonte: <http://sobradodrjoselourenco.blogspot.com>

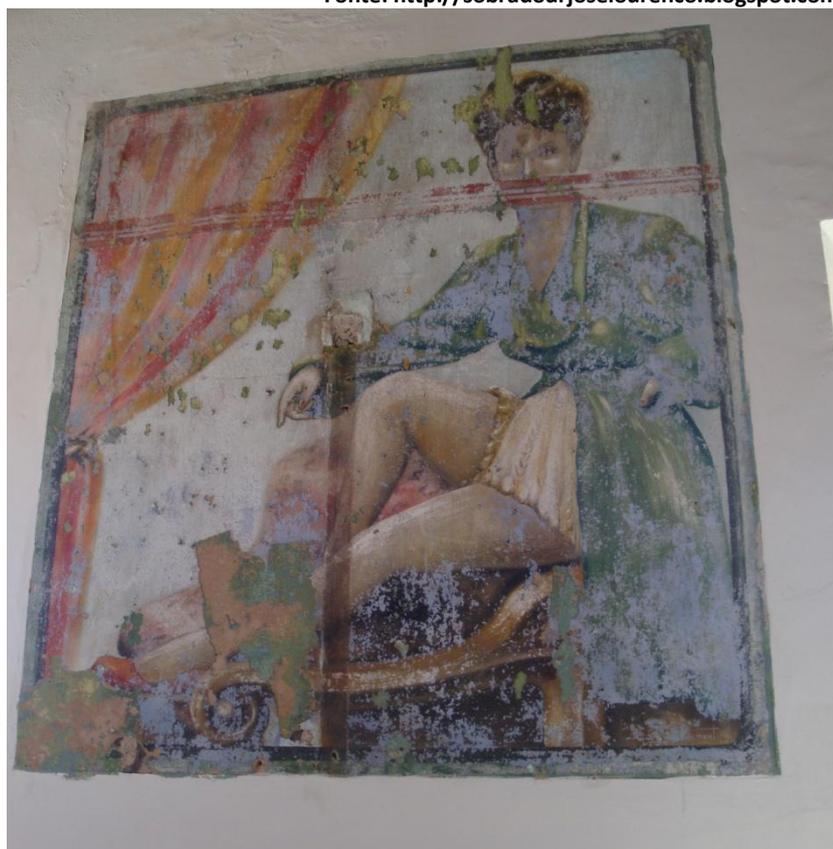


Figura 12 Quadro no interior do Sobrado. A pintura acima foi recuperada após os trabalhos de restauro do Sobrado Dr. José Lourenço, em 2006. A imagem, originalmente pintada sobre a parede, fazia parte da decoração da Pensão Marajá e foi coberta por camadas de tinta nas décadas seguintes. Fonte: arquivo da pesquisadora.

Nas pensões galantes do Centro da cidade, uma espécie de acordo social velado fazia, das inquilinas, verdadeiras “encarceradas em meio período”<sup>35</sup>. A discrição era parte do negócio para as madames. Era necessário garantir que as trabalhadoras mantidas no local não perturbassem a ordem pública, de modo a evitar confusões com a autoridade policial. A circulação das mulheres das pensões, em horários de maior movimento no comércio, não era compatível com o decoro das famílias que transitavam pelo Centro da cidade. Assim, o uso da época ditava que as janelas das pensões permanecessem fechadas enquanto não caísse a noite.

O professor Elmo Vasconcelos, historiador, relata ter frequentado as pensões galantes da cidade, e assim descreve este aspecto do lenocínio de Fortaleza, na década de cinquenta<sup>36</sup>:

Então, eu e os rapazes da minha geração vivemos essa época em que o Centro de Fortaleza, com os velhos sobradões, a cidade cresceu, e as famílias se deslocaram do Centro e foram para os bairros que estavam em florescência, Aldeota, Jacarecanga, São Gerardo, e aqui esses sobrados a destinação foi se tornarem bordéis. Então, os rapazes do meu tempo frequentavam esse sobrado aqui, onde eu tive recordações, subi e reconheci aqui esse espaço que se chamava *pensão de mulheres*, e muitas coisas vieram à minha lembrança. Também é interessante porque mostra como os costumes mudaram.

[...] Esses sobrados eram muito úteis e muito indicados para isso, para o lenocínio, porque as meninas viviam *trepadas*, não podiam descer. Então elas viviam segregadas. Viviam aqui em cima, só à noite podiam descer, para não incomodar as moças de família que passavam pela porta. [risos]

Era uma segregação, mesmo. Então, quer dizer, isso faz cinquenta anos. Cinquenta anos pra cá, a coisa tá completamente mudada. A mulher libertou-se, então hoje isso parece uma história fantástica, alguma coisa do período medieval. Mas não é medieval, é do século XX [Elmo Vasconcelos, 2010].

<sup>35</sup> Esta expressão, originalmente, foi usada por Donna Guy, em sua obra “Sex and Danger in Buenos Aires: Prostitution, Family and Nation in Argentina, Nas palavras da edição americana: “those who lived in *bordellos* were treated like part-time jail inmates” (GUY, 1991, p. 50).

<sup>36</sup> O relato do professor Elmo Vasconcelos, historiador aposentado, foi registrado durante a programação promovida no Museu José Lourenço, em 16 de maio de 2010, em comemoração ao Dia Internacional das Histórias de Vida. A matéria “Sobrado José Lourenço e as histórias de cabaré do Centro”, publicada pelo jornal O Povo, em 17 de maio de 2010, alusiva ao evento e aos relatos do professor, está disponível em: <http://www.opovo.com.br/www/opovo/fortaleza/984448.html>



Figura 13. Sobrado Dr. José Lourenço. Localizado à av. Major Facundo, 154. Entre as décadas de 1940 e 1960, funcionaram, nos andares superiores, os bordéis “Pensão Marajá” e “Bar da Alegria”. Fonte: Arquivo Nirez.

Outra preocupação das madames era que suas inquilinas fossem maiores de idade – pelo menos nos registros legais, uma vez que os relatos demonstram que a adulteração do ano de nascimento nos documentos de identificação era uma prática corriqueira, adotada com vistas a acrescentar anos de idade àquelas que ainda não tinham completado os 18 anos.

O cuidado maior da madame da pensão era não deixar permanecer no prostíbulo, menor de idade, como segurança - medida de precaução, só maior de idade.

De logo, era levada para se apresentar na Chefatura de Polícia, onde ficava fichada e em seguida fazia exame ginecológico, evitando transmitir aos jovens iniciantes, preocupante 'gonorréia' e outras doenças infecciosas que grassavam naquela época aos desprevenidos ou outras tipos conhecidas comumente como "doenças do mundo", "doenças dos famosos", "doença venérea" e mazelas, porque nem se falava no uso da camisinha. Como consequência toda cortesã que "sentava praça" era rigorosamente fichada no Departamento de Diversões e Costumes da Secretaria de Polícia, para registro de sua permanência do local, ou, servindo de anotações de antecedentes de sua vida pregressa, e proteção de segurança pessoal.

Em caso de descumprimento das obrigações assumidas, a Licença de Funcionamento do lupanar era cassada por inobservar às ordens da Polícia.

A jovem após exame ginecológico, preenchida a Ficha de Cadastro junto à autoridade policial, regularizava situação de prostituta, uma vez cadastrada, tinha assegurada a permanência na pensão onde estivesse, tudo com autorização da proprietária do cabaré e o visto da Delegacia de Costumes - da Chefatura de Polícia - hoje, Secretaria de Segurança Pública (Diário do Nordeste, 18/07/2007)<sup>37</sup>.

O cuidado das madames estendia-se à presença de crianças na casa, que deveria ser evitada. Dona Peregrina, hoje proprietária de um bar e casa de meretrício no Serviluz, recorda a época em que sua mãe, dona Augusta, então dona de uma pensão no Centro da cidade, zelava pelas regras de funcionamento da casa<sup>38</sup>:

Olha, pra tu ver. Eu sou uma pessoa tão nova, assim, e as coisas que eu já passei, que eu já andei. Olha, eu entrava pela cozinha [da pensão], eu tinha nove anos de idade. Eu já corria pela cozinha, subindo as escadas daqueles cabarés do Centro. [Sua mãe, Augusta, dizia] "Menina, desce por aí, que senão vão fechar minha casa, pelo amor de Deus". Eu pareço uma catita, correndo. Nove anos. Era no Centro, eu entrava. Aí a mulher dizia: "essa daí é uma doida, que é a filha da Augusta. A menina é uma louca, que ninguém não pode com essa menina não". Eu chegava assim, na esquina, assim, onze e meia, quando saía pro mercado, ou qualquer coisa assim, que eu via que a porta tava só encostada, eu corria. A gente corria pra entrar [PEREGRINA, 2011].

<sup>37</sup> Cf. Diário do Nordeste, 18 de julho de 2007. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=487184>

<sup>38</sup> Peregrina tinha, na data da entrevista, cinquenta e cinco anos de idade. A cena recordada a seguir, ocorrida quando Peregrina contava nove anos de idade, deve ter acontecido, portanto, em meados da década de 1950.



Figura 14 Madame Augusta, em foto da década de 1960, usando um modelo de traje soirée. Fonte: arquivo da entrevistada.

### 2.3.1. Tolerância relativa

O florescimento das “casas de tolerância” no Centro da cidade, apesar da imagem transgressora que as pensões pudessem inspirar, tem sua explicação nos valores morais do período. A própria denominação “casas de tolerância” vem do fato de que tais locais só existiam em função da tolerância da polícia, que partia da compreensão da prostituição como “mal necessário”. O discurso da autoridade policial sobre a prostituição era então fortemente influenciado pelo modelo regulamentarista francês, cujos marcos haviam sido estabelecidos pelo sanitarista Parent-Duchatelet. Em suas pesquisas, Duchatelet estabeleceu o tipo ideal de prostituta por oposição à mulher honesta, simbolizada pela esposa. Os ideais sanitaristas primavam pela vigilância da prostituição, dados os perigos e

ameaças morais que eram atribuídos a esta atividade. Desta forma, este modelo ideológico procura distinguir a prostituição dos bordéis, regulamentada e devidamente vigiada pelas autoridades, das formas clandestinas de prostituição (RAGO, 1997, p. 92).

As mulheres que viviam do meretrício logo incorporavam a noção de discrição no período diurno, e colocavam em prática uma série de estratégias necessárias à convivência com a autoridade policial. Edna explicou-me, certa vez, um dos expedientes que usava para despistar a atenção dos guardas, quando fazia o *trottoir*<sup>39</sup>, sempre durante a tarde, no Centro da cidade. Ela me contou que, após andar por algum tempo nas calçadas e conseguir um cliente, trocava o vestido para voltar a circular na rua, no intuito de que os policiais não a reconhecessem. Ainda assim, Edna explica que não havia uma abordagem mais incisiva de sua parte, além do modo de se fazer presente no espaço, circulando pelas ruas do Centro sem companhia masculina, em vestidos elegantes. Os clientes em potencial se aproximavam e as negociações do programa eram feitas em bares ou pensões das proximidades. A convivência do meretrício e do comércio no mesmo espaço urbano gerava um esforço, por parte do aparato policial, no sentido de ocultar a presença das meretrizes no espaço urbano.

Nos bordéis, onde o funcionamento cotidiano era submetido às normas policiais, as madames deveriam se fazer respeitadas conforme os valores burgueses da época. O modelo produzido por este contexto era um bordel asséptico, de salões elegantes. Longe de ser uma instância transgressora da ordem, o bordel reproduzia, a seu modo, valores ligados à conjugalidade burguesa. As falas das entrevistadas sobre as práticas sexuais realizadas nestes espaços não deixam dúvidas de que imperava o tradicionalismo, sendo que havia preconceito contra várias modalidades de relações sexuais, embora isto não impedisse que fossem realizadas nos recônditos dos quartos. As mulheres que praticavam sexo oral ou anal eram diferenciadas com a denominação de *completas*. Em uma das conversas com Edna, que morou em pensões do Centro e também no Curral das Éguas, a entrevistada contou-me, em tom de desabafo: “mulher, a gente encontra tanta coisa ruim nessa vida. Tinha homem que queria até que eu chupasse a *bicha* dele”. Confissão semelhante foi feita por Glória, que disse ter recusado uma proposta de casamento de um cliente depois que este, em um encontro, revelou que gostava de praticar o *cunilingus*.

Porque hoje, né, é tudo liberal... Mas naquela época, se tinha, era muito oculto, a mulher que fazia... sabão, né? Você sabe, né?... Mulher que fazia sexo oral, anal, se tinha, era uma coisa velada, escondida. [...] Simplesmente, eu nunca gostei de homem que faz sexo oral. Nunca gostei. [GLÓRIA, 2011].

---

<sup>39</sup> Modalidade de meretrício de rua.

Em Fortaleza, as casas de meretrício também receberam a alcunha popular de “casas de recursos”. A denominação remete à idéia do sexo venal como uma mercadoria útil, à disposição em determinados locais, aos quais os homens poderiam aceder para a satisfação de necessidades mais prementes. Tais *recursos* eram necessários ao escoamento da libido masculina, tida como irrefreável, por oposição à inexistência do desejo no elemento feminino. O comércio do sexo era, nessas casas, era a *commoditie*, o produto desprovido de maiores refinamentos. Assim, é compreensível que a denominação *casa de recursos* fosse usualmente atribuída aos prostíbulo mais simples, em bairros distantes, com um modo de funcionamento que não alcançava, a sofisticação das pensões galantes do Centro. Na fala das entrevistadas, as denominações “pensões” e “casa de recursos” são utilizadas de forma distinta, sendo que segunda forma é pejorativa.

As pensões do Centro encontram um paralelo histórico nas *maisons de tolerance* da França do final do século XVIII. O modelo francês, que misturava tolerância e repressão, tinha como características “o confinamento das meretrizes em prostíbulo sujeitos a regulamento rígidos; com a inscrição das prostitutas na polícia de costumes, sujeitas a exames periódicos, de forma a garantir a saúde coletiva” (MENEZES, 1992, p. 61). A adoção deste modelo em Fortaleza corresponde a uma visão regulamentarista do meretrício, adotada pelas autoridades brasileiras na primeira metade do século XX. A liberdade de circulação das meretrizes era tolhida em nome da preservação dos costumes. O controle médico e sanitário também era uma forma de salvaguardar a saúde das famílias<sup>40</sup>.

A regulamentação se refletia em medidas restritivas e proibitivas ao meretrício, lançadas periodicamente pela Secretaria de Segurança Pública. Em 1954, uma campanha de moralização engendrada pelo órgão impediu a “permanência das mundanas na via pública depois das 22 horas”<sup>41</sup>. Em 1957, nova decisão do referido órgão determinava que todos os bares e restaurantes da cidade deveriam fechar antes da meia-noite<sup>42</sup>. A Secretaria de Segurança Pública prometia deslocar o meretrício do Centro da cidade para o Farol do Mucuripe<sup>43</sup>, longe do comércio e das famílias de classe média.

A tolerância relativa para com as pensões alegres do Centro, contudo, teve um fim, e os salões com orquestras e inquilinas de longos vestidos ficaram apenas na memória dos remanescentes da época. As entrevistadas afirmam que, no início da década de setenta, as

---

<sup>40</sup> Mereceria um capítulo à parte a profusão de anúncios, vistos em jornais cearenses da década de 1950, de remédios e tratamentos contra a sífilis e outras doenças venéreas.

<sup>41</sup> Cf. Jornal O Povo, 22 de maio de 1954, p. 3.

<sup>42</sup> Cf. Jornal O Nordeste, 24 de julho de 1957, p. 2.

<sup>43</sup> Cf. Jornal O Nordeste, 20 de maio de 1960, p. 4.

últimas casas foram fechadas pela polícia. Dona Augusta, de oitenta e dois anos de idade, assim responde sobre o fechamento da pensão que manteve no Centro da cidade, por dez anos, entre as décadas de 60 e 70:

Érika: Como a senhora veio bater aqui no Farol?

Augusta: Era porque eu morava no Centro, e lá fechou, e eu vim pra cá.

Érika: Por que que fechou? Foi a polícia?

Augusta: Foi.

Érika: Foi mesmo?

Augusta: Foi a polícia que fechou.

Érika: A senhora se lembra o ano?

Augusta: Foi...eu num to lembrada não, primeiramente quando eu cheguei a morar aqui, e quando foi em sessenta e dois, em sessenta e quatro eu fui morar no Centro.[...] Foi, foram dez anos, aí fechou e eu vim de novo pra cá [AUGUSTA, 2011].

A presença das pensões no Centro durou até o início da década de setenta, quando novos esforços de ordenamento urbano levaram ao fechamento massivo das casas por parte das autoridades. No dia 06 de dezembro de 1971, foi publicada determinação do Secretário de Polícia, para que todos os cabarés fossem retirados do centro de Fortaleza, até o dia 30 do mesmo mês. O historiador Juarez Leitão enumera algumas casas atingidas pela medida ainda em dezembro de 1971, entre as quais a Boate Fascinação, que ficava situada à rua Major Facundo, nº 152; a boate Elite, na Rua Floriano Peixoto, nº 225; a boate Miami, à Rua Major Facundo, nº 170; boate da Emília, à Rua Pedro Borges, nº 130 e a Pensão do Zé Tatá, à Rua General Bezerril, nº 150<sup>44</sup>.

A determinação do secretário de Polícia foi repercutida no jornal Correio do Ceará<sup>45</sup>, que informava, na edição da mesma data, que a execução da medida estava à cargo da Delegacia de Costumes e Diversões, a mesma que expedia as carteiras de identificação das meretrizes da cidade. Ainda de acordo com a matéria, vários cabarés da área central da cidade teriam sido fechados pela Polícia no decorrer dos meses anteriores. O mesmo periódico, em edição do dia seguinte, sete de dezembro de 1971, torna a abordar o assunto, com a denúncia de que as medidas da Secretaria de Polícia seriam movidas por pressões da rede hoteleira, interessada em sanear o Centro da cidade<sup>46</sup>. O articulista critica a retirada dos prostíbulos, e argumenta que a medida estaria provocando a ida de casas de meretrício para áreas *familiares* da cidade:

<sup>44</sup> As informações que constam deste parágrafo estão no livro “Sábado, estação de viver”, do escritor cearense Juarez Leitão.

<sup>45</sup> Matéria “Polícia fecha todos os cabarés do Centro”, publicada no periódico local Correio do Ceará, na data de 06 de dezembro de 1971.

<sup>46</sup> Matéria “Mudança de cabarés”, publicada no periódico local Correio do Ceará, na data de 07 de dezembro de 1971.

Gostaríamos de aplaudir essa iniciativa. Não temos podido, entretanto, desde que se iniciou a retirada das casas de recursos do centro, senão criticá-la. É inadmissível que se continue, em face de um problema com tão graves implicações, simplesmente forçando mudança de localização desses antros. Os cabarés não são fechados propriamente, mas apenas impedidos de continuar a funcionar nas proximidades dos hotéis de primeira classe. Transferem-se, assim, para bairros familiares, como ocorre, por exemplo, com a praia de Iracema. [...]

Achamos que já é tempo de a Secretaria de polícia adotar, em relação a esse problema, uma posição definida, passando a entendê-lo não como questão que afete apenas determinada área da cidade, mas a toda a cidade, procurando equacioná-lo de forma a que o saneamento de um ponto não determine a poluição de outro. [CORREIO DO CEARÁ, 07/12/1971].

### 2.3.2. Aplaudidas na rua: lembranças do carnaval

*E um dia, afinal  
Tinham direito a uma alegria fugaz  
Uma ofegante epidemia  
Que se chamava carnaval<sup>47</sup>*

O sentido de ter vivido uma época privilegiada é nítido nas evocações de Augusta sobre o período vivido nas pensões do Centro da cidade. A memória de uma *época de ouro* é constituída em torno do valor da elegância, do glamour das casas que contavam com orquestras, garçons, pianistas, fotógrafos profissionais.

Entre os momentos citados nos relatos sobre os “bons tempos”, os carnavais ocupam lugar de destaque. Augusta, Novinha e Glória forneceram-me ricos relatos sobre os carnavais nas pensões do Centro e no Farol. Nestes períodos, a ordem pública sofria uma inversão<sup>48</sup>, e as prostitutas, personagens cotidianamente invisibilizadas no espaço urbano, podiam desfilar em avenidas centrais da cidade, sendo aplaudidas como atração pública.

Artigos publicados em jornais locais, escritos por cearenses que viveram os carnavais da cidade nas décadas de cinqüenta e sessenta, registram a existência de blocos carnavalescos compostos por meretrizes, misturando-se alegremente às famílias da “boa sociedade”. A escritora cearense Edna Moreira assim descreve a participação das meretrizes nos carnavais da década de 50:

O carnaval de Fortaleza, e isso me dá saudade, era chamado de “corso” e percorria a avenida Duque de Caxias, formado por centenas de carros alegóricos. À frente ia o Rei Momo, a rainha do carnaval e sua corte. Nos carros de trás iam rapazes, moças e famílias, todos da boa sociedade fortalezense. Encerrando o desfile, democraticamente vinha o caminhão enfeitado com as “mulheres da vida fácil”, todas com fantasias bem comportadas e atirando beijinhos para a multidão postada nas calçadas<sup>49</sup>.

A presença das mulheres das pensões nos cortejos carnavalescos também é lembrada pelo jornalista José Augusto Lopes, segundo o qual:

[...] a rapaziada ficava ansiosa para ver o “caminhão das prostitutas”, lá das “Pensões Alegres”. Aquelas mulheres da vida, mas de alto nível, desfilavam com fantasias bem ornamentadas. Brincadeiras de

<sup>47</sup> Versos do samba “Vai passar”, de Chico Buarque.

<sup>48</sup> Para Roberto DaMatta, o carnaval brasileiro opera “uma inversão do mundo”, em que a rotina e o trabalho são cambiados pelo prazer. Trata-se de uma inversão planejada, que suspende temporariamente hierarquias e diferenças sociais. Conferir DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco: 1986.

<sup>49</sup> Cf. MOREIRA (2004, p. 35-6).

mau-gosto com elas? Que nada. As jovens eram aplaudidas. (Jornal DIÁRIO DO NORDESTE, 1º/02/1999)<sup>50</sup>.

Também no Serviluz, as mulheres costumavam fantasiar-se para ir ao corso. Novinha contou-me, em uma conversa que não foi gravada, sobre um de seus carnavais, quando foi assistir aos desfiles na avenida Duque de Caxias, no Centro da cidade. A lembrança deste episódio é, para ela, bastante penosa, pois o carnaval era uma data muito esperada e o passeio foi frustrado por uma intervenção policial. Fantasiada e acompanhada de suas inquilinas, Novinha havia providenciado motorista e um jipe alugado para ver o corso. Outros grupos de meretrizes estavam no local, e brincaram o carnaval normalmente. O jipe de Novinha, no entanto, levava também dois meninos, filhos de mulheres da casa.

A entrevistada conta que, ao descer do carro, foi de pronto abordada por um policial, que lhe ameaçou de ser presa por levar duas crianças ao corso “com esse monte de mulher”. As perguntas dirigidas a Novinha pelo policial, conforme relatado pela narradora, demonstram que, à época, uma mulher no espaço público sem a companhia de um responsável masculino, pai ou marido, ainda era vista com suspeição. O policial perguntou-lhe se era solteira, se morava sozinha e se era meretriz, para em seguida alertá-la: “você sabia que não podia estar aqui com esses meninos e esse monte de mulher? Você sabia que você vai presa?”. Novinha conta que, após ameaçar prendê-la, o policial mandou-lhe que voltasse para casa. “Aí me liberou, me mandou deixar os meninos em casa, mas também acabou meu carnaval. Eu fui, deixei o menino em casa, e fiquei em casa me embriagando, sozinha”.



Figura 15 Augustina, na escadaria de uma pensão, fantasiada de Zorro, para ir ao corso. Fonte: arquivo da entrevistada.

<sup>50</sup> VASCONCELOS, Helena. O carnaval da chiquita bacana: pesquisadores e memorialistas lembram os carnavais do passado. Jornal Diário do Nordeste, Fortaleza, Ceará, 1º fev. 1999. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/1999/02/01/030001.htm>

Na foto ao lado, de quando era proprietária de uma casa de prostituição no Serviluz, Novinha aparece com calças bufantes e blusa colada ao corpo, além de luvas. Explicou-nos que aquela era fantasia da madame, que deveria ser diferente da confeccionada para as “inquilinas”.



Figura 16 Fonte: arquivo da entrevistada.

Glória contou-me sobre os carnavais da boate Chave de Ouro, no Farol. As lembranças da entrevistada são mais recentes, da década de oitenta.

Glória: Digamos, quando faltava dois mês [meses] pro carnaval nós já começava a organizar o salão...

Érika: *A senhora se divertia, gostava?*

Glória: Amava! Eu amava, não vou mentir. Eu queria que um cabaré de hoje fosse como o de antigamente. [...]

Glória: Isso aqui era na boate que a gente morava, e aí todo carnaval a gente fazia as fantasias, e fazia um bloco. Era na boate da Mariana, a Chave de Ouro, uma casa aqui perto, que hoje é uma lanchonete . Você vai ver muita foto aqui. Essas fantasias a gente preparava só pro carnaval. Cada carnaval, roupas diferentes [GLÓRIA, 2011].

Nas fotos, a simplicidade das fantasias, com ares de improvisado, contrasta com o esplendor descrito na fala da entrevistada. Purpurina, batons vermelhos e enfeites chamativos dão o tom *kitsch* das fantasias festivas. No entanto, mesmo que as fotos não reflitam o luxo mencionado no discurso, é pelo discurso do glamour que a personagem constrói os significados que são objeto de minha interpretação. Não interessa aqui se Glória está construindo um mito de origem pessoal ou se está fornecendo um relato fidedigno, mas o papel que os sentidos de elegância e glamour operam na construção de sua identidade. A

elegância funciona, no discurso de Glória, como fator de legitimação social e diferenciação. Associando à sua história no meretrício o valor distintivo do glamour, Glória se identifica com as mulheres de ontem e se diferencia das prostitutas de hoje, sobre as quais recaem os estigmas da promiscuidade:

Porque hoje, a batalha é totalmente diferente. As mulheres tudo com o rabo de fora! No nosso tempo, não. No nosso tempo, as mulheres eram tudo de longo, de salto alto, de meia, de cabelo feito [GLÓRIA, 2001].



Carnavais na boate Chave de Ouro, década de 80. Fonte: arquivo pessoal da entrevistada.



## 2. 4. Novo deslocamento: da Rua da Frente à Zona do Farol

Para entender a formação da zona de meretrício do Farol do Mucuripe, é preciso remontar às mudanças nos usos urbanos da praia do Mucuripe, ainda na década de 40. Como explicado anteriormente neste mesmo capítulo, as restrições ao meretrício no Centro da cidade estavam entre os fatores que atraíram as atenções dos boêmios para a praia do Mucuripe. Nessa época, anterior à construção do Porto, a praia da região passou a ser conhecida como promíscua, “praia de ébrios”<sup>51</sup>. Conviviam nesse espaço os habitantes miseráveis do bairro, que tinham nos botecos uma forma de lazer e lucro. Na rua principal do bairro do Mucuripe, chamada pelos moradores de Rua da Frente, pela proximidade com o mar, numerosas prostitutas fixaram moradia, como descreve Blanchard Girão:

a rua da Frente era uma Babel. Uma mistura total de gente. Famílias veteranas, netos e filhos de velhos jangadeiros, pobres arruinados que se foram abrigar naquela praia miserável. E muitas, numerosas prostitutas. Como o “curral” do antigo Arraial Moura Brasil, o Mucuripe, por muitos anos, foi um imenso antro de prostituição (GIRÃO, 1998, p. 130).

A criação da zona de meretrício nas proximidades do Farol do Mucuripe foi determinada pelo início das obras da avenida Beira-Mar. No dia 12 de agosto de 1962, o jornal cearense *Gazeta de Notícias* dava conta que o prefeito Cordeiro Neto havia participado da inauguração oficial das obras da avenida Beira-Mar, destacando que os trabalhos tiveram início “próximos ao entreposto Dragão do Mar, exatamente na zona que mais desapropriações foram feitas, tendo a prefeitura indenizado mais de 300 proprietários de casas demolidas”<sup>52</sup>.

A zona foi criada de improviso, porque as prostitutas da antiga Rua da Frente, do bairro Mucuripe, precisavam ser removidas para dar lugar à construção da avenida Beira-Mar. A face da cidade estava sendo transformada, na gestão municipal do General Cordeiro Neto (1959-1963). Segundo Otacília Verçosa, a Tatá, que representou a comunidade diante do prefeito na época da destruição da rua da Frente, duas mil pessoas foram deslocadas para os arredores do Farol (GIRÃO, 1998, p. 206). Foi o padre José Nilson, pároco do Mucuripe à época e pelos 50 anos seguintes, que indicou Tatá para as negociações com o prefeito, sensibilizado com a expulsão das mulheres da rua da Frente para a área inóspita do Farol:

[...] naquele tempo, não tinha quem quisesse ir para o Mucuripe. Ali era pobre demais. Não tinha quase nada. As casas eram de palha e a igreja também. Tinha as meninas da Beira Mar que moravam em frente à capela de São Pedro. Elas me deram trabalho não pelo

<sup>51</sup>Carta do leitor ao jornal *O Povo*, 21.11.1951, p. 3.

<sup>52</sup> Cf. *Jornal Gazeta de Notícias*, 12 de agosto de 1962, p.5.

comportamento delas, mas porque, no tempo do Cordeiro Neto [prefeito de Fortaleza de 1959-63] ele queria tirá-las de lá e então eu enfrentei. Disse que ele só tiraria se as colocasse num lugar propício para elas. Ele as colocou no Farol [...].

No tempo que queriam fazer a Beira-Mar, o prefeito [Cordeiro Neto] arranhou uma pessoa para indenizar casa por casa, mas era uma coisinha de nada. Então, pedi a ele que desse uma casa, mais ou menos, conforme elas viviam. Em parte, ele atendeu. Mas elas não gostaram muito da ida lá para o Farol porque não tinha quase ninguém – tinha, talvez, umas três ou quatro casas"<sup>53</sup>.

Apesar dos esforços de negociação com o governo municipal por indenizações justas para as famílias da rua da Frente, padre Nilson afirmava:

“Não sei se os resultados foram satisfatórios. Houve quem tirasse algum proveito daquela situação. Pelo menos é o que se propala até hoje. Na verdade, consegui pelo menos que não fossem simplesmente enxotadas como cães vadios” (GIRÃO, 1998, p. 208).



**Figura 17 Farol do Mucuripe, década de cinquenta.  
Um pequeno número de famílias de pescadores habitava as proximidades.  
Fonte: Arquivo do memorialista Nirez.**

O êxodo rural também contribuiu para o rápido povoamento da zona de meretrício. A migração de mulheres do interior do Estado é explicada pela falta de políticas de fixação das pessoas no campo, associada a outros fatores, como a moral familiar tradicional, motivo das fugas e expulsões de muitas adolescentes do seio familiar.

<sup>53</sup> Entrevista de Padre José Nilson ao jornal *O Povo*, publicada em 9.3.2004.

Em 1983, Anjos Júnior registrava que além da rede elétrica – exigência de Tata aceita por Cordeiro Neto em 1961, nada mais havia sido instalado em benefício da população do Farol. Serviços de água e esgoto ainda não haviam sido instalados. Em 2011, período dessa pesquisa, condições de saneamento bastante desfavoráveis foram encontradas nas proximidades do Farol Velho, em que esgotos correm em céu aberto em pequenas ruas não lineares e na favela próxima.



Figura 18 As proximidades do Farol. Foto de 2006. Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Quando a vila do Mucuripe desapareceu, dando lugar à zona de meretrício do Farol, a modalidade de prostituição portuária se consolidou. A proximidade do Cais e o desemprego dos homens do bairro tornaram os estrangeiros os clientes preferenciais.

As zonas de baixo meretrício representam a fronteira entre o espaço organizado, moralizado, de uma cidade, e a área em que o interdito tem sua “válvula de escape”. Em pesquisa realizada no início da década de 80, Anjos Júnior registrou que as moradoras do Farol do Mucuripe se referem à zona de meretrício como “o mundo de dentro”, em

contraposição ao “mundo de fora”, a cidade disciplinar, em que os pecados são escondidos. (ANJOS JÚNIOR, 1983, p. 85).

As mulheres que migram do interior do Estado em busca de melhores oportunidades de emprego e passam a se prostituir nas proximidades do Farol do Mucuripe, no bairro do Serviluz, experimentam uma dupla estranheza: passam a viver em um espaço que é, ao mesmo tempo, urbano e de fronteira.

#### 2.4.1. “Idade de ouro” e decadência da zona do Farol

As mulheres com as quais conversei, embora tenham exercido o meretrício em diferentes regiões da cidade, compartilham o mesmo pressuposto: o de que as décadas de 60 e 70, em que estiveram nesta atividade, representariam a época de ouro da prostituição em Fortaleza<sup>54</sup>.

O discurso sobre os bailes das pensões alegres do Centro, sobre as festas das boates do Serviluz ou sobre as farras nas noites do *Curral*, guarda similitudes neste aspecto, quando as mulheres se referem, saudosas, à prodigalidade dos clientes, à elegância nos trajes e aos aspectos da sociabilidade festiva vivida nesses espaços.

O imaginário de uma época de ouro da zona de meretrício, resumido pelas entrevistadas na expressão “o tempo bom do Farol”, pode ser melhor compreendido a partir de uma série de fatores subjetivos e sócio-históricos. Do ponto de vista individual, a vivência do período por vezes aparece, nas falas das entrevistadas, como uma experiência privilegiada. Apesar da inconstância dos ganhos diários, as entrevistadas tiveram, cada uma a seu modo, a oportunidade de participar do mundo do consumo. Tratavam-se de mulheres que, vindas do interior, haviam se deparado com os hábitos urbanos, e com o frenesi da modernização da capital<sup>55</sup>. Chegaram a viajar em aviões e tiveram acesso a produtos importados, experiências na época só acessíveis aos mais ricos. As próprias características do movimento na zona portuária favoreciam o comércio sexual. Antes da popularização dos contêineres e da automatização no transporte marítimo brasileiro, um grande número de estivadores era necessário para o embarque e desembarque das cargas. Além disso, a

---

<sup>54</sup> Sinceros agradecimentos ao antropólogo Hélio dos Santos Silva (UFRJ), que me chamou a atenção sobre o risco de reproduzir, de forma acrítica, o discurso das entrevistadas sobre a *época de ouro* do meretrício em Fortaleza. Foi-me valiosa a discussão do autor sobre o mito de origem da Lapa, na obra “Travestis: entre o espelho e a rua” (2007).

<sup>55</sup> Sobre a modernização da cidade, conferir o trabalho de Gisafran Nazareno Mota Jucá. Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza. São Paulo: Annablume, 2003.

permanência dos mesmos no porto poderia se estender por períodos de até quinze dias<sup>56</sup>.

A partir da década de setenta, a utilização das grandes caixas de aço substituiu gradativamente o trabalho de muitos marítimos, e esta tendência foi acentuada recentemente, com a informatização do sistema. O menor movimento de marítimos foi, como se pode imaginar, um dos fatores determinantes para a decadência da zona de meretrício.

Os pescadores também representavam uma clientela atrativa, pois conheciam tempos de abundância, com o comércio da lagosta. Neste contexto, pescadores locais e marinheiros de outros países faziam parte de um “circuito de concorrência masculina pela preferência e estima das prostitutas mais bonitas, benquistas, apreciadas e comercialmente procuradas”. (SÁ, 2011, p. 06). A competição no mercado afetivo e sexual da zona de meretrício era acirrada, e a preferência das mulheres pendia para os estrangeiros, “considerados menos grosseiros e mais generosos” (NOGUEIRA, 2007, p. 53). A preferência pelos estrangeiros é referida com frequência pelas mulheres com quem conversei, e foi constatada também na etnografia produzida naquela comunidade por Anjos Junior, no início da década de 1980:

detêm muito mais prestígio, confiança e preferência para a prostituta, pois a tratam com mais atenção e deferência, sendo também mais generosos no que diz respeito à compensação monetária (...) também lhes atribuem atrativos físicos, o que constitui um sinal importante para elas dentro da concorrência interna” (ANJOS JUNIOR, 1983, p.115).

Dentre os homens locais, os lagosteiros tinham melhores condições de fazer frente aos estrangeiros, clientes preferenciais. Glória representa uma exceção entre as entrevistadas, e afirma que “gostava mais era de navio brasileiro. Pescador, mestre de barco”, e que no Serviluz dos velhos tempos havia “muito mestre de barco bom pra mulher”. Nesta época, a rua principal do bairro, apinhada de boates, ganhava a denominação de a “Las Vegas” do Ceará (NOGUEIRA, 2007, p. 56). No início da década de 1970, a imprensa local divulgava projeções otimistas para as exportações de lagosta. “A euforia toma conta de todo brasileiro, e já se diz que nosso país será o Japão da década de oitenta”, afirmava a coluna de Negócios do jornal Correio do Ceará, em dezembro de 1971<sup>57</sup>. A perspectiva favorável, contudo, mostrou-se equivocada, tendo em vista que a exploração indiscriminada do crustáceo causou o esgotamento deste recurso pesqueiro.

---

<sup>56</sup> As informações sobre a mudança no sistema de estiva foram obtidas no trabalho já citado do historiador André Nogueira (NOGUEIRA, 2006, p. 67).

<sup>57</sup> Cf. Jornal Correio do Ceará, 27/12/1971, p. 11.

A decadência da zona de meretrício acentuou-se no início da década de 1980, causada pelos fatores acima expostos, e pela mudança no perfil do bairro, que passou a ser considerado uma localidade violenta, enquanto os traficantes de drogas foram incorporados como novos personagens locais. O aparecimento do vírus da Aids, na mesma década, também fez sentir seus efeitos sobre o comércio do sexo, diminuindo o público das *casas de recursos*.

#### 2.4.2. A chegada das mulheres do Curral

As entrevistadas exerceram o meretrício em vários espaços da cidade, o que plasmou vivências distintas conforme o cenário das experiências vividas. Nas casas de meretrício localizadas nos espaços conhecidos como Arraial Moura Brasil e “Curral”, em uma área próxima ao Centro da cidade, mas não tão privilegiada como as ruas centrais do comércio, o baixo meretrício assumia uma face “decadente”. Nas representações das mulheres que viviam na zona de meretrício do Farol do Mucuripe, o “Curral” era local considerado inferior. A presença das mulheres do Curral mobilizava, entre as meretrizes do Farol, sentimentos de reprovação e de medo. Tidas como *promíscuas* e violentas, as prostitutas do Curral representavam, com sua migração forçada para a zona do Farol, o risco de uma *contaminação* simbólica.

As representações das prostitutas do Farol a respeito das mulheres do Curral podem ser melhor compreendidas à luz das discussões da antropóloga Mary Douglas sobre ordem e o perigo da contaminação. Douglas escreve sobre o hábito de evitar a sujeira, observável tanto em culturas primitivas como na sociedade ocidental atual, e defende que este comportamento está ligado, em última instância, ao respeito às convenções. Segregando pessoas ou objetos que representam alguma possibilidade de contaminação, estaríamos agindo para preservar a ordem social. A *mistura* com as mulheres do Curral, para utilizar uma expressão comum nas falas das entrevistadas, representava, assim, a ameaça da desordem.

Porque aqui, antes de vir as mulher do Curral pra cá, aqui era calmo. Mas depois, veio as mulher do Curral, e aí começaram a cortar umas às outra. Aí, eles cortava umas às outra (NOVINHA, 2011).

E elas vieram pra cá, né, tiradas de lá, botadas tudo pra cá, da Beira-Mar, e da Coassa, pra cá, e foi ficando densamente povoado pelas boates. Então, foi ficando muito pros lados. E aí quando foram fazer a [avenida] Leste-Oeste, que é que aconteceu: pegaram todo aquele baixo meretrício de lá, as Cinzas e o Curral. As Cinza e o Curral, eu não sei qual tinha as mulheres mais promíscuas, se uma ou se era a outra, eu sei que todas eram. Mulheres que brigavam, que cortavam, aquelas coisas perigosas, sabe? Roubavam e tudo. Aí pegaram aquela massa real e botaram pra cá. Quando botaram aquela massa

pra cá, aí bagunçaram o coreto. Porque pelo menos antes eram mulheres selecionadas, né? Aí, o negócio ficou feio, né. E aí povoou mais ainda. E com a vinda, com o fechamento do porto de Camocim, né, e abriram aqui, aí aqueles trabalhadores do porto vieram tudo pra cá, com as famílias. Aí o Serviluz cresceu mais ainda, aí ficou aquela *mistura* só (DORINHA, 2010).

A ânsia diante da nova configuração da comunidade se revela nas oposições construídas no discurso de Dorinha: se, antes, moravam ali apenas mulheres *selecionadas*, a chegada das meretrizes do Curral instaura a desordem, por meio da *mistura* de antigas moradoras com personagens menos distintas. O conflito, da forma como é relatado pelas mulheres da zona do Farol, pode ser compreendido como a reação comum dos grupos *estabelecidos*<sup>58</sup> diante da chegada de novos residentes. Observando uma comunidade de periferia urbana, Norbert Elias (2000) constatou que grupos de moradores de longa data tendiam a estigmatizar grupos de recém-chegados na vizinhança (*outsiders*), enquanto se auto-representavam como humanamente superiores. Estes aspectos das relações estabelecidos-*outsiders*, observados por Elias nesta pequena comunidade, reafirmam seu caráter abrangente no contexto estudado nesta pesquisa de mestrado. A construção de uma imagem positiva partilhada por todos os membros de um determinado grupo compõe o que Elias chamou de “um carisma coletivo comum” (ELIAS, p. 40). Essa forma de orgulho coletivo reverbera, ainda segundo Elias, na autoimagem de cada indivíduo da comunidade em questão. As narradoras que se identificam como fundadoras da zona de meretrício o fazem demonstrando orgulho, assinalando que estabeleceram seus comércios às custas de grandes esforços. No bairro inóspito, sem fornecimento de água encanada e onde a energia elétrica havia chegado apenas recentemente, construíram casas de meretrício que atraíam marítimos e fregueses de várias partes da cidade. Ter vivido esses tempos difíceis e ter contribuído para a criação de uma área que prosperou é, para as “fundadoras do Farol”, um dos aspectos que positivam sua autoimagem. O discurso dessas mulheres não poderia estar mais distante das representações vitimizantes sobre as prostitutas.

O “carisma coletivo” de que fala Elias se traduz, para as entrevistadas, em uma série de qualidades atribuídas às mulheres das casas de meretrício do Farol. As moradoras da zona portuária listavam, entre suas qualidades distintivas, um maior grau de refinamento cultural, dado pela convivência com os embarcações de diferentes nacionalidades. A sociabilidade na zona do Farol tinha como elemento importante alguns códigos de *elegância*, centrados no vestir-se, no perfumar-se e na discrição. A vestimenta não deveria ser vulgar, e comportamentos considerados escandalosos poderiam precipitar a expulsão das mulheres das casas de meretrício. Usar perfumes e tecidos importados eram

---

<sup>58</sup> ELIAS, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

refinamentos valorizados na zona do Farol, marcada então por um certo ethos cosmopolita, e pouco usuais na zona de meretrício conhecida como Curral Moura Brasil. Dorinha distingue, em suas memórias, os comportamentos das mulheres de cada um desses espaços, procurando marcar as diferenças entre os dois grupos:

Então, briga, aqui, tinha pouco. Só tinha briga quando vinha mulher lá da Cinza pra cá. Quando fechava lá a Cinza, de madrugada, elas vinham pra cá. Aí de madame daqui, mesmo, não brigava, não. Agora, tinha: tinha o Forró do Expedito, tinha o Forró da Zizi – a Zizi já morreu, tinha o Forró do Zé Vitalino, que o Zé Vitalino era o Forró da Bala, que era o mais, por assim dizer, o mais vagabundo mesmo, viu? Aquelas mulheres que bebiam cachaça...

As mulheres da Mule Ruge, do Bar da Saionara, eram as mulheres classe A. Não andavam na rua, só saíam de táxi, só tomavam uísque. Nem cerveja, nem Rum Montila, nem Bacardi. Era uísque [Dorinha, 2010].

Cumprido destacar que a *mistura* com as mulheres do Curral representava não apenas a ameaça de um contágio simbólico, mas também o aumento da concorrência por clientes e a perspectiva de menores ganhos. O problema da maior oferta de serviços sexuais se aliava ao fato de que os preços cobrados nas casas do Curral e do Moura Brasil eram inferiores, se comparados àquelas das casas do Farol. Descrevendo uma mulher vinda da *Cinza*, área próxima ao Curral, Dorinha lembra:

[tinha] aquela lourona, de saia justa, que essa loura, tem coisa assim que fica na memória. Ela era gorda. *Eu acho que ela era da Cinza, e ela saía pra ganhar a vida fora, porque acho que ganhava melhor do que lá nas Cinzas* [Dorinha, 2010].

A presença das meretrizes do Curral, da Cinza e do Arraial representava, portanto, um ataque ao monopólio dos clientes e ao autoconceito grupal das mulheres do Farol. Denegrir a imagem das recém chegadas poderia ser um meio de distinguir-se do grupo considerado inferior. Tal atitude foi, neste período, fundamental à manutenção da autoestima positiva das moradoras mais antigas da zona de meretrício do Farol. A grandeza relacionada aos “bons tempos”, no entanto, está perdida, como constata Dona Glória:

- A batalha de hoje é muito fraquinha.  
 - Hoje em dia, a batalha não tá mais nem dando pras novas, né, Glória?  
 - Tá nada. Tem mulher aí que não tá arranjando nem pra comer.  
 [Conversa entre Beta e Glória, novembro de 2011].

O sentido de luto pelos velhos tempos pode ser percebido entre as mulheres que dizem que, hoje, “o Farol se acabou”. Associando a queda da zona com a decadência moral que atribuem às mulheres de hoje, as entrevistadas se colocam em um lugar privilegiado, de conservação de valores tradicionais.

### 2.4.3. A velhice da comunidade e a possibilidade de novos deslocamentos

As primeiras meretrizes que se estabeleceram na zona de meretrício do Farol vinham de vários pontos da cidade. Como já foi contado neste capítulo, o general Cordeiro Neto, então prefeito de Fortaleza, foi o responsável pelo marco fundador daquela zona de meretrício, quando desapropriou as casas da “rua da Frente”, no Mucuripe, que dariam lugar à avenida Beira-Mar, e determinou que as meretrizes que ali residiam fossem indenizadas e transferidas para as proximidades do Farol, na zona portuária da cidade. Após este primeiro momento, de transferência do meretrício do Mucuripe, a zona do Farol receberia outros grupos de mulheres, das pensões do Centro da cidade, do Curral, e da zona da rua Franco Rabelo, expulsas de seus locais originais pela Secretaria de Polícia. Essa história de nomadismo de reflete nas narrativas de cada uma das entrevistadas desta pesquisa. Enquanto viveram do meretrício, elas transitaram por diferentes áreas da cidade, sendo coagidas pelo poder público a deixar determinadas áreas da cidade, ou mudando o local de moradia e trabalho como forma de resistência<sup>59</sup>. No caso das mulheres cujas falas aparecem nesta pesquisa, embora tenham continuado a mudar de casas após a ida para o Farol, a moradia passou a se circunscrever nos limites do Serviluz. Algumas chegaram a possuir suas próprias casas de meretrício, outras deixaram a vida nas *casas de recursos* para se casar, mas a maioria permaneceu na prostituição até ver seus ganhos diminuídos pela chegada da velhice. Nesta fase, o sustento de algumas passou a ser garantido pela aposentadoria conseguida junto ao INSS, ou pela ajuda dos filhos, enquanto outras passaram a trabalhar como lavadeiras em busca da subsistência. Ao longo da pesquisa, conheci mulheres idosas, nas diversas situações descritas acima, que moram no Serviluz há décadas, desde a fundação da zona de meretrício. Entre elas, o sentido de pertença ao bairro é nítido. Apesar das dificuldades vividas ali, em função do abandono do poder público ao longo de diferentes gestões do governo estadual e municipal, as ex-prostitutas adaptaram-se à vida no bairro, e compensam as carências de sua posição social e econômica por meio de uma complexa rede de interações, em que os vizinhos ajudam-se mutuamente e trocam favores a cada vez que a necessidade exige.

Como afirma Ecléa Bosi, “os bairros tem não só uma fisionomia como uma biografia” (BOSI, 2003, p. 73). Enquanto a face do bairro se humaniza, à medida que experiências vão sendo vividas pelos moradores, a história do bairro se torna inseparável das biografias de seus habitantes. Esse sentido está muito presente para as mulheres que habitaram o bairro desde a sua fundação. É o caso de Novinha e Augusta, cujos anos iniciais nas casas de

---

<sup>59</sup> No trabalho de Ivonete Pereira, sobre a prostituição em Florianópolis nas primeiras décadas do século XX, encontramos boas referências para pensar os trânsitos de meretrizes pela cidade como formas de resistência à opressão das autoridades. CF. PEREIRA, Ivonete. *As decaídas: prostituição em Florianópolis (1900-1940)*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

prostituição coincidiram com os anos iniciais da zona do Farol. Sentada em uma cadeira plástica, na calçada de Dona Augusta, a escuto contar a história de como chegou ao Farol, de modo que a narrativa mistura sua própria trajetória e as mudanças no bairro. Ao longo da rua ela aponta várias casas e bares onde existiram as boates do Serviluz que estão em sua memória, nomeando uma a uma, e me assegurando que cada nome tem suas próprias histórias. A todo momento, a conversa na calçada é interrompida pelos cumprimentos dos vizinhos, que cumprimentam e iniciam rápidas conversas com Augusta.

Também na calçada de Dona Novinha, as interrupções dos conhecidos eram inevitáveis. Sua casa, em cuja entrada funciona um pequeníssimo bar, é ponto de parada, ao longo da tarde, para vizinhos que se servem de café, água ou porções de cuzcuz, e deixam cinquenta centavos ou um real como pagamento, ou ainda “penduram” a despesa. Novinha recebe as visitas e interrompe a entrevista para cumprimentar a cada um, perguntando-lhes sobre os problemas da família ou oferecendo conselhos. Esta performance me fala sobre sua conduta comum, de todas as tardes, mas creio que também seja reproduzida pela interlocutora para me mostrar o quanto é respeitada no bairro, o quanto seu papel de fundadora é reconhecido. Em uma dessas interrupções, um rapaz sem camisa servia-se, sem cerimônias, de um pouco de café. Novinha falava dos parentes que ajudara com seu trabalho, e o rapaz, que havia passado a ouvir a conversa, acrescentou prontamente, dirigindo-se primeiro a mim e depois à entrevistada: “Ela ajuda eu também, que eu tomo café e não pago. A senhora tem é muito filho, Novinha, e não sabe. Eu sou um deles”. No caso desta interlocutora, o fato de ter seu nome inscrito junto à história da fundação daquela comunidade, somado à conduta adequada ao *modus vivendi* da comunidade, lhe garante o atributo de “ter moral”, para usar uma expressão comum nos discursos das entrevistadas. Com essas palavras, Novinha resume a condição de respeitabilidade que lhe permite viver na comunidade de forma tranquila, apesar das imagens de medo associadas ao bairro pela mídia. Após a saída outro visitante, ela enfatiza a consideração que lhe é devida, mesmo pelas pessoas cuja conduta considera reprovável:

Novinha: E aqui eu não tenho medo. Tem muito vadio na rua, mas nenhum vem aqui na minha casa, que eles não são doido!

*Érika: A senhora diz que isso é por quê? Não vem aqui por que a senhora é conhecida?*

Novinha: É, eu acho que é. Nenhum deles vem aqui. Não mexe comigo não. Um dia desse eu dormi... Tem coisa que a gente faz sempre, e um dia se esquece. Eu fui dormir, pensei ter fechado essa porta. Deixei só encostada. De manhã, quando eu vi minha porta encostada, eu digo: “oh, meu São Francisco, levaram tudo que é meu. Olhei, as coisa tudo no mesmo lugar. Tá vendo? Se eu fosse *mau* pessoa aqui, eles tinha entrado, né. Que eu não sou. Às vezes eles faz malfeito, eu às vez dou o carão neles, mas não vou dizer ao

fulano: “você leve aquele menino preso, que ele fez isso e aquilo”. Não, de jeito nenhum!

*Érika: Tem que saber viver, né?*

Novinha: É. Quem luta na terra do ruim tem que ficar bem quietinha, viu? Né? Que é pra não acontecer nada, não ter inimizade com eles, né. Eles faz a danação deles pra lá. Aqui, não venham, não (NOVINHA, 2011).

Alguns dias após estas declarações, Novinha me conta que acabara de recusar uma oferta de vinte e dois mil reais por sua casa. O valor oferecido foi recusado, apesar de considerado alto. Novinha disse-me que não poderia sair do local onde conhecia a todos, e acrescentou: “se sair daqui, eu morro”. No mesmo dia, Augusta me fala de uma outra idosa, sua amiga, que teria sido uma das fundadoras do local. A neta de Augusta se oferece para apresentá-la a mim, mas Augusta interpela que a amiga está muito debilitada após sofrer um acidente vascular cerebral. O valor da pertença ao bairro, como condição para sobrevivência na velhice, é mais uma vez enfatizado neste episódio, quando Augusta afirma: “ela só não morreu ainda porque tem a ajuda de todo mundo aqui. Ela não tem família, mas os vizinhos conhecem, todo mundo ajuda, dá carona pro hospital, e assim vai”. Assim Augusta define sua opção de permanecer no Serviluz até o fim da vida:

Augusta: Mas o Farol é bom. O pessoal tem uma impressão... Mas aqui... Eu quero morar aqui, e não quero morar na Aldeota, tu acredita? Porque um lugar daquele todo fechado, às vezes a pessoa acontece uma coisa, um marginal, e aí aonde é que vai se esconder, tudo fechado as casas? Só se pular os muros. É, aqui é muito bom.

*Érika: Vizinho não se conhece, né, na Aldeota...*

Augusta: É, aqui é muito bom. Olha, o índio tem que morar na aldeia, onde ele conhece os índio. Aqui é muito bom. Eu gosto daqui do Serviluz, eu gosto, adoro aqui.

[...]

Não, eu moro aqui, esse horror de ano, todo mundo me respeita, gosta de mim, graças a deus, todo mundo me respeita, todo mundo. [Augusta, 2011]

A possibilidade de mudar de endereço no fim da vida assusta a algumas das entrevistadas. Enquanto estive em campo para a realização deste trabalho, um dos assuntos da ordem do dia na comunidade eram as reuniões do projeto Aldeia da Praia, da Prefeitura de Fortaleza, que prevê modificações nas áreas em que se situam as comunidades do Titanzinho e Serviluz, pertencentes ao bairro Vicente Pinzón. O projeto, que deve reestruturar a costa leste da cidade, pode afetar diretamente a algumas das entrevistadas, que teriam suas casas desapropriadas, após o pagamento de indenizações. As modificações urbanísticas poderão incluir, depois de terminadas as negociações entre Prefeitura e comunidade, construção de uma praça paisagística e calçadão ao redor da praia do Titanzinho. Para viabilizar as obras, seriam retiradas as casas da rua Titan, os

casebres nos becos próximos ao mar e parte das moradias do lado ímpar da avenida Zezé Diogo, nas proximidades do Farol. Algumas das mulheres participam ativamente das reuniões, e declaram os objetivos de, se possível, manter-se na mesma casa, ou obter outra residência nas proximidades do antigo endereço.

A despeito das mudanças no bairro, essas personagens encontram, no Serviluz, a possibilidade de reconhecer-se ali, onde as ruas ainda lhes possibilitam reter “um pouco de tempo em estado puro”<sup>60</sup>. Os indícios do passado que permeiam o lugar permitem que sejam revividas experiências, consolidando, por esta repetição, a posição do sujeito no mundo. Na janela de dona Novinha, aberta no novo muro que fechou a varanda da casa há poucos dias, foi preservada a visão do Farol, que ensejou o início de muitas de nossas conversas: “esse Farol, minha filha, era tão bonito”.

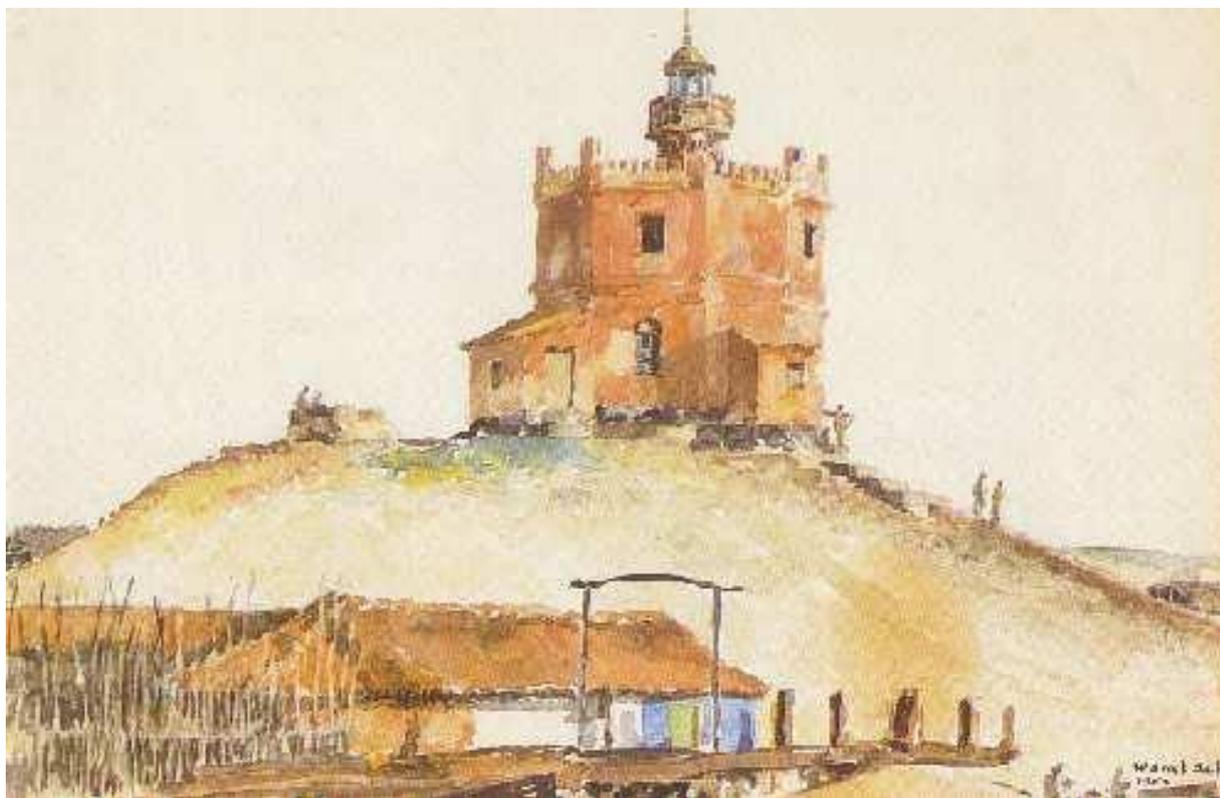


Figura 19 O Farol do Mucuripe, retratado em aquarela de 1957, do artista plástico belga Georges Wambach (1901-1965).

---

<sup>60</sup> Proust, O tempo redescoberto, página 153.



Figura 20 Farol do Mucuripe. Fonte: Secretaria de Turismo do Estado/ Divulgação.

À visão da paisagem familiar, amada, "logo se libera a essência permanente das coisas, ordinariamente escondida, o nosso verdadeiro eu, que parecia morto, por vezes havia muito, desperta (...)" (PROUST apud BOSI, 2007, p. 443). Por isso, era reiterada a cada encontro a vontade de não sair do Serviluz: "hoje, dois sobrinhos vieram me visitar. Querem fazer de tudo pra eu sair daqui. Mas eu não saio, minha irmã, de jeito nenhum, meu canto é esse aqui". Encontro uma metáfora para a situação dessas mulheres na fala de Novinha sobre as plantas que há alguns anos possuía na entrada da casa. Visitei-a em uma semana, quando decidiu transferir os arbustos para o quintal, para viabilizar a ampliação da frente da casa. Duas semanas depois, quando retornei, ela me contou que as plantas haviam morrido: "não se deram. Estavam aí há muito tempo, foi só mudar que se acabaram". Como disse Ecléa Bosi: "Mudança e morte se equivalem para o idoso" (BOSI, 2003, p. 75).

### 3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROSTITUIÇÃO COMO OBJETO SOCIOLÓGICO

#### 3.1 PROSTITUIÇÃO – DA VISÃO NORMATIVA À VISÃO POSITIVA

A opção pelo uso das narrativas para investigar o tema da prostituição tem sido a estratégia metodológica adotada por alguns autores que procuram evitar generalizações e a produção de enunciados essencializantes, redutores da complexidade do real, a exemplo de Fonseca (1996), Sousa (2004) e Pasini (2009). Nesta seção, examinarei algumas abordagens discursivas da prostituição, demonstrando como o tratamento do tema nas ciências sociais, que inicialmente refletia uma visão normativa, tem se modificado com a ênfase recente nos aspectos relacionais do fenômeno.

A prostituição talvez não seja a profissão mais antiga do mundo, como assevera o senso comum, mas pode-se afirmar que a figura da prostituta é uma das mais investigadas pelas ciências que perscrutam a verdade humana. Os mais diferentes discursos foram produzidos para descrever este personagem, a partir de diferentes locais de enunciação. Ao longo do século XIX, a figura da *mulher delinqüente* foi objeto de intensa produção discursiva, seja pela psiquiatria, pela antropologia criminal ou pela medicina social. Os enunciados produzidos pela ciência, no intento de encontrar verdades universalmente válidas sobre essas personagens, fabricaram sujeitos e legitimaram agenciamentos e formas de controle social.

No início do século XX, argumentos científicos amplamente aceitos afirmavam a necessidade de circunscrever a prostituição a espaços distantes do convívio das famílias e transparentes ao olhar disciplinador da polícia. Não por acaso, nas primeiras décadas do século passado, registram-se em jornais de Fortaleza ocorrências de prostitutas presas por circular nas ruas antes das 22 horas, em espaços considerados familiares (GUEDES, 2002, p. 55). Em um sistema que se retroalimenta, a produção de saberes configurava as condições objetivas de existência dos sujeitos investigados.

A reflexão de Michel Foucault sobre a produção das subjetividades nos permite não só uma tentativa de compreensão do processo de objetivação das mulheres que trabalham na prostituição, mas também formular algumas considerações a respeito da construção de papéis de gênero em nossa sociedade.

A forma como o ser humano torna-se objeto de investigação empírica é uma das preocupações centrais de Foucault. A produção de discursos de verdade sobre o homem

não é um fim em si mesma, mas se relaciona com outras instâncias e pode ser localizada entre os três eixos da obra de Michel Foucault – Saber, Poder e Subjetividade. Ao explicar o projeto de sua obra sobre a História da Sexualidade, o autor articula as relações entre os três eixos citados por meio do conceito de *experiência*:

Em suma, tratava-se de ver de que maneira, nas sociedades ocidentais modernas, constitui-se uma “experiência” tal, que os indivíduos são levados a se reconhecer como sujeitos de uma “sexualidade” que abre para campos de conhecimentos bastante diversos, e que se articula em um sistema de regras e coerções. O projeto era, portanto, o de uma história da sexualidade enquanto experiência, se entendermos por experiência a correlação, em uma cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade (FOUCAULT, 2009, p. 10).

Considerar a experiência como produto da injunção de tantos fatores diversos, histórica e culturalmente determinados, implica em negar quaisquer essencialismos. A leitura de Foucault assume uma dimensão não-fascista, na medida em que se compreende que não há experiências originárias ou verdades trans-históricas. A partir da compreensão de que não existe algo como a “essência” do indivíduo anormal ou a verdade da sexualidade humana, pode-se afirmar que não há, da mesma forma, justificativa para a classificação dos indivíduos e a produção de formas subalternizadas de existência.

Para Foucault, na constituição da cultura de uma época, atuam os regimes de verdade que lhe correspondem. Cada cultura acolhe determinados discursos que faz funcionar como verdadeiros, assim como

Os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2005, p. 12).

A negação dos essencialismos parte do argumento de que *os discursos produzem, sem cessar, o fundamento de sua própria história* (FOUCAULT apud EIZIRIK, 2005, p. 45). Examinar o pensamento científico a respeito da figura da prostituta pode ser esclarecedor do funcionamento desta dinâmica. Como os argumentos dos homens cultos de uma época podem afetar a vida cotidiana de milhares de mulheres que têm no meretrício sua fonte de renda?

A historiadora Margareth Rago investigou o cotidiano da prostituição feminina em São Paulo, no período de 1890-1930, e aponta a estreita ligação entre o interesse que a prostituição despertava em médicos, juristas e outras classes de homens doutos e a crescente preocupação com a moralidade pública neste período. No centro dos interesses em jogo, a definição de papéis sociais e códigos de conduta para o conjunto das mulheres. Para a autora, a prostituição constituiu-se em um universo empírico adequado ao estudo da moralidade e à construção de saberes (RAGO, 2008a, p. 22).

Desta forma, os argumentos sobre a prostituta foram criados sem a participação das mulheres estudadas. A diferença biológica dos sexos, alçada ao estatuto de verdade fundamental, com reflexos na vida cultural de homens e mulheres, foi o esteio para o desenvolvimento de teorias misóginas amplamente aceitas. A inferioridade feminina era, então, para as matrizes de pensamento positivista e evolucionista, um dado biológico incontestável. As teorias do cientista italiano Cesare Lombroso (1835-1909) exerceram, neste sentido, um papel importante. Dedicando ao desenvolvimento da antropologia criminal, Lombroso buscou, nas prostitutas, caracteres físicos que indicassem uma tendência natural e inelutável ao *vício* e à *delinqüência*, duas denominações então correntes para a participação de mulheres no mercado sexual. Em sua obra *La femme crimminelle et la prostituée* (1896, apud RAGO, 2008b), aspectos corporais eram apontados como indícios de uma tendência natural à criminalidade. Eram observados o tamanho dos quadris, a harmonia dos traços do rosto e outros aspectos. O corpo se torna, portanto, “o lugar de desvendamento e classificação científica dos indivíduos” (RAGO, 2008b).

As objetivações operadas pelos discursos morais e científicos podem ser exemplificadas a partir dos enunciados sobre a prostituição em diferentes momentos históricos e contextos culturais. De criminosas natas a profissionais do amor, diversos rótulos tentaram descrever a “verdade” sobre as prostitutas. A “vontade de saber” sobre as mulheres que viviam do sexo era tal que o nomadismo que caracterizava essas personagens tornava-se um irritante empecilho para os médicos e criminalistas interessados em pesquisá-las (RAGO, 2008a). A constante mudança de domicílio ou de local de comércio do corpo dificultava, mas não impedia, as classificações de comportamentos femininos.

No século XIX e início do século XX, predominava, entre as teorias sobre a prostituição, a tese de que haveria mulheres *naturalmente* propensas à prostituição, a despeito dos imperativos econômicos que pudessem estimular o ingresso no meretrício. Para Lombroso, a maior dentre as motivações para a entrada no mundo da prostituição seria um tipo de desvio, a “loucura moral”.

O antropólogo criminal teoriza que, "insensíveis à infâmia do vício, atraídas por uma fascinação mórbida por tudo o que é proibido, elas se entregam a este gênero de vida, porque encontram aí o melhor meio de viver sem trabalhar". (LOMBROSO, apud LEITE, p. 166). A luxúria não pode ser contada entre as causas porque, na compreensão deste pensador, a mulher era assexuada por natureza. Lombroso define a mulher *normal* como aquela em que a sensibilidade sexual não está presente de forma marcante, uma vez que os impulsos da sexualidade estão subordinados à vocação natural para a maternidade (RAGO, 2008, p. 185). A figura da mulher normal é construída, nesse contexto discursivo, com relação à do homem e também por comparação à imagem da mulher degenerada.

As alianças da ciência e da moral polarizaram as alternativas de identificação disponíveis para as mulheres. Era possível ser classificada como "santa" ou "degenerada". Tais discursos, sob o aparente objetivo de desvendar a realidade e produzir saberes para o controle social, acabam conformando e produzindo o quadro que descrevem. Assim, a delinqüente nata produziu a dona de casa. Concordamos com Rago, que observa como "a dona-de-casa agarrou-se ao modelo da mulher casta tanto mais firmemente quanto ele se distinguia do modelo da 'mulher da vida', símbolo da perdição e da monstruosidade". (RAGO, 1997, p. 89).

Assim como os criminosos, as prostitutas apresentariam, conforme as teorias da época, sinais físicos de sua degenerescência: os estigmas. A identificação entre prostitutas e criminosos é total, de modo que o autor chega a afirmar, em sua obra "A mulher criminosa e a prostituta", de 1896, que "a prostituição é, em suma, o lado feminino da criminalidade". (LOMBROSO apud RAGO, 2008, p. 189).

A proximidade entre as duas categorias era corroborada pelo neurologista português Egas Moniz (1874-1955), em sua obra intitulada "A vida sexual – Pathologia", de 1906, que afirma: "as estatísticas e os fatos parecem demonstrar que há prostitutas-natas, como há criminosos-natos". (apud LEITE, 2006, p. 167).

A crença na tendência natural de certas mulheres para a prostituição não foi desacreditada tão cedo no pensamento social brasileiro. Na obra *Sexo e Prostituição*, de 1967, o jornalista e criminalista Armando Pereira tenta validar sua tese sobre a *prostituta em potencial* a partir de sua experiência como delegado de polícia na zona de meretrício do Mangue, no Rio de Janeiro. Apesar de apontar, como o principal fator para a entrada no meretrício, a necessidade econômica, o autor reitera a idéia que "(...) há *causas internas*, de várias naturezas, a influir na conduta da prostituta. Sejam neuroses, psicoses, oligofrenia, sejam a perversão, a leviandade, a ambição, sejam as glândulas endócrinas" (PEREIRA,

1967, p. 65). E completa: “não há fugir dos fatores endógenos, eles criam, não há negar, os estados prostitucionais”(op. cit., p. 69).

Ainda no século XIX, outro estudioso que colaborou na construção deste imaginário social, Parent-Duchâtelet (1790-1836) investigou a prostituição na França e definiu como características principais da prostituta a imaturidade moral e intelectual. Na visão deste teórico, a prostituta poderia ser igualada a uma criança que não teria seu senso moral completamente desenvolvido. Duchatelêt influenciou amplamente o pensamento médico-sanitarista brasileiro e a polícia de costumes do país ao longo de todo o século XIX. À imagem da prostituta como incapaz, necessitada do auxílio do Estado, somavam-se neste ideário o temor do “perigo venéreo” e a crença na inevitabilidade da prostituição, enquanto fenômeno social. Duchâtelet notabilizou-se por afirmar que:

Prostitutas são tão inevitáveis em um grande centro urbano quanto são os esgotos, as estradas e os depósitos de lixo. A atitude das autoridades deve ser a mesma, tanto com relação aos últimos, como àquelas (apud Ditmore, 2006, p. 343).

Para lutar contra o perigo que as degeneradas representavam, Duchâtelet propugnava um ideal de vigilância permanente: “(...) que possamos, de qualquer maneira, estar ao mesmo tempo, em toda parte” (apud RAGO, 1997, p. 85).

Os argumentos moralistas de Duchâtelet faziam parte do projeto regulamentarista, à época em aplicação na França e considerado exemplo para o controle da prostituição no Brasil. A proposta era a de um disciplinamento da prostituição, de modo que esta não se chocasse com os valores burgueses.

A categoria das prostitutas era alvo do *poder disciplinar*, exercido sobre os corpos, com objetivo de extrair deles o máximo de eficácia. A disciplina, segundo a análise foucaultiana, é uma técnica de poder que deveria “aumentar a força econômica do corpo e, ao mesmo tempo, reduzir sua força política” (CASTRO, 2009, p. 112), obtendo corpos úteis e dóceis. A disciplina procede a uma série de práticas, visando principalmente à distribuição dos indivíduos no espaço e ao controle de suas atividades. O descumprimento das condutas indicadas correspondem, no domínio da disciplina, a sanções específicas, com o objetivo de normalizar os sujeitos e suas condutas. Os alvos privilegiados da vigilância eram os grupos fora da norma, como os criminosos, loucos, mendigos e prostitutas.

Uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de técnicas de poder centradas na vida. A principal característica das técnicas de normalização consiste no fato de integrarem no corpo social a criação, a classificação e o controle sistemático de anormalidades (FOUCAULT, 1999, p. 141).

Médicos e higienistas vão encontrar, na figura da prostituta, uma ameaça à saúde da população. Para combater esse risco, serão articuladas estratégias de disciplinamento dos indivíduos e de esquadramento do espaço.

O comércio do sexo, visto como mal necessário, deveria ser gerido de perto. Para tanto, a prostituição deveria ser banida das áreas da cidade em que circulavam as famílias. Preferencialmente, as prostitutas deveriam se recolher aos bordéis.

Atualmente, em tempos pós-Aids, a prevenção do contágio tem sido fator motivante de uma nova produção discursiva sobre a prostituição, em que o sexo continua a operar o papel de produtor das subjetividades. É sintomático desta mudança que um novo projeto político-ideológico tenha entrado em cena, no início dos anos 2000, para representar o posicionamento do Ministério da Saúde diante da prostituição. A Rede Brasileira de Prostitutas, fundada em julho de 1987 durante o I Encontro Nacional das Prostitutas, defende a *autodeterminação* da mulher prostituta. Trata-se de uma política institucional que luta pela eliminação das leis específicas sobre prostituição, objetivando o fim das discriminações entre as prostitutas e quaisquer cidadãos. A meta do movimento é a legalização do comércio do sexo e a regulação dessa atividade definida como comercial.

Os novos enunciados operam a partir de um deslocamento fundamental na imagem da prostituta – de degenerada com mentalidade infantil, intelectualmente limitada e necessitada do auxílio e vigilância do Estado, à adulta responsável por uma decisão e detentora de um determinado conjunto de conhecimentos específicos sobre o sexo e o próprio corpo.

Assim como o abolicionismo<sup>61</sup>, a política de autodeterminação das prostitutas está inscrita no dispositivo da sexualidade e funciona a partir dele. É uma estratégia em que se tenta dar espaço para a fala dos sujeitos que serão visados pelas políticas elaboradas. Como descreve Michel Foucault, em *Microfísica do Poder*, trata-se de “uma inversão estratégica de uma ‘mesma’ vontade de verdade”. É um momento em que os sujeitos subalternizados aceitam o desafio de “partir desta sexualidade na qual se procura colonizá-las e atravessá-la para ir em direção a outras afirmações”. (FOUCAULT, 2005, p. 234).

---

<sup>61</sup> O Brasil assinou em 1951 o Tratado Abolicionista Internacional, na Organização das Nações Unidas (ONU). Os países que assinaram esse tratado se autoproclamam abolicionistas. Criado na Inglaterra no século XIX, o abolicionismo é uma corrente ideológica que defende a eliminação total da prostituição, a abolição dessa atividade. Os países abolicionistas toleram a prostituição, uma vez que não consideram a pessoa prostituída como criminosa mas são contrários à regulamentação. Atualmente, o abolicionismo tem grande expressão na França e na Suécia.

A prostituta ressurgiu, em textos técnicos de governo e em manuais para aplicação de políticas públicas, não mais como a delinqüente nata, mas como a profissional do prazer, ou uma psicóloga do sexo, detentora de saberes relacionados à sedução e satisfação de clientes, bem como à prevenção de DSTs.

Os agenciamentos sobre os corpos para deles obter a máxima eficácia, como descrito por Foucault, ainda permanecem, de forma cada vez mais insidiosa. No caso das prostitutas, observa-se que já não são inscritas no conjunto dos sujeitos *anormais*, mas são consideradas, a um só tempo, responsáveis por uma opção de vida e integrantes de uma população *vulnerável*. Do ponto de vista social, o conceito de vulnerabilidade se refere à marginalidade, à profissão não-regulamentada e às condições de higiene precárias encontradas em alguns locais de trabalho.

Desta forma, as prostitutas permanecem como objeto de práticas de poder e controle exercidas através da produção de saberes sobre a sexualidade. Verificamos a persistência de uma normatização ética do uso do corpo. Até mesmo hipóteses eugenistas, deixadas no passado como pseudociências ou protociências, sobrevivem no bojo de uma nova valorização do conhecimento científico, em curso na contemporaneidade. O entusiasmo social em torno das pesquisas genéticas aponta o retorno a um novo fisicalismo, permeado de soluções essencialistas sobre o que seriam o sujeito e o sexo.

O meretrício confinado em prostíbulos continua a existir, mas outras modalidades ampliam a cartografia das práticas de prostituição. Verifica-se a expansão de casas de massagem, saunas, anúncios para atendimento em domicílio e soluções tecnológicas como sites de acompanhantes e contato virtual. Além disso, ampliou-se também o nomadismo das prostitutas, que participam de um mercado erótico e afetivo que não pode ser confundido com as redes de tráfico para fins de exploração sexual. A volatilização do mercado erótico provoca a escalada de novos pânico morais e de novos questionamentos sobre o que é uma mulher “honrada” e de até onde vão as liberdades sobre o uso do próprio corpo.

As prostitutas têm algumas coisas muito interessantes a nos ensinar, para além dos saberes produzidos pela incitação discursiva sobre o sexo. Ao mesmo tempo que vivem a imposição de agenciamentos corporais e subjetivos, exercem sua sexualidade contrariamente ao que os valores vigentes sugerem como modo de ser mulher. A transgressão da norma, no entanto, não as distancia dos modelos homogeneizados de subjetividade, pelos quais medem, afirmam ou negam sua própria normalidade, seu êxito subjetivo, sua humanidade. No estudo da prostituição poderemos conhecer, como sugere

Guattari<sup>62</sup>, detalhes da microfísica do desejo que perpassa relações fundamentais em nossa sociedade. Para além de falsos essencialismos, estas personagens podem descortinar a riqueza de relações em processo. No embate da construção e desconstrução de uma identidade deteriorada, suas trajetórias revelam linhas de fuga diante de estratégias limitantes de governo da vida a que estamos submetidos.

### 3.2. Sociabilidades: tentativas de compreensão

Na pista de Geertz, entendo que compreender a cultura de um determinado segmento da sociedade é uma forma de expor sua normalidade sem reduzir sua particularidade (GEERTZ, 1989, p. 10). Mesmo na atualidade, após a perda do estatuto científico das teorias sobre a *criminosa nata*, é possível observar, em alguns esforços de pesquisa, o pressuposto de que prostitutas seriam mulheres com algum grau de exotismo. Pesquisas de viés psicologizante tentam estabelecer, com estatísticas ou entrevistas de histórias de vida, alguma ligação entre a entrada no meretrício e a ocorrência de abusos sexuais na infância<sup>63</sup>. Através do entendimento de suas relações familiares e entre colegas de profissão (BACELAR, 1982, FONSECA, 1996), seria possível compreender que prostitutas não são criaturas exóticas, mas mulheres comuns, e que este fato não elimina as especificidades culturais e simbólicas dos diferentes espaços de prostituição.

O que constituiria, então, a especificidade da prostituição enquanto fenômeno social? Margareth Rago observa que as pesquisas sobre o tema, que ganharam maior expressividade no século XIX a partir de uma referência médico-policia, constroem explicações sobre prostituição como disfunção orgânica ou como transgressão, modelo oposto ao bom funcionamento moral da sociedade. Tais explicações negativas, que definem o objeto em função daquilo que ele *não* é, pouco contribuíram para estabelecer o que seria o próprio fenômeno da prostituição. Por outro lado, muitos foram os fantasmas e ditames morais engendrados por essa produção discursiva sobre as sexualidades insubmissas.

---

<sup>62</sup> (...) Mas há também toda uma micropolítica do desejo, extremamente complexa, que está em jogo entre cada pólo desse triângulo e diversos personagens tais como o cliente e o policial. As prostitutas têm certamente coisas muito interessantes a nos ensinar a respeito disso. E ao invés de persegui-las, tinha-se mais é que subvencioná-las, como se faz com os laboratórios de pesquisa! Quanto a mim, estou convencido de que é estudando toda essa micropolítica da prostituição que se poderia esclarecer, sob uma nova luz, pedaços inteiros da micropolítica conjugal e familiar – a relação de dinheiro entre o marido e a mulher, os pais e os filhos, e, mais além, o psicanalista e seu cliente. (Seria preciso também retomar o que os anarquistas da belle époque escreveram a este respeito). (Guattari, 1981)

<sup>63</sup> Para refutar a ligação de meretrício e abuso na infância, a antropóloga Cláudia Fonseca questiona sobre qual seria a explicação para as mulheres que sofreram abusos sexuais e tornaram-se cientistas sociais, professoras, ou vieram a exercer quaisquer outras atividades (1996).

Autores como Rago (2008) e Sousa (2008) entendem que o viés da sociabilidade pode ser um caminho prolífico para o entendimento da prostituição em sua especificidade, ponto de vista de que compartilho. Destacando o aspecto relacional da atividade de prostituição, Sousa aproxima-se da figura do cliente para examinar o tema, a partir de pesquisa de campo realizada no início dos anos oitenta em prostíbulos do Centro de Fortaleza. A autora prestou uma importante contribuição ao estudo das sociabilidades na prostituição, ao indicar uma lacuna na bibliografia, que sempre privilegiou a prostituta, como se essa fosse a única personagem nos cenários sociais estudados. Os clientes das prostitutas também foram os sujeitos da pesquisa realizada por Pasini (2009) entre os anos de 2002 e 2004, na zona de baixo meretrício da Vila Mimosa, no Rio de Janeiro.

A partir dos relatos dos clientes e da observação etnográfica, Pasini propõe que os homens freqüentadores de prostíbulos não estariam em busca apenas do sexo pago, mas de uma *sociabilidade* própria dos estabelecimentos da Vila Mimosa, e interessados, também, em compartilhar momentos de lazer com outros homens (op. cit., p. 249). Ao formular sua compreensão da prostituição, a autora definiu a atividade como “um sistema relacional, visto que é realizado entre duas ou mais pessoas”. Os aspectos dessas relações engendram uma série de dilemas morais, expressados sobretudo nas produções acadêmicas feministas, que têm discutido o tema em torno da possibilidade ou não do consenso nas trocas sexuais por dinheiro. O enfoque a partir das relações entre os gêneros não é novidade na literatura feminista, mas as abordagens a partir da categoria da dominação reduzem todas as interações no contexto prostitucional a reflexos das estruturas arcaicas do patriarcado, invisibilizando a existência das sociabilidades na prostituição.

O conceito de sociabilidades em discussão neste trabalho foi criado originalmente por Georg Simmel (1858-1918). Em uma época em que a Sociologia definia seus contornos como ciência, o conceito de sociedade era objeto central das preocupações teóricas deste autor. Enquanto Durkheim considerava a sociedade uma realidade exterior, que se impunha aos indivíduos, Simmel definia a mesma como algo produzido pelas associações entre os indivíduos. O conceito de sociabilidade foi formulado como um tipo ideal que descreveria a interação desprovida de objetivo prático, a “forma lúdica arquetípica de toda socialização humana” (FRÚGOLI JUNIOR, 2007, p. 09). As práticas de sociabilidade, segundo o modelo conceitual proposto por Simmel, teriam ainda a característica de seguir regras formais implícitas que tornariam possível a interação, criando um “jogo de faz de conta” (SIMMEL,

2006, p. 71). Simmel cita como exemplos dessas práticas a cortesia, a conversa e a coqueteria feminina<sup>64</sup>, definida pelo autor como a forma lúdica do erotismo.

Recuperando o contexto social e dados biográficos de Simmel, Frúgoli Júnior aponta que a frequência deste autor nos salões burgueses do final do século XIX pode ter exercido alguma influência sobre a forma como foram desenvolvidas suas análises a respeito das sociabilidades. De fato, os exemplos de práticas de sociabilidade escolhidos por Simmel floresciam tipicamente nesses espaços. Outras formas de sociabilidade podem ser localizadas nos espaços da memória das personagens deste estudo, a partir do cotidiano das pensões galantes e bordéis que proliferavam da cidade de Fortaleza nas décadas de 1950 e 1960.

Ainda considerando a contribuição da obra de Simmel para este trabalho, cabe discutir sobre seu ensaio “Algumas considerações sobre a prostituição no presente e no futuro”, escrito em 1892. Neste breve texto, o viés analítico das sociabilidades pode ser percebido na forma como o autor descreve a prostituição como uma relação social permeada por trocas simbólicas. O autor entende que o meretrício aviltaria a mulher, pela natureza da troca estabelecida. Para o autor, o valor monetário seria “a coisa mais impessoal que existe na vida prática” e, por isso, “de todo inadequado a servir de meio de troca contra um valor tão pessoal quanto a entrega de uma mulher” (SIMMEL, 2006, p. 05). Apesar das pistas fornecidas pelo conjunto de sua obra, e de preciosas indicações sobre a importância das trocas simbólicas, o ensaio de Simmel deve ser avaliado criticamente. Como sugere Coser (1977, apud GASPARG, 1984), a interpretação do ensaísta reflete a maneira como os meios científicos da época tratavam o corpo feminino. Os argumentos de Simmel revelam o pressuposto de que o sexo de uma mulher compromete todo o seu ser (GASPARG, 1984, p. 75).

A apropriação do conceito de sociabilidade formulado por Simmel, nesta pesquisa, assume essa perspectiva, e encontra também importante contribuição nas reflexões de Michel Maffesoli. Nos ensaios deste autor, a prostituição sagrada é usada como metáfora para explicar a necessidade de agregação existente nas coletividades, que permanece a despeito da tendência crescente à individualização (MAFFESOLI, 2009). Maffesoli propõe o conceito de socialidade, definido com relação ao de sociabilidade. O autor diferencia as formas de interação com ênfase no momento presente, que caracterizariam o primeiro tipo, das relações sociais institucionalizadas, que seriam próprias das formas de sociabilidade<sup>65</sup>.

---

<sup>64</sup> Como formulado por Simmel, “[...] a essência da coqueteria feminina consiste em contrapor alternadamente a insinuação de aceitação e a insinuação de recusa, atraindo o homem sem chegar a uma decisão, e repelindo-o sem que ele perca todas as esperanças” (SIMMEL, 2006, p. 73).

<sup>65</sup> Ver MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

Embora essa oposição não seja útil ao projeto analítico aqui proposto, os argumentos do autor sobre a função da prostituição no mundo social fornecem importantes pistas para a compreensão do tema. Como sugerido por Rago (2008, p. 26), a idéia de que a prostituição tem uma função agregativa é uma chave para estudar o fenômeno sem recorrer à abordagem normativa que caracterizou os estudos sobre o tema.

Para Maffesoli, a prostituição proporcionou, em inúmeras sociedades, “das casas gregas aos lupanares medievais”, o reforço do laço social, pela negação do indivíduo. O sexo praticado de forma ritual, em que o corpo se doava à coletividade, tinha a função de reforçar a existência do grupo. Ampliando a análise, o autor identifica, no meretrício profano dos bordéis, traços da função sagrada de reforço das relações sociais e da cultura comum.

Assim o sexo promove um refinamento que só pode ser alcançado, na maior parte do tempo, pela multiplicação das relações numa esfera ampla. Sem dar importância indevida aos qualitativos mais ou menos infamantes dirigidos às casas de vida alegre, sobre as quais não faltam histórias, é certo que elas tinham uma função complementar de educação. Ao lado das diversas artes ensinadas então, aprendia-se as artes da conjugação, essa arte que obriga a sair de si e a considerar a alteridade como um elemento estrutural do fenômeno individual e social (MAFFESOLI, 2009, p. 37).

O papel socializante dos bordéis, conforme descrito por Maffesoli, não pareceria anacrônico diante das descrições dos lupanares de Fortaleza pelas personagens deste estudo. Evidentemente, não é minha intenção ocultar aspectos negativos relacionados ao meretrício, pois não há como negar sua existência. Entendo, entretanto, que não se podem negar os aspectos relacionais específicos desse universo, dentro dos quais mulheres e homens foram socializados. Tentar compreender, sob o aspecto da sociabilidade, o período histórico em que as personagens deste estudo exerceram a prostituição, pode lançar luz sobre aspectos pouco analisados do período. Cabe reiterar que os discursos produzidos nessa época sobre as zonas de prostituição adotavam, comumente, o viés normativo.

Nas casas de meretrício estabelecidas em antigos sobrados do Centro da cidade, em que havia salões onde se dançava ao som de pequenos conjuntos musicais apelidados de orquestras, o conjunto das interações sociais tinha no sexo comercial apenas um de seus elementos. Na verdade, os momentos de lazer que iam além da troca de sexo por dinheiro sustentavam a frequência daqueles espaços, onde rapazes acediam acompanhados de colegas. Tendo uns aos outros como testemunhas de suas pequenas aventuras no mundo dos *cabarés*, os rapazes das camadas médias da cidade exibiam um comportamento sexual valorizado e tido como modelo de masculinidade.

Alguns desses comportamentos vividos nas casas de meretrício, que poderiam incluir a dança ou as conversas regadas a cerveja com os outros rapazes e com as próprias

meretrizes, se afastam da instrumentalidade dos programas. Os freqüentadores estavam ali pelo sexo pago, mas também havia a farra e o prazer próprio da agregação social. Nesse sentido, as performances sociais aproximam-se do conceito de *formas*, proposto por Simmel para explicar modos de interação social que não buscam finalidades específicas, mas são vividos como um fim em si mesmos.

### 3.3. Perspectivas sociológicas sobre a prostituição em Fortaleza

Os trânsitos sociais relacionados à prostituição na cidade de Fortaleza foram objeto de alguns trabalhos sociológicos desde a década de 1980, a exemplo das pesquisas de Anjos Jr, Alexandre Vale, Daniel Rogers, Ilnar de Sousa, Gisafran Jucá, Mardônio Guedes e Rosemary Almeida<sup>66</sup>. Os textos de memorialistas cearenses como Blanchard Girão e Juarez Leitão, bem como artigos do artista plástico Descartes Gadelha e do escritor Lustosa da Costa, publicados em periódicos locais, também foram consultados como fontes secundárias para a reconstrução da época retratada nas narrativas das entrevistadas.

A zona de meretrício do Farol do Mucuripe, em Fortaleza, foi pesquisada, no final da década de 1970, por Versianni dos Anjos Junior. O trabalho deste autor, uma etnografia daquela região, investigou o cotidiano de trabalho de meretrizes e cafetinas, localmente chamadas de donas-de-casa ou madames. As relações afetivas entre prostitutas e clientes foram observadas a partir da perspectiva sociológica que define a prostituição como a troca de sexo por dinheiro, em que a afetividade fica excluída do processo. Atualmente, novas investidas teóricas sobre o campo da prostituição tendem a relativizar a separação de papéis da prostituta, complexificando o que parecia ser uma relação puramente instrumental. Assim, pesquisas mais atuais tendem a observar aspectos afetivos das relações na zona de meretrício, notadamente entre clientes e meretrizes, contribuindo para dissipar a idéia de que tais contatos seriam meramente instrumentais. Tais questões encontram maior detalhamento no capítulo final deste trabalho. Apesar de tais questionamentos advindos de perspectivas teóricas recentes, o trabalho deste autor representou uma valiosa contribuição para a pesquisa sobre a prostituição na cidade de Fortaleza, deslindando um amplo quadro da zona de meretrício do Farol na época em que suas atividades apenas começavam a declinar. Práticas locais descritas por este autor, relacionadas ao trabalho prostituinte, foram mencionadas também pelas entrevistadas desta pesquisa – e é interessante observar que duas das entrevistadas deste trabalho, Peregrina e Augusta, também foram suas fontes, há mais de trinta anos. “Não é de hoje que este Farol atrai estudante de faculdade”, me disseram.

---

<sup>66</sup> Detalhamentos das obras e referências dos pesquisadores citados acima não se encontram discriminadas neste anúncio inicial, por uma questão estética. No entanto, tais pesquisas encontram-se todas citadas ao longo dos capítulos deste trabalho, e referenciadas na bibliografia que o segue.

O “Farol” também atraiu a atenção da pesquisadora Rosemary Almeida, que pesquisou o local conhecido como Forró da Bala, palco de violentas festas naquela zona de meretrício. Sua etnografia relaciona fatos que antecederam a decadência dos lupanares da área, já visível no ano de 1995, quando o trabalho foi realizado. Pesquisadores como André Nogueira e Leonardo Sá, cujas investigações tiveram como campo o bairro do Serviluz, onde se localizou a zona do Farol, também apresentaram suas contribuições para a compreensão da história do meretrício na cidade, embora não tivessem a questão da prostituição como foco de suas pesquisas. São pesquisas recentes, da década atual, que lançam um olhar retrospectivo sobre a história dos lupanares ali existentes. Em ambos os trabalhos, a oralidade dos moradores é fonte de informações sobre esses espaços. Aspectos da sociabilidade, das formas de ser homem e mulher naquele local e época, são obtidos nas falas das testemunhas do período, contribuindo para suprir lacunas dos registros históricos existentes nos arquivos policiais. O mesmo recurso à oralidade também está presente nos trabalhos do historiador Gisafran Jucá, que refletem sobre os significados do período das pensões galantes, espaços de meretrício existentes no Centro da cidade, das décadas de 1940 a 1960.

As queixas-crime contra meretrizes foram o objeto de pesquisa do historiador Mardônio Silva Guedes, que investigou as relações entre as casas de meretrício do Centro da cidade e a Polícia, nas décadas de 1930 e 1940, em Fortaleza. Práticas verificadas por este autor, como a cobrança de propinas para garantir o funcionamento de lupanares e fornecer-lhes “segurança”, ainda eram freqüentes no início da década de 1970, quando foi decretado o fechamento dos cabarés existentes no Centro da cidade.

Aspectos da prostituição nas boates do Centro da cidade, na década de 1980, foram investigados por Ilmar de Sousa, em seu trabalho sobre o cliente das prostitutas. A pesquisa desta autora abordou aspectos até então pouco vislumbrados pelas pesquisas sobre prostituição, como a sociabilidade nos cabarés e as formas de masculinidade vividas e reforçadas nestes espaços sociais.

Os olhares sobre a prostituição nos trabalhos de pesquisadores cearenses também foram ampliados para além das questões relacionadas à norma heterossexual. É o caso da etnografia de Alexandre Vale sobre prostituição travesti no Cine Jangada, em Fortaleza, realizada na década de 1990.

A prostituição masculina também foi investigada na dissertação de mestrado de Daniel Rogers, a respeito das relações entre michês e policiais em um ponto de prostituição no Centro da cidade. Os novos riscos da prostituição de rua e as especificidades de suas

práticas e contextos relacionais foram observados neste trabalho, apresentado no ano de 2011.

### **3.4. Prostitutas e velhice: um silêncio significativo**

Um exame extensivo da bibliografia brasileira sobre prostituição, incluindo etnografias recentes em áreas urbanas, revela uma lacuna no que diz respeito ao envelhecimento das prostitutas. Em algumas obras, dedicam-se ao assunto algumas páginas, como resposta a provocações do campo, mas a velhice da prostituta, quer esta permaneça ou não na atividade, não é tematizada com frequência em estudos específicos. As condições do envelhecimento da prostituta permanecem, assim, pouco observadas e, de certa forma, tão ocultas quanto a presença dessas personagens nos espaços urbanos.

A observação desta lacuna nos estudos me levou a questionar quais seriam as especificidades do envelhecer para as mulheres que foram trabalhadoras do sexo. Nesta seção, apresento algumas reflexões sobre esta temática, a partir de uma breve revisão de literatura e de pistas encontradas nos discursos das entrevistadas.

O extenso tratado “A velhice”, de Simone de Beauvoir, tem sido o ponto de partida para muitas pesquisas sobre as condições das pessoas idosas na sociedade atual. A autora denuncia, nesta obra, a “conspiração do silêncio” em que estariam envolvidos os sofrimentos relacionados ao envelhecimento. Beauvoir denuncia que, temerosas do seu próprio destino, as pessoas mais jovens denegam a existência da velhice, tratando-a como um “segredo vergonhoso”, e reservando aos velhos o tratamento de párias sociais.

Reflexão semelhante é apresentada por Elias<sup>67</sup>, que aponta para o fato de que as sociedades ocidentais tendem a ocultar a existência da morte, relegando à solidão aqueles que estão próximos ao final da vida. A morte e o envelhecimento seriam, para este autor, tabus das sociedades avançadas. A pessoa velha, evidência da finitude da vida, se converte, portanto, em presença desconcertante, indesejada. Assim, a morte simbólica pode se operar, para o indivíduo idoso, muito antes de sua morte biológica.

O conceito de estigma, formulado por Goffman, é elucidativo desse aspecto do envelhecimento. Goffman define o estigma como uma “característica com grande efeito de descrédito” (GOFFMAN, 2008, p. 12). Entre os tipos ideais de estigma definidos por este autor, encontra-se aquele definido como “abominação do corpo”. Não seria exagero,

---

<sup>67</sup> Cf. ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

observando a valorização do corpo jovem pela sociedade de consumo, enquadrar nessa tipificação das experiências estigmatizantes a própria condição do idoso.<sup>68</sup>

Tornar-se uma pessoa envelhecida é um processo que se faz acompanhar de estereotipações diferenciadas para homens e mulheres. Cabral (2005) ressalta aspectos específicos do envelhecimento feminino na sociedade de consumo. A autora denuncia como a valorização dos atributos da beleza e da juventude, tomados como sinônimos, leva ao imperativo de postergar ao máximo o envelhecimento, sufocando qualquer possibilidade de valorização da mulher não jovem (CABRAL, 2005, p. 56). Paradoxalmente, a mesma sociedade que rejeita a mulher velha reproduz valores que fazem da velhice uma condição mais feminina que masculina. A autora aponta como o sistema de seguridade, que oferece aposentadoria mais precoce para as mulheres, contribui para naturalizar a noção de que o homem permanece jovem por mais tempo, por algum caráter de atividade que seria inato à “natureza masculina”. Não faltam, entre os provérbios populares, aqueles que depreciam a velhice feminina enquanto elogiam o envelhecimento do homem. A experiência do envelhecimento é, assim, fortemente interpelada pela vivência de gênero.

Observando o estatuto da velhice nas sociedades históricas, Beauvoir encontra, em obras literárias do período do Renascimento, exemplos de representação mulher idosa que não perderam sua atualidade. Beauvoir cita a obra do longevo escritor italiano Comaro (1484-1566), que parte de sua própria vida como exemplo de virtude e, em sua obra “tratado da vida sóbria e regrada”, reproduz o pensamento de que “uma vida sensata produz uma bela velhice” (BEAUVOIR, 1990, p. 182). Enquanto a cultura humanista celebrava a beleza e a juventude, associando-as às virtudes de uma vida regrada, poetas e escritores faziam da mulher velha, representação da feiúra e dos vícios, uma personagem freqüente na literatura do período.

O preconceito contra as idosas é exemplificado na peça *A Celestina*, cujo texto original data do século XV, citada por Beauvoir. A personagem central, que havia sido prostituta e torna-se cafetina deliberadamente, recebe severa punição no desfecho. Constatando a frequência das obras sobre antigas prostitutas na poesia burlesca do período, Beauvoir conclui que “é sobretudo enquanto antiga prostituta que se ataca a mulher idosa. Imunda se ainda tem pretensões ao amor, sua hipocrisia é denunciada quando se volta para a beatice”.

---

<sup>68</sup> Agradeço aqui à colega Nathália Sobral, mestranda deste Departamento de Ciências Sociais, pela pista sobre a construção do corpo idoso como uma marca de depreciação, o que levaria à vivência da velhice como uma condição estigmatizada.

A autora indaga as do desprezo dedicado aos idosos a partir de uma perspectiva de gênero, apontando para a evidência de um elemento de misoginia na repulsa à velhice:

O que, em todo caso, é preciso notar é que, macho ou fêmea, o velho enamorado suscita a repulsa. Mas quando se trata dos homens, a literatura investe contra os ricos, que compram o prazer graças ao ouro que possuem; ela ataca, ao contrário, as mulheres da mais baixa categoria, aquelas que se vendem. Compreende-se facilmente o rancor que os primeiros inspiram; ao passo que a ira de que são objeto as velhas prostitutas tem motivos mais turvos. Explica-se, provavelmente, por alguma frustração (op. cit., p. 185-186).

A velhice coberta de opróbio é descrita, nas obras do período, como consequência óbvia de uma existência marcada por prazeres desregrados. A moral que culpabiliza o indivíduo por suas condições no envelhecer não parece, comparada ao contexto que tratamos anteriormente, muito anacrônica.

Na prostituição feminina, sobretudo no baixo meretrício<sup>69</sup>, é possível observar figuras de dominação de gênero e relações de poder e resistência. A forma como as prostitutas são representadas socialmente resulta em invisibilidade social: a prostituta idealizada, aquela presente no imaginário do senso comum, é um objeto, é “o outro”, e jamais “o eu”, alguém com quem *eu* vá me identificar. Na velhice, a invisibilidade social adere outra vez à figura da prostituta, de modo que a conspiração do silêncio e o descaso com a condição dos idosos, descritos por Beauvoir, atingem a prostituta idosa de uma forma duplicada.

A partir desta percepção, apostamos na pesquisa e no registro das trajetórias dessas mulheres como forma de contribuir com o campo de estudos sobre a vivência do envelhecimento em situações de invisibilidade social.

---

<sup>69</sup> Maria Dulce Gaspar (1985) classifica as diferentes escalas da prática da prostituição, e define como baixa prostituição aquela que é praticada nas ruas, por mulheres de todas as idades, a baixos preços. A vulnerabilidade das prostitutas a situações de risco é um dos aspectos do baixo meretrício constatados pela autora.

### 3. LEMBRANÇAS: TRAJETÓRIAS DE EX-PROSTITUTAS

Dorinha, Edna, Novinha, Glória, Maria Angelina e Dircinha são idosas<sup>70</sup>, moradoras do bairro do Serviluz, em Fortaleza. Durante a juventude, trabalharam na zona de meretrício do Farol, na região portuária da cidade. Elas não foram as únicas interlocutoras dessa pesquisa, mas foi com elas que tive a oportunidade de estabelecer um vínculo mais consistente, de modo a dar continuidade às entrevistas e obter narrativas mais detalhadas de suas trajetórias. Ao todo, foram entrevistadas doze ex-prostitutas idosas nos bairros Serviluz e Moura Brasil, além de outras com quem conversei informalmente. As seis personagens que se tornaram sujeitos do estudo foram aquelas entrevistadas por várias vezes, de forma sistemática. A experiência subjetiva é a substância de seus relatos. Neste capítulo, estão apresentadas suas narrativas, resultados da rememoração e reelaboração de sentidos de suas vidas. Trata-se de um artesanato que tem como matéria-prima a experiência vivida. Como artífices de um trabalho artesanal, as narradoras dessa pesquisa entregaram-me um rico material, que repasso ao leitor não integralmente, mas na medida em que é possível transmitir os dados da oralidade para o texto escrito. Enquanto estiveram ao meu lado, contando suas histórias, as pesquisadas realizaram um trabalho que envolveu a totalidade do seu ser: o esforço rememorativo era acompanhado da performance corporal, incluindo a variação de tons de voz, a risada, a lágrima e a riqueza expressiva dos gestos. Sobre esse processo, de “trabalho da memória”, Ecléa Bosi sugere:

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas. [...] A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana. (BOSI, 2007. p. 90).

**Dona Dora**, de 64 anos, é pedagoga e ex-prostituta. Cheguei a conhecê-la por meio de colegas de uma Organização Não Governamental local. Ela havia participado, na referida instituição, de um projeto em que passeios pela cidade eram acompanhados de narrativas e explicações históricas de moradores locais. Moradora do Serviluz desde a década de 60, ela conta que chegou ao bairro na época da formação da zona de baixo meretrício. A formação acadêmica, alcançada após a velhice, é um de seus grandes orgulhos. Dorinha conseguiu graduar-se em Pedagogia e se especializar em História, após os 60 anos, depois de garantir o estudo a cada um de seus filhos. Ela me relatou suas experiências na prostituição na sala de sua casa, uma edificação de dois pavimentos, localizada nas

<sup>70</sup> Para esta pesquisa, a classificação “idosas” é estabelecida conforme o autoconceito das entrevistadas, em detrimento do estabelecimento de uma idade determinada. As seis personagens cujas trajetórias aparecem neste estudo possuíam entre 55 e 78 anos à época das entrevistas.

proximidades do Farol do Mucuripe, onde ela mora com filhos e marido. Espalhados pelos cômodos da sua casa, estavam sempre alguns enfeites em formato de corujas, que representavam a sabedoria, segundo a entrevistada. Os aprendizados e experiências vividas durante os anos na prostituição foram a tônica de seu discurso, em que o período no meretrício é comparado a uma “grande escola”, mas também a uma “recreação”, um momento memorável de sua juventude.

Dona Dorinha prontamente concordou em participar da pesquisa, e pediu-me, como contrapartida, que eu lhe devolvesse regularmente as transcrições de suas narrativas, para que ela pudesse deixar, no futuro, para seus filhos e netos, o que ela chama de um “memorial”. Deste primeiro encontro, obtive um material cuja riqueza eu não poderia imaginar. Com sua memória prodigiosa e rara verve narrativa, Dorinha descortinou, durante três horas, o universo das “pensões alegres” na década de 60 em Fortaleza. Da primeira impressão sobre a entrevistada, escrevi em meu diário de campo:

Nenhuma grande ruptura, tomada de decisão ou conversão de trajetória são assinalados na história contada por esta mulher. Não estamos diante de uma Madalena Arrependida. Dorinha não divide sua história em duas, mas entende sua experiência na prostituição como um momento de conhecimento do mundo e de si mesma, uma etapa necessária à construção de sua história pessoal. Relata que se fascinou com aspectos da prostituição que a atraíram, como uma possibilidade de liberdade e uma amplitude de lucros e experiências maiores do que teria como costureira. O passado não é, para ela, motivo de vergonha, mas de distinção. [Nota do dia 20 de junho de 2010].

Dona Dorinha foi a primeira entrevistada com quem falei para esta pesquisa. Seu discurso, claro e organizado, me foi de grande ajuda na etapa inicial, e forneceu importantes pistas para a continuação da pesquisa. Como pedagoga com especialização em ensino de História, Dorinha apresentou o cenário das pensões com riqueza de datas, nomes e pormenores de quem viveu o período. Em sua fala está marcada, a todo momento, a valorização da experiência, e o meretrício é ressignificado por ela como etapa importante de seu aprendizado de vida. Sua identidade como prostituta está constituída também a partir da maneira como se diferencia das mulheres vulgares, *promíscuas*. Ela se descreve entre as mulheres “selecionadas”, que ganhavam a preferência dos clientes mais pela elegância que pela beleza, mais pela conversa que pelo sexo. Sua experiência na prostituição, embora significativa e registrada por uma memória privilegiada, foi vivida por um período relativamente curto, de quatro anos, após o qual casou-se com o marido com quem mora até hoje.

Não menos fortuito foi o encontro com **Dona Edna**, de setenta anos. No dia 4 de julho de 2010, Edna havia saído em uma de seus passeios pelo Centro da cidade. Para ela, cada vez mais, essas incursões se configuram em pequenas aventuras, dado o adiantado

da idade e a saúde fragilizada. Na rua Major Facundo, 154, decidiu entrar em um prédio de três andares, com azulejos amarelos e azuis. O local, Museu Histórico José Lourenço, recebe o nome de seu primeiro proprietário, que lá residiu no final do século XIX. Mas, nas lembranças de Edna, o atual museu figura como um cenário diferente, a antiga Pensão Marajá, prostíbulo onde ela mesma trabalhou, na década de 1960. Vim a conhecê-la através da colega Luciana Rodrigues, historiadora, que pesquisa a prostituição em Fortaleza nas décadas de cinquenta e sessenta, sob o olhar dos clientes de então. Ela, que já havia descoberto alguns saudosos freqüentadores do antigo lupanar, na tarefa de guiar visitas no museu, partilhou comigo a pista deixada por dona Edna – seu endereço, que depois saberíamos que já não era o mesmo –, e acompanhou-me posteriormente em inúmeras visitas em que ouvimos as histórias desta narradora.

Ao contrário de Dora, cujo relato é preciso com relação às datas e durações dos eventos, Edna nos apresenta uma fala marcada por esquecimentos. A linguagem é bastante explícita, e optei por mantê-la assim, com tudo que as falas têm de significativo. Edna participou do baixo meretrício, do antigo Curral das Éguas, do qual Dora apenas ouviu falar. Essa personagem se apresenta como uma das “mulheres promíscuas, que brigavam, que cortavam, que bebiam, aquelas coisas perigosas”, como descreveu Dona Dorinha<sup>71</sup>. Edna nunca soube sua própria idade, e o número que consta em seus documentos foi atribuído por ela mesma que, ainda muito jovem, tratou de acrescentar alguns anos para evitar confusões com a polícia. Seus documentos dizem que tem setenta e quatro anos, mas calculo, a partir de alguns episódios narrados, que tenha aproximadamente setenta, embora aparente mais. No seu rosto, as rugas se confundem com cicatrizes conseguidas em brigas de rua, nas quais aprendeu a se defender amarrando giletes entre os dedos ou escondendo-as sob a língua. Ela mora com o filho adotivo, de vinte e cinco anos, que tem problemas mentais e depende dela para as atividades mais banais, assim como uma criança. Como os “homens infames” apresentados por Michel Foucault, Edna tem uma vida cujos pormenores os registros oficiais ignoram. Localizo, no depoimento de Edna, a dupla referência utilizada por Foucault para se referir às vidas pouco notórias: “a rapidez do relato e a realidade dos acontecimentos relatados; pois tal é, nesses textos, a condensação das coisas ditas, que não se sabe se a intensidade que os atravessa deve-se mais ao clamor das palavras ou à violência dos fatos que neles se encontram” (FOUCAULT, 1977, p. 204).

A mais idosa entre as narradoras apresentadas nesta pesquisa é **Dona Novinha**, de setenta e oito anos. Essa personagem, cujo nome é conhecido de todos no bairro, me foi

---

<sup>71</sup> Dona Dorinha conheceu Edna na década de setenta, quando foi sua vizinha, no Serviluz. Ela diz ter presenciado brigas de casal, em que Edna e o marido se enfrentavam com facas, por ciúmes, na rua. As mesmas brigas já haviam sido referidas por Edna em conversas anteriores. Outros vizinhos de Edna, em outras ruas do Serviluz, também relataram os episódios de brigas do casal.

indicada por um freqüentador de um bar local. Ao ouvir falar da pesquisa que eu planejava fazer, ele me recomendou procurar Dona Novinha, que tinha “muita história para contar”. Aos setenta e oito anos, apesar de alguns lapsos de memória e repetições temáticas constantes, Novinha revelou-se uma importante testemunha da história do bairro. Dentre as entrevistadas desta pesquisa, ela foi a única que alcançou a época em que o governo do general Cordeiro Neto transferiu os prostíbulos do Mucuripe para as proximidades do Cais do Porto, criando a zona de meretrício que foi o cenário da maior parte das memórias aqui apresentadas.

O papel de fundadora da zona do Farol, que ela mesma se atribui, foi precedido, em sua história de vida, por alguns anos em que viveu como dona-de-casa. Neste período, o companheiro provia o sustento do lar, supostamente trabalhando como vigia noturno. A descoberta de que o companheiro com quem coabitava mantinha uma vida dupla, com outra esposa e filhos, a levou a deixar a casa em que morava e, pouco depois, fixar residência em um dos cabarés do Farol. Suas lembranças estão permeadas por suas observações sobre o significado da condição feminina, em que adere a valores tradicionais, ao mesmo tempo em que reflete sobre a importância da conquista da autonomia em sua história pessoal.

**Glória, Maria Angelina e Dircinha**, com, respectivamente, cinquenta e cinco, sessenta e seis e setenta e três anos, completam o conjunto de entrevistadas desta pesquisa. Encontrei-me três vezes com cada uma delas, para ouvir suas histórias. Suas narrativas também integram o material de análise deste trabalho, com vistas à comparação de suas opiniões sobre o período, embora as tenha encontrado um número menor de vezes. Suas narrativas também se encontram transcritas nesta sessão da dissertação.

**Dona Augusta**, de oitenta e dois anos, e sua filha, **dona Peregrina**, de cinquenta e cinco anos, também foram entrevistadas e, embora não tenham feito narrativas completas de suas trajetórias de vida, contribuíram com valiosas informações sobre o período inicial da zona do Farol do Mucuripe, que complementam este estudo.

# Dona Dorinha

Esse período da minha vida foi como, assim, uma recreação. Porque, no bom sentido, foi saudável, porque eu nunca fui assim, uma pessoa promíscua, nunca fui de escândalo, nunca gostei disso. Tudo eu fui muito eu mesma, né. Muito discreta. Tratava muito bem, respeitava. Então, dava estrangeiro, ganhava dinheiro, muito dinheiro. Tanto as garotas como as madames, que elas ganhavam muito dinheiro. A noite era intensa.

Eu nasci no dia 15 de setembro, dia de Nossa Senhora das Dores, na hora do Angelus, às seis horas da tarde. Eu venho de uma camada social muito pobre. A minha mãe não sabia escrever o nome. E nem sabe. Ela ainda é viva. Minha mãe me achava muito danada. Ela dizia “essa menina foi quem ensinou o diabo a andar de cangalha”. O meu pai já morreu. Ele vem lá dos anos 40, talvez 30. O meu pai tinha o “admissão”. Admissão era um livro que terminava o que hoje é o ensino fundamental menor, que é até a quinta série. Quando chegava aí, fazia o admissão. Se você fizesse bem feito, você não tinha problema nenhum, sabia? E ele tinha o admissão, e ele dava aula pra gente.

A minha mãe, eu pequena, assim, quatro anos, minha mãe ia catar feijão... eu digo porque eu lembro. Olhe, eu sou mais velha do que meu irmão três anos, e eu me lembro de tudo. Minha mãe veio grávida, a gente morava lá em Camocim, no Oito. O Oito ficava mais distante do Centro da cidade, e minha mãe veio de madrugada com meu pai, grávida do meu irmão, e o meu pai me trazia no tum-tum. Tum-tum é aqui, no ombro. Trazia, de madrugada, e os grilos cantando, até hoje eu amo cantiga de grilo. Muitas pessoas não gostam. Naquelas veredas, de noite escura, os grilos cantando, e meu pai... Quer dizer... Eu não tinha três anos, ainda, porque meu irmão não tinha nascido, mamãe estava grávida, e eu me lembro disso, quando nós chegamos em Camocim, onde nós fomos morar, eu lembro de quando meu irmão nasceu. Que quando meu irmão nasceu, eu engoli uma moeda de um tostão, que era do tamanho da moeda de um centavo hoje. Eu me engasguei, e a mãe – ‘valha-me Deus, um tá nascendo e outro tá morrendo!’. Eu lembro disso. Quer dizer. A memória de longo prazo, muito significativa, né?

Aí eu lembro de tudo isso. Então, aprendi muito com a minha mãe. Minha mãe ia consertar peixe, eu ficava sentada olhando. Aprendi consertar peixe com a minha mãe. Limpar peixe. Tirar escama. São termos regionalistas, termos de Camocim. Consertar peixe, limpar o peixe. Tirar escamas, as vísceras. E eu ficava lá olhando mamãe fazer. Mamãe catando feijão, eu ficava olhando. Mamãe ia escolher o arroz. Escolher o arroz, porque era aquele arroz do Maranhão, que era cheio de escolha, arroz que tinha gosto de palha. Eu ficava olhando, aprendi isso também com a minha mãe, tirar as pedrinhas. A minha mãe ia matar galinha, eu ficava lá pertinho, olhando. Do jeito que a minha mãe cortava galinha, eu corto galinha. Do mesmo jeito, que aprendi com a minha mãe. Muita coisa. Fazer um baião-de-dois, fazer um feijão, tudo eu aprendi com minha mãe. De observar. Aprendi muitas coisas de observar. Ainda hoje, eu sou muito de observar. Eu aprendo mais ouvindo, observando, do que mesmo praticando. Quer dizer: eu sou uma filósofa nata – ou inata, como se diz. É a mesma coisa, viu? E eu cresci, aprendi muito, engomar, fazer tudo.

Porque a minha vida, eu comecei trabalhar com cinco anos de idade. E o meu pai, meu pai bebia, quando ele bebia, faltava as coisas em casa, a gente passava necessidade, passava fome mesmo, né. Eu ia pra aula, quando chegava, eu ficava com fome, porque não tinha comida, mesmo. E toda vida fui muito de juntar, de juntar. Então, meu dinheiro [quando adulta]: eu luxava, eu tinha meu vestido da noite, tinha meu vestido de ir fazer minhas compras, e tinha sempre meu dinheiro na caixa, né? Eu gostava muito de jóias. Usava mesmo o ouro, mesmo.

Eu fui educada em colégio de freira. Tinha a escola das meninas ricas, e outra das meninas pobres. Mas as salas eram próximas. Eu pensava ser freira, achava lindo. Eu fui ficando mocinha, aí eu vi que eu queria casar. Antes eu queria ser advogada. Sonho, né, de criança. Eu queria ser advogada. Porque eu via muita injustiça, meu pai dentro de casa, com a gente, a vizinhança... Eu queria pra defender aquelas pessoas. Mas aí eu olhava assim pra frente e via aquilo tão distante, que eu não via possibilidade de galgar aquele posto que eu queria. Aí eu digo – não, vou casar e vou ter filhos. Aí, eu noivei com 14 anos.

Eu não era moça ainda, a minha primeira menstruação veio com 15 anos. Eu não gostava da criatura, foi só uma brincadeira. Eu ia pra festa, com as minhas amigas. Aquela que ia, a mãe ia junto também, ficava lá pastorando até a hora de terminar. Aí arranjei um par pra mim. Ele só dançava comigo. Morava vizinho, era irmão do meu compadre. Eu tinha 14 anos e ele tinha 32 anos. Só dançava comigo. Aí houve o casamento de uma prima, e nós fomos pra esse casamento, e meu priminho da mesma idade, rapazinho, 13, 14 anos, vixe Maria, quis dançar comigo e aí ele ficou com raiva. Aí eu disse: comadre Maria, que era a cunhada dele, cadê o seu Chico? “Foi embora, ele disse que não queria matar ninguém aqui, e foi embora”. Aí eu fui, dancei, tudinho. Aí quando foi no outro dia, fomos lá pra praça da Estação, isso em 1961, aí tinha amplificador tocando, aí ficava tocando até às 9 horas, ficava aquele horror de moça passeando em volta da praça, né, arranjando namorado, aqueles flertezim, e tudo. E quando o trem chegava, ficava cheio de gente, aquela coisa toda, era aquela animação. Depois que o trem chegava, aí já ia murchando mais, as pessoas iam saindo, tudim, aí ele foi, olhou pra mim e disse assim: “Mariazinha, vem cá. Você quer casar comigo?” Aí eu olhei assim, eu digo – “comigo?!”. Aí eu olhei assim, “casar, com você? Eu quero”. Eu disse brincando. E ele não foi me pedir a meu pai em casamento? Foi! Aí eu fiquei, pra não comprometer a palavra, pra não fazer vergonha a ele – repare a mentalidade –, aí eu disse que queria. Noivou. Aí eu pensava em fugir na igreja. “Quando for na igreja, eu vou fugir, eu vou desaparecer”.

Faltava um mês pro casamento, eu vinha da novena, minha prima com o namorado, eu vinha com ele, vinha passando assim, ele foi e disse uma coisa, eu era muito ingênuo,

mas eu entendi que é que ele quis dizer. Ele disse assim: “Só caso com uma moça quando eu souber quem ela é”. Eu tinha 14 anos, 14 pra 15 anos, mas eu entendi que é que ele quis dizer com aquilo. Acabei! Acabei.

O meu pai trabalhava com um pessoal, que aí quando chegava, ele pegava aquelas bagagens, né. Seu Chico Dantas disse assim – “Zé, minha filha se casou, a Cleide, ela tá grávida do primeiro filho, e mora em Natal”. Ela morava lá, também, em Camocim, estudava no colégio das ricas. Eu conhecia. “Ela quer uma mocinha pra ficar com ela, porque o marido dela passa a semana todinha na base naval, e ela fica só”. Aí meu pai disse: “eu tenho uma filha, eu vou falar com ela”. Eu disse: “eu vou”. Isso tinha acontecido à noite, eu tinha acabado o namoro. “Vou”. Aí o pai falou para ele que tivesse cuidado comigo, que era a filha. “Não, não se preocupe. É como se fosse minha filha”. Aí eu fui com ela pro Rio Grande do Norte, Natal.

Com seis meses, ela veio pra Camocim, pra ter neném. No trem, eu encontrei com a minha prima, que trabalhava aqui em Fortaleza, em casa de família, e ia pra Camocim, e queria uma pessoa pra trazer pro irmão do patrão. “Vamos. Quero ficar em Camocim, não”. Que ela ia de férias pra Camocim. Nessas férias ela ia trazer uma pessoa pro irmão do patrão. Pra casa dele. Pois então está certo. Levava o dinheiro pra pagar passagem, e pagava 1200 cruzeiros por mês. Acho que eram 1200 reais... Acho que não era isso tudo não, não sei, era esse dinheiro aí. Era um tanto razoável. A menina que eu tava com ela, a Cleide, tava me pagando mil cruzeiros. Aí eu disse: “eu venho”. Aí falei com o pai, falei com a mãe, a mãe “não, minha filha, tem muito *rabo-de-burro*<sup>72</sup>, você não vai não, que num sei quê”. “Não, mãe, eu vou. Eu tomo cuidado. Você sabe como é que eu sou”. Quando foi me levar, disse “tenha cuidado”. Aí eu vim, trabalhar. Aí fui trabalhar. Catorze pra quinze anos. Cozinheira – forno e fogão, lavava, engomava, fazia compras, deixava menino no colégio, de todo jeito trabalhava, depois de vir aqui pra Fortaleza. Aí depois eu não quis mais ficar lá, porque o filho rapaz, ele veio com liberdade comigo e eu não fiquei mais lá. Não fiquei. Aí tinha um senhor que morava em frente, que eu era madrinha do filho dele, e ele disse “comadre, a minha mãe tá precisando de uma pessoa, viu?” Morava ali na Imperador, bem em frente ao colégio São Rafael. Eu digo “eu vou”. Aí eu vim. Eu trabalhava mais de ano lá [em Natal], trabalhei mais de ano nessa casa.

---

<sup>72</sup> De acordo com a historiadora cearense Lídia Santos, o termo “rabos-de-burro” qualificava os rapazes, de classes médias e médias altas, que formavam em Fortaleza grupos para promover combates improvisados, entre si, além de atos de vandalismo e abusos a moças desacompanhadas. Há numerosos registros de grupos de rabos-de-burros nos jornais cearenses das décadas de 1940 e 1950. A presença destes grupos determinava uma maior vigilância dos pais sobre as filhas mulheres. Cf. SANTOS, Lídia Noêmia. Brotinhos e seus problemas: juventude gênero na imprensa fortalezense da década de 1950. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

Eu vim pra cá, para trabalhar e estudar, com a minha prima. Na casa da minha prima. E, de repente, aconteceu aquilo, onde é que eu estava? Quando eu cheguei aqui, pra você ver o que é as coisas, quando a gente tem de passar por uma situação na vida, por cima de pau e pedra, a gente passa. É o aprendizado do indivíduo, a gente não pode fugir à regra. A gente pode até melhorar a situação, com muito amor, com uma postura de vida, você pode melhorar, mas você não pode fugir à regra, é o carma. Você tem que passar por aquilo.

Quando eu chego aqui, em 1962, tinha um amigo da minha prima, Eduardo. Eu tinha catorze anos, catorze pra quinze anos, por aí, e ele tinha trinta e dois anos. Ele era um moreninho bonito, apaixonou-se por mim. E, toda vida, eu tive assim um discernimento de ver as coisas por uma ótica lógica. E eu pensava: “por que é que esse cara, que tem uma grande mercearia, tem carro – porque, naquela época, quem tinha carro é quem tinha dinheiro, era difícil, carro não era para todo mundo. “Tem carro, é bonito, tem outra vida social, se apaixonar por mim, uma mocinha do interior, semi-ignorante, feia, que eu nunca fui bonita, se apaixonar por mim? Não, meu fie, a esmola quando é grande o cego desconfia”. E eu nunca aceitei. Eu namorava um aprendiz de marinho, ele era paraense, Antônio. Ele era uma pessoa maravilhosa, respeitador. Eu tinha quatorze para quinze anos. Ele não era atrevido de querer se agarrar comigo, não. Então, eu gostava dessa criatura, muito. Mas ele terminou aqui, em Fortaleza, e ia pro Rio de Janeiro. Aí ele foi embora. Ele tinha uns dezoito, dezenove anos. Conheci ele na pracinha da igreja de Nossa Senhora das Dores, ali no bairro Otávio Bonfim, a gente passeando, eu e minha prima, dia de domingo, a gente volteando, ali, era cheio de aprendiz de marinho, e foi lá que eu conheci. Uma pessoa excelente. Aí, ele foi embora. Eu fiquei tão triste. E essa criatura, esse dito rapaz que era amigo das minhas primas, doido pra namorar comigo, e elas queriam. “Olha, vai namorar com seu Eduardo, ter as coisas. Você só quer namorar com esse aprendiz velho!”. Aí eu dizia: “mulher, ele é bonito, eu sei, mas sei que não é pra mim”. Eu pensava – “por que ele quer namorar comigo? Ele tem segundas intenções comigo. E eu não quero”. E realmente eu não queria. E aí, ele foi embora, esse meu namorado, Antônio, foi embora. Era uma pessoa ótima, porque assim: eu sou amiga do respeito. Você quer me conquistar, me respeite. Toda vida eu fui desse jeito, desde criança. Faltou com respeito comigo, não quero mais nem olhar. Aí ele foi embora, né, e eu fui namorar com esse Eduardo pra esquecer o outro. Foi minha desgraça. Realmente, o que ele queria comigo era o que eu tava pensando.

Na época, em 1964, ele pelejando pra namorar comigo e eu não queria, namorava era um aprendizinho de marinho, que era a pessoa que me respeitava. Aliás, Eduardo nunca tinha tentado nada, só queria namorar, mas eu via que ele era uma pessoa que não

era pra mim. Não dava certo. Aí, em 1964, tinha o Clube de Regatas, que foi fundado em 1962. Era um fito! Todo mundo queria ir pro Clube de Regatas, só o que se falava. E aí ele me convidou pra ir a um jantar, no Clube de Regatas. E era só para os proprietários. Aí eu disse: “Odete” – que era a minha prima – “tu vai comigo?”. Ela disse: “eu vou”. Perguntei: “tu vai, Rosinha?”, e ela disse “eu vou!”. Aí combinei que eu ia. Eu não sei se eles estavam combinados, mas quando foi na hora de ir, a Odete saiu com o namorado, ia pro cinema, a Rosinha também foi pro cinema, e eu já tava pronta pra ir, e eu disse “eu vou. Foi minha desgraça. Ele me embriagou e se aproveitou de mim. Foi isso que aconteceu.

A gente tava começando a namorar. Menina besta, homem maduro... Essa Praia do Futuro, a primeira casa, bar, que teve ali foi o Chez Pierre. Aí só que tinha era murici, só tinha duna. Aí nós fomos, num dia de domingo, pra praia, aí, menino, foi aquele respeito, a gente tomou banho, a gente almoçou, veio pra casa, ele queria conquistar, né. Aí, quando foi no Clube de Regatas, aconteceu isso. Ele já tinha planejado tudo. Antigamente, a gente chamava, não era motel, era *vandevu*<sup>73</sup> ou chateau. Aí tinha perto, e eu conhecia isso? Eu não conhecia! Viu? Tava tudo arrumado.

Aí, a gente chegou no Clube de Regatas, tudo muito bacana, todo mundo dançando, né. Aí, ele pediu uísque, aí disse que eu não ia tomar, porque eu não bebia. Mas eu me perdi pela vaidade, viu? A vaidade mata a gente. Aí ele disse: “você tá vendo essas moça bonita aí, tudo dançando? Só moça rica, moça de família, todas bebem. Quem não bebe, é taxada de matuta”. Ora, quem vem do interior lá quer ser taxado de matuta, minha irmã, que conversa é essa? Aí, eu bebi, e não tinha costume de beber, então me embriaguei. Quando já tava assim, umas seis horas, já escurecendo, aí ele chamou pra tomar banho de mar. Eu tava de maiô, por baixo da roupa. Parece que eu to lembrando, eu tinha comprado uma calça de helanca, muito bacana, tava chegando as primeiras malhas em Fortaleza. Eu estava com uma calça de helanca e uma blusa de blouquet, que era aquela helanca toda cheia de umas coisinhas. Eu tava toda pronta, de sapatos, e um maiô por baixo porque lá tinha uma piscina, né, mas anoiteceu e ele chamou pra tomar banho de mar, que o mar era em frente. Aí, ele chamou pra trocar a roupa em um lugar lá próximo, que ele disse que conhecia. Quando chegou, pra trocar a roupa, era assim, por fora da casa, um corredor grande, a gente entrou, e eu disse assim: “mas você vai trocar no outro”, e ele disse, “é, no outro”. Quando eu abri a porta, eu vi a cama. E ele me jogou, trancou a porta. Eu tava tão assim que eu não agüentava nem ficar em pé. Aconteceu. Por azar, engravidei logo, e ele foi embora. Vendeu tudo o que tinha e foi embora. Foi pro Maranhão, que ele era do

---

<sup>73</sup> Os termos franceses *chateau* e *rendez-vous*, aportuguesado como *vandevu*, foram usados por esta e outras entrevistadas para se referir às casas que ofereciam quartos para casais, quando ainda não havia motéis na cidade de Fortaleza.

Maranhão. Nunca mais vi essa pessoa. Ele tinha bar e restaurante, e uma mercearia muito grande. E tudo começou aí. Tive um filho, mas o filho morreu depois de onze meses. Foi quando eu viajei pra Mossoró.

O período de programa que eu tive foi de 1965 a 1969. Primeiro, eu trabalhava no atelier de costura, e fazia programas, no Lord Hotel. O período todo foi dos 21 aos 24 anos. Eu trabalhava no atelier de costura e fazia programa.

Aí, em 1965, fim de 1965 pra 1966, é... Eu me tornei garota de programa. Eu trabalhava no Lord Hotel, trabalhava no atelier de costura. Eu só tinha o segundo ano ginásial, que corresponde hoje à sétima série. Eu trabalhava no atelier de costura. Numa situação X, *eu optei por isso*, foi a questão mesmo da pessoa que eu tive, pela primeira vez, que me decepcionou, e eu fiquei decepcionada, e disse – “a partir de hoje, eu vou ser garota de programa”. Isso porque no Lord, até o terceiro andar, era apartamento, pra cima era o hotel. E dava muito viajante, então... Aí, meus homens de programa eram aqueles velhos ricos, que pagavam muito bem, e os viajantes, eram as pessoas assim.



Figura 21 Lord Hotel. Construído em 1956, em estilo art-deco.  
Fonte: <http://fortalezanobre.blogspot.com>

Quando eu era auxiliar de costura no Lord Hotel, uma amiga minha disse assim: “Dorinha, olha, no Rio Grande do Norte vai ter um show com aquele cantor famoso, e nós vamos”. Ela morava lá, no Lord Hotel, tinha o apartamento dela. Aí ela disse, que tinha eu e a prima dela, ela disse: “E a gente vai, tu não vai não? Vamo, vamo!”. Aí, eu, quer dizer, eu tinha 21, 22 anos, por aí, 23, por aí, e eu disse: “eu vou!”. Aí nós fomos. E deixei o trabalho! Fui, fui curtir. E no Rio Grande do Norte, foi onde tudo começou, foi o começo da minha história como garota de programa, pra ficar mais suave, pra não dizer prostituta. Para suavizar. Aí, a gente foi. Quando chegamos lá, a boate muito chique, Copacabana<sup>74</sup>, as mulheres do Copacabana eram as mulheres muito chiques, não andavam na rua, para não serem conhecidas. Essa boate era como um hotel, a gente pagava diária, tinha lavadeira, tinha comida, tinha tudo. Para sair, só saía de carro. Era uma garota de programa chique, era uma prostituta chique.

[As mulheres da boate Copacabana] Eram mulheres chiques, só viajavam de avião, aquela coisa toda. Só que eu tinha ido com as meninas de ônibus. Eu tava começando, né? Aí quando... A Yara era uma mulher muito bonita, parecia uma índia, alta, morena, dos cabelos bem liso, natural, sabe? A Yara disse... Já tava, já com... já tinha passado o show, eu já tinha ido embora, aí já tava com uns quinze dias. A Yara disse: “Lôra, eu vou pra Fortaleza, pra 80”. Isso, se você for pesquisar a Boate 80, eu vou lhe ensinar onde é, pra você passar e ver, onde é o local. A Boate 80 era na Governador Sampaio, aqui perto dos armazéns, perto da Sé, mas o número era 80 mesmo, viu? Então, era da Beatriz. As mulheres de lá eram mulheres chiques. Eu disse assim: “olha, Yara, mas mulher, tu só vai de avião, eu não tenho dinheiro pra pagar avião”. Ela disse: “não, mulher, a gente vai de ônibus mesmo, é perto”. Aí eu vim com a Yara. “A gente vai pra 80”. A Yara, já tarimbada no negócio, né, foi fazendo a minha cabeça. A gente foi pra 80. Chegamos na 80, de noite, só dava aqueles homens chiques.

Passamos lá [na boate Copacabana, de Mossoró], uns quinze dias. A Jandira, minha amiga, com a sobrinha dela, ficou lá. E eu vim com a Yara, né? E aí fomos pra 80.

---

<sup>74</sup> A boate Copacabana, em Mossoró, Rio Grande do Norte, de propriedade de Neusa Barreto, foi um dos espaços freqüentados pela elite nas décadas de 1940 a 1960 do século passado. Juntamente com as casas Esplanada, Pernambucana e Cassino Las Vegas, a boate Copacabana marcou a época de maior prosperidade da zona de prostituição do bairro Alto do Louvor, localizado no município citado.



Figura 22 Boate Copacabana. Foto da década de 1960. Fonte: <http://telescope.zip.net/economia/>

Meus vestidos, trajes soirée, eu copiava das revistas do atelier. Tinha a revista Burda, uma revista alemã, que eu tinha acesso no ateliê, e eu copiava os vestidos, traje passeio. Sempre digo que Deus não me concedeu o dom da beleza, que era algo que eu desejei muito. Mas através da elegância, eu causava sensação. Meus vestidos eram sensuais, sem ser vulgar.

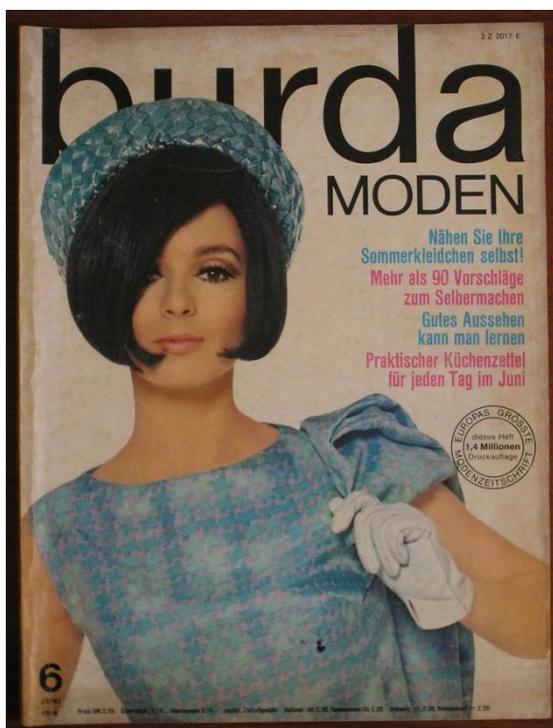


Figura 23 Revista Burda Moden, junho de 1966.



Figura 24 Revista Burda Moden, junho de 1964.

Fonte: Flickr Fashion Covers Magazines.

Disponível em:

<http://www.flickr.com/people/57684776@N05/>

Na boate Copacabana, teve a história do cantor famoso, mulher. Eu tenho uma música que ele fez pra mim. É linda, linda. [...] Eu tinha 21 anos.

Em 1965, não sei qual era a idade dele. Raquel era a mais bonita, e a Raquel certa que ia ficar com ele. Olhe, Deus não me congratulou a beleza. Deus não me deu beleza. Não. Eu nunca fui bonita. Sempre fui educada, mas eu nunca me achei bonita.

Então, a dançarina, que era a Raquel, tava certa que ia ganhá-lo. Muitas mulheres, né. E quando terminou o show, a Beatriz tinha os apartamentos que a gente morava, mas quando chegava uma pessoa mais especial, ela tinha um apartamento. A Raquel ficou danada. “Sim, e por que ele quis ficar com a Lôra?” Eu disse “nem eu não sei, viu”. Aí a minha amiga disse “mulher, é o seguinte: tu não vê na Dorinha o que ele viu”. Eu sei que a gente se correspondeu, até 1968 a gente ainda se correspondia. Aí depois, foi quando ele casou e aí a gente não se viu mais. Hoje ele tem filho rapaz, eu vi a esposa dele, no programa do Raul Gil. Ele tá bonitão. Ele teve aqui em Fortaleza há pouco tempo. Ele tá meio calvo. Mas é só lembrança. Uma doce lembrança!

Nesse período, ele passou três dias em Mossoró, fazendo show, as três noites, os três dias, a gente esteve junto. Aí depois, ele tinha a vida dele, de viajar muito, no auge do sucesso, desde 1964, e ele vinha cantando muito antes, desde 1960, do início de 1960, mas mais do que isso, em 1964, ele ficou o maior sucesso dessa música aí. Aí viajava muito, né. Aí a gente ficava se correspondendo. Aí quando chegou em 68, foi quando eu me mudei pra cá, a gente perdeu o contato, nunca mais eu o vi. Acho que no tempo que ele casou.

Em 1969, eu tinha conversado com um amigo da Marinha, esse marinheiro era meu amigo. Sempre andavam ele e um colega, os dois juntos, mas o outro saía, ia arrumar garotas, e ele ficava conversando comigo. O navio deles passou uma semana aqui, a esquadra todinha. Eu passei uma semana sem ganhar dinheiro, só conversando com ele. A gente nunca teve algo em comum. Só conversando. Ele chegava, assim, umas oito horas, sentava na mesa, começava a conversar, até duas horas, três horas da manhã.

Aí eu tinha meu dinheiro guardado, sempre tive. Aí a madame dizia assim: “Lôra, Lôra, mulher, tu não vai ganhar dinheiro não, minha irmã? Tu se senta aí, com esse marinheiro, a noite todinha conversando!”. [Em tom mais calmo, reproduz sua própria resposta]. “Eu estou lhe devendo? Não estou. Então, não se preocupe com a minha vida. O quarto está pago”. A gente pagava a diária! Era como se fosse um hotel – “paguei a diária, eu não estou lhe devendo!”.

Então, eu e o marinheiro, a gente começava a conversar. Ele, muito inteligente, tinha até um apelido. Chamavam ele de “maluco”, por causa das idéias dele. Eu esqueci de

onde ele era. Aí a gente começava a conversar, a gente conversava diversos assuntos, né. Assuntos de Filosofia, mas até aí eu só tinha o Ensino Médio, e eu não conhecia nada da Filosofia, mas na verdade já conhecia muito bem. Depois, já na faculdade, eu fui descobrir que eu sou uma filósofa inata. Eu não sabia aonde as minhas idéias se encaixavam, mas, quando eu estava na faculdade, descobri. Então a gente começava a conversar, diversos assuntos. E eu falando pra ele que eu não acreditava mais em Deus. Se existisse um Deus, era um Deus muito vingativo e mau. Porque eu fui uma moça, uma mocinha do interior, educada pelas freiras. Puríssima. Eu tinha idéia de ser freira! Quando eu fui ficando mocinha, aí minha idéia mudou, eu queria casar, ter família. Mas eu nunca pensei... Eu nunca tive namoro escandaloso, nunca fui de agarrar, de beijar, não, era um namoro que o máximo era pegar na mão, e dar um beijo, no rosto ou na testa, mais do que isso, não. E, de repente, eu me achei naquela situação!... Estava ali, numa boate, mercantilizando meu corpo. Eu sonhei com isso? Não! Não sonhei. Foi a circunstância da vida que me levou àquilo.

E eu disse pra ele que eu não acreditava que existisse Deus, se existisse era um Deus muito ruim e vingativo, porque eu nunca tinha tido aquele pensamento de estar ali. Tanto é que eu tentei suicídio duas vezes, em 1965. Eu ainda tinha o filho, e tentei duas vezes. Uma vez eu tentei me matar com comprimido. Da outra vez, eu fui me jogar do Lord Hotel. Eu ia me jogar, mas eu aprendi com as freiras, quando a gente fosse fazer qualquer coisa errada, toda vida eu nunca esqueci as boas lições que eu aprendi. A gente se benzia três vezes, e pedia muita força ao menino Jesus, pra gente não fazer besteira, e eu ia fazer naquele momento, porque eu não aceitava minha vida, mas eu sei que eu não fiz. Depois, ainda tinha o menino, ainda, e tomei comprimido. Eu sei que, como aquele filme, “lá em cima tem alguém que gosta de mim”, e eu não morri, me recuperei, e tive essa história com esse rapaz, dessa conversa, que eu dizia que não acreditava em Deus, e o navio foi embora e eu esqueci a história. Com uns três ou quatro dias que o navio foi embora, eu vou dormir, depois de fazer salão, já umas duas horas da manhã, e eu normalmente tinha muita sorte, a gente costumava dizer que a mulher tinha muita sorte, quando pegava muito homem, mas nesse dia não pintou ninguém. Mas eu não me ligava, que eu tinha meu dinheiro junto, não me aperreava, não.

Eu fui dormir, e tive um sonho que eu nunca esqueci, pelo menos de uma parte dele. Quando eu olhava assim pro céu, nessa direção, eu via Nossa Senhora das Graças. Ela vinha do céu, num nevoeiro, vinha descendo. Aí eu começava a chorar, gritando “meu Deus, eu agora creio em Deus, eu creio em Deus, e chorava copiosamente, “eu acredito em Deus, eu acredito em Deus”. Logo, de repente, ela estava perto de mim. Mas ela me dava tanto *carão*, brigava tanto comigo, dizia tanta coisa comigo, que eu não lembro o que, e eu

pensava: “puxa, eu não sou de levar desaforo pra casa, mas to ficando calada. E ela tá sabendo o que eu to pensando”. Aí ela dizia muita coisa, ralhando, brigando comigo, mas eu não lembro o quê. E eu lembro que ela disse assim: “uma mulher, quando estiver pra dar a luz, uma agulha com um retrós preto”. Retrós é uma linha. Aí, eu chorando muito e ela desaparecia, e eu acordei chorando. Então eu fiquei pensando, aí que eu fui lembrar do marinho, me esqueci do nome dele, nunca mais o vi, mas não me esqueço dessa conversa que a gente teve e do sonho depois.

Eu fiquei pensando “mas como é que pode? Eu, pecadora como sou, ver Nossa Senhora?”. Aí me veio a idéia, ou alguém falou pra mim, não sei. Que nós humanos exigimos muito mais dos outros do que o próprio Deus da gente. E aonde a gente tem o preconceito com o outro, é onde a gente tá podre por dentro. A falsa moral.

Agora, meu período aqui, no Serviluz mesmo, no quente, foi pouco, porque eu cheguei 13 de julho, e quando foi em novembro, eu me juntei. Quatro meses. Mas mesmo nesses quatro meses, foi intenso. Foi tão legal! Foi como, vamos supor, como quatro anos.

Eu sempre ouvi minha mãe dizer: “quem cospe pra cima, cai na cara”. Eu vim entender isso quando eu vim para o Serviluz. Quando eu trabalhava no Lord Hotel, eu tinha meus velhos ricos, e tinha um senhor de 65 anos, meu cliente, que a gente se gostava. Ele me levava pra passear de carro, e um dia ele veio pela Beira-Mar – muitos prostíbulos ainda eram na Beira-Mar, ainda não tinham vindo para o Serviluz –, e ele seguiu direto, até o fim da Beira-Mar, até que fez uma curva e entrou no Serviluz. Ele me mostrava aquele monte de casinhas, pobres, pequenas. Ele disse: “você está vendo estas casinhas? São todas *casas de recursos*”. Casas de recursos, que ele dizia, eram cabarés, mesmo. E eu me lembro de que eu disse: “e tem quem queira mulher daqui?” Ele me respondeu que sim, que ali tinha muitas mulheres bonitas, e muitas mulheres muito boas. E aí, anos depois, no dia que o motorista da boate 80 me trouxe para morar no Serviluz, eu me lembrei daquilo que minha mãe disse. Eu cuspi pra cima, e aparei com a minha cara. Mas, também se diz que “no meio do lodo também crescem lírios”. E eu não sabia que era aqui, no Serviluz, que eu ia me tornar uma senhora. Mãe de família, casada, feliz. Que eu ia encontrar o meu marido, que me mostrou um amor que foi como o primeiro.

[...]

Mas na Boate 80, no Centro, as mulheres eram “completas”. Até essa história do “completa” eu vou te contar, tu vai achar graça, no teu trabalho, viu, não sei se você vai colocar. À noite, tudo arrumado, aqueles industriais, empresários, muito ricos. Não dava *ralé* não, sabe? Aí, a gente só bebia uísque, o traje da noite era o traje *soirée*, né, francês, que a

palavra vem do francês, soirée, soirée. Só que a maneira como fala eu não sei, eu digo bem aberto, no cearês mesmo, suarê! Que é traje passeio de noite, né, muito chique. Eu tinha, talvez, uns 22, 23, por aí, mas não parecia, eu parecia mais nova.

Perguntavam: “Você é completa?” Eu respondia: “Sou” [faz expressão e entonação de quem não está entendendo muito bem, de ingênua]. Minha mãe dizia, lá no interior, “você tá moça completa, pode casar”. Aí eu pensava que era isso. “Sou”. Aí eu chego lá, era outra coisa.

Eu disse “ah, é isso?”. “Tem que ser oral, tudo”. Ei! “Minha filha, você não disse que era completa?”. Eu digo: “ah, num sabia que era isso não, peraí, assim não!”. Ele começou a rir, da ingenuidade, né.

Aí quando foi com uma semana, a dona chegou pra mim, a Beatriz chegou pra mim e disse: “Lôra, vem cá. Eu to recebendo reclamação de você”. “De mim?!”. “Sim, de você. Minhas mulheres são completas, você não está fazendo as coisas. A Íris, a minha secretária”, que era a secretária dela, “abriu uma boate lá no Farol, Mule Ruge”, que é, no francês, Moulin Rouge, né? Mas era Mule Ruge mesmo! Cearês! “E lá, dá muito estrangeiro, tem muito pescador, tem homem de terra também, tem homem de navio, tem muito estrangeiro, só se você quiser, não é obrigado. Mas aqui tem que ser completa. Se você quiser, o meu motorista vai lhe deixar lá”. Aí eu digo: “Tudo bem, vou”. Aí ele veio me deixar, fiquei lá na Mule Ruge.

Aí tudo bem. Só que a Íris dizia assim: “Lôra, você não dá pra ser puta não! Você não dá pra ser puta, você é muito pura! E não pode ser assim!”. Se o homem viesse de pé no chão, de chinelo, eu não queria. Se o homem tivesse com as unhas sujas, compridas, eu não queria. Ouviu? Aí ela dizia: “Você é muito chique, você não dá pra ser puta! Arranje um homem, se case, se amancebe, que você não dá”. E eu dizia: “Olha, eu não sou obrigada. Eu faço o que eu quero”. A gente pagava a diária, era como se fosse um hotel, pagava a diária. Eu dizia: “Eu tô lhe devendo diária? Tô não. Então, pronto. Então não reclame! Eu vou pra cama com quem eu quero”.

Mas esse período que passou foi assim. Então dava muito estrangeiro, colombiano, japonês, viu? Filipinos, só que os filipinos não desciam dos navios. Hoje já descem, mas não desciam na época, porque eram comunistas, e ele não podiam descer. Eles não tinham o direito nem de usar relógio. Não usavam. O Estado, era socialista, era aquela história, né? Dava “tudo”. Entre aspas, porque “tudo” é pro chefão, né? Faz de conta que dá. Mas havia colombianos, espanhol, francês, italiano, alemão. Então, era muito bom. Aí, aprendi dançar merengue, rumba, cumbia. Com espanhóis, os colombianos, os peruanos... E foi muito

bacana! E esse período que eu passei foi um período de muita lição de vida pra mim, pra pessoa que eu sou hoje.

Então, briga, aqui, tinha pouco. Só tinha briga quando vinha mulher lá da Cinza pra cá. Quando fechava lá a Cinza, de madrugada, elas vinham pra cá. Aí de madame daqui, mesmo, não brigava, não. Agora, tinha: tinha o Forró do Expedito, tinha o Forró da Zizi – a Zizi já morreu, tinha o Forró do Zé Vitalino, que o Zé Vitalino era o Forró da Bala, que era o mais, por assim dizer, o mais vagabundo mesmo, viu? Aquelas mulheres que bebiam cachaça...

As mulheres da Mule Ruge, do Bar da Saionara, eram as mulheres classe A. Não andavam na rua, só saíam de táxi, só tomavam uísque. Nem cerveja, nem Rum Montila, nem Bacardi. Era uísque. Agora: eu nunca fui de beber. Eu nunca gostei de beber e nem de fumar. Mas eu tinha que dar lucro à madame. Que é que eu fazia: eu já conversava com a gerente. Ela botava um dedinho de uísque, e o resto, *Blimp Limão*<sup>75</sup>! Não diga “o novo”, não, viu? É o novo! Blimp Limão e gelo. Eu tomava até de 15 doses e não sentia nada, porque era só refrigerante. Eu ainda dava um espaço, entre uma golada e outra. Pois é. Então, tinha esses forrós, tinha os restaurantes, eu só saía para ir pro restaurante. Jantava, almoçava, jantava... Quando não tinha comida, que a madame dava comida pra gente, né, a gente pagava diária. Agora às vezes, não tinha, e a gente ia pra um restaurante. E toda vida eu fui muito de juntar dinheiro.

E tive experiência com navio de marinha, brasileiro. Tinha também as pessoas do Centro, aqueles senhores que vinham, também. E tinha uma coisa: algumas mulheres gostavam de escândalo. Quando o homem não pagava, iam pra delegacia. Jamais eu fiz um negócio desses. Tinha umas mulheres que eram fichadas. As mulheres fichadas eram profissionalmente daquilo, né, do sexo, prostitutas mesmo, profissionais. Então, se o cara não pagasse, levasse para a delegacia, ele iria pagar dois tantos em cima daquilo que ele não queria pagar, viu? Mas a minha vida ia ficar exposta, a minha intimidade ia ficar... Então, quando acontecia isso, eu, ó [gesto de zíper na boca]. Só que aquela criatura, eu não queria mais. Entendeu? Toda vida eu fui desse jeito, assim.

E aqui era muito animado, mulher ganhava dinheiro, viu? A gente pegava os italianos. Os que eram mais pão-duro eram os japoneses. Japonês chegava, se um fosse com uma mulher, se fossem cinco japoneses, tudim ia com ela depois, e ficava esperando a vez de cada um. Não queria outra pessoa, tinha que ser aquela. Eram *fiéis*. [sarcasmo]. Eu não sei se por timidez, eu não sei, eu sei que se fossem cinco, quatro, três ou dois, era uma

---

<sup>75</sup> Blimp Limão foi um refrigerante fabricado no Ceará nas décadas de 1950 e 1960.

mulher só, pra eles. Um ia, depois o outro... Como elas diziam, eram cinco michê! Pois é, cinco clientes, assim. E eu tive noiva com um francês, viu? E tive vários amores, foi muito bacana. Foi ótimo, viu? Esse período da minha vida foi como, assim, uma recreação. Porque, no bom sentido, foi saudável, porque eu nunca fui assim, uma pessoa promíscua, nunca fui de escândalo, nunca gostei disso. Tudo eu fui muito eu mesma, né. Muito discreta. Tratava muito bem, respeitava. Então, dava estrangeiro, ganhava dinheiro, muito dinheiro. Tanto as garotas como as madames, que elas ganhavam muito dinheiro. A noite era intensa.

Os japoneses pagavam direitinho. Só que eles tinham esse negócio, que se um fosse com uma mulher, tinha os outros tudim, né? E aí dava muito colombiano, peruano, viu? Era muito bom! Era assim uma coisa muito divertida. E elas vieram pra cá, né, tiradas de lá, botadas tudo pra cá, da Beira-Mar, e da Coassa, pra cá, e foi ficando densamente povoado pelas boates. Então, foi ficando muito pros lados. E aí quando foram fazer a [avenida] Leste-Oeste, que é que aconteceu: pegaram todo aquele baixo meretrício de lá, as Cinzas e o Curral. As Cinza e o Curral, eu não sei qual tinha as mulheres mais promíscuas, se uma ou se era a outra, eu sei que todas eram. Mulheres que brigavam, que cortavam, aquelas coisas perigosas, sabe? Roubavam e tudo. Aí pegaram aquela massa real e botaram pra cá. Quando botaram aquela massa pra cá, aí bagunçaram o coreto. Porque pelo menos antes eram mulheres selecionadas, né? Aí, o negócio ficou feio, né. E aí povoou mais ainda. E com a vinda, com o fechamento do porto de Camocim, né, e abriram aqui, aí aqueles trabalhadores do porto vieram tudo pra cá, com as famílias. Aí o Serviluz cresceu mais ainda, aí ficou aquela *mistura* só.

No Serviluz, eu arranjei um companheiro, que logo quando eu cheguei, eu conheci ele. Foi o pai da minha filha mais velha. E com quatro meses no Serviluz, eu já tava já junta com ele, mas aqui, acolá, dava umas pernada fora, porque eu nunca deixei homem me humilhar. Ele saía de folga, meio-dia, e não pisava em casa, eu ficava só em casa, e eu dava minhas pernadas, saía, mesmo. Aí, ele saía, ele entrava de seis horas no cais, que ele era segurança, no cais, aí passava de meia-noite, ora, eu me mandava, sabe? Ele morava lá no Castelo, mas ele sempre vinha e ficava lá em casa. Eu montei uma casa pra eu morar, e logo engravidei.

Um dia, eu já sabia que tava grávida, e queria trabalhar, eu disse: “eu não vou mais pra boate, eu não quero”, apesar de que pra mim era muito rentável. Eu disse: “eu vou parar, eu vou até o Centro da cidade” – toda vez eu conversei comigo mesma – “eu vou comprar jornal, lá na Praça do Ferreira, eu vou olhar os empregos, e vou procurar, eu quero trabalhar”. Porque o pai da criança, que era junto comigo, não tava mais me dando as

coisas direito. Eu estava grávida de três meses. Eu tava passando fome, vendi minhas jóias, acabei o dinheiro do banco todim. A casa, quem comprou tudo pra casa fui eu, já tava acabando tudo, e eu tava passando fome. Eu fui. Cheguei na Praça do Ferreira, comprei o jornal, sentei na praça e fiquei olhando. Eu estava grávida de três meses, e queria trabalhar. Fui pro Centro, comprei um jornal, me sentei na Praça do Ferreira e fiquei olhando, aí eu vi um anúncio, para trabalhar em casa de família, mas eu não sabia ainda que era a mesma pessoa que me encomendava vestidos, ainda no ateliê de costura do Lord Hotel. Aí, peguei o endereço e de lá mesmo eu já fui. Antes de eu sair, falei comigo mesma: “minha Nossa Senhora das Dores, se eu conseguir esse emprego, essa criança que eu estou esperando, se for homem, talvez seja Dória. E se for mulher, será Maria das Dores, como eu”. Em homenagem à minha protetora, sabe. E consegui. Quando a menina nasceu, eu registrei, batizei Maria das Dores.

Tava grávida, eu sabia que tava grávida, mas não ia dizer que tava, porque eu ia perder a vaga, né. A história da mentira... Às vezes, a mentira é necessária, quando essa mentira não vai de encontro, né, aos anseios de alguém, né. Era uma necessidade. Aí, quando eu cheguei lá, era a mãe da patroa que estava lá. Ela só vivia viajando pra Europa, aquela coisa toda, né, muita viagem. Eles tinham uma empresa de pesca, que tava de vento em popa, a lagosta tava dando no meio da canela... Aí ela disse: “O que você sabe fazer?” Nessa época, eu só tinha o ensino médio. Aliás, nem o ensino médio, não, eu tinha o segundo ano ginásial, que corresponde, hoje, à sétima série, que tudo isso modificou, né. Aí ela disse: “O que é que você sabe fazer?”. Aí eu disse: “eu sei costurar, eu sei bordar. Eu sei fazer a economia doméstica, porque que eu aprendi muito com as freiras”. Elas ensinavam todas essas prendas da família, né. A gente aprendia muito bem. Boas maneiras, viu, e etiqueta social, que as escolas hoje... [não ensinam mais]. Pois é. Aí ela disse: “olha, eu gostei de você, pode começar amanhã mesmo”. Eu vim muito feliz, e no outro dia eu já fui trabalhar. Agora, eu ficava na casa, morando lá. A folga era de quinze em quinze dias, e eu fiquei, né, e aí o *outro* [o companheiro] deu pinote.

Mas eu nunca deixei homem dar as cartas na minha vida, me governar... Não, toda vida fui muito assim, sabe, de tomar iniciativa, a minha vida, e o que é bom pra mim pertence a mim! Viu? E, até então, a gente nem era casado, era só junto. Aí eu fui trabalhar. Quando foi com um mês, a dona da casa voltou de viagem. Quinze empregadas, entre jardineiro, lavadeira, cozinheira, arrumadeira, copeira... tudo de farda, sapato e meia, tudo daquele jeito, mesmo, como manda o figurino, né. Elite, elite mesmo. Aí, a mãe dela chegou e disse assim: “olha, todas se arrumem, que a minha filha quer passar o visto em tudim, e ela quer ver quem vai ficar”. Eu tinha vinte e cinco anos. Tava com vinte e cinco anos, já. Aí, ela veio, conversou com tudim, e eu sei que três foram embora. Ela disse: “eu gostei de

você, e você vai ser minha camareira particular, lá do meu quarto, das minhas coisas. Gostei muito de você, menina! Gostei, dá certo comigo”. Aí eu fiquei, né. Só fazendo as coisas dela, tudinho.

Quando ela tava viajando ainda, quando ela ainda não tinha chegado, um dia eu estava, assim, dando uma arrumação na sala, e vi um retrato da patroa que estava viajando. Era a senhora que me encomendava vestidos... eu não sabia... Aí depois quando ela chegou de viagem, ela disse: “menina, eu lhe conheço né? Eu lhe conheço!”. E eu disse: “sim, lá do Ateliê da Zezé. Eu costurava para a senhora”. “Ah, que ótimo, sabe costurar? Sabe bordar?”. “Sei”. “Sabe o que mais?” Eu disse: “eu sei uma porção de coisa!”. Aí eu fiquei com ela. Aí, passou, passou, eu já tava já com cinco pra seis meses [de gravidez], tava bem grossinha. Mas a farda tinha avental, aí escondia, né. Já não dava mais pra eu me sentar, pra arrumar as gavetas sentada. Eu ficava sentada como japonês, em cima dos pés. Ela olhou assim e disse: “Das Dores, você tá grávida, não está?”. Eu digo: “eu estou”. “E como você não disse?”. Eu digo: “olhe, nem todas as verdades devem ser ditas em todos os momentos. Se eu tivesse dito que estava grávida, a senhora não ia me querer pra trabalhar, e estou necessitando desse trabalho. Por isso eu fugi à verdade”. Mas ela disse: “tem problema não, tem problema não!”. Aí continuei trabalhando. Quando eu tava com uns sete meses de grávida, aí já dava agonia, ficava sem coragem. Ela foi e me mandou pro médico particular. Eu fiz todo tipo de exame, e ele disse: “olha, ela tá com um pouco de anemia, viu, e ela necessita de repouso. Ela tá anêmica, por isso ela sente esses passamentos, essas agonias”. Pois é, sete meses, aí ela disse assim “Das Dores, você vai pra casa, você vai repousar. Eu vou ficar dando o seu salário daqui, e você vai receber tudo que você tem direito, e mensalmente eu vou mandar um dinheiro pra você. Quando você tiver seu filho, você pode voltar pra trabalhar. Nunca fiz isso com ninguém, mas eu gostei demais de você”. E assim eu fiz, vim pra casa, e ela mandava o dinheiro todinho. Aí, quando nasceu, era uma menina. Comprei tudo para ela. Ela nasceu no dia treze de março de 1970, e eu fui deixar a menina quinze dias depois, no interior, pra minha mãe criar, que era pra eu voltar pra trabalhar. Levei também uma feira, e disse “não se preocupe, que eu mando todo o necessário pra menina, não vai faltar nada, e um dinheiro pra senhora também”. Assim eu fiz, e vim embora. Acabei o resguardo num dia, e no outro dia liguei pra minha patroa, e ela disse “pode voltar!”. Eu voltei.

Em 1970 eu conheci o meu marido. Eu estava junto com o pai da minha filha, que havia nascido. Eu estava trabalhando, e a gente se conheceu. Mas a gente foi assim, uma coisa muito interessante, porque, de mim pra ele, foi amor à primeira vista, paixão louca. E essa paixão transformou-se em amor, e a gente se namorou, por meses, e depois a gente se juntou.

Eu ainda trabalhava como camareira em uma casa de família. A família da minha patroa era dona da indústria aonde ele trabalhava, e foi justamente nesta casa que eu o conheci. Ele trabalhava na indústria de pesca. A família da minha patroa era muito conhecida em Fortaleza. A casa dela ficava no bairro Meireles, perto do Ideal Clube. A família da minha patroa tinha a boate particular dela, em casa, e eles estavam fazendo uma reforma. Essa boate era só da família, só deles, particular. Tinha dança, troca de idéias, bebida, sabe. Ela só vivia nas colunas sociais... Mas fechado, só da família.

Então, na reforma da boate, iam os trabalhadores da indústria de pesca, pra pegar o material todinho, aquele entulho, pra levar no carro da empresa. E outros vinham também, estavam ajudando na construção junto com os engenheiros. E foi justamente quando ela foi fazer a reforma da boate que eu conheci o meu marido. Aí foi uma coisa interessante, eu olhei pra aquele homem, eu disse “ai meu Deus, ai que coisa, esse homem!”. Aquele homem tímido, rústico, baixinho, moreno. Ele não era bem negro, porque ele tinha o cabelo bom e tinha a fisionomia de branco. Mas era muito mestiço.

Aí eu pensei: “mas ele é casado, Deus me livre de fazer a infelicidade de ninguém”. Aí, todo dia eu ia deixar a filha dela, que tinha nove anos, eu ia deixar no colégio com o motorista, no colégio Christus, e ele chegava de manhã, pro trabalho. E eu com uma paixão louca, e isso passou meses, né.

Até que eu falei pra Laurinha, que era irmã de criação dela, irmã de criação assim, porque a Laurinha era filha de uma empregada da mãe da mãe dela, e eles eram muito ricos... e essa menina, a mãe dela, casou com um português, então ela era filha de brasileiro com português, ela era bem alta, era assim, acho que já tinha já uns cinqüenta anos, né. Era uma pessoa excelente. Aí, justamente, a Laurinha foi quem ajudou a criar a filha da minha patroa. Porque a mãe da minha patroa era madrinha da Laurinha, e quando a mãe da Laurinha tava pra morrer, pediu que ela tomasse conta da afilhada. E ela casa, e tem a Lourdes, e então foi irmã de criação, né. Aí eu disse: “Laurinha eu estou apaixonada, ai meu Deus do céu. Mas ave Maria, isso é uma coisa impossível... jamais eu vou fazer uma coisa dessas”. E ela: “Por quê?”. “Infelicidade de um casal... Porque a minha mãe passou por muitas dessas coisas, e eu não quero fazer com ninguém. Meu pai fazia isso, né. Arrumava lá uma mulher e judiava em casa com a família”. Aí ela disse: “E quem é?” “É o Geraldo. O seu Geraldo”. E Laurinha: “O quê, Dorinha? Menina, mas o Geraldo é solteiro”. Eu pensava que ele era casado, porque ele já era maduro. Ele é quinze anos mais velho do que eu. Eu sou de 1945, ele é de 1931. Aí ela disse: “Não, não é bem assim, ele não é casado”. A Marlene era a lavadeira, né. A Marlene gostava do jardineiro, e ninguém sabia.

Só quem sabia era eu e a Laurinha. Porque se a mulher soubesse, iam os dois pra rua, viu? Aí eu disse, eu tô assim, mas eu não vou atrás dele, Deus me livre.

Porque é igual àquela historia, né. O ladrão, ele é ladrão. Mesmo se ele deixar de roubar, ele vai continuar, todo dia, ouvindo: “olha, lá vai o ladrão!”. Então, digamos, eu era mãe solteira, né. Se eu pelo menos olhasse uma pessoa, pra achar graça, já iam pensar que eu tô querendo um namorado...

Eu ainda não tinha terminado com o pai da minha filha. Eu vinha pra casa de quinze em quinze dias, né. A menina estava no interior, e ela esteve doente. E ele era uma pessoa muito fechada. Ele dizia que ele era solteiro, mas eu descobri que ele era noivo. Descobri que era noivo há vinte anos.

Inclusive a irmã da namorada dele começou a namorar na mesma época que eles e já tinha filho, já de quinze anos, e ele namorando ainda. Aí eu fui, e disse que não dava mais certo, porque começou a faltar as coisas em casa. Assim, eu vinha de folga, e nem um dinheiro pro meu ônibus ele não tinha. Pra que eu quero um homem desses? Não, de jeito nenhum. Aí eu disse que não dava mais certo. E ele: “Por quê?”. Eu digo: “eu não lhe disse, eu não lhe disse, quando a gente começou a se gostar, que eu não ia fazer covardia com você e você não fizesse comigo? Que, no dia que eu me interessasse por outro homem, eu diria pra você? Pois é, estou com outro homem, não lhe quero mais”. “Que coisa, eu não acredito”. “Pois pode acreditar. Eu estou com outro e não lhe quero mais. Não dá mais certo. Que é que eu espero de você? Nada. Eu estou envelhecendo. E quando eu estiver velha, que é que eu vou fazer? Vou terminar como tantas por aí, lavando roupas pras mais novas, porque não acha mais quem a queira. Ó, comigo, não!”. Aí, sei que a gente se deixou.

E eu trabalhando, e marquei de ver o Geraldo na minha folga. E ele muito tímido, o Geraldo, tímido demais. A gente marcou na minha folga. Eu disse: “Olavo, Olavo”, que era o jardineiro, “diz pra ele que eu quero encontrar ele lá na esquina, que eu to saindo de folga”. Aí ele chegou e disse: “Seu Geraldo, seu Geraldo, a Das Dores quer lhe encontrar lá na esquina, ela tá saindo de folga”. Aí, quando eu cheguei lá, ele tava. Minha irmã... ele disse “oi”. “Oi”, e não disse mais nada. E eu fiquei naquela... Eu sou daquele tipo de mulher, que a mulher não toma iniciativa nas conquistas, embora queira. A mulher que toma iniciativa nas conquistas – isto era do passado, né, hoje é diferente – pode ser uma mulher oferecida, uma mulher barata, sem classe. Ninguém me ensinou isso, mas eu sei que é assim. Mas eu fui obrigada, porque o homem não se decidia. Eu digo: é o jeito, é o jeito. E aí, quando a gente chega lá, ele olhava pra mim, eu olhava pra acolá, aí eu: “pois, seu Geraldo, eu já vou”. “Pois tá, vá”. Aí eu vim de folga, aí eu acabei com o outro, não queria mais saber, não queria mais de jeito nenhum. Aí quando eu cheguei de novo, o Olavo: “E aí?” Eu disse: “Porra,

esse *homi* parece que é *viado*, esse *véi*. [risos] O homem não disse nada!”. “É não, é porque ele é tímido”. Aí, eu sei que, um belo dia, veja só, eles estavam quebrando chapisco, da boate, em cima né, e ele estava sem camisa, só de calça, sem camisa, aquele corpo bem másculo, musculoso, que eu vi, que eu olhei [risos]. “Não fico aqui, não, vou embora, vou embora, agora mesmo”. Aí veio o João, que era amigo dele, amicíssimo, ele era noivo, protestante, era santo que só. Eu disse: “João, João, eu vou embora!”. “Por que, Dorinha?”. “João, eu tô apaixonada pelo seu Geraldo, mas o diabo do homem não se decide, e eu não quero fazer besteira”. Olha, eu vi aquele peito bem másculo, sem roupa, tirando aquele chapisco... eu fiquei doida, eu fiquei toda arrepiada. “Eu vou embora!”. Aí, eu cheguei pra dona da casa e falei: “eu vou embora”. “Por que você vai embora?”. Eu disse: “eu não quero mais trabalhar, então eu vou ficar aqui fazendo cera, corpo mole”. Fui embora. “Pronto.” Ela disse: “Tá bem, tá bem! Se um dia você quiser voltar, é só telefonar pra mim. Nenhuma empregada na minha casa vai e depois volta, e eu recebo, mas você é exceção. Gosto muito de você, menina”.

Eu tinha arranjado outro trabalho, fui trabalhar em outro local, fui ser cozinheira de forno e fogão de um senhor. Esse senhor, ele tinha um grande patrimônio, né, ele morava ali na Rua João Lopes, que fica ali, entre as avenidas Costa Barros e Pereira Figueiras. É uma rua curta, uma rua de somente um quarteirão. Fui trabalhar lá, gostando do Geraldo.

Eu fui-me embora. Aí eu sei que a gente ficou se encontrando. A Laurinha tava fazendo um curso por correspondência, e quem ajudava era eu. Aí ela disse: “olha, Das Dores, eu vou mandar as matérias pelo seu Geraldo, aí você resolve e manda as explicações pra mim.” Tudo bem. E assim a gente fazia. Eu sei que nisso, ele morava nessa mesma casa aqui, só que era uma casa menor, uma casa mais humilde, sabe, mais simples. Eu tava no trabalho e tinha a minha casa também. Aí a gente se encontrava.

Eu morava ali, próximo à delegacia do Serviluz. Aí ficou a amizade, e quando foi um dia... Olha, foi minha lua de mel. Mas olha, a coisa mais interessante, eu não sei, até hoje eu não sei... Eu procuro na memória, passa uma coisa tão rápida. Dizem que o ato sexual, ele tem uma energia tão forte, fortíssima, que às vezes o individuo ele atinge o *sub-inconsciente*, segundo Freud, quando ele atinge o *sub-inconsciente*, ele chega a uma situação que depois ele não lembra como tudo aconteceu. Isso quando existe muito amor, quando existe muita integração, e aconteceu comigo. Ainda hoje eu não sei quem foi que atacou. Eu pergunto a ele, quem atacou... Ele diz: “pergunta besta!”.

Aí pronto, a gente começou a se gostar, aí ele foi, e disse: “olhe, é bom a gente se juntar, que eu quero ter um filho”. Foi aí quando eu mandei mesmo o outro ir de vez, pras cucuias! Aí a gente começou se gostando mesmo. Eu trabalhava, e eu já tinha deixado o pai

da Dorinha, porque Geraldo queria filho, mas eu tava com os dois, e eu não queria, porque eu queria saber quem era o pai do meu filho. Se fossem os dois, eu não iria saber. Aí, eu terminei com o outro, e com uns dois meses depois, eu disse pra ele que agora tava pronta pra engravidar. Engravidei, aí ele queria que eu viesse pra casa, né, saísse do trabalho.

Mas incrível, eu já era apaixonada por esse homem e o que mais concretizou esse grande amor foi *a verdade*. A gente não pode confundir a paixão com o amor, são coisas diferentes. A paixão é uma atração incrível de um individuo pelo outro, e o amor é uma integração maior, confiança, né, respeito.

E eu lá trabalhando, e ele morava aqui, mas morava com dois irmãos, que vieram do interior. Mas a casa era dele, e os dois irmãos moravam aqui. Aí eu disse: poxa vida, eu tenho que decidir minha vida. Eu vou ficar só assim, gostando, e se encontrar, e essas coisas? Eu não, eu quero uma coisa mais concreta. Então a filha do meu patrão veio de São Paulo.

Ela era casada com o filho do dono do Café Guimarães, era bem pelo Centro, a loja. Tinha a moageira e tudo. Era na avenida Major Facundo com Liberato Barroso, onde hoje é a [loja] C. Rolim. A gente ia comprar café ali. Isso em 1964, 1963, 1962, depois disso o café mudou-se para o Montese... Era um café ótimo, cheiroso. E, vizinho, ficava a padaria Lisbonense, aquela do português, que hoje é um shopping com o mesmo nome. Aí ela era casada com o filho do dono do Café. Ela ia voltar logo pra São Paulo, que o marido tava de férias. Ela disse: “mãe, arranja uma pessoa pra mim, porque eu sozinha, é tão difícil em São Paulo, arranjar alguém de confiança”. Ela disse: “olha, é o seguinte, se a Dorinha quiser ir, eu cedo a Dorinha. É uma pessoa que eu não queria perder nunca”. Toda vida, quando eu falava de sair, ela aumentava meu salário, pra eu não sair. Eu cozinhava forno e fogão. De casa eu faço tudo. Eu lavo e engomo terno, com grude e tudo, essas coisas, sabe?. É assim: faço pão, faço bolo, faço tudo que você quiser. E era rápida, viu. Aí ela disse: “você que ir?”. Eu disse: “quero. Mas, primeiro... olhe, eu não vou dar a resposta agora. Mas querer, eu quero”.

Aí eu cheguei pra ele e disse: “olha, Geraldo, eu vou embora pra São Paulo. Porque você mora com seus irmãos, e você não se decide, e o tempo tá passando, e eu estou envelhecendo. Eu tenho que me fazer enquanto eu ainda tenho alguma juventude, viu? Eu tenho que aproveitar minha juventude. Porque bonita eu nunca fui” – e não sou – “então, eu tenho que aproveitar a juventude”. Aí ele disse: “não, que quero morar com você. A gente vai se conhecer, e se der certo a gente casa”. Eu digo: “você vai garantir?”. E ele: “vou garantir. Não vá embora”. Aí eu fui e dispensei. Foi aí quando eu engravidar. Continuei trabalhando na casa do Lourival Gadelha, e, quando eu tava com seis meses, meu marido

disse: “venha pra casa, pode vir”. Foi quando eu vim pra casa. Eu saí do trabalho, e a minha casa, eu passei pra meu irmão, com tudo que tinha dentro. Com o dinheiro que eu tinha junto, eu comprei tudo para dentro de casa, tudo. Aí a gente foi viver junto. Logo, o meu filho nasceu. Meu marido trabalhava, aí não queria mais que eu trabalhasse. Eu trabalhei ainda num restaurante, aí depois eu acabei, né. Aí eu fiquei só em casa mesmo.

Tive um menino, depois logo engravidei novamente, o menino de 72, e uma menina em 1973. Aí, quando eu estava grávida da menina, com dois meses de grávida, ele disse “vamos casar”. Aí a gente casou. Casou só o civil, foi uma graça. A dona da casa riu tanto. Porque ele tava fazendo um trabalho lá, na casa dela, quando eu liguei do cartório: “senhora, por favor, mande o Geraldo pra casar, que tá em cima da hora. É agora!” E ela disse: “menina, você é demais, você é das minhas, não é à toa que eu gosto de você. Tu já pensou? Chamar o homem pra casar *em cima das buchas?*”. Porque ele tinha dito que eu botasse os papéis tudim, resolvesse tudo, né. Ora! Ele saiu de lá, com o pezinho no chinelo, viu. Eu grossinha, de barriga. Aí tinha assim, eram uns dez casamentos, no cartório Cisne. Quem tava fazendo nosso casamento era o Cláudio Cisne. O bichim, morreu, eu soube da notícia, que ele ficou doente, era um homem lindíssimo, viu? Aí ele fez aquele casamento coletivo, Geraldo com o pezinho no chinelo, eu tava bem arrumadinha, mas tava bem grossinha, sabe, três meses, já. Eu olhei pra aquelas pessoas todinhas, pensei: “meu Deus, desses dez casamentos, quem será que vai até o fim, e vai ser feliz? Quem será, hein?”. Aí, eu sei que a gente casou, pronto, e constituiu a nossa família. Nós nunca brigamos, somos muitos felizes, graças a Deus, apesar de eu ter um temperamento forte, viu?

Mas meu temperamento é algo que eu aprendo a controlar, porque a razão fala mais alto, eu não me deixo levar instintivamente. Porque, você sabe, a importância do instinto para o homem... mas nós temos instinto e razão, somos instinto, razão e emoção, é o equilíbrio. Porque se o homem for só razão, isso o enlouquece. Se ele for só instinto, se animaliza, e se ele for só emoção, os outros acabam com ele. “Ah, ele é muito bonzinho, o abestado”, entendeu? Então é equilíbrio. Eu sou muito assim, determinada, mas eu tenho cuidado. Eu nunca passo dos limites, nunca maltratei meu marido. Ele é uma pessoa que nunca levantou a voz, nunca bateu num filho. Eu batia nos meninos, botava de castigo! Ora mais, menino! Aquela moral, sabe. E foi o que eu tive, foi minha criação, mas também é de mim. Às vezes ele diz assim, ele dizia pra mim: “menino, essa mulher parece que é a encarnação é do Lampião”.

Além de tudo, ele é uma pessoa que eu valorizo. Eu valorizo o meu marido. Ele é aquele homem simples, humilde, mal escreve o nome. Muito rústico. Mas aquela alma que

ali está é uma alma de um conhecimento muito... que ele me deu muitas lições de vida sem me dizer uma palavra. Agora, também, que eu era e sou uma boa aluna. Porque tem aquelas pessoas que você tá dizendo e a pessoa ainda não entende. Faça ideia você pegar, na íntegra, pela maneira da pessoa ser, e você pegar aquilo como lição, como aprendizado, e valorizar. São poucas pessoas que conseguem. Então eu sou boa aluna, eu gosto de aprender, sempre, sempre.

Pois é, e a gente hoje vive muito feliz, graças a Deus, somos felizes. Dentro do possível, como se diz, porque você sabe que a felicidade não é plena, isso não existe...

É como dizem os nossos grandes mestres, espiritualistas, que a felicidade não é deste mundo. Nós estamos aqui num eterno aprendizado, e esse aprendizado ele passa pelo equilíbrio. No momento, é necessário que existam o bem e o mal, até porque nós somos seres dualistas, nós vivemos uma dualidade. No momento, essa dualidade, para seres evolutivos, é necessária. Veja só, nós temos: a saúde, a doença, a alegria, a tristeza, a noite, o dia, o bem e o mal, a riqueza e a necessidade... Então, é um equilíbrio. Porque, se todo mundo fosse rico, como é que seria? Todo mundo pobre, também, como é que seria? Se tudo fosse noite, se tudo fosse dia? Se tudo fosse às mil maravilhas? Então!

Então, cada um tem que vencer pela sua vontade própria, pelo seu interesse próprio, e nós estamos... Agora, será que um dia nós vamos sair da dualidade? Vamos. Quando? Quando a gente evoluir. O mal não existirá mais. A dor, a fome, a violência. Aí, nós já teremos conquistado um patamar evolutivo, como tantos já conseguiram.

Olhe, se eu lhe disser, ou se alguém me ouvisse falar, que a prostituição é necessária, ela faz parte das lições de vida, por que existe prostituição? Porque o homem ainda está muito agarrado viu, ao instinto, o instinto predomina mais que a razão. A prostituição, o sexo usado inadequadamente... Porque o sexo é uma coisa sublime na vida de duas pessoas, muito pura. Mas que o homem, por causa da sua inferioridade, ele confunde. Ele vive mais o sexo do que outras situações, tanto é que Freud diz, que tudo no homem gira em torno do sexo. E é. O sexo é uma coisa pura, sublime, entre duas pessoas e Deus deixou para a procriação das espécies, né. Mas o homem extrapola, ele faz mal uso. E, muitas vezes, esse comportamento leva o homem à doença.

Então, tudo isso que o homem está passando, esse sexo desregrado, esta violência, essa maldade, a maledicência... tudo isso que nós estamos passando são aprendizados, são aprimoramentos. Aquelas pessoas que já conquistaram um patamar evolutivo, ético, eles passaram também por isso, mas não praticam mais. Dona Maria das Dores tem consciência disto, mas no passado, em outra vida mais remota, praticou tal qual, mas hoje,

a gente tá mais consciente. E tenho certeza de que, quando eu voltar, tudo que eu fiz nessa encarnação, não vou fazer tanto.

A nossa casa, quando a gente casou, era a sala, o quarto e a sala de janta, somente. Era daquela porta ali, tem a escada, era dali pra cá. Olha, quando a gente tá centrado no bem, no amor, a gente vai conquistando as coisas, passo a passo.

Eu sou graduada e especializada em História e Geografia para o ensino médio. Sou pós-graduada, né, eu tenho especialização. Sou pós-graduada em psicopedagogia, e digo que meu trabalho no Estado, quando eu entrei, eu só tinha, justamente, o Ensino Fundamental. Entrei como auxiliar de serviços, e ainda hoje eu estou como auxiliar de serviços. Mas a gente diz assim: “mas o que é justo?”. Não é? Filosoficamente perguntando, mas o que é justo? Às vezes, a gente... eu analiso muito esse meu lado também. Veja só, eu entrei no Estado, e foi ótimo, graças a Deus e tô gostando. Faltam quatro meses pra eu me aposentar. Mas acontece que nós vivemos em um sistema burocrático, um sistema que a gente diz assim, é um sistema social injusto. Então, não temos planos de cargos e carreiras para o funcionário público, temos para os professores. Na época, eu não era professora, ainda, que eu entrei como auxiliar de serviços. Então, como não tem o plano de cargos e carreiras para o funcionário público, eu tenho que enfrentar um concurso. Enfrentei o concurso, fiquei por dois pontos porque o livro que caiu na prova era O Nome da Rosa, né. Eu não tinha lido o livro, não tinha assistido o filme, e eu fiquei voando com o texto, por isso perdi dois pontos. Depois eu fui fazer História. Li o livro, assisti o filme, mas aí *já era*, né. Então, apareceu vaga para professor temporário, e minha diretora disse: “Dorinha, vai fazer, vai ser ótimo...”. Preparei tudo, teve a entrevista, foi ótimo. Na hora de assumir, cadê? Não posso. Por quê? Porque eu já tenho vínculo, né, com o Estado. Sou funcionária do Estado. Lá na Secretaria de Educação, eu disse: “mas o professor temporário, ele não tem vínculo empregatício, tanto é que ele é temporário, e aí?”. “E aí não pode. Se você se aposentasse, você ainda não podia”. Eu digo, “minha filha, olhe, eu só não vou lhe dizer uma palavra porque você não merece ouvir, viu. Você, eu, nós, fazemos parte do sistema, e o sistema é assim. Fazer o quê?”. Então, não pude assumir. E agora, eu não pretendo mais fazer concurso pra coisa nenhuma, sabe por quê? Porque eu tenho certeza que o meu limite, esse limite que eu tenho, tá muito mais limitado ainda, viu? Eu não tenho mais essa disposição, essa energia pra enfrentar uma sala de aula, não. Apesar do meu grande conhecimento... Apesar de ter grande conhecimento, não dá mais. Então eu não quero mais, viu.

Então é, veja só, eu tô com 66 anos. Você sabe que a nossa perspectiva de vida, do homem, subiu pra setenta e poucos, subiu um pouquinho. Se ele viver bem, né. Mas aí,

falta tão pouco tempo pra eu chegar aos noventa, eu não sei nem se eu vou chegar, pra que essa ambição de tanto dinheiro? Eu digo assim: “menino, para eu morrer pobre, o que eu tenho tá bom”. Então eu quero buscar... Agora o que eu quero é trabalhar pela minha saúde, viu? Investir na minha saúde, em hidroginástica, a musculação, fazer dança. Pra eu, nesse pequeno período que me resta, eu viver com saúde, viver bem, uma vida de qualidade.

Nunca escondi meu passado do meu marido. Ele já sabia que eu vivia com o João, e que ele tinha me encontrado na boate. Soube dos meus namorados. Eu falava tudo, nunca escondia nada. Naturalmente, viu. Eu acho, Erika, acho não, eu tenho certeza, quando existe amor entre duas pessoas, tem cumplicidade. Não há ambiente para esconder as verdades. Então a gente nunca teve segredo.

Os nossos filhos também, todos sabiam. De doze anos em diante, a gente conversava. Eu nunca escondi. Conversava abertamente, eu nunca escondi. Sinto orgulho, sinto orgulho graças a Deus, porque hoje eu sou a mulher que eu sou, eu dou graças a Deus, ao aprendizado do passado. Eu olho para trás e vejo o quanto eu aprendi, quantas lições. Às vezes, as lições dolorosas, como foi difícil para eu aceitar, de estar ali. Mas eu tinha que passar por aquilo ali, aprender, e dar exemplo pra alguém. Então eu nunca me envergonhei. E dos meus filhos, eu nunca escondi.

Mas tinha essa minha cunhada, que morava com a gente, uma pessoa muito maledicente, sabe. Quando foi um dia, ela foi dizer. Eu nunca escondi de ninguém, nunca escondi. A minha vida é um livro aberto, não tenho o que esconder, não tenho do que me envergonhar. Mas minha cunhada disse pra minha filha mais velha que o Geraldo não era o pai dela. Aí a menina veio me perguntar. Eu disse pra minha cunhada: “vem cá, não precisava você ir dizer à menina que o Geraldo num é pai dela, não. Sabe por quê? Porque eu estava preparando a minha filha para dizer no momento exato. Ela apenas tem dez anos, e ela ia saber quando ela tivesse doze anos. Não precisava você intervir, e vir dizer. Não precisava, viu? Porque eu não escondo nada, e eu não tenho a esconder”. E ela [imita uma voz sonsa, com um pretense tom de inocência]: “não, num sei o quê”. Eu digo: “tá, eu sei. Você é maledicente mesmo! Agora nem adianta a pessoa dizer que você é maledicente, porque você num sabe o que é isso, viu? Você é *indiscreta*, mesmo. Pra você entender”. E ela [repetindo o tom fingido]: “não, mas eu num disse por mal, não”. “Não”, eu digo, “num disse por mal, mas querendo fazer o mal”. Pois é, eu nunca escondi, de nenhum. Nenhum deles nunca teve problema com isso. Nunca tiveram. Sabe por quê? Porque toda vida, eu fui aquela mulher ética. Eu num fui mulher vagabunda, de qualquer cachorro, de beber no meio da rua e cair. Os meus companheiros, os meus namorados, era pessoas distintas, pessoas

de bem. Eu nunca fui mulher promíscua. Então, por isso, o meu marido nunca passou vergonha, e os meus filhos nunca passaram, graças a Deus.

São sete filhos do meu marido, mas eu tive dez. Eu tenho um filho que hoje é médico, foi o meu segundo. O primeiro morreu. E tem minha filha mais velha, a terceira de todos, que é a Dorinha. Meu filho médico eu não conheço, porque o pai era noivo e tomou ele de mim e nunca me deixou ver meu filho.

Mas esse período de prostituição... que hoje, hoje tá uma vergonha. Às vezes, eu digo assim: “Meu Deus!” A prostituta dos anos sessenta tinha mais respeito por si do que as moças e as casadas de hoje, viu? Veja só. A delegacia era aberta dia e noite, era direto. Eram aqueles policiais civis, onde tinha o inspetor, como delegado, mas um negócio que funcionava. E quando acontecia alguma confusão, ia pra lá pra delegacia. Às vezes, havia confusão, os alemães brigavam, sabe? Aquela coisa toda, e prendiam lá. Eles brigavam, entre si, às vezes brigavam com outras pessoas. Mas tudo se resolvia, era coisa esporádica, sabe? Não era sempre. E as mulheres tinham um grande respeito por si. Porque tinha aquelas mulheres, mesmo, promíscuas, mas que mantinham um respeito. À noite, elas iam pro Forró da Bala, bebiam as cachaças delas, se acompanhavam, lá, com os seus namorados. Tinha a Las Palmas, que as mulheres lá não eram muito confiáveis... Tinha a Berlim, a boate Berlim, e tinha a Saionara, também. Na Berlim, em cima ficavam os alemães, e no andar de baixo eram os outros, porque se juntassem os alemães com os outros, eles brigavam.

Aí, era desse jeito. Mulher ganhava dinheiro. Mulher se cuidava, mulher andava bem-vestida, mulher luxava, tinha jóia, mulher tinha dinheiro no banco. As mulheres não eram cachaceiras, só as que já eram dos forrós, né? As mulheres que se prezavam não iam para os forrós, ficavam só dentro das boates. Se um homem quisesse sair com a mulher – “não, o navio vai passar três dias, eu quero passar três dias aqui com a minha garota, com a minha senhorita” - ele pagava estadia para a madame, pra ficar com aquela garota, aquele período. Entendeu? Era pago. Ela só saía da boate, digamos, terminou o movimento, aí, mesmo pra ela sair, pagava. Não podia sair assim. Lá na 80 também era assim.

Na 80, quando a garota ia para o quarto com o homem, ele pagava logo a garota e pagava o quarto e a chave, pagava logo tudo adiantado. Se rolasse mais alguma coisa por lá, que às vezes acontecia, né, tinha homem que tinha um termo, são termos muito assim chulos, que eu não gosto de... Nunca gostei de pronunciar. Mas a tal *suruba*, né, acontecia. Que era um homem, três mulheres, ou três homens, duas mulheres. As mulheres faziam entre si, né, o ato sexual, né.

Eu nunca gostei dessas coisas. Aí o pessoal dizia que eu não dava pra ser, sabe? Aí chegava lá: “Lôra, vem cá, Lôra! Ganhar um dinheiro com dois velhos ali, três garotas. Mulher, dinheiro!”. Vou não! Ia não. Eu vou te dizer uma coisa, viu? Toda vida eu tive muito respeito por mim. Eu tive toda vida respeito por mim. Jamais eu teria coragem de me encostar em outra mulher. De jeito nenhum. Não dava e nem dá. O ato sexual, eu chamava papai-e-mamãe. Não dá, não dá. É de mim, entendeu? Não é porque eu quisesse ser pura. Não. E hoje, eu sou professora de História, faço pesquisa, da Idade Média, como era que funcionava, a prostituição, né, aquela coisa toda, viu? E hoje mesmo, você vê como é que o negócio é rasgado, hoje, viu? Faça. Quer fazer, faça, quem quiser fazer! Respeito, vejo com naturalidade. Só que... Não dá, não dá. Eu acho, eu vejo assim, meu corpo como um templo sagrado. Tenho todo o respeito por ele. Não é que o ato sexual em si seja desrespeitoso. Não, não é. Viu? Mas você sabe que as pessoas, é... Usam de outras maneiras, que eu quero dizer... As pessoas, elas... Da maneira de dizer... O ato sexual, em si, é sagrado, é bendito. É a coisa mais linda que Deus deixou entre o homem e a mulher, para a procriação. Mas as pessoas, elas corrompem, quando buscam outras coisas. Mas, tudo bem. É de cada um, entendeu... Então, logo, as mulheres ganhavam muito dinheiro, era muito bom, dava muito movimento, as boates, passava a noite, amanhecia o dia, todo mundo ia, tinha mulher que gostava de beber, bebia que virava a perna, eu nunca gostei disso. Nunca gostei disso.

Tanto é que eu nunca peguei uma doença venérea, graças a Deus. Nunca peguei uma doença venérea, eu tinha o maior cuidado. Toda vida, eu fui uma pessoa muito asseada, muito higiênica, viu? Às vezes, o cara passava o dia, ou então chegava, com mau cheiro. Eu não ia de jeito nenhum. Eu só ia pra cama com um homem, eu fazia asseio nele antes, tinha bacia, sabonete, na época, tinha Lisoform, que era pra desinfetar. Só ia depois que eu fazia, lá, com ele, porque eu não sabia o que ele tava. Então, eu nunca peguei uma doença, graças a Deus, por isso o meu cuidado. Tinha amigas minhas que ficavam, eu dizia: “olhe, tenha cuidado, viu?”. Que ninguém não usava camisinha não. Mas existia! Existia, camisa de Vênus, que chamava na época, mas era uma coisa tão assim... Que a gente só ouvia falar mesmo, era só mesmo de ouvir, sabe? Eu nunca usava, eu nunca usei. Mas eu tinha esse cuidado, viu? Apesar de que, às vezes só o cuidado não resolve, que às vezes a doença tá encubada. Ela tá dentro, e ela transmite pra pessoa.

Mas graças a Deus, olhe. Nesse meu período de experiência, eu não estava só. Não, não estava só. Você já assistiu àquele filme “Lá em cima tem alguém que gosta de mim”<sup>76</sup>,

---

<sup>76</sup> “Alguém Lá em Cima Gosta de Mim”. Título original: (Oh, God!), lançamento: 1977 (EUA), direção: Carl Reiner, atores: John Denver, George Burns, Teri Garr, Donald Pleasence, Ralph Bellamy. Duração: 98 min. Gênero: Comédia. Sinopse: Jerry Landers (John Denver), o subgerente de um supermercado, é escolhido por Deus (George Burns) para disseminar Sua palavra, pois Deus está insatisfeito com várias coisas que estão

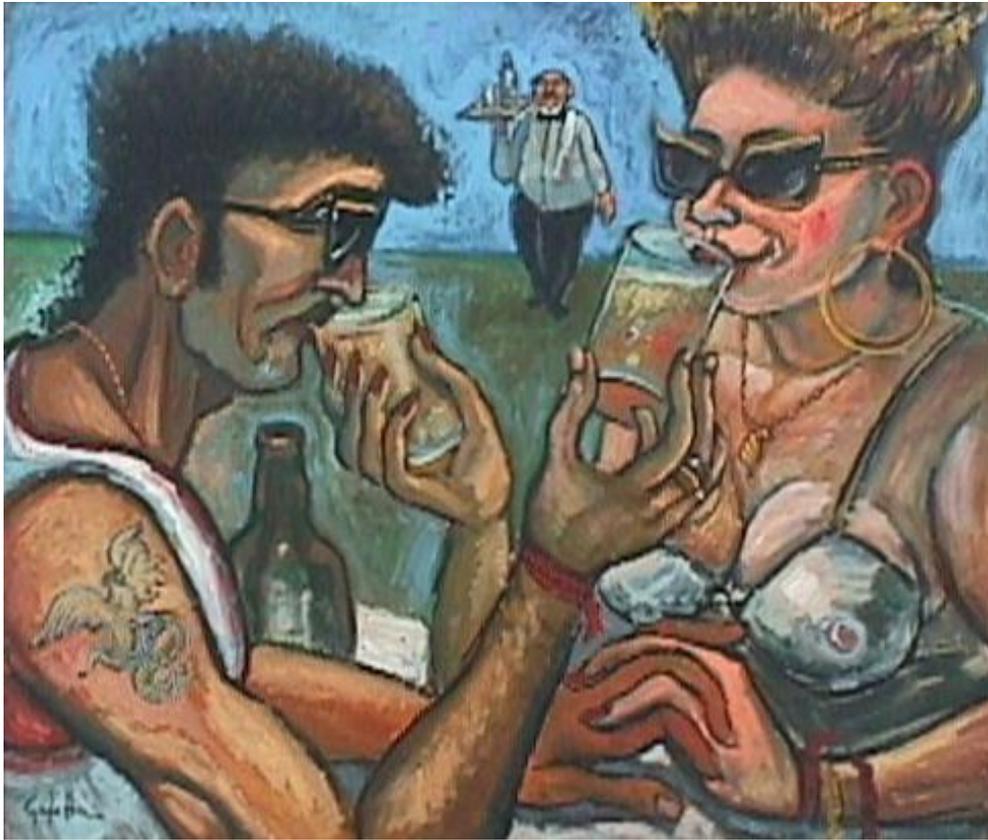
não assistiu a esse filme não? Muito interessante esse filme. Procure, pra tu assistir. “Lá em cima tem alguém que gosta de mim”, viu? Pois é. “Lá em cima tem alguém que gosta de mim”, e eu digo: “Lá em cima tem alguém que gostava de mim” e me direcionava, minhas passadas, porque eu nunca participei duma briga. Logo, toda vida eu tratei muito bem as pessoas. Meus namorados, eu tratava com todo respeito, carinho. Eu nunca chamei um namorado meu por “tu”, viu? O meu marido, ele até desceu agora ali, meu marido, ele vai fazer 79 anos, trato ele por “meu bem”, “você”. É de mim. E os clientes, aquele momento, aquele relacionamento, era todo aquele respeito e aquele carinho. Então, eu nunca apanhei, nunca açoitei, nunca fui presa, nunca fui cortada, nunca cortei ninguém, isso não faz parte da minha índole. Então esse período de prostituição que eu vivi, eu vivi bem.

[...]

E hoje você vê, o que eu percebo, não existe mais aqui no Serviluz prostituição, é, pessoas que vivem da prostituição que dê dinheiro não, porque hoje tá tudo uma promiscuidade. As mulheres, tudo menina nova, com o bucho dependurado, as meninas que a roupa que passa o dia passa a noite, umas criaturas que ficam muito a desejar, entendeu. Algumas que se ajeitam mais vão lá pra Beira-Mar, mas as daqui mesmo, a rua cheia de lama, aquela coisa muito diferente. Mulher não dizia palavrão, mulher não se agarrava no meio da rua, viu? E hoje... Estranho. Eu sou conservadora. Eu sou muito conservadora, em todos os sentidos, eu posso te dizer. Eu sou muito agarrada às raízes, viu? Mas, que eu vejo, o tempo passa, a gente tem que acompanhar essa evolução, viu? Mesmo que essa evolução seja uma evolução promíscua, a gente fica de lado, observa. Meu caso, viu? Eu fico muito triste, chateada. Eu não sei pra onde a mulher caminha. Parece que a mulher ganhou liberdade, e ela ficou tão patética, que ela não sabe que é que faça com essa liberdade. Parece os escravos, que quando foram libertos, ficaram tudo doido, viu? Porque a mulher ganhou liberdade, a primeira coisa que ela quis, foi logo tirar a roupa, e não é por aí! Eu vejo assim. Desde mocinha que eu sou assim. Eu acho e tenho certeza, eu não acho só, como tenho certeza, que a mulher, a mulher sempre sofreu preconceito, da sociedade, dos homens... A gente continua, ainda, com esse preconceito, porque a gente não conseguiu tudo ainda não. Estamos “em vias de”. Mas, a mulher, se ela se resguarda, se ela se dá o respeito, ela ganha respeito. Hoje você vê mulher que é casada, a mulher casada, namora, bebe, o marido viaja, a mulher sai pras noitadas. Eu fico assim, sabe? Porque eu tenho um conceito, eu tenho um conceito sobre a mulher, uma coisa assim muito séria, de respeito, de se valorizar!

A minha filha, já. A minha filha veste umas roupas que eu digo pelo amor de Deus, menina, olhe. Se tu for subir num ônibus, o cara perguntar quanto é, tu não diz nada não, viu, tu não fica com raiva não. Aquela história do 'quanto é'. Porque quem vê pensa que é prostituta, 'quanto é, minha filha'. Aí ela começa a rir, nem liga.

## Dona Edna



Eu nunca fui moça, não. De menina, eu passei logo a puta. Eu era escrota.

O primeiro cabaré que eu morei eu não lembro mais não. Quando eu vim morar aqui no Arraial, eu já vinha era das boates. Na boate era assim. Todo homem que vinha, ele pagava o quarto. E a gente dava lucro nas bebida. Aí dava almoço, merenda, banho. E ganhar dinheiro, só se trepasse. Se não trepasse, não tinha dinheiro. Mulher, a gente encontra tanta coisa ruim nessa vida.

Era só eu e minha irmã, de filha, mais meu pai e minha mãe. A minha mãe morreu de... de quê, meu Deus? Acho que foi pulmão, enfraquecida... Eu era pequena. Aí, a mesma mulher que cuidava da minha mãe, meu pai casou com ela. Sei lá, se namoraram, né? Ele casou com ela.

Desde que minha mãe tinha morrido a gente sofreu lá em casa. Mulher, eu sofri demais quando era criança. Eu fugi foi de casa com nove anos. Com nove anos, eu fugi de casa. O meu cunhado era de navio, trabalhava em Camocim. Ele buliu com minha irmã, carregou minha irmã e botou dentro duma casa. Parece que ele vivia separado da mulher, tinha uma mulher. Ele carregou minha irmã, e ficou só eu dentro de casa.

Com oito, nove anos, eu saía pra puxar água, nas cacimba. Aí eu levava as lata, na cabeça. Mas menina, mas eu apanhava, quando minha mãe morreu. Tu tá vendo isso daqui? Tá vendo? [Aponta uma marca no queixo]. Isso aqui foi "chicaradozada" que a minha madrasta me deu. Chicarador<sup>77</sup>, que tem um nó na ponta. Porque eu tomei o leite do menino véi dela. Eu tomei mesmo, que eu era danada. Aí ela tacou assim por cima da minha cabeça, aí pegou aqui.

Mode eu ir na casa da minha irmã, precisava eu fugir. Aí eu pensava: "como é que eu vou fugir meu Deus, como é que eu vou fugir?" Aí precisava eu fazer a trama como era que eu ia fugir. Aí eu ia buscar água na cacimba, levava duas, três latas, botava lá em casa, aí nas quatro eu já deixava a lata cheia e fugia. Aí primeiro eu olhava cadê a moita pra eu me esconder dentro, pra poder ela andar atrás de mim, e eu não... ela não me encontrar. Que ela passava na carreira, chamando, chamando, aí eu tava dentro da moita, deitada. Daí, quando eu via que ela voltava, aí eu saía. Daqui pra eu correr pra me esconder assim, tinha que ser direto, sabe? Corrida era direito, mode eu me esconder, não tinha mato dum lado nem do outro, só era o campo. Aí eu corria... Pra chegar lá no fim. Era longe, o tanto que eu corria, pra ir pra casa da minha irmã. Aí eu passava o dia na casa da minha irmã. Pra ir na casa da minha irmã, precisava eu fugir. Ela não deixava, ela brigava tanto com a gente.

Aí eu crescendo, já com oito anos, nove anos, aí meu cunhado levou uma safira, sabe o que é safira? Um anelzinho. Comprou uma safira, me deu. Aquilo ali, já tava pensando em eu me formar e ele me comer, porque já tinha bulido com minha irmã sem ter nada. Eu acho que era isso, né? Quem ia dar uma safira assim, né?

Aí eu com nove anos, eu saí, bem cedim, eu entrei dentro do trem. Só com o vestido do corpo e um bichim desse enrolado [algum fardo ou pacote]. Aí morta de medo de o meu

---

<sup>77</sup> Chiqueirador, tipo de chicote de couro cru usado para tanger gado.

pai chegar antes de o trem sair e me pegar dentro do trem. Que nada, quando o trem saiu, fiquei foi alegre. Aí cheguei aqui, fui trabalhar na casa de um pessoal.

Eu fui lá em Camocim, com 21 anos, eu fui lá. Depois não tive mais contato não. Eu tava até com vontade de ir embora agora pra lá. Porque eu penso assim – meu Deus, se eu chego a morrer aqui? É, mas ele [o filho] não quer mais ir. Chegou aqui, não quer mais ir não. Gostou daqui dessa casa. Eu queria ir agora em dezembro. Sempre aparece gente de lá e eu pergunto, sabe? Eles não sabem da minha vida. A pessoa só procura o irmão assim se tiver alguma coisa. Se não tiver, se for pobre que nem eu, eles não tão nem aí.

Mulher, deixa eu te contar uma coisa. Quando a primeira vez que eu vi um homem, foi no circo, na praça da polícia. Aí, aquele circo, lá, lá não tinha aquela avenida, não. Não tem uma pracinha lá, agora, né? Não tinha não, era um circo. Aí tinha um circo lá. Aí apareceu um menino véi bem bonitim, o nome dele era João Batista. Aí, pois eu não fui lá pra perto do homi? O homi tava mesmo assim, com os braço assim, e eu fui pra bem pertim do homi. Desse rapaz. Não é que quando ele fazia assim com o braço, aí o cotovelo dele batia nos meus peito, eu achava tão bom, aquilo, aí é que eu me encostava os peito nele. Aí, meus peito bem durim, e a gente quando tem que ser puta, é mesmo. Pois não é ele que buliu comigo? Namorei um mês com esse menino do circo. Aí acho que namorei um mês, aí ele buliu logo comigo. Ele era mais velho. Devia ter uns vinte.

Eu com 12 anos. Foi lá na [avenida] 13 de Maio. Quando a Santa caiu, a Nossa Senhora de Fátima caiu<sup>78</sup>, naquela época, faz muitos anos. Aí, no dia que a Nossa Senhora chegou, que ela vinha caindo, naquele local que fizeram a igreja, nesse dia, eu tava dentro dos matos. Ali era só mato. Eu só vivia dentro dos mato, mais os caboclo. Aí, quando ele buliu comigo, ele tinha muito amigo, sabe? Quando ele buliu comigo... Eu nunca fui moça não. De menina eu passei logo a puta. Eu era escrota.

Ele me levou logo, e no primeiro dia, eu fui logo pro mato. Mas não coisou no primeiro dia, não. Foi três ou quatro dias pra poder... Eu me lembro. Isso a gente não se esquece não. Eu me lembro, no dia que ele foi bulir comigo, nós tava assim dentro duma moita, e um panim branco aqui debaixo da minha bunda. Ele buliu comigo dentro duma moita. Aí, depois que ele buliu comigo, ele disse pros amigos dele tudim. Aí, quando foi um dia, eu já tava quase boa... Que quando a gente *se perde*<sup>79</sup>, passa assim uma semana com o priquito inchado. Aí depois que sarou, depois que fica boa, tome rola. Aí eu fui... Tu

<sup>78</sup> O episódio da queda da estátua portuguesa de Nossa Senhora de Fátima, durante uma procissão na avenida 13 de maio, aconteceu no dia 16 de outubro de 1952. Se, de fato, a entrevistada tinha doze anos quando perdeu a virgindade, ela nasceu por volta de 1940. Logo, teria setenta anos, e não sessenta e sete, como suspeita.

<sup>79</sup> A expressão “se perder” é usada, de forma significativa, para designar a perda da virgindade.

acredita que eu fiquei com seis amigo dele? Seguido, saía um, e entrava o outro. Foi debaixo de uma ponte. No último, o guarda pegou. O guarda era feio, eu não gostava de gente feia. Aí, mulher, o guarda pegou: “tá presa. Você tá presa”. Aí o cara correu, deixou eu sozinha. Ele disse “eu vou lhe levar pro coisa de menor, e amanhã eu vou atrás dele pra você casar com ele”. Aí me levou lá pros mato perto da 13 de maio, e buliu comigo também, o guarda. Quase morro de raiva. Ele era feio, muito feio. A cabeleira dessa altura. Feio, feio. Aí me comeu, e disse assim: “vá dizer a ninguém não, que amanhã eu vou lhe buscar lá pra você ir na casa dele, pra casar”. Eu quero lá casar? Aí, na hora que o guarda passou, eu me escondi. Eu vou lá casar com ninguém?

Eu nunca fui moça. Teve um dia que eu fui pra Canindé<sup>80</sup>, já depois já de muito tempo, a gente ia pro Canindé ganhar dinheiro lá, aí... Lá, assim, alugava as rede, pra ganhar dinheiro dos homi. Sabe? Bem novinha. Aí, eu ia com a farda da Escola Normal, e aí os homi dizia assim: “eu quero a estudante, eu quero a estudante”. Eu fiz uma fila de 21 homens. Consegui até o final, mas também, quando acabou, passei uma semana com o priquito inchado. Lavando com água de chá. Ora, era só os cabôco saindo, e eu limpando. Vinte e um. Tudim com o dinheiro na mão. Naquele tempo, quanto era, hein? Acho que era bem mil réis. Mil réis. Era pouco dinheiro, mas se tornava muito.

Quando eu fugi de casa, vim pra [avenida] Barão de Aratanha, trabalhar nas casas de família. É assim: a mulher foi lá no Camocim atrás de uma pessoa pra trabalhar com ela. Aí eu disse assim: me dê o endereço, que qualquer coisa eu vou bater na sua casa. Aí ela me deu o endereço dela. Aí quando cheguei na estação, peguei um carro, fui bater lá, no endereço. Aí fiquei mais ela, lá, morando.

E aí, de noite, o primeiro dia, fui passear, era até o mês de julho. O Coração de Jesus, lá atrás, era bem alto, era alto, que a gente subia uma escada, lá pra cima, lá embaixo tinha os leilão. Ficava olhando lá de cima. Com doze anos, conheci um rapaz do circo, comecei a namorar com ele. Passei nem um mês namorando, ele buliu logo comigo. Dos nove aos doze anos eu fiquei trabalhando lá. Eu não conhecia nada em Fortaleza. Aí pronto, eu saí, e de lá eu fui pro cabaré.

Disse: quer saber de uma coisa? Eu vou lá trabalhar em casa de família? Aí, saí, me fichei na polícia, com 12 anos, 13 anos. Naquele tempo, só morava nos cabarés quem fosse fichado. Aí eu tinha 13 anos, e me fichei com 19. Me fichei com 19. Por isso, que eu me aposentei foi cedo. Na minha carteira, eu tenho 74 anos. Na minha idade, eu tenho 60... 67.

---

<sup>80</sup> Cidade do sertão do Ceará, com grande fluxo de turismo religioso.

Eu tinha uns 12 pra 13 anos. Quando era de dia, eu saía olhando assim, olhando, onde é que eu ia dormir de noite? Como o é o nome daquela rua que sai lá no cemitério? Castro e Silva. Aí eu saía naquela [rua] Castro e Silva ali, onde é que eu ia dormir de noite. Aí eu entrava e dormia em um jardim da rua, o jardim todo molhado... Tudo isso eu passei. Tinha dia que eu chorava de fome. Mulher, eu andava tanto ali, pelo Jacarecanga<sup>81</sup>. Tudo canto que eu dormi de noite. Aí eu arrumei um quarto, me fichei na polícia, aí fui morar num quarto, num cabaré.

O primeiro cabaré que eu morei eu não lembro mais não. Quando eu vim morar aqui no Arraial, eu já vinha era das boates. Na boate era assim. Todo homem que vinha, ele pagava o quarto. E a gente dava lucro nas bebida. Aí dava almoço, merenda, banho. E ganhar dinheiro, só se trepasse. Se não trepasse, não tinha dinheiro. Mulher, a gente encontra tanta coisa ruim nessa vida. Tinha homem que queria que eu chupasse a bicha dele. Tinha homi que queria comer o cu da gente.

O primeiro cabaré que eu fui... Deixe eu ver se eu me lembro. O primeiro cabaré que eu fui... Acho que foi no Bar da Alegria. Tinha a América e o Ubirajara, que era duas pensão, uma de frente pra outra. Parece que era a rua da Coelce, não é, a [avenida] Barão do Rio Branco? Como era o nome da outra pensão, não sei se era América. Eu já morei na Ubirajara. Eu não morava muito tempo... Passava um mês... Porque ninguém não passa muito tempo num canto não.

A gente botava aquele vestido... Aquela vestido comprido, sapato alto... tinha a boate City... Aí, de noite, depois do movimento lá, terminava duas horas, a gente ia pra boate Guarani.

Mulher, e aí a gente passava a noite bebendo mais os caboco, e aí ia pro quarto, menina, e era putaria demais. Morei também aqui, no Arraial Moura Brasil. Na esquina do viaduto, era um cabaré, o Curral. Morei aqui novinha. Aí eu vim pra cá, daqui eu fui pro Mucuripe, e do Mucuripe acabou-se.

A gente chegava, ficava toda arrumada, assim, no salão, aí eles chegavam lá, sentavam do outro lado, aí podiam se ver. Aí, a gente simpatizava com alguém, a gente chamava, para pagar... Nós só bebia uísque. Eu trabalhei foi em todo cabaré. Todos! No Farol, eu morava particular. Ficava numa esquina, assim, sentada na cadeira. E quem me simpatizava, me chamava.

---

<sup>81</sup> O bairro Jacarecanga, situado na de Fortaleza que se limita com o Centro, Moura Brasil, Farias Brito, Monte Castelo, Carlito Pamplona e Pirambu.

Ali naquela entrada era os cabarés, naquela esquina de lá teve pensão... Mais de vinte mulhé, tudo junto. Aí, a gente começou, eu andava arrumada, aqueles vestido cheio de anágua, cintura baixa. A gente comprava o pano e mandava fazer. Tinha uma costureira aqui que fazia. Cheio de rococô, mulher, muito bonitinho, a gente bem novinha. Aí sabe qual era a minha pintura? Era papel encarnado, ali, pras bandeira, não tem as bandeirinhas? [Se refere às bandeirinhas de São João que tomavam as ruas], aí meu batom era aquilo. Aí botava aqui [passa os dedos sobre os lábios]. Aí o pó, sabe o que era? Eu botava trouxinha de goma, amarrada, aí ia no espelho, aí melava de cuspe no papel, passava aqui [aponta as bochechas], quando acabar botava o pó. [Faz várias batidinhas no rosto] O pó era a goma. Toda arrumada. [gargalha] Eu mesma que inventei. Não podia comprar... E deu certim. Aí ficava aquele monte de goma, cuspe e goma, e aquele papel encarnado. Parecia uma ferida com remédio [ri-se].

Eu só vivia na feira. Que eu arrumava meus paquera. Eu era doida por soldado. Soldado do exército, soldado de polícia. Doida por soldado. Aí eu não gostava de dar o cu não, porque doía, eu digo a vocês, dói. Eu não gostei não, mas já dei uma vez. Porque eu quis experimentar. Ele queria comer, eu dei. Se eu não desse, ele me deixava. Foi um xodó meu, era um sargento de polícia, casado. A mulher dele quis me matar com uma faca. Aí esse homem comeu um bocado de vezes. Só dava a ele, por amor. Expedito, sargento da polícia. Já morreu, ele. Ele ia no cabaré ali na esquina, em frente à Emcetur<sup>82</sup>. Ali, ele só ficava comigo! Mas, noutra canto, ele ia... Quando eu vim morar nas pensão, soube que tinha uma mulher que ele ficava com ela! Ela disse assim - "ah, o Expedito, ele fica comigo!". E ainda disse assim: "tem vez que eu nem quero ficar com ele, que eu tô menstruada, e ele diz que quer ficar comigo, assim mesmo, menstruada". Vixe, me deu uma dor no coração. Foi muito ruim. Tu já teve um amor, assim, de tu sentir ciúme? É ruim, né? A gente vê ele com outra. Eu chorava!

Não quis mais ele. Aí lá na pensão que eu tava lá, ele nunca mais foi. Nunca vi mais nem ele. E a outra tinha um gigolô, ela ficava com o Expedito e dava dinheiro pro macho. Ela falou "ele é louco por mim, fica comigo até eu menstruada", mulher, aquilo me deu uma raiva! Eu fiquei com abuso dele. Eu queria tanto bem a ele, ele era um tipão de homem. Achava ele bonito. Depois ele quis e eu não quis mais. Arrumei um cabo do exército, aí ele me deu um azar... Eu só gostava de homem assim. Das coxa grossa, de tipo de homem, bem feito de corpo, com a bunda bem arrebitadinha. Bem feito! Não gosto de homem véi fei,

---

<sup>82</sup>A já extinta Empresa Cearense de Turismo (Emcetur), órgão do governo do Estado. Funcionava no Centro histórico da cidade, nas instalações da antiga cadeia pública municipal, a algumas quadras do bairro Moura Brasil.

pra ser meu macho não. Eu saía com todos. Mas a gente tinha o xodó da gente, que a gente amava, queria bem, tudo.

Morei com ele muitos anos. E eu saí daqui com ele, pro Mucuripe. Ele era engraxate. Aí depois ele era vagabundo, e se deu com jogo, e botava aquelas carta – essa perde, essa ganha... Sabe o que é? Aí o dinheiro dele não servia pra mim, era só pras outras, pra gastar com as outras. Um dia, eu apaixonada por ele, chorando... Eu cheguei numa mesa, eu com ciúme... Aí ele com uma rodada de cerveja pra uma rapariga véa que o macho, o soldado tinha quebrado isso aqui dela [aponta o queixo], eu tinha levado pra tratar. Aí ele botou um anel, tinha ficado com ela e tava gastando com ela. Aí eu chorando, espremida assim por detrás do carro, que eu sou besta pra pegar amor às pessoa.

Aí eu disse assim, espiando, com fome, mulher. Ganhando nem um tostão, só bêba. Não tinha mais roupa, tinha nada. Eu não me interessava por nada, apaixonada, pastorando ele. Aí a mulher chegava, dizia assim: olha, Edna, se você não tiver dinheiro amanhã, você vai sair da minha casa. Ele já era meu xodó, ele não me dava nada, ele ganhava dinheiro lá pela rua e levava...

Não gastava nada comigo. Agora ele veio ficar bom pra mim depois da doença, quando ele adoeceu. Eu chegava, e pegava ele com a mulher que eu levava pra tratar no hospital, a minha amiga! Pra você ver como a gente não tem amiga. Quando você vê uma pessoa com muita amizade dentro da sua casa, ela tá lá pra olhar o que é que você tem, ela quer tomar é seu marido, namorado. Eu tiro por mim! Porque, quando eu era nova, eu ficava com meu cumpadre! Padrinho da minha menina! Da minha menina que eu tive e morreu com um mês. Tem gente que quer ser amigo da gente sem a gente dar confiança. Tem é muitas. Aí eu tava assim, com ele, lá, quando chegava um bocado de mulher conversando comigo, aí eu tava assim conversando com ele, eu tava querendo era sair, eu. Elas se trocavam com os homem que eu gostava. Eu só faltava morrer de ciúme deles.

O primeiro que eu gostei foi o Expedito. Depois dele, gostei do Amílcar, que era este cabo do exército. Ave Maria, esse era que comia as mulhé mesmo. Eu olhava assim... Ele tava ali, dançando mais a outra, lá embaixo. Aí era assim, elas trepava com o meu, aí tinha delas que nem tinha namorado, esquecia do que tinha feito comigo. Aí quando elas esquecia, que elas arrumava um namorado, eu pá!

O Homero morreu. Tá com um ano e cinco meses. A saudade é grande... Ele morreu na minha casa. Quando eu comecei a gostar dele, ele já era camelô, já botava aquelas cartas. Ele ia atrás de mim, eu não queria não. Eu achava ele fei. Ele era bem engraçadim quando ele era novo. Tem um retrato dele quando ele foi pro exército, eu não sei onde tá.

Ele era apaixonado por mim e eu tinha abuso dele. Ele se amigou comigo, mas eu só deixei a vida quando eu peguei o filho pra criar.

Ele era assim, cada um dia ele dormia com as mulher diferente. Aí ele cismou comigo. Eu sem querer, sem querer... Aí, um dia eu tava bebendo, bebi cachaça. Aí ele apareceu, começou a beber mais eu, pagar pra mim, e pronto, dormimos, amanhecemos junto, e comecei a gostar dele. Mas eu ainda ficava com os outros, pra ganhar dinheiro, e ele não achava ruim. Achava nada, aquilo ali não gostava de mim. Nós viemos morar juntos depois que eu peguei o menino pra criar [há vinte anos]. Eu sofri muito na mão dele. Eu apaixonada véa por ele e ele não. Era doido, ele. Ele bebia, sabe. Andava mais os outros, aí ganhava o mundo, por aí, bebendo. Aí ia pro Canindé, aí quando chegava no Canindé, o dinheiro que ele ganhava, ele dormia dentro dos ônibus, os pessoal carregava a carteira. Chegava em casa sem nada. Era doido que nem eu, ele. Dava certim, nós dois.



## Dona Novinha

“Mas achei bom ter ido pro cabaré. Antes eu tivesse podido vir mais cedo. Foi aqui, na vida, que eu arranjei casa própria pra mim. Eu tive quatro casas, aqui. Foi porque eu comecei a vender tudo, num tempo que minha mãe adoeceu. Aí só fiquei com essa aqui.

[...]

Naquele tempo, do começo do Farol, eu acho que era no auge do amor. Existia muito amor. Agora, não tem mais amor pra ninguém. Eu faço como os gringos: *‘não mais amor. Finito amor’*. Acabou o amor. As mulheres daquele tempo eram melhores, muito melhores. Acho que todo mundo tinha respeito, se respeitava uns aos outros”.

Nasci em 1933. Estou com setenta e oito anos. Cheguei no Farol com 31 anos. Eu cheguei em 64. Porque nós viemos tudo pra cá, uma parte, mas quem veio primeiro pra cá fui eu, a Madalena e a Zizi veio por último. A Lourdes Preta também já veio por último. Primeiro fui eu e a Madalena.

Eu vim dali do Mucuripe. O Cordeiro Neto *tirou nós* pra cá. Tirou nós tudim de lá, né, porque lá ia fazer avenida, né. Aí, botou tudo pra cá. Nessa época, eu morava de casa de aluguel. Aí, quando eu cheguei aqui, foi que eu comprei uma casinha pequeninha. O Cordeiro Neto deu um tanto de dinheiro pra quem possuía casa no Mucuripe, mas eu morava lá de aluguel, então não recebi nada. Nunca ninguém me ajudou, minha filha. Tudo sou eu. Minha casinha tá pra cair em cima de mim. Não tem quem me ajude, minha irmã, e uma andorinha só não faz verão. E minha aposentadoria não dá pra *mim* fazer minha casa Tô vendo a hora ela cair, ela tá toda rachada, lá em cima. Em cima ainda tem o duplex, né.

Eu sou aposentada. Eu paguei como autônoma [contribuição à Previdência Social] durante trinta e cinco anos, e aí me aposentei, com sessenta anos. Tem mulher que não paga, e é o erro maior que elas fazem. E quando tão velha, querem. Não paga nada, e querem. Ainda são cheia de direito, eu tenho é ódio duma coisa dessa. Um dia desse, quase discuto com uma aqui. Que ela dizendo, que não tava aposentada [tom queixoso]. “Ora, por que tu não te aposenta, minha irmã, porque tu é mais velha do que eu? Porque tu também, tu não contribuiu! Se tu tivesse contribuído, tu já tinha se aposentado”.

Eu sou feliz morando no Serviluz. Não quero sair daqui, não. Meu menino disse: “mamãe, venda aquilo ali, a senhora já tá com uma idade avançada”. “Vendo não, meu filho. Se eu sair dali, eu morro. Que eu já tô acostumada aqui”. E aqui eu não tenho medo. Tem muito vadio na rua, mas nenhum vem aqui na minha casa, que eles não são doido!

Nenhum deles vem aqui. Não mexe comigo não. Um dia desse eu dormi... Tem coisa que a gente faz sempre, e um dia se esquece. Eu fui dormir, pensei ter fechado essa porta. Deixei só encostada. De manhã, quando eu vi minha porta encostada, eu digo: “oh, meu São Francisco, levaram tudo que é meu. Olhei, as coisa tudo no mesmo lugar. Tá vendo? Se eu fosse *mau* pessoa aqui, eles tinha entrado, né. Que eu não sou. Às vezes eles faz malfeito, eu às vez dou o carão neles, mas não vou dizer ao fulano: “você leve aquele menino preso, que ele fez isso e aquilo”. Não, de jeito nenhum! Quem luta na terra do ruim tem que ficar bem quietinha, viu? Né? Que é pra não acontecer nada, não ter inimizade com eles, né. Eles faz a danação deles pra lá. Aqui, não venham, não.

No tempo que eu vim pra cá, não tinha violência. Tinha não, a polícia naquele tempo era boa. Só deu duas surra numa mulher, que eu vi, até foi causa duma senhora casada.

Tinha uma senhora casada aqui... que, quando Cordeiro Neto botou nós pra cá, ele disse assim: “olhe, lá só é do mulheril. Família não é pra se meter lá”. Aí tinha uma senhora ali, que o marido dela chamava até major. Mas não major, não, era só um apelido. Aí, a polícia pegou ela... Ela gritou uns nome fei, lá. Aí, a polícia pegou ela, deu umas lapada nela. Deu umas lapada boa nela, que ela, como ela era branca, ficou toda roxa. A dona Socorro, que era a esposa do Seu Major, disse que era porque ela disse palavrão. [Reproduz a fala da mulher que sofreu a agressão] “Mas a senhora veio pra cá porque a senhora quis. A senhora não sabia, que o Cordeiro Neto disse que isso aqui era pra nós [as prostitutas]?”. Sendo que não era obrigado ser nosso e nós dizer palavrão. Mas ela chamou palavrão no mei da rua, que tava embriagada, e chamou palavrão. Aí chamaram a polícia pra mulher, a polícia meteu foi a sola nela. Ela ficou toda roxa.

Aqui, acolá, as mulheres, elas brigavam com a outra. Tomava o marido da mulher, né. Aí tinha que ter peia, né. Só não eu, que nunca briguei, não, que não sou doida, pra brigar. Isso é coisa de doido, né não?

Tinha muito aqui mulher que escondia gilete na boca e cortava as outras. Não sei também como era aquilo. Porque aqui, antes de vir as mulher do Curral pra cá, aqui era calmo. Mas depois, veio as mulher do Curral, e aí começaram a cortar umas às outra. Aí, eles cortava umas às outra. Mas eu, graças a Deus, nunca cortei ninguém. Graças a Deus, nunca briguei. Se as mulher tivesse errada, eu chamava ela atenção, mas não agredia ninguém. Nesse tempo que eu tinha mulher [inquilinas no prostíbulo], nunca dei um carão numa mulher minha diante do povo. Chamava lá pra dentro. Dizia “você fez isso, isso e isso” [tom de voz baixo, sinalizando a discricção nas chamadas].

Por exemplo, quando uma mulher não ia pro salão direita, quando ia pro salão de chinelo. Que não era pra ir pro salão de chinelo. Não, não era pra andar de chinelo, não, era sapato! Sapato alto.

Pra ir pra igreja, o padre respeitava a gente e as mulheres respeitava o padre. Tinha a roupa de salão e a roupa de ir pra igreja. As roupas de salão eram roupas sem manga, decotada... A gente tinha respeito pra entrar na igreja, naquele tempo. O vestido era abaixo do joelho um pouquinho. O de fazer salão era acima do joelho um pouquinho. Naquele tempo, mulher não andava nua não! Teve um tempo que usava muita roupa longa. Teve um tempo que usavam muito!

Naquele tempo, mulher luxava. Eu, quando eu vesti um vestido de fazenda comprada no Brasil, eu chorei. Chorei, filha. Que eu só vestia roupa comprada nos exterior. Minhas roupa, que era meu amigo que trazia. Aí nós se deixamo, e eu chorei quase uma

semana. Ele trazia de lá, do exterior, roupas bonita, de veludo. Naquele tempo, você via usar, usava veludo, agora não usa mais.

Ah, eu conheci ele... Passei mais de nove ano gostando dele. Mais de nove ano. Ele era muito bom, muito bom, mesmo. Essa chinela japonesa<sup>83</sup>, não tinha no Brasil. Quem primeiro botou chinela japonesa, no Brasil, aqui, foi eu, e a Dolores Branca, que era uma mulher que gostava do rapaz do mesmo navio, do Crispim<sup>84</sup>. Aí, ele trouxe uma chinelinha pra nós, aí começou a dizer assim: “minha filha, calce a chinelinha, pro pessoal ver, que eu tenho muito lá, à bordo [à venda].

Eu conheci esse rapaz quando eu morava no Mucuripe. Aí, quando nós viemo pra cá, avisei ele também. Quando o navio chegava, ele vinha direto pra minha casa. Aí foi o tempo que, não sei porque, nós se deixamo. Aí foi um desacerto danado. Foi muito choro. Ele trazia muita coisa pra mim, só coisa estrangeira. Era perfume, era roupa, era calçado. Ele passava dois, três mês, pra vir. Porque o navio ia pro exterior, demorava muito. E aí, quando ficava aqui, passava às vezes três dias, dois dias, porque o navio era estrangeiro. Navio estrangeiro não pode demorar muito no porto. Ele era muito bom pra mim, muito mesmo. Tô dizendo, essas chinelinha japonesa quem primeiro botou no pé, no Brasil, foi eu, e eles trouxe um bocado pra vender, que era contrabando, naquele tempo. Fazenda [tecidos] ele trazia só pra mim, trazia corte. Trazia muita coisa, muita. Uma vez, ele trouxe um bocado de contrabando. Radiola grande, som. Aí, a Capitania<sup>85</sup> bateu em cima, levou. E ele disse assim: “De manhã, você chama o Seu Silva, e você tira uma radiola dessa, que é sua. As outra você entrega ao Silva”, que era o comprador do contrabando. Era contrabando, naquele tempo. Eu não tirei, e quando a Alfândega veio, pegou tudo. Mas porque um vizinho, que foi deixar os contrabando lá em casa, disse a um cabôco da alfândega que aquelas coisa tinha sido o Bertoldo que trouxe. E o cabôco foi lá, na certa era buscar pra ele mesmo, porque ele não ia levar aquele negócio pra alfândega. Aí, quando ele chegou de manhã, eu disse: “Bertoldo, a Capitania, veio um guarda aqui, e levou as coisa tudim”. Ele disse: “Você tirou sua radiola?”. Eu disse: “Eu não”. Ele disse: “pois não tem nada, não. Em Recife, eu perdi um bocado. Joguei n’água, mas não dei a eles”. Ele era

---

<sup>83</sup> “Chinela japonesa” era então a denominação geral para o modelo de sandália de tiras, importado do Japão, originalmente chamado de Zori. No começo da década de sessenta, a marca brasileira Havaianas passou a produzir chinelos similares, em borracha, abrindo espaço para a popularização deste tipo de calçado no país, nos anos seguintes.

<sup>84</sup> O lagosteiro Crispim, de bandeira britânica, fez sua primeira viagem pela costa brasileira em 1958. Pertencia à companhia de exportação Pan Americana, fundada por um comerciante inglês. Fonte: Tradição - Modernidade - Sustentabilidade. Icapuí-Ce: Os desafios do desenvolvimento de uma comunidade diante do imperativo da sustentabilidade. 272 págs., tese de doutorado, UNB, Desenvolvimento Sustentável, 2002. Disponível em: <http://www.unbcds.pro.br/publicacoes/LuisAssad.pdf>

<sup>85</sup> Refere-se à Capitania dos Portos do Ceará, órgão que regula as atividades navais no Estado, por meio de atividades como as inspeções periódicas nos navios.

ruim, também. Ele era de Rio Novo, de São Luís do Maranhão. Ele era um cabocão alto, bonito que só. Ave Maria, eu era encantada por ele, meu Deus do céu. Quase que eu enlouqueço. Era novinha, né, parecia até com gente.

Se desencontramos porque foram dizer lá que eu tava com outro amigo dele, e eu nem tava. E jurou como eu tava, e eu disse uma porção de coisa com ele, e ele disse que eu tava, e eu que eu não tava, não... Eu disse que o outro teve lá em casa, mas tava com uma inquilina minha. Não era comigo, não. Pois é, minha filha. Aí nós deixemo tudo. Também, eu comecei a arranjar os outros homi. Aí perdi a amizade dele. Comecei a arranjar outros namorado, né. Era nova...

Mas nesses nove anos, eu não tinha só ele, não. Tinha meus namorado! Tinha muito namorado, e era mais era americano. Não era brasileiro, não. E ganhava muito presente, naquela época, era bom. Uma vez, eu menti, pra ir pro passageiro, *Anna Néris*<sup>86</sup>. O Silva tava no portão, e eu disse “Seu Silva, o senhor deixa eu ir lá pro cais? Que eu... tem um navio aí, que trouxe umas coisas pra mim, e só pode ser entregue a mim”. [O vigia] “Oh, Novinha, eu sei que tu tá mentindo, mas eu vou aceitar a tua mentira. Tu vai pra bordo, mas tu vem antes do outro guarda entrar, porque quando o outro guarda entrar, ele te leva presa”. Aí, eu peguei... Ora, dormi foi lá no navio, vim no outro dia. Já tinha era outro guarda. Era navio de passageiro, não pode entrar no [navio de] passageiro, e eu fui. Fiquei foi lá, amanheci o dia lá no navio. Tinha esse outro rapaz lá no navio, que eu me dava com ele. Passei foi a noite todinha, quando foi seis horas da manhã, eu disse: “vixe, Nossa Senhora, e agora? Tem outro guarda no portão, e agora?”. Ele disse: “tem nada, não”. Aí eu enrolei um bocado de corte [tecidos] aqui [em torno da cintura], aí amarrei um cordão, que é pra poder trazer os cortes, porque era contrabando. Ora. Foi assim uns seis corte de nylon. Naquele tempo, não tinha nylon aqui. Aí, quando eu passei pelo portão, só Deus sabe como eu passei. O guarda tava conversando mais outro polícia, e aí nem viu eu passar. E eu passei bem de fininho. Graças a Deus, não me pegou. Aí, com bem uns três dias, eu vi o Silva. O navio já tinha saído. Aí disse: “Novinha, que hora tu veio embora do navio?”. E eu digo: “só vim de manhã”. “Mas Novinha, tu é doida, em tempo de tu ir presa!”. Eu digo: “homi, mas meu santo é forte!”. O guarda nem deu fé de mim. Ele tava conversando mais outro guarda, nem deu fé.

Eu nasci em Irauçuba, e me criei em Itapipoca<sup>87</sup>. Minha família é de Irauçuba. Minha mãe era costureira. Minha mãe costurava, fazia paletó pra casamento. Eu tinha muita roupa, umas minha mãe que fazia, outra parte eu comprava feita. Meu pai era ambulante, que

<sup>86</sup> Refere-se ao navio de passageiros *Anna Néris*, também citado por Glória.

<sup>87</sup> Municípios cearenses.

andava vendendo as coisa. Minha mãe, quando eu tinha... deixe eu ver... quando eu tinha uns dez ano, um dez ano, por aí assim, meu pai separou da minha mãe. Aí minha mãe foi criar nós, numa pisadeira numa máquina. Porque o papai era muito raparigueiro. E a mãe não aceitava. Então separou dele. Na verdade, ele que foi embora e não voltou. Foi embora com uma moça, e pronto. Aí minha mãe foi criar nós. Ela morreu aqui, na minha companhia, bem velha, com noventa e seis anos. Ela tava morando aqui na minha casa, aí em cima. Tudo isso eu passei. Vivi sofrendo até agora. Quem mora aí em cima agora era neto da minha mãe.

Fiquei em Itapipoca até meus quinze anos. Aí eu vim de Itapipoca pra cá, trouxe logo minha família. Me empreguei aqui em Fortaleza, muitos anos, em casa de família. Trabalhei em casa de família até uns vinte ano, por aí, assim.

Com treze anos, eu tive uma filha, mas ela morreu com um ano e oito meses. Também, eu era muito criança, eu. Aí eu fiquei... Aí eu vim pra cá, pra Fortaleza. Vim pra Fortaleza, quando foi com uns meses que eu tava aqui, fui lá no interior e trouxe minha mãe, tudo pra morar aqui. Viu? Minha mãe tinha se separado do meu pai, e eu trouxe tudim pra morar aqui. Trouxe quatro pessoa, minha mãe e três irmão. Naquele tempo, eu ganhava bem, não tinha negócio de carteira assinada, nem nada. Trabalho avulso. Numa casa de família. Era duas viúva. Era boa pra mim que só.

Eu estudei num colégio, mas fui expulsa, porque não queria aprender, só queria brincar... Eu não sei ler, não. Nunca estudei, nunca. Meu irmão estudava no mesmo colégio que eu estudei, e ele aprendeu a ler, mas eu num aprendi. Eu era pequena, mas eu me lembro como se fosse hoje. Lá tinha uma janela, e eu ia subir na janela, sabe. Naquele tempo, tinha “argumento”, né, que a professora dava bolo na mão da gente. Dia de sábado, tinha negócio de a professora fazer umas perguntas pra gente. Se a gente não respondesse, a outra aluna dava bolo na mão da gente. Uma palmatória desse tamanho. Aquele tempo professora podia bater nos menino, agora num pode mais, não. Vai que tem um cabra safado, ele vai é dar parte da professora, porque não pode mais bater. Naquele tempo, o pai mesmo mandava: “Dê nele! Dê uma palmatoriada na mão dele, puxe a orelha dele”. E agora, professor num pode mais fazer isso, não. Por isso que ninguém agora presta, minha filha! O pai hoje em dia num pode corrigir o filho, que vai preso. Olha aí o menino: “se você me bater vou chamar a polícia”. Não pode dar palmada no menino e eles fazendo danação.

Cedo, conheci logo o marido. Eu me casei com... Eu me casei em... Em quarenta... Me casei... Em cinqüenta. Eu me casei em cinqüenta<sup>88</sup>. Ainda cheguei a me casar. Só passei um ano com o marido. Ele bebia, queria me açoitara. E eu nunca apanhei de ninguém, só da minha mãe, e eu ia apanhar dele? Eu mesmo, não. Quando ele tirou o cinturão assim, pra me abarcar, eu fui pra casa de minha mãe. A minha mãe não queria o casamento meu com ele, porque ele era... um cabôco. Era mei preto. Minha mãe num gostava muito de nêgo, não. E eu casei, sempre, contra a vontade da minha mãe. Pra não ficar solteira, mas eu fiquei solteira, sempre. Porque eu só passei um ano com ele. Mas eu tive a minha meninazinha, depois que a minha meninazinha morreu, eu fui trabalhar. E pronto.

Lá, no meu interior, eu conheci ele com doze anos. Numa festa. Que eu era muito festeira, minha mãe me açoitava pra eu não ir pras festa, mas eu ia mesmo assim. Naquele tempo, aquelas festa de sertão, aquelas festa sertaneja, né? Ora! Eu ia, às vez, escondida da minha mãe. Quando ela descobria, era peia que nem prestava.

Naquele tempo, só dava mais era o forró. Não tinha essas dança que tem hoje, era dança decente. Eu ia escondido da minha mãe. Um dia a minha mãe quebrou até o pé da minha irmã, porque nós ia pulando uma janela, pra ir pra festa, e a mãe chegou, ela pulando a janela. Eu já tinha pulado. Aí eu me escondi. Aí ela pegou minha irmã. Disse: “cadê a outra?”. Tava pensando que eu tava dormindo, né, mas eu tava não, tava era no cantinho, escondido. Aí, ela nem foi mais pra festa, nem eu também, e a mãe saiu, saiu pra ir brigar com ela, e eu pulei de novo a janela, pra dentro de casa, e deitei. Aí minha irmã foi chorar com o pé doendo, e eu bem caladinha. Eu mesmo não, pra eu apanhar também? Também, nós só fugimo essa vez pra ir pra festa. Nós só fugimos essa vez. Que a minha mãe era carrasca. Das outra vez, não precisei fugir, não. Das outras vez, tinha uma senhora preta, lá, uma senhora de idade. Aí essa senhora que levava as filha moça dos pessoal lá, pras festa. Que era uma senhora de respeito, né. Ela quem ia levar as moça pra festa, trazia, viu? Aí, ela pegou [a mãe], dizia: “olhe, só deixo você ir pra festa se ocê for com a Dona Mazé, mas se for outra pessoa, você não vai”. O nome da mãe também era Mazé. Aí, tinha que combinar com ela, pra ela pedir pra nós ir. Nós combinava com ela. Ela vinha buscar: “Dona Maria José, deixa a Novinha ir na festa?” Ela disse: “vão, mas vem cedo”.

Quando eu chegava, ela perguntava se eu tinha namorado com alguém! Eu disse: “não, mãe. Eu só conversei mais um nêgo lá”, que era um tocadora, um tal do Macaco, preto, da cor da noite, “eu conversei mais ele”. A mãe disse: “você conversou com aquele *semvergonhe* [sem-vergonha] preto? É, a mais tarde, ele aparece na minha casa, e eu não quero aquele nêgo na minha casa!”. Pois não é que, de tarde, a mãe tava na máquina,

---

<sup>88</sup> Se a entrevistada casou-se, de fato, aos 12 anos, como recorda, o ano aproximado era de 1945.

costurando, e ele chegou, batendo papo, pediu um copo d'água. Quando eu fui buscar a água, a mamãe: "volte, bote a água lá. Esse nego na minha casa não bebe água!". Óia! Eu voltei, botei a água lá. E o homem pegou a bicicleta e foi-se embora. "Na minha casa, num quero nego". Tinha que obedecer ela... O homem saiu e eu num disse mais nada. Aí, depois eu quis namorar com um pretinho, moreno claro, empregado na loja, de lá... aí ela me disse: "você não vai sair hoje". Eu digo: "não mãe, vou dar uma voltinha lá na avenida com as meninas da tia Aparecida." "Vai não!" Num fui mais não. Eu ia namorar com ele, lá na avenida, escondido dela. Eu conheci ele na igreja, aí eu queria namorar com ele. Eu fui pra igreja e aí ele disse: "eu to com medo de falar contigo aqui. Vamo combinar lá na avenida". Aí eu digo: "tá certo. Eu vou ver se eu vou fugir, porque a minha mãe não deixa, não". Aí eu não cheguei nem a fugir, que ela ia brigar... aí eu não fui não. Perdi a chance. A mãe não ia querer também, porque ele era moreno... Mas era uns namoro muito direito. Era assim: o rapaz conversando com a gente bem acolá, e a gente bem aqui, longe. Não era esse agarrado como é hoje em dia, não. Não tinha nem beijo, não. Tu é doida, minha filha? Deus o livre! Era só aquela conversinha, e conversando de longe. E depois, quando a gente se entendeu mesmo, que ficou mais velha, e eu comecei a namorar, e ela sabia, o rapaz ia lá pra casa, e num tinha esse negócio de ficar pertim não... Mas quando eu comecei a namorar mesmo, pra mãe saber, ela não aprovou, também, porque era um moreno. Quando eu levei ele pra casa, ela ficou por ali, mas não aceitou muito, não. Mas eu era danada, também. É tanto que eu me casei, e o caba não prestou, e eu larguei logo ele. Aí fui pra casa da mamãe de novo.

Ele pediu pra mamãe pra se casar comigo, aí a mamãe disse: "vixe, acho nem de gosto porque minha filha é muito nova, e num sabe fazer as coisa". Isso porque eu num sabia fazer nada, né, era muito nova... Num passou nem um ano, ele arrumou outra mulher, botou a mulher em casa e me levou pra morar na casa da mãe dele. Aí eu fui-me embora pra casa da minha mãe. Minha mãe disse assim: "Volte. Vá lá pra onde ele tá. Cê num queria era ele? Seu Deus num era ele? Vá lá pra casa dele, apanhar dele e da mulher que ele arranjar. Se ela não tiver um vestido, e você tiver dois, é pra dar um pra ela. Cê num queria ele?" Era desse jeito. Mas aí disseram pra minha mãe: "Não, Mazé, quem tem que ajudar tua filha é tu mermo. Esse marido dela num prestou, não". Aí minha mãe me aceitou, e eu fiquei dentro de casa. Depois eu fui trabalhar em casa de família.

Eu tinha casado só o civil, num cheguei nem a casar no padre, não. Minha mãe não deixou eu casar no padre... porque podia não prestar, podia não dar certo, que eu era muito criança. Minha mãe não deixou eu casar no padre, não.

Eu era uma mocinha bonitinha, novinha... já era *formadinha*, mas era uma criança, bem pequenininha. Porque eu fui moça com 12 anos. Comecei a trabalhar, nas casa de família, lavando roupa, essas coisas...

Eu já tinha tido até uma filha, mas a bichinha tinha morrido... logo, com um ano e oito meses, e eu já tava separada! Separei logo dele, que ele num prestava, minha filha! Minha mãe não queria me aceitar dentro de casa, de volta, porque ela num queria o casamento. Eu casei contra a vontade da minha mãe! Mas foi o jeito casar, né, porque ele já tinha bulido comigo e minha mãe não ia deixar eu solteira de jeito nenhum! Tinha que casar! Embora que ele entrasse numa porta e eu saísse na outra, mas tinha que casar! Naquele tempo, pra você ver, como as leis era diferente. “Cê casa com ele, vai ser contra a vontade minha, mas cê vai casar com ele. Cê vai casar no Civil, e depois casa no padre, se ele prestar”. Aí que ele num prestou e que eu voltei pra minha mãe, pra viver todo tempo debaixo de ordem dela.

Aí, depois disso eu fiquei sozinha mais a minha mãe, trabalhando de novo mais ela, e fazendo de conta que tinha havido nada. Eu era bem direitinha, dentro da casa da minha mãe, e num tinha negócio de andar correndo atrás de homem não. Tinha negócio de andar atrás de homem não! Era bem direitinha em casa, num falava nem em homem, não. Depois, eu comecei a conhecer homem, eu tinha mais de vinte anos. Foi aí que eu comecei a namorar e a minha mãe brigando... Até que apareceu uma família, que foi passear lá no interior, e me convidou pra vir me empregar aqui, em Fortaleza, aí eu vim. Aí eu gostei do emprego, fiquei no emprego um bocado de tempo, aí depois desse emprego eu fui buscar minha família. Aí minha família aceitou vir. Era minha mãe e minhas duas irmãs e meu irmão.

Depois, quando eu comecei a vir pra cá pra me empregar, eu comecei a conhecer homem. Depois que eu fui buscar ela do interior pra Fortaleza, e botei ela numa casinha pras banda do [bairro] Otávio Bonfim, minha mãe e as filhas dela. Enquanto isso, eu morava nas casa das patroas. Passei uns três anos morando nessa casa, e todo mundo gostava de mim. As filhas moças da patroa, ela, tudo gostava de mim. Quando foi num certo tempo, eu fui um dia comprar pão, na padaria, e encontrei um nêgo. Aí o nêgo me chamou no carro e eu fui. Aí ele disse: “aonde é que você mora?”. Eu disse: “eu tô trabalhando na Dom Manuel, aqui perto”. Aí ele perguntou: “você num quer se mudar comigo não?”, “não, quero não, porque eu vivo muito bem no meu emprego”. E ele: “Não, vamo comigo. Eu sou viúvo”. Eu quis ir, aí eu combinei com o nêgo que eu ia pra onde ele morava. Quando foi de tarde, eu ajeitei as coisas tudim, e saí. A minha patroa num sabia pra onde eu tinha ido. Aí eu olhei a casa e disse: “tá certo, vou falar pra minha patroa que eu vou embora pra casa de minha

mãe”. Aí falei pra minha patroa que ia me mudar pra casa da minha mãe. Quando foi lá na minha mãe, eu disse a ela que eu ia me juntar com um homem... aí a mãe me deu uma pisa. Aí eu disse: “eu num quero viver nas casas não, mãe. O homem é bom, ele é viúvo...”. “Tá certo, mas depois você num venha não com ele pra cá”. O quê? Eu passei foi um bocado de tempo com ele! O nêgo era bom pra mim! Vizinho de onde a gente morava, tinha uma mulher que sabia bordar – ele ia botar a mulher pra me ensinar a fazer aquele bordado que é com um bastidor, e bordar à máquina. E eu num quis não, me arrependo até hoje. Mas ele era bom pra mim, e minha mãe começou a gostar dele. Depois de um tempo, eu fiquei grávida de um menino.

Aí, um dia, chegou uma senhora na minha porta e uma mocinha bem novinha, bonitinha, moreninha. Eu morava numa casinha bem pequenininha, bem bonitinha, bem arrumadinha. Eu morava sabe onde, ali na rua João Sorongo, ali pertinho do trilho. Aí a mulher disse que era esposa do nêgo. Eu falei logo: “pois ele disse a mim que era viúvo, por isso que eu tô com ele, esse tempo todim”. E ela: “pois ele num é viúvo não, tô aqui vivinha, e quero que ele vá na minha casa hoje”. E ele num me contava nada... Nem toda noite ele dormia lá em casa não, porque ele dizia que ia estar de vigia na prefeitura... A mesma desculpa que ele dava pra mim, ele dava pra a outra mulher.

Quando ele chegou, eu disse: “olha, eu não lhe quero mais” – e eu já tava grávida de quatro meses – “num quero mais, porque você não é viúvo. Você tem uma esposa e uma menina”. Deixe estar que ele tinha era muita moça, um monte de filha mocinha. A esposa dele tinha levado só a caçula dela. Ele disse que era mentira, que a menina não era dele, mas era parecida demais com ele! “Eu vou pra minha casa, da minha mãe”. Voltei pra mamãe, né. E de lá voltei a trabalhar nas casas de família. Não voltei mais pra casa da minha ex-patroa, né, porque eu tinha saído dizendo que ia embora pra casa da minha mãe, né.

Mas a patroa nova era bem boazinha, também. Eu tive sorte pra ter emprego bom, e as pessoas ser boa. Eu arrumei um emprego e num quis mais o tal do nêgo, de jeito nenhum. Porque eu sou ruim. Depois que eu digo que eu num quero mais uma coisa, acabou mesmo! Devolvi a chave da casa pra mulher que alugava a casa, e fui embora. E eu tava grávida. Tanto que um dia, a patroa nova desconfiou, chegou perguntando: “venha cá, criança, você tá grávida?”. Eu disse: “estou”. Aí ela: “por que você não disse assim que chegou aqui? Agora é o jeito eu ficar com você assim mesmo! Mas, quando você tiver mais perto de ter o menino, cê volta pra sua mãe, não pode ficar aqui, não”. Porque quando eu arranjei esse emprego, eu tava com quatro meses, não dava nem pra notar muito, não. Aí, quando eu tava com oito meses, eu fui mimbora, pra casa da minha mãe, e tive meu filho lá.

O homem ainda andou lá na minha mãe, pedindo pra eu voltar, mas eu não quis de jeito nenhum. “Quero não! Cê acha que saiu por ruim e vai voltar por bom, sem você prestar? Quero mais você, não!”. Fui ter meu meninozim, fui arrumar minhas coisas. Naquele tempo, tudo era mais fácil de arranjar, hoje é que é tudo muito difícil. Mas naquele tempo, tudo era bom. Aí, quando eu tive meu meninozim minha mãe ficou com ele, e eu fui trabalhar nas casa de família, de novo. Dois meses e eu já tava nas casa, trabalhando. Tá aí, até hoje eu tô trabalhando, e não quis mais saber desse rapaz.

Depois foi que eu comecei a ir pra cabaré, saber o que era cabaré, aí comecei a arrumar homi. A primeira vez que eu fui em cabaré, foi uma vergonha que eu passei! Eu fui, um tempo, passear no cais. Eu era empregada de uma casa, e a menina que trabalhava lá comigo conhecia o cais, e me chamou pra passear lá. Eu disse: “eu não, que eu não conheço, tenho medo”. E ela disse: “Vamo, eu conheço um navio lá, e esse navio é bom”. Aí eu vim pro cais. Subi no navio morrendo de medo, tremendo de medo. Achei estranho, fiquei com medo! O nome do navio era até Barão do Rio Branco. Um homi do navio me viu, perguntou se eu queria ficar mais ele, e eu disse: “eu mermo, não! Não, quero ficar aqui, não, vou-me embora lá pro meu trabalho”. Eu era toda desconfiada, mas com o tempo eu fiquei foi mais sabida de que eles. Mas mesmo assim eu me dei logo com esse rapaz lá. Fiquei foi dois dias dentro do navio, mais esse rapaz. E pronto. Esse rapaz eu me dei bem com ele foi tempo! Dava graças a Deus quando o navio dele chegava! O nome do navio era Barão do Rio Branco. Parece que esse navio era da companhia do Lloyd, eu não lembro. Mas o nome era esse. Naquele tempo, ofereciam presente, dinheiro... naquele tempo, o dinheiro eu não me lembro qual era. Mas era muito mais que hoje.

Mas no segundo dia, quando foi de tarde, ele disse assim: “o navio vai embora hoje. Eu vou levar você lá numa casa, pra você ficar morando lá e ficar me esperando”. Ele me levou lá pra casa da Dona Edite, que era madame. Eu cheguei lá, ela viu logo minha cara, que eu era bonita e novinha. Ela ficou doida, né. Porque mulher nova, e bonita, pra casa dela! Aí ele disse assim: “cê vai ficar aqui”. E eu: “aqui? No meio desse horror de mulher, assim...” Mas a mulher dona da casa me recebeu com o maior amor, e eu fiquei lá. Aí ele comprou logo roupa pra mim, que eu não tinha levado roupa, só a do corpo. Comprou roupa de cama, também. Eu num avisei na casa que eu trabalhava, não. Fui mais nem lá, nem buscar meu dinheiro. Quando foi com uns três dias, eu fui avisar na casa da minha mãe: “mãe, eu saí do meu emprego e tô morando numa casa que tem um bocado de mulher”. E ela: “que é que cê tá dizendo aí, menina? Cê tá em cabaré?”. Eu digo: “não, eu tô numa casa cheia de mulher”. E aí a mãe tacou eu na parede. Tacou o empurrão n’eu, que eu bati logo foi na parede. Comecei a chorar e vim-me embora. Deixei ela lá, falando, e vim-me

embora. Aí, passei um bocado de tempo sem ir lá. Porque, quando eu ia lá, ela ia brigar, nera? Até que ela se acostumou comigo na zona.

Foi assim. O homem me deixou lá, e eu fiquei. Eu nunca tinha entrado em cabaré nem nada, eu não sabia nem o que era cabaré! Sabia nem que existia. Engraçado foi isso. Nos tempos que eu tava lá, eu num precisava nem ir atrás de roupa pra mim, porque o homem do navio já tinha comprado e dado pra mim. Até que o navio saiu e ele foi-se embora. Foi aí que eu comecei a batalhar. Aí, um dia, eu fiquei com um americano. O americano me deu uma dólar e eu não sabia nem o que era dólar. Me deu uma dólar e eu disse: “eu num quero esse papel, não!”. O homem disse: “não, isso aí num é papel não, é dinheiro!”. E eu disse: “não, quero esse dinheiro não!” Ele chamou a dona Edite e disse: “Dona Edite, essa menina não quer receber a dólar não!”. E ela disse: “ah, tadinha, que inocente! Deixe na minha mão, que depois eu dou pra ela”. Foi umas duas dóla, ou foi três dóla. Aí passou-se um tempo. Um dia, quando eu já tava acostumada, sabidinha, já tava entendendo de tudo, chegou um americano. Aí eu comecei a me dar com esse americano, e ele começou a me dar dóla. Eu disse foi que num queria aquele dóla não, que era pouco, que queria mais dóla! Aí o americano [imitando um sotaque diferente]: “tu, muito mau, agora! Quando nem conhecia dóla, num queria. Agora tu quiere muita dóla!”. E eu digo: “sim, quero muita dóla!”. Eu ria! Nesse tempo tinha muito americano.

Logo, fiquei bem experiente! [risos] Daquele tempo pra cá fiquei mais viva! Aí minha madame era boa, ela me ensinava as coisas. A minha primeira madame foi ela. Mas todas as outras também gostava muito de mim. Essa minha primeira madame, ela me queria tanto bem, que as outras inquilina da casa ficavam com raiva. Um dia uma ficou com raiva, porque a Dona Edite só gostava mais de mim. Aí queria me bater, e a madame não deixou: “você não vai bater nela, não!”. Aí ela: “Porque, Dona Edite, tudo que a senhora faz agora só é pra essa mulher, só fala nessa mulher”. As outras lá começaram a botar apelido em mim, de Novinha. Só que eu não queria, mas as outras começaram a ficar despeitadas. Foi onde eu peguei esse apelido de Novinha. Eu era miúda, e era a mais nova da casa. E eu era tão bonita! Era a rainha da casa, bem dizer. Só tinha esse defeito, que eu era muito pequenininha, e lá tinha mulher alta e bonita também. Mas eu fui me acostumando com elas assim. Elas tudo só cismava comigo.

Pra me arrumar pra fazer salão, de primeiro, eu ficava com vergonha, e tudo, mas depois comecei a me acostumar. Eu já tava era mais entendida de que elas, depois. Eu já andava mais chique que elas. Cheguei no cabaré com esses vestidim que o homi comprou pra mim, ele me deu cinco vestidinhos. Os vestidim não era muito bom, não. Era tudo de chitinha. Mas todo mundo era bom, e traziam muita roupa pra mim. Mas eu não usava

pintura, nunca gostei. Só um pó, mesmo, e um pouquinho de ruge, com uma pluma. Não pintava o cabelo, nem unha, nem nada. Passava só um esmalte branco. E depois apareceu uma madame que fazendo o cabelo das mulhé. Fazia uns penteado bem-feito que só, e toda semana a gente fazia. A gente passava dois dias com o penteado. Elas diziam: “tu dormiu em pé, Novinha?”, porque eu não desmanchava o penteado.

As colega tinha raiva porque eu era a que fazia mais chave na casa. Fazia dois, três, quatro quartos, num dia. A gente quando é novo não se cansa muito, né. E as madame me abraçava muito, gostava de tratar bem aquelas que dava mais renda, né? E elas tinha inveja. Agora, bebida, eu nunca gostei. A madame botava bem diluída, com refrigerante, pra quem não queria beber. Às vezes não era nem bebida alcoólica, era aquele vinho grosso, que eu não lembro o nome. Mas ela botava num cálice e misturava com refrigerante, como se fosse bebida. Com o tempo eu comecei a beber mas era pouquim. Eu num gostava muito não.

Mas achei bom ter ido pro cabaré. Antes eu tivesse podido vir mais cedo. Foi aqui, na vida, que eu arranjei casa própria pra mim. Eu tive quatro casas, aqui. Foi porque eu comecei a vender tudo, num tempo que minha mãe adoeceu. Aí só fiquei com essa aqui.

Quando eu saí da casa da Dona Edith, eu me mudei pra casa da Dona Pintinha. Mas quando eu fui morar lá, eu fiquei com medo, porque lá na casa, dentro do quarto que eu tava dormindo, tinha morrido uma amiga minha queimada. Naquele tempo, morria muita mulher queimada, que tocava fogo no corpo. Era apaixonada por um homem, e o homem não queria mais elas, aí elas se queimavam. A Maria, minha amiga, eu acho que foi por uma paixão que ela tinha, paixão roxa. Por isso se queimou daquele jeito. Deus me livre! Pois eu fui muito apaixonada, mas eu nunca quis me matar e nem me queimar não. Chorei muito. Chorei que fiquei roxa. Mas num me matei, porque eu num sou doida...

Aí eu falei pra Edite assim: “ave Maria, tô com medo de dormir nessa casa”. E chegou um amigo meu, do navio, e eu reclamei com ele, e ele me ajudou. Ele disse: “cê num quer ficar aqui não? Pois eu vou te botar numa casa ali. É realugada, você quer ir pra lá?”. Ele alugou a casa pra mim, com quatro quartos e eu arrumei quatro inquilinas. Aí eu vendia um cafezinho no alpendre da casa, umas laranjas, comecei a vender umas coisinhas. Depois eu fiquei pagando. Todo mês eu pagava trinta mil réis à dona da casa. Ora, eu fiquei lá, e foi assim que eu arrumei dinheiro pra comprar essa daqui. Era um cabarezinho, né. Eu tinha quatro quartinhos e tinham quatro mulherzinha mais eu. Elas ficaram pagando chave, e bebendo, e foram me ajudando.

Ainda hoje eu tenho um quarto aqui em casa que eu vendo a chave. O casal de fora, quer passar um tempo, usar o quarto, aí me paga a chave. É que nem motel. Foi lá que eu arrumei dinheiro pra comprar minha casinha. Fora o dinheiro da chave tem o dinheiro da mulher. O meu dinheiro é o da chave. O dinheiro da mulher é outro, que ela acerta com o homi.

As inquilinas do cabaré pagavam a chave. Elas não pagavam aluguel. Aí a comida eu dava pra elas porque elas me ajudavam, fazendo as chaves. Tinha delas que faziam cinco, seis chaves por noite. Aí eu no outro dia tinha que dar de comer pra elas. Naquele tempo a comida era mais barata... Assim foi como eu comecei minha vida e até hoje tô aqui, remando contra a maré. Já tô velha, agora não tenho mais nada com homi, nem nada. Só minha casa mesmo, e alugo a chave do quarto pra ajudar...

Eu fui uma boa madame, porque eu dava muita colher de chá pra elas. Hoje eu vivo diferente a minha vida. Tem quatro quartos na casa, que três eu alugo pra homi. Eles me pagam 80 reais por mês. Às vezes eu faço comida pra eles, e às vezes não faço... Até falei pra eles que nesse mês que entra eu vou subir o aluguel pra 100 reais, cada um. Eu disse pra eles: "só alugo se for de 100, porque eu dou muito conforto também, pra quem mora aqui". E tem o quarto separado, que é pra alugar a chave.

Na casa da dona Edite eu aprendi muita coisa. Quando eu fui ser madame, já tava sabida. Aprendi a guardar dinheiro, a juntar dinheiro. Isso é muito importante, porque, pra quem não se fez naquele tempo, agora acabou-se. E nunca usei negócio de droga, nem gostei de gente que usa.

Quando eu construí uma casa pra mim, eu comprei uma casinha bem pequenininha, pra ampliar. Fui aumentando, e quando dei fé eu já tinha quinze quartos. Morava quinze mulher comigo. Era uma beleza de casa! Eu botava o som, e elas bebia, com os homem...

Aí, depois, eu vendi lá, e comprei aqui, e fiz esse duplex que eu moro. Já tô doida pra arrumar dinheiro pra ajeitar essa casa antes dela cair por cima de mim, porque ela é forrada só com tábuas. A casa num tem nenhuma coluna, é só as tábuas. Eu sou doida, viu? Porque é confiar muito em Deus, né? Porque eu confio só nele e pronto! Se Deus quiser, aparecer um filho de Deus, que faz minha casa pra mim. A casa tá perto de cair e eu não tenho condição de fazer.

Eu possuí três casas, contando a que eu moro. Aí quando minha mãe adoeceu, eu fui vendendo, pra pagar o tratamento. Nunca faltou nada pra minha mãe. Hoje, acabou-se o movimento no Farol. Como tá aí, tô vivendo só da minha aposentadoria, e desse quartim que eu alugo.

No meu tempo, madame era quase como uma mãe... corrigia as meninas se estivessem erradas, ela dizia como fazer, não passar fora de hora na rua. Se fizesse salão, ficasse só no salão, não saísse pra rua. Se quisesse sair pra rua: num vai não; e se for, paga o salão. Não saía só, não, tinha que ter o homem acompanhando, e precisava saber quem era. E mulher embriagada também num saía pra rua, não. Madame tinha autoridade pra falar com a gente, num era assim não... Levava carão.

Naquele tempo não tinha chuveiro, era um tambor d'água, tomava banho de cuia. Num tinha água encanada no Farol, não. Era um carroceiro que levava a água. Quando eu cheguei aqui não tinha água... nem calçamento. Não tinha água, nem luz. Só tinha uns posteinhos lá pra cima, depois botaram luz.

Mas aqui no Farol, eu já me governava a mim mesma. Eu fui mandada por madame por poucos anos. Isso porque, toda vida, eu fui econômica. Eu tinha minhas coisinhas e tinha que ter minha casa, né. Pagava um aluguel e não dava satisfação pra ninguém.

Nunca ninguém me manobrou. Me manobrava quando eu era criança, que dizia que eu tinha que casar. Mas depois eu separei, e arranjei outro marido diferente, e aí ninguém mandava na minha vida, mais. Eu fiquei sendo só dona de casa... eu era boa dona de casa, eu não era de andar na rua, não era de bebedeira, eu não era de estar saindo muito. Aí o marido não mandava muito em mim, não. Pra quê? Mandasse se eu fosse essas mulher *forasteira*, que sai muito.

Eu nunca gostei de rua. Tem essas mulheres casadas, tem delas que levam até o marido pra rua, pra beberem, pra farrear... levam até os filhos pra farrear. E isso num é dona de casa! Dona de casa tem que ser uma pessoa que vive pro seu lar, que vive trabalhando, dando de comer a seus filhos. Não precisa estar na rua, nem convidando o marido pra beber. Que mulher é essa? A mulher que convida o marido pra beber e os filhos pra ver ela beber mais o marido não é dona de casa! Tá é botando os filhos pra perder e eu nunca fiz isso com meus filhos. Ir pro bar beber e levar meus filhos? Oxente! Não, isso aí eu sou contra. Sou contra dona de casa que pega seu marido e seu filho e vai pra mesa de bebida. Tá botando os filhos a perder! Porque os filhos tá vendo aquilo ali. Por exemplo: tem um pai que fuma droga, *adiante* do filho. Que é que o filho vai fazer mais tarde? Vai fazer a mesma coisa. Olha, meus filhos, todos dois, são respeitador. Respeitam qualquer senhora, qualquer menina, qualquer dona de casa, qualquer cidadão. Meus filhos não andam dizendo palavrão, nem desrespeitando ninguém, não. Eu não criei meus filhos na rua! Criei meus filhos dentro de casa. Do colégio pra casa. E não acompanhado de amiguinho da rua.

Um dia a vizinha falou: “esse filho da Novinha vai ser um *viado*! Porque num sai de dentro de casa!”. Pois eu quero que ele seja *viado*, mas num quero que ele seja um ladrão. Pois tá aí. Nem virou um *viado*, nem virou um ladrão. Que eu num criei ele na rua. Quando de manhã ele saía do colégio, eu mandava trazer. De tarde eu botava um brinquedinho ali pra ele, na calçada, e depois pra dentro. Nunca me deu preocupação. Só tem um problema com ele, que ele é mei raparigueiro, arranja mulher em todo canto.

Negócio de gravidez, as inquilinas se livraram... tomavam injeção, comprava os comprimido. Teve uma que disse que disse assim: “ai, eu vou ter um filho, porque eu nunca tive nenhum”. E eu disse: “você que sabe! Depois você não vai dizer que eu não avisei, porque menino dá trabalho”. Um bocado tirava o menino. Eu não aconselhava tirar, não, porque é um crime. Mas elas queriam tirar, tiravam... tem uma mulher lá na cidade que tirava. Graças a Deus, eu nunca precisei dessas coisas, nunca tomei nem remédio! E tirar é um crime, é um crime bárbaro. Evite, que é melhor. Mas eu acolhia elas com filho. Quando as outras madame não queriam elas com filho, eu botava elas pra dentro da minha casa. Um dia, um rapaz que ia lá em casa, perguntou assim: “Novinha, essa tua casa é um cabaré ou uma maternidade?”. E era um pouco das duas coisas. Porque, chegou uma mulher que tava grávida, que a madame expulsou da casa dela, eu não ia jogar ela de porta a fora. Aqui em casa, se eu comer, ela come também. E não faltava homi. Tinha muito homem que gostava mais de mulher grávida. Teve homem que chegou aqui e disse que gostava mesmo era de mulher grávida, porque elas ficavam mais mansas, mais educadas, num iam atrás de confusão.

Mas eu dizia a elas: “olhe, vocês evitem. Porque vocês sabem que bucho não é muito bom, não. E pra vocês criarem o menino, ainda é pior, que você não tem pra onde levar as crianças. Naquele tempo, não podia ter bebê e criança dentro dos quartos do cabaré, que o Juizado de Menor dava em cima. Quando uma mulher saía grávida, elas tinham que pagar outra mulher, de fora do cabaré, pra criar os filhos delas. Aqui tinha uma dona Odete, que ela que criava os meninos todos daqui. Até ela criava uma menina que era filha de uma mulher daqui com um gringo, e um dia o gringo apareceu querendo pagar em dóla pra Dona Odete dar a menina pra ele. E ela não deu, não, ela se negou. Hoje em dia, ela é casada, essa mulher. Tinha muito menino loiro aqui, mas num era muito não. Também tinha menino preto, dos gringo preto. Teve mulher que disse que teve filho com japonês, também. E o menino é parecido com japonês, mesmo. Pela cara do menino, já se via. É como se diz: “o filho da puta tira a mãe da culpa”. A mulher dizia que o menino era filho de Fulano, aí, quando nascia, o menino era a cara do pai, “então tira a mãe da culpa”, né, porque ela não tava mentindo. Naquele tempo, não tinha exame de DNA, né.

Naquele tempo num tinha negócio de beijo na boca, não, era mais sério. Hoje não, a moça namora com o rapaz e já tá beijando na boca, se agarrando. Naquele tempo num tinha muito beijo na boca, não. Agora não, a mulher conhece o rapaz hoje, amanhã já tá beijando na boca, sabe nem o que é que aquele peste tem.

Cliente, eu mesmo não beijava ninguém, não. Sem beijar. Eu era *meia* ruim. Era uma relação assim, bruta, sem carinho. Hoje em dia, o povo é um carinho, é um alisado. Quando era muito apaixonada se abraçava, se beijava. Mas não era esses beijos de hoje, não. Coisa grudada! Se grudam, e pode ser em qualquer lugar, dentro de uma festa, pode ser dentro da igreja, pode ser onde for! Aquele grude... porque antes num tinha esses grudes não, era uma coisa respeitável. A moça conhece o rapaz hoje e amanhã já tá engrenhada com ele... que coisa feia! Eu num acho bonito, não! O mundo mudou muito, e mudou pra pior. Naquele tempo o mundo tinha respeito, respeitava o pai, respeitava a mãe. Agora não, conhece um rapaz hoje e amanhã já tá grudado com ele na frente do pai, na frente da mãe...

Quando eu montei casa, eu fui parando de ter cliente. Faz 20 anos que eu não sei mais o que é homem... e nem quero mais! Agora é que eu num quero mermo! Acabou, num quero mais ninguém! O último foi esse caboco que eu fiquei com ele 12 anos, 15 anos, num sei, e depois dele num tive mais ninguém.

Naquele tempo, do começo do Farol, eu acho que era no auge do amor. Existia muito amor. Agora, não tem mais amor pra ninguém. Eu faço como os gringos: “não mais amor. Finito amor”. Acabou o amor. As mulheres daquele tempo eram melhores, muito melhores. Acho que todo mundo tinha respeito, se respeitava uns aos outros. As mulheres iam pro quarto com um homi, era encabulada, com vergonha de ir. Essas mulher aí das casa de agora num tá nem vendo! Elas entram no quarto com o homem e num tão nem aí, num sentem vergonha. Antes todo mundo respeitava um ao outro mas agora acabou-se o respeito. Naquele tempo, alguém via uma neta ter filho do próprio avô, como a gente vê na televisão? Deus me livre! Como pode, né? Pelo amor de Deus.

Meu filho, que é esse que eu tive com esse nego véi, hoje já tá com 57 anos. Também criei o filho de uma senhora que morava aqui, que ela me deu pra eu criar com um ano e oito meses. Eu não tive outro menino porque a doutora perguntou se eu ainda queria ter família, e eu disse que não. Era uma doutora, que morava vizinho da minha casa, e ela fez meu parto de graça. E ela disse que eu não ia ter mais nenhum filho. E graças a Deus, não tive mesmo. Ela ligou, desligou, sei lá como chama, ela fez lá.

E negócio de doença, ninguém se prevenia. Ainda num tinha as doenças que tem agora. Se tinha, ninguém sabia, ninguém sentia nem nada. Graças a Deus eu num peguei

doença nenhuma. Nem ouvi falar de amiga se queixando. Eu num sei porque. Eu às vezes penso assim: “eu não entendo, por que foi que naquele tempo a gente não pegou um monte de doença? Porque naquele tempo a gente ficava com muito homem. Tinha noite que ficava com quatro, cinco homem, e num sentia nada? Que diabo foi que aconteceu?” Às vezes eu digo assim pruma pessoa: “eu acho que essas doença aí, que tá aparecendo, é muito é mentira. Porque, naquele tempo, já existia tudo isso, e a gente ficava com tudo que era homi, e não sentia nada! A gente era sadia, mais de que agora, que a gente num tem mais homem”. Nós não sentia nada. E agora, a gente sente doença, que dói o pé, dói o dedo, dói a cabeça... dói o diacho! Tem a tal de pressão alta – eu sou uma, que tenho a pressão alta que só o diabo. Coração...

Mas a gente olhava, pra o homi. Pensa que eu ficava com o homi, assim, sem examinar, sem olhar ele? Deus o livre! Um dia, um homi foi ficar comigo, e eu olhei “a coisa” dele, e tinha um buraco. Eu disse: “num quero ocê não, cê tá doente!”. Eu fui logo me levantando e vestindo minha roupa. Ele ainda ficou mei zangado, e eu disse: “olhe, num fique zangado, não. Que eu grito já pela minha madame”. Aí ele se vestiu, foi-se embora. Outra vez eu fui ficar com um homi, e ele botou revolver em cima da mesa. Aí eu fui embora do quarto, fui dizer pra madame: “eu não vou mais ficar com aquele homi, não, porque ele tá com um revólver”.

Só tive amor só por um amigo, mesmo, que foi esse que durou nove anos. Ele me gratificava muito bem, tinha atenção a mim e me respeitava. Quando ele vinha, era só pra ele. Quando ele tava perto de mim, eu passava dois dias sem ficar com outro homem! Só ficava com outro homi depois que ele ia embora.

Vivi com outro homi, doze anos. Ele solteiro. Quando dei fé, ele chegou em casa casado. Aí esse eu me molestei de raiva com ele! Faz uns vinte ano isso. Cabra safado! Viveu em casa mais de doze anos comigo, pra depois chegar em casa casado?

Quando dei fé, uma vizinha chegou e disse: “Novinha, tu sabe que o José vai casar hoje?”. Eu digo: “oxe! Que conversa é essa?”. “Pois ele vai casar no civil hoje e na Igreja amanhã, na igreja da Jurema”. Oh, minha Nossa Senhora! Eu comecei logo a chorar. Quando ele chegou lá em casa, eu fui lá no guarda-roupa, peguei as coisas dele e joguei logo na cara dele. E o resto eu botei no chão e esfreguei o chão com a roupa dele. Nós não se vemos mais, nem eu quero ver nem ele.

Um tempim desse, ele veio aqui em casa e disse: “Novinha, a mulher lá em casa morreu, vou voltar pra cá!”. E eu: “que é que cê tá dizendo? Eu lhe botei pra fora e vou

deixar entrar de novo? Tu é doido, é? Vá pra lá, seu sem-vergoin!”. Pois é, minha filha. Oxente!

Depois eu fiquei junto com outro homi, por 15 anos. Um dia, ele trouxe uma mulher pra cá pra casa. Eu digo: “vem cá, tu trouxe uma mulher pra morar aqui? Eu num fiz sabão nem quando era nova, vou fazer sabão agora, depois de véa? Pode levar essa égua pra lá”. Aí eu fui lá dentro, peguei minhas coisas tudim, ele tava almoçando. Eu já tinha essa casa aqui, né? Ele tinha pedido que eu vendesse, pra ficar com o dinheiro, mas eu não vendi, não. Peguei minhas coisas, e quando eu fui pegar meu som, lá vem ele chegando e diz: “pra onde vai esse som?”. E eu digo: “vai pro conserto”. Aí quando eu tava tirando o resto das coisas lá, ele disse: “tu vai pra onde?”. E eu: “pra minha casa!” Ele disse: “você vai, não!”. E eu: “vou! Eu tenho onde morar!”. E ele disse: “pois se você sair daqui, você num entra mais”. Eu disse: “e eu tô fazendo é pra entrar mesmo mais não. Se eu quisesse entrar, num tava levando minhas coisas!”. Eu vim-me embora, pra essa casa, e ele se arrumou com a outra lá. Eu sou ruim! Quando acabar, ele nem se juntou mais com ela. Ela quis outro. [...]

Eu era doida pra pegar uns retrato antigo meu, com a dona Luísa, mas foi o tempo que ela ficou muito doente, e eu acho que as filhas dela deram fim nas fotos. Elas todas são crentes, tudo santa.

Um tempo, eu ganhei um corte de nylon que tinha uma estampa bem grandona, que até hoje me arrependo de não ter uma foto com o vestido que eu mandei fazer. É bom olhar esses retratos, porque a gente se lembra de quem a gente era. Aquele tempo foi muito bom pra mim... aquele tempo não volta mais. Também, se voltar, também não adianta, minha filha, porque eu já tô velha, né? É até ruim se voltar.

Mas se o tempo voltasse, e eu ficasse nova de novo, talvez eu fizesse a mesma presepada! [risos] Talvez se eu fosse nova, do jeito que eu era, talvez até ficasse do mesmo jeito, viu? Eu tenho nenhum arrependimento. Não me arrependo de nada que eu fiz, tenho é saudades. Que eu era querida, tinha muito homem... hoje é que num tem nenhum, eu vou morrer sozinha. [risos]



## Glória

Porque tem gente que acha que a mulher que vive de prostituição, ela não gosta de ninguém. É engano. A gente gosta. A gente tem um coração. Mas eu tomava cuidado pra não me envolver, com certeza. Pra não me machucar, e eu não sofrer outra vez mais. Porque a coisa pior... Olhe, você passar três, quatro dias, com a pessoa que ama, enquanto o navio tá aqui... E, quando a pessoa sai, é aquele vazio!... É uma sensação de perda.

Eu vim pras boates do Farol através de uma amiga. Não era propriamente uma amiga, eu a conheci porque ela tinha um caso com um rapaz próximo à minha casa. Quando o meu pai descobriu que eu não era mais moça, naquela época ainda existia isso, ele disse que não me queria mais dentro de casa. Eu tinha dezesseis anos. As palavras que ele me disse, que Deus o tenha, foi que na casa dele ele não queria *puta*. E hoje ele tem puta dentro de casa. E eu falei isso pra ele, antes de ele morrer. Entendeu? E eu sou uma pessoa muito opiniosa.

Eu passei fome, eu dormi na rua ali debaixo daqueles pés de pau, ali perto do Moinho Dias Branco... Mas a minha mãe tinha sempre aquela preocupação de tirar a minha comida, pra vir deixar. E um dia, essa senhora, dona de uma boate, ia passando com o finado José, que era o amante dela na época. Ela me viu, novinha, e teve a curiosidade de me perguntar o que era que eu tava fazendo ali, e eu contei a história. E ela me perguntou se eu queria vir pra casa dela, que ela era dona de uma boate. Era uma boate da época, é essa casa que dá de frente para cá, pelo lado de lá da rua, na outra rua. Só que ela disse a mim que eu ia trabalhar. E hoje, as meninas de dezesseis anos, elas sabem tudo. Mas na minha época, a gente não sabia. A gente não sabia o que era engravidar, o que era menstruar. Eu, pelo menos, pensava que menstruar era que ia sair um papelzinho da vagina. Eu, mais nova, pensava, quando a minha mãe ia ter neném, pensava que um avião vinha deixar.

Hoje, as meninas de hoje sabem de tudo, mulher. Como é que se faz, como é que tem... Mas naquela época, tudo era muito oculto, muito sigiloso. E eu, quando eu cheguei na boate, eu vi aquela luz fluorescente, aquela ruma de homem... Eu muito bonita na época, né, dezesseis anos, o cabelão. Aí, a madame foi e disse que eu tinha que ficar ali sentada. E ali eu me sentei, de perninha cruzada, e veio um cidadão em minha direção. Perguntou se eu aceitava tomar alguma coisa. Eu falei pra ele que eu aceitava um Campari. E nessas três doses de Campari, eu me embriaguei. Quando eu me acordei, foi por ela me alisando, a dona da boate. Aí eu fui-me embora da casa dela. Até eu entender o que era isso, eu... Porque hoje, né, é tudo liberal... Mas naquela época, se tinha, era muito oculto, a mulher que fazia... sabão<sup>89</sup>, né? Você sabe... Mulher que fazia sexo oral, anal, se tinha, era uma coisa velada, escondida. Os homens eram cavalheiros, tratavam a gente tão bem. Se ele levasse a gente num restaurante, ele abria a porta do carro pra gente sair. Eram cavalheiros. Era outro sistema. Hoje é totalmente diferente, o homem age com a mulher na base da porrada, trata por “puta”, “prostituta”, “piranha”, “vagabunda”, e “faz isso, faz aquilo”! No meu tempo, não tinha isso, não, de o homem chegar na cama com a gente e querer

---

<sup>89</sup> “Fazer sabão” é uma expressão local para se referir ao sexo entre mulheres. É usada de forma pejorativa.

exigir. Tinha homem que ficava comigo num dia, o navio ficava aí, digamos, cinco dias, e o homem passava aí os cinco dias comigo. Se ele tava em condições, ainda perguntava: “Graça, você quer ir pra Recife?”. E eu ia. Na época, a gente chamava isso de estadia, ele pagava uma estadia.

Então foi essa a primeira boate, que eu fui e passei só um dia, e saí de lá pra morar numa casa chamada Meu Cantinho. Mas eu sempre gostei mais de morar particular. À noite era que eu vinha da minha casa, pros bares. Mas eu só morei em boate enquanto eu não atinei [para a possibilidade de morar sozinha e freqüentar os bares à noite], enquanto não tive essa idéia. Eu sempre gostei de morar sozinha, ter meu fogãozinho, ter minhas coisinhas. Sempre gostei de morar particular. Era ruim morar na casa [de prostituição] porque você tinha que cumprir horário. Se tivesse que sair, tinha que pagar salão.

Então, é isso, eu não me arrependo de ter vindo morar aqui, não, eu não me arrependo, sinceramente. Eu me arrependo de eu não ter usado a minha cabeça. Porque eu ganhei dinheiro, mas não soube me haver. Se eu disser pra você, que tem idade de ser a minha neta, se eu disser pra você que eu tenho arrependimento de ter me prostituído... Na minha época, não. Hoje, eu não aconselharia. Eu não me arrependo de nada. Porque os homens tratavam bem, eram carinhosos, atenciosos, davam dinheiro à gente... A gente achava dinheiro nesse Farol como quem acha bagana de cigarro. Levavam a gente pra bons restaurantes, entendeu? Tratavam a gente como um ser humano. Hoje não. As mulheres só andavam de penteado, vestido longo... Sentavam quatro mulheres numa mesa, se chegassem quatro homens, um daqueles homens simpatizasse comigo, ele se levantava, me chamava pra dançar, ou me chamava pra ir pra mesa dele... Hoje não, as mulheres tem que correr atrás, mandar bilhetinho por garçom, telefone, às vezes o homem já tá até acompanhado com uma, e a outra fica querendo tirar.

Às vezes a gente fazia jantar pros marítimos, quando chegavam. Eles também ofereciam um jantar, às vezes, ou eles traziam caranguejo. Antes os marítimos faziam isso, agora não levam ninguém nem... Leva mais não, minha fia, é muito difícil um homem chamar uma mulher hoje pra ir no [restaurante] Alfredo.

E tinha carnaval, todos os anos. Era dentro de casa, mesmo, a gente pulando, brincando, mais os homem. A casa enchia de homem. Digamos, quando faltava dois mês pro carnaval, nós já começava a organizar o salão.

Porque hoje, a batalha é totalmente diferente. As mulheres tudo com o rabo de fora! No nosso tempo, não. No nosso tempo, as mulheres eram tudo de longo, de salto alto, de meia, de cabelo feito. Todo carnaval a gente fazia as fantasias, e fazia um bloco. Era uma

boate aqui perto, que hoje é uma lanchonete. Você vai ver muita foto aqui. Essas fantasias a gente preparava só pro carnaval. Cada carnaval, roupas diferentes. Nessa casa, sempre teve carnaval e ceia de natal. A dona da casa fazia sempre, no natal, a “cesta da fartura”, com uva roxa e verde, carambola, manga, todas as frutas, de todos os tipos.



Figura 25 Fonte: Arquivo da entrevistada.

É por isso que eu te falo que eu não me arrependo de ter vindo pro Farol, não. Eu me arrependo de não ter usado a minha cabeça. Eu começava a beber aqui, me empolgava, dizia: “ah, eu vou já pra Recife! Agora quero encher a cara lá”. E ia. Pegava um avião e ia. Quer dizer: um dinheiro que hoje tá me fazendo falta. Porque eu era nova e não tinha quem me orientasse. Eu tava com um homem, aí deixava o homem aqui e dizia: “eu vou já é assistir um filme no São Luiz”. Só fumava Pall Mall<sup>90</sup>, só bebia Campari. Andava bem vestida.

<sup>90</sup> Marca de cigarros britânica de alto padrão.

Também ajudei muito a minha família, fiz a casa da minha mãe. O meu pai, na época, não era aposentado. Ele passava quinze dias trabalhando e quinze bebendo. Os quinze dias que ele trabalhava, ele recebia. E os quinze dias que ele passava no goró, ele gastava tudo que tinha recebido. Então, eu ajudei muito a minha família. Muita gente aqui sabe que eu fui uma boa filha. Hoje eu não ajudo mais porque eu não tenho mais condições. E você quer que eu seja sincera? Na minha família, ninguém me telefona mais pra saber como eu estou. Saber por quê? Porque eu não tenho mais. A minha fonte secou. Sou bem sincera.

Então, conheci várias pessoas que... O pai de uma das minhas filhas montou um bar pra mim, quando terminou o trabalho dele aqui. Ele disse: “Graça, você quer ir pra São Luís comigo?”. Fui pra São Luís com ele. E de onde eu estava, escrevia para minha família: “mamãe, estou mandando uma quantia de valor tal”. Naquela época, não existia negócio de banco, transferência. Era vale postal, pelos Correios. Não deu certo com o pai da minha filha, porque eu vim a descobrir que ele tava tirando da boca dos filhos dele para me dar a boa vida. Então, eu não aceitei. Eu cheguei pra ele e falei: “olhe, eu sou nova. Posso arranjar qualquer homem. Mas a sua mulher, não”. Cheguei no quarto do hotel, peguei minhas coisas, joguei na mala e vim embora. Só que eu não sabia que eu estava grávida, eu vim saber que eu estava aqui, grávida dessa minha filha que é evangélica hoje. Mas aí, depois disso, ele veio atrás de mim e eu não quis mais conversa com ele.

Arranjei outra pessoa, que é o pai daquela dali [aponta uma fotografia num porta-retratos na estante], minha filha que hoje está no crack, e eu pouco tenho contato. Eu tenho uma filha que é evangélica e outra que tá no crack. Fui embora com ele, pra Niterói, e o que eu vendi, eu levei. Fui muito humilhada pela família dele, lá. Se eu me sentasse na mesa pra jantar, a mãe dele levantava. Ela dizia: “meu filho, você arranjou uma prostituta!”. Um amigo dele passou pra família, sabe. A família de bem, e ele chefe de máquinas de navio... Um dia, eu cheguei pra ele, ele chorou... Eu disse assim: “Valcir, se você arranjou uma pessoa que você goste mais do que eu, você me diz aqui que eu vou-me embora, não tem problema. Daonde você me trouxe, eu sei o caminho, sei voltar”. E eu tava grávida dele. Ele disse: “Graça, você vai pra Fortaleza, arranjar uma pessoa, porque você não vai poder mais ficar viajando de porto em porto atrás de mim, que a tendência é a sua barriga crescer, e você tem que fazer seu pré-natal”. Ele usou de má fé comigo. E eu vim crente de que eu ia voltar pra casa dele. E eu preveni: “olha, Valcir. Não esqueça que eu vou rever minhas amigas, aonde você me encontrou. Porque se um dia um dos seus amigos lhe encontrar e disser assim que me viu no Farol, você já está sabendo por mim. Porque hoje eu estou com você, e amanhã...”. Parece que eu já estava adivinhando. Aí eu vim pra Fortaleza. Com quinze dias, ele não me deu notícias. Aí eu ligo pra lá. Aí o irmão dele: “Graça, meu irmão tá mais

enrolado que papel higiênico”. Eu disse: “como assim? Pois diga pra ele que entre em contato comigo. Que eu estou na casa onde ele me encontrou”. Quando foi nove horas da noite, ele me ligou. E eu disse: “Valcir, que é que tá acontecendo?”. Ele falou: “eu voltei pra minha ex-mulher”. Aí eu disse: “não tem problema. Você deveria ter me dito aí mesmo. Você manda as minhas coisas. E eu tô grávida, e você não me encontrou com filho na barriga, então você vai arcar com a responsabilidade sobre essa criança”. Ele disse: “as suas coisas, eu vou mandar por uma transportadora. E todos os meses, eu vou mandar um dinheiro”. Eu to esperando até hoje uma coisa e outra. A menina já tem vinte e sete anos. Ela era bailarina da Edisca<sup>91</sup>, já dançou até na Holanda, ainda adolescente. Mas se desviou, começou a andar pela Beira-Mar, ali na Ponte Metálica...

Minhas filhas nunca moraram comigo, porque eu não queria que as minhas filhas me vissem embriagada, hoje com um homem e amanhã com outro. Eu não queria dar mau exemplo. Então elas foram criadas com a minha família. Só que a responsabilidade era minha. Comida, roupa, tudo eu pagava. Até pros meus irmãos e minhas irmãs, eu custeava tudo. Eu acho que a minha mãe não tem o que dizer de mim. Hoje eu não ajudo mais porque eu não tenho. Aí consegui esse barraco véi aqui que eu moro, que não vale nada, mas é meu, eu não pago aluguel. Já colocamos ela numa clínica, ela passou seis meses, e depois ficou dentro da casa da minha irmã. A minha irmã disse: “menina, eu trabalho, essa casa fica só. Toma de conta da casa, é melhor. Esse negócio da noite não dá certo. Vai estudar, vai trabalhar”. Mas ela não quer. Ela voltou a usar o crack. Os seis meses não serviu de nada.

Eu ainda tenho fotos daquela época, mas não posso lhe ceder, porque não são minhas. A dona das fotos não levou justamente porque a família dela não sabia que ela... [que ela viveu da prostituição em um período da vida]. Não ia aprovar. Já a minha família, não. A minha sabe. Eu não, a minha família, toda sabe, como eu vivi, e como eu vivo hoje. Eu não tenho nada a esconder. Aí a minha filha, que é evangélica, não é muito de vir aqui, não, porque, geralmente, quando ela chega aqui, eu to *no goró*. E ela não gosta.

Eu queria que um cabaré de hoje fosse como o de antigamente. Amava! Eu amava, não vou mentir. Pra mim, toda noite foi festa, não faltava homi. Era muito homi. Não faltava homi, não faltava dinheiro. Ah, minha filha, o farol veio morrer de 85 pra cá. Foi um tempo muito bom. Homi pagava a gente em dólar. Só no *Dolores* [risos].

---

<sup>91</sup> Edisca é a sigla da Escola de Dança e Integração Social para a Criança e Adolescente, uma entidade não-governamental com sede em Fortaleza. A instituição promove a formação de bailarinos e organiza espetáculos de dança bastante prestigiados, além de oferecer suporte educacional aos integrantes.

Deixa eu lhe dizer uma coisa, bem profunda. A prostituta é igual ao jogador de futebol: se ela não fizer nada até os trinta... Porque, depois dos trinta, só se ela for muito abençoada por Deus. O jogador de futebol, ele só tem carreira até os trinta. Porque se ele não se fizer até os trinta, depois, babau. Depois de ele cansar, já era. Entendeu?

Mas eu ainda bebo aqui, mais meus amigos, eu. Eu faço o maior fuá, eu. Bebendo, danço, e... Tomo banho, e faço o mó “Zé de Alexandre”. É! Fazer os babado! Morri não! O pessoal diz: “ó, uma véa dessa!”. Mulher, eu não morri, não! Pois é, minha filha! Eu tenho cinqüenta e cinco anos, mas eu dou pra todo mundo sessenta, por causa dos meus documento. Porque quando eu cheguei aqui, aumentaram a minha idade, pra mim poder ficar aqui. Porque, naquela época, o Juizado de Menor perturbava muito.

Quando eu voltei pra Fortaleza, em 1985, que eu cheguei grávida, eu disse: “meu Deus. Como o movimento aqui acabou!”. Que eu pensei até que eu não ia conseguir mais nem um quarto pra mim morar. Porque também eu vim grávida, o processo ficou mais difícil... Eu tava com 28 anos. Mas aí foi quando eu ainda consegui comprar essa casa aqui, e mais a casinha em frente. Ainda deu. Ainda consegui correr atrás, ajuntando daqui e dali. Ainda consegui. Porque, se eu não tivesse feito isso, eu ainda tava morando de aluguel.

Dos trinta em diante, eu vendia confecção, passei a vender confecção da minha irmã. Ela me dava uma peça por um valor, eu vendia por outro, e botava meu lucro em cima. Eu tinha meus aluguelzim. E quando chegava algum amigo meu, daqueles antigo: “a Glória ainda existe, a Glória do Farol?”. Vinham me chamar, eu ia.

Eu nunca tive nome de batalha, pode botar o meu nome mesmo no seu trabalho, que eu não tenho problema não. Apesar, que naquela época, os marítimo do Lord [navio Lloyd] me chamava de Roberta Dinamite<sup>92</sup>, por causa das minhas perna. Mas não precisa tu botar esse nome não, pode botar o meu mesmo. Comigo não tem isso não.

E eu fiz sucesso. Ah, eu fiz. Fiz muito homem chorar. Teve um que quis casar comigo e eu não quis casar com ele. Não posso dizer o nome dele, porque ele mora aqui em Fortaleza. Esse navio chegou do Canadá. Todo navio que chegava de fora, era eu, ela ou qualquer uma... A gente fazia tudo pra ver se pegava um homi desse navio. Agora, se você me perguntar o motivo que a gente queria pegar esse homem desse navio, que vinha de fora, do Canadá, da América, da Holanda? Por quê? Por causa do dinheiro, que era mais. Vinham com dinheiro. Então, uma amiga minha, que hoje tá muito bem casada, graças a Deus, tá casada com um comandante, disse: “Graça, vamo na Eunice? E eu disse:

---

<sup>92</sup>O apelido comparava as pernas de Glória às do jogador de futebol Roberto Dinamite, que viveu o auge da carreira nos anos oitenta.

“Vamos!”. Quando eu cheguei na Eunice, esse homem tava sentado no muro. Aí, foi, disse assim – ele já conhecia ela, sabe – aí, ele foi e disse assim: “fulana, você nem me apresenta?”. Aí ela foi e me apresentou. Aí ele foi e disse assim: “você mora onde?”. E eu disse: “eu moro na rua da Frente”. Ele disse: “você espera por mim?”. Eu digo: “depende. Meu tempo é ouro”. Quando eu disse isso, que eu cheguei na Chave de Ouro, que eu me sentei, ele chegou. Aí, ele bebendo comigo, e aí todo tempo: “você quer casar comigo?”. “Não”. “Você quer casar comigo?”. “Não”. Aí eu perguntei a ele: “quantos dias o navio vai passar aí?”. Ele disse: “o navio vai passar cinco dias”. Aí passei a noite mais ele, bebendo, biritando, aquele negócio todo. Eu morava aqui, nessa casa bem aqui. Eu vim dormir com ele. Não gostei do homem. Com todo o dinheiro que ele tinha, eu não gostei. Ele não me agradou. Deixei ele na cama, tomei meu banho e fui pra minha rede. Quando foi no outro dia... Quem terminou a estadia com ele foi outra colega. Aí, no outro dia, ele apareceu e perguntou se eu não ia pra boate. Eu disse: “rapaz, eu não quero nem olhar a sua cara”. E ele: “Graça, não faça isso, não. Que um dia você vai se arrepender. Eu quero fazer você minha esposa”. E eu digo: “mas eu não quero você como meu esposo”. Ele tinha acabado de me conhecer. Simplesmente, eu nunca gostei de homem que faz sexo oral. Nunca gostei. Tem mulher que diz que adora. Eu nunca gostei, não vou mentir. Ele me perdeu só por isso. Porque eu sempre pensei: se ele fazia isso comigo, ele fazia com qualquer outra. Eu não gostei dele por isso.

E outros e outros. Teve um que eu não quis porque ele tinha mau hálito. Toda vida que o navio chegava, ele só me encontrava bêbada. Aí um dia ele me perguntou o motivo de eu não querer casar com ele, e eu sou franca. Eu disse: “você nunca me perguntou, mas como você tá me fazendo essa pergunta hoje, eu vou ser sincera com você. É porque você tem mau hálito. Se você vai casar, isso é muito ruim. Se for problema de estômago, procure um médico, e se for dos dentes, procure um dentista, porque ninguém lhe agüenta. Parecia que ele tinha aberto a tampa numa fossa. Tão lindo, tão lindo, ele. Branco, dos olhos azuis. Aquele homi deitado na minha cama, e eu olhava assim pra ele: meu Deus, parece um bebê! Mas... Não tem condições! Eu só transava com esse homi bêba, passada. Aí ele não me quis mais, porque eu fui sincera. Tem muito homem que deixa a desejar. Como tem mulher que deixa a desejar, tem o homi também.

Eu tinha um negão... A dona da boate ria tanto... De longe, ele vinha assim [imita um andar desajeitado]. Oh, minha Nossa Senhora. Mas eu tava atrás de terminar a casa da minha mãe, né. Eu dizia: “é o jeito” [ficar com ele]. Mas não tinha mau hálito. Tinha um defeito na perna, era preto... Mas não tinha mau hálito, era um nêgo cheiroso. O problema dele era só o defeito na perna e aquele dentão de ouro aqui na frente. Entendeu? Mas não fedia. Mas... Ali, na cama com ele, as minhas lágrimas iam caindo. Em vez de eu botar as

mãos nas costas, acariciar, minhas mãos ficavam assim [imita um abraço sem expressar afeto, com as mãos duras, imóveis]. Mas ele era vidrado em mim, né. Eu, naquele tempo, do lado dum homi daquele, eu era uma rainha. É, minha filha... A vida na prostituição tem dessas coisas. Tem homi que você vai até de graça com ele, que lhe cativa. Mas tem homi que pelo amor de Deus... Você só vai pelo dinheiro.

Mas eu me apaixonei por um freguês. Sou apaixonada até hoje. Eu acho que, no fundo, no fundo, eu pergunto pra mim mesma... [Faz uma pausa longa, procurando palavras]. O tempo parou eu esperando essa pessoa, e essa pessoa nunca fez nada por mim. Aí eu vou... Porque Fulano pode chegar e eu num tá [não estar]. Eu penso nisso, hoje, né. E... Infelizmente, a última notícia que eu tive dele... A última vez que eu estive com ele... Eu tenho uma agenda ali que eu tenho tudo anotado. Eu tive com ele, passei dia 7, 8 e 9 de setembro de 2009. Ele me ligou de Maceió, dia 20 de setembro. Que o navio ia voltar pra cá. E de lá pra cá ele não me ligou, e eu soube por boca de alguém que ele tinha se aposentado. Mas eu fico pensando: que falta de... de consideração, da parte dele. Não custava nada, né? [Telefonar avisando] “Glória, eu me aposentei... Não vou mais a Fortaleza. Não espere por mim”. Mas tudo bem. Não vou desejar mal a ele, porque ele não tem culpa. Ele não pediu pra mim gostar dele. Ele não me pediu. Gostei, a minha química deu certa com a dele... Mas, infelizmente, é isso mesmo. Ele tem que tá do lado da família, né. E eu, que tome no cu, aqui. E é tomar no cu de sapato alto, pra mim criar marra!

E não é bonito, ele. Mas eu gosto da química, deu certo com ele. A bebida, dançar, que eu também gosto de dançar... Eu danço qualquer coisa. Forró, bolero, samba. Mas geralmente, a gente se encontra na Beira-Mar. Ele telefona: “Glória, eu to em *lugar tal*, to te esperando”. Aí eu ia pra lá, a gente se encontrava, bebia. E aí vinha pra minha casa. Ele vinha sem data certa. Depende do fator sorte, negócio de navio. Teve um ano, que o navio ficou quase todos os mês vindo pra cá. Teve um ano que eu fui pra Pecém duas vezes, me encontrar com ele. O navio foi bater lá. Uma vez, o navio bateu lá, mas não deu tempo de eu ir, e ele veio. Quando eu tava aqui, negócio de dez horas, ele chegou. As outras duas vezes que o navio esteve em Pecém, eu que fui.

Eu conheci ele faz muito tempo, ele era da cidade de Belém, não me lembro o ano. Conheci ele às duas horas da manhã, liso, sem nenhum tostão. Gostei dele, mesmo. Botei ele pra dormir, dei carinho... Levei ele pra casa, como quem achou um animal ferido. Dei casa, dei bebida. E aí me apeguei a esse homi. Depois, ele me pagava, ele me dava dinheiro, lógico.

Eu já conhecia ele quando eu fui embora mais esse cabôco, pai da minha filha. E ele tava envolvido com uma pernambucana, que foi a história que ele me contou quando nós se

reencontramo. É uma história longa. A gente se conheceu e depois teve um período de separação. Eu fiquei sem ver ele, ele ficou sem me ver. Eu tava no Rio, em Niterói. Tive a minha filha. Depois dessa filha, eu me amiguei com outro rapaz, que mataram. Foi quando ele voltou aqui, e me procurou. Aí ensinaram que eu tava ali na boate Chave de Ouro, tinham acabado de me ver. Aí, quando ele chegou, ele não me conheceu. Eu vou saindo, e ele vem entrando. E ele foi e disse assim: “eu queria falar com a Glória”. E eu falei: “Tudo bom senhor [o nome foi preservado a pedido da entrevistada]”. Ele olhou assim pra mim, e já quis me agarrar, e eu me afastei. Porque eu já tava com uma pessoa, e essa pessoa era muito violenta, e eu fiquei com medo, né. E aí, passou-se, passou-se, passou-se. Mataram essa pessoa. Com cinco tiro. Lá no Oitão Preto. Eu gostava desse rapaz, mas mataram ele por causa de droga. Aí, fiquei desnorçada. A casa onde eu morava me trazia muita lembrança dele, aí foi quando eu troquei de casa, vim-me embora pra cá.

Aí, quando é um dia, eu to aí na boate Chave de Ouro, e uma amiga minha disse que tinha telefonema pra mim, na rua de trás. “Graça, é porque o pai da minha filha ligou pra mim, e tá embarcado com uma pessoa que quer muito te ver e falar contigo”. Eu lembrava dele, tá entendendo? Eu lembrava, ele nunca saiu da minha cabeça. Mas eu achei assim, estranho, ligar pra rua de trás, e não pra rua da frente, que era onde eu trabalhava.

Quando eu cheguei lá, ele disse: “Glória?”, e eu *conheci* logo a fala dele. Aí, ele disse: “eu to sabendo que mataram o rapaz que você vivia junto. Eu soube no Maranhão”. E eu: “é verdade. Está com seis meses”. E ele: “como é que você tá?”. E eu disse: “vou indo”. Ele disse: “eu to te ligando pra te dizer que o navio tá indo praí”. Eu digo: “tá bom” [ar pouco empolgado]. Tu tem como eu me comunicar contigo?”. Nessa época eu já tinha telefone, né, então passei o meu número pra ele. Até que o navio chegou, ele ligou, e ele veio aqui. E nós começamos a se reencontrar de novo.

Aí, agora, disse que ele se aposentou, e eu não sei mais. É porque eu tenho medo. Eu tenho o telefone dele, mas eu tenho medo, porque eu não quero ser feliz com a infelicidade de ninguém. De repente eu ligo, e ele tá perto da esposa, e aí? Quando eu conheci ele, eu não soube logo que ele era casado, que ele tinha filhos. Quando eu conheci ele, ele já era casado há dois ano. Tanto é que ele dizia pros amigo dele: “olhe, se eu tivesse conhecido a Glória antes, hoje quem estaria lá em casa, sendo mãe dos meus filhos, era ela”. Mas quando eu conheci, ele já tava casado há dois anos.

Eu nunca quis que ele pedisse divórcio. Não adianta ninguém querer ser feliz em cima da infelicidade de ninguém, não adianta. Quando a mulher dele teve um problema *no rins*, eu me prontifiquei em doar o meu pra ela. Eu me prontifiquei, sem que ela soubesse. Eu falei a ele: “olhe, se for tudo compatível, meu com o dela, sangue e tudo, eu vou pro Rio

de Janeiro, você arca com a despesa, e eu vou aí pro Rio de Janeiro doar meu rim pra ela". Ele chorou. "Graça, você... Você é capaz de fazer isso?". Eu disse "por você eu faço qualquer coisa. Ela não é a mãe de seus filhos? Faça!". Mas, graças a Deus, não foi preciso. É a vida, né, filha, fazer o quê?

Pra mim, ele foi grande amor da minha vida. *Foi*, não, pra mim, é. Se ele chegasse aqui, agora, eu me transformaria! [Voz embargada] Bem ligeirim. Trocava de roupa, ajeitava o cabelo e me mandava! Porque tem gente que acha que a mulher que vive de prostituição, ela não gosta de ninguém. É engano. A gente gosta. A gente tem um coração. A gente tem coração, o coração da gente não é de plástico, não. Tem *um* cara que marca. E como marca. É engano das pessoas dizer "prostituta não gosta de ninguém, só gosta de dinheiro". É engano. A gente gosta.

Mas eu tomava cuidado pra não me envolver, com certeza. Pra não me machucar, e eu não sofrer outra vez mais. Porque a coisa pior... Olhe, você passar três, quatro dias, com a pessoa que ama, enquanto o navio tá aqui... E, quando a pessoa sai, é aquele vazio!... É uma sensação de perda. Tá entendendo? Ave Maria, quando eu fui pra Pecém, que eu passei cinco dias no Pecém... Eu vinha dentro do ônibus, eu vinha chorando. Parecia que eu tinha perdido meu pai, minha mãe. Sabe, aquela sensação de perda, de vazio. Aquele mal estar. Pela pessoa que ele é quando tá comigo, entendeu?

Uma vez, a esposa dele conversou comigo no telefone. Só que eu soube me sair, que eu não sou besta, né. É como eu acabei de lhe dizer. Não quero atrapalhar a vida dele, de jeito nenhum, entendeu? Por mais que eu goste dele, jamais... Eu tenho tudo relacionado à vida dele. Número de matrícula da empresa dele, eu tenho. Que eu encontro ele em qualquer canto, pelo número de matrícula dele. Eu tenho os quatro números de celular dele. Mas nunca tentei. Principalmente agora, que eu to sabendo que ele se aposentou. Eu tenho medo dele tá numa viagem com ela, eu tenho medo dele tá num restaurante. Entendeu? Como aconteceu. No Pecém, ele ligava muito pra mim, do navio até onde eu estava. E o telefone dele era linha, a esposa dele recebia a fatura em casa. Aí, quando a fatura chegou em casa, a esposa viu só o meu número. Nem ele *se ligou-se*. Quando é um dia, eu to na cozinha da boate, cortando ali uma carne, aí meu telefone toca. Aí eu olhei: "021, Rio de Janeiro" [código de Discagem Direta à Distância]. Mas não era o telefone dele. A esposa ligou do orelhão. E eu sou *malaca*! Aí eu não atendi. O telefone tocou de novo, e eu atendi. "Bom dia" [imita um tom de voz agressivo, para representar a esposa]. E eu: "bom dia" [agora o tom de voz representado é equilibrado, calmo]. "Com quem eu estou falando?". "Com a *Fátima*". Aí ela foi, disse assim: "o motivo da minha ligação é porque a conta do meu telefone deu muito alta, e só dá esse número aí de Fortaleza". Aí eu disse: "olhe, eu sou a

irmã do João, que trabalha em navio”. Inventei essa pessoa, né. “Então, o sobrinho do João tava ligando pra essa pessoa, do meu celular, porque o celular dele tá sem crédito”. Aí ela foi e disse: “bateu”. Ela disse “bateu”, como quem dissesse que o marido já tinha falado isso pra ela em casa. Mas eu não me conformei com aquilo. Aí eu liguei pro navio. E quando a gente sai, sempre vai eu, ele, e um grande amigo dele. Aí eu pedi pra falar com o amigo dele. Aí eu disse: “você diga pra ele que, se a mulher dele ligar, ele tem que dizer que quem atendeu foi a Fátima, irmã do João”. Que ele podia dizer uma coisa diferente, e contradizia. Mas graças a Deus deu tudo certo.

Eu fiz de tudo pra nunca prejudicar o casamento dele, porque não adianta ninguém querer destruir nada de ninguém. Não adianta, porque o fim é triste. Se ele tiver de ser meu, ele ainda vai ser, sem precisar de eu destruir. Por exemplo: eu pegar o telefone aqui, agora, e a mulher dele atender. “Ó, aqui é a Glória, de Fortaleza. Chama aí Fulano de Tal, pra mim, que eu quero é falar com ele, porque quando ele tava aqui, me comendo, ele não esquecia de mim!”. Aí eu to estragando, né. Se um dia precisar ligar pra ele, eu vou botar um homem [para chamá-lo ao telefone, para não levantar suspeitas]. “Oi, aqui é o amigo do seu marido, queria falar com Fulano”. É diferente, né, de eu ir e pegar o telefone. O que vem ao caso é você ter a sua consciência limpa. É da minha natureza.

[Nesse momento, chega uma criança de uns dois anos, neta de Novinha, a outra entrevistada. A acompanha um menino de uns dez anos].

- Meu amor, ande dar um cheiro na vovó. Tu tava onde? Pega na mão da moça, pergunta pra ela se ela tá boa! Fale “tudo bom?”. Olhe, essa moça tá fazendo uma entrevista do tempo quando eu era puta, eu era quenga. Agora sou quenga véa, de segunda!

Mas eu nunca gostei de estrangeiro. Eu, sinceramente, em toda a minha vida, eu fiquei, deixa eu ver... Em toda a minha vida, eu só fiquei com dois americano, e um espanhol, o *Sierra*, ainda me lembro do sobrenome. Eu não gostava... Eu nunca optei. É tanto que eu não sei falar nada de inglês. Porque tem mulher aqui, da minha época, que... Umas hoje tão no Rio, outras tão em São Paulo, outras foram embora, pra Alemanha, pra Noruega, que falavam o *inglês da beira do cais*, como a gente chamava na época. Mas eu nunca me interessei. Eu gostava mais era de navio brasileiro. Pescador, mestre de barco. Os estrangeiros, eles pagavam em dólar, mas eu nunca me adaptei pra esse lado. Eu me adaptava mais pra brasileiro. Navio *Lord* [Lloyd], Netumar<sup>93</sup>. Nunca corri muito atrás de

---

<sup>93</sup> A entrevistada se refere a empresas de navegação nacionais então em atividade. Lloyd Brasileiro (Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro) foi uma- companhia estatal de navegação brasileira, fundada em 19 de fevereiro de 1890 e extinta em outubro de 1997, em virtude do progressivo endividamento da empresa. A Companhia de Navegação Marítima Netumar, citada por dona Glória, ainda existe, com sede na cidade do Rio de Janeiro.

gringo, não. E na época rolava muito dinheiro da pesca de lagosta, então tinha muito mestre de barco bom pra mulher.

Eu fazia o programa com um homem desse. Ele chegava no quarto, nós terminava o nosso trabalho. Ele me dava o meu, e aí eu comprava o que eu precisava. Mas eu tive sorte de ganhar geladeira de homem, eu tive sorte de ganhar televisão, eu tive sorte de ganhar armário. Entendeu? Mas o dinheiro que eles dão quando termina o programa, e a gente faz o que quer do dinheiro: bebe, fuma, compra roupa, faz o que quer.

Na época dos navios de passageiros. Anna Nery, Rosa da Fonseca, eu ganhei muito corte de tecido. Traziam seda japonesa. Tecidos, perfumes. Perfumes... Traziam muito [o perfume] Isa, que hoje já se encontra aqui, mas naquela época... Só quem usava Isa é quem usa um perfume da *Boticário* hoje, ou da *Natura*, entendeu? Você via mulher, na nossa época, com Isa em cima de uma penteadeira. Uísque, eles davam de presente pra gente, aquelas garrafas de uísque. Além do pagamento. Pra mim, na minha época, não tive lado ruim, não. Sinceramente. Nem violência. Violência tem hoje, minha filha, mas na nossa época, não tinha, não. Era muito homem, não tinha tempo de mulher tá brigando com outra por causa de homem, não.

Era muito homem. Descia trinta, quarenta, cinqüenta homens, assim, a fileira. Só pra você ter uma idéia, aqui tinha as boates: Sayonara, Chave de Ouro, Las Vegas... Só recebia gringo. Chave de Ouro, uma época, também só recebia gringo. Depois que trocou de proprietária foi que passou a receber brasileiro. Las Vegas, Sayonara, Hamburg Bar, só era casa de alemão. Alemão, norueguês, dinamarquês. Sayonara, que quer dizer *grego*<sup>94</sup>: os gregos chegavam, a dona da casa tinha aquela pilha de prato, que eles só dançam quebrando. Comprava pra eles quebrarem, mas ela não perdia nada com aquilo ali, não. No final da festa, o dela tava na mão. Muito bom, eu não tenho o que reclamar do meu Farol, não! Não tinha essas violência hoje, que tem hoje. Os homem botava a mensagem, pra gente, na radiadora: “essa música, eu to oferecendo pra uma menina que tá de short jeans, body vermelho”. Isso na década de setenta, década de oitenta, por aí assim.

Eu nunca escondi nada da minha família, de que eu vivia nas boates. Porque *eu sou banda torta*. Minha mãe sabe que eu bebo, meu irmão chega aqui e vê eu bêba, mais meus amigo, entendeu? Eu não tenho nada escondido. Porque não adianta! Gosto muito de tomar uma Skol, ouvir o Zezo, Roberta Miranda, Waldick Soriano, seresta, samba... Eu sambo sozinha, aqui. Mas ela telefona é muito, pra saber. Ela morou aqui no Serviluz muitos anos, e toda vida que teve esse negócio de entrevista, ela se escondia, sabe. Que a família dela

---

<sup>94</sup> A entrevistada recebeu esta explicação da dona da casa, mas o vocábulo, de origem japonesa, quer dizer “adeus”.

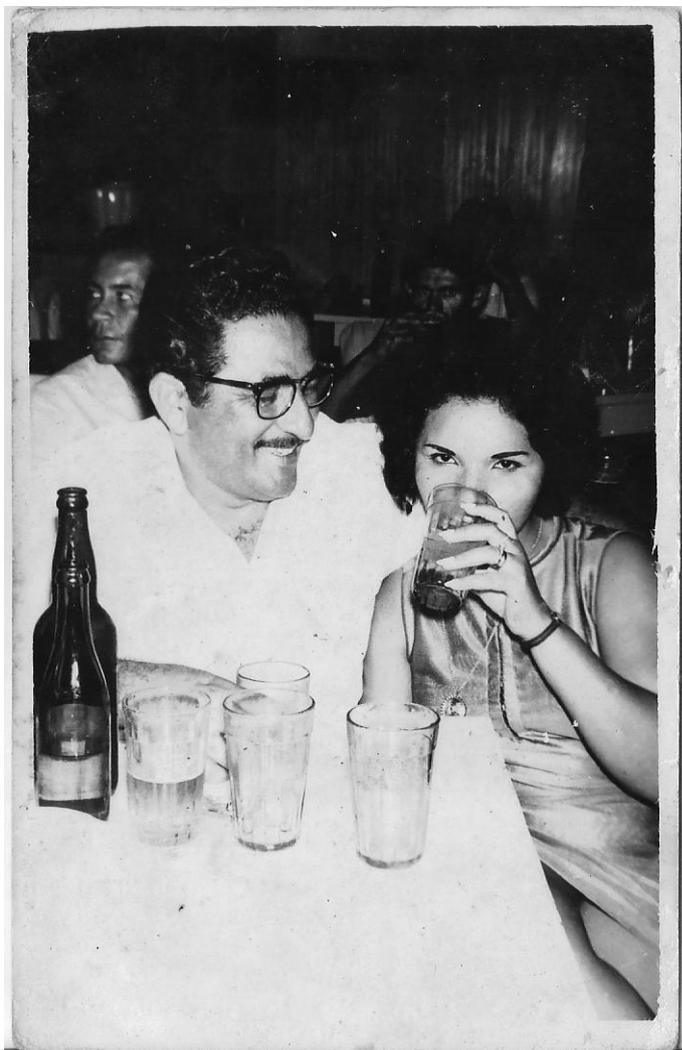
não sabe. E se ela disser: Glória, eu deixei as fotos com você, você pegar e dar? Mas a minha foto, você pode, não tem problema, não. Ela tem medo de sair na televisão. Mas a minha foto, pode botar. Não tem problema, que eu sou “rede de arrasto”, *mermo*. Eu vou morrer véa sem-vergonha, *mermo*. Eu vou esconder nada da minha mãe? [Mostro] Tá aqui, mamãe, olhe: arranjei um homem, ele me deu trezentos dólar. Num vou trepar? *Mar minina!* Tomo banho ali, lavo o chinim, bota a camisinha, bota a rôla pra *dentu!* Ói, *mar minino*, boquete, tudo!

Tem que ser sincera, não adianta mentir. Eu ganhei trezentos dólar, cheguei lá em casa, minha mãe disse: “menina!”. A mãe nunca tinha visto dólar, né, do gringo, do Prosperite [navio Prosperity]. Eu, eu muito *truada*, tinha passado a noite todinha bebendo... O homi me deu tanto dinheiro. Me deu trezentos dólar em dinheiro, e no dinheiro dele e no nosso, ele jogava assim, em cima de mim. Lindo, o homi. Fui pra Beira-Mar, mais ele, cheguei em casa, dei duzentos dólar pra minha mãe. Mamãe: “que dinheiro é esse?!”, e eu: “mamãe, mande trocar, mãe, que esse dinheiro aí é mais do que o nosso!”. [A mãe] “Tu arrumou esse dinheiro aonde?”. [Ela]: “Mamãe, eu passei a noite trepando, mais um gringo, e o gringo me deu”. E a mãe: “pelo amor de Deus”. E eu: “mãe, a senhora não trepa mais o pai?”.

Mas eu nunca peguei uma doença. Tinha cuidado, eu examinava. Apalpava, pegava, espremia. Porque, naquela época... Hoje, a doença no auge é a hepatite, Aids... Naquela época, era gonorréia, era cancro, cavalo de crista... Hoje é “DST”. E ninguém me ensinou.

Aprendi da minha cabeça mesmo! Eu nasci pra ser puta!

## Maria Angelina



Eu fiz amizades com senhores que eram gente boa, mesmo. E era difícil homem solteiro pra mim, era mais senhor casado. Eles diziam que iam na boate porque as mulher de casa num tratava ele muito bem, como a gente tratava, né. Eles se sentiam melhor com as de fora do que em casa, com a de casa. Agora, por que ela não tratava ele bem, eu não sei. Tratar bem mesmo, a conversa, a *cama* também... O modo de tratar, de conversar. Tem mulher ignorante, né? É, tem gente assim, eu já conheci muitas...

Eu sou do interior, de Paraipaba, só que eu saí de lá ainda criança – quase criança, né, que eu tinha dez anos. Eu vim pra trabalhar em casa de família. Trabalhei muito tempo, mas aí comecei a namorar e sair pras festinhas com as amigas, e com o tempo engravidei. Depois de muito tempo, meus filhos já estavam um pouco grandinhos, e eu conheci uma colega que me chamou pra conhecer uma boate lá no Centro da cidade. Era a Boate Fascinação, na avenida Major Facundo, nº 170, da Dona Maria. Era linda, linda! Ô boate linda! Pena que não existe mais. Se existisse eu ainda ia pra lá pra dar uma olhada! Eu ainda era de menor, não tinha nem documento. Aí eu fiquei lá, né. Gostei, fiquei... a dona mandou me levar pra fazer documento – eu fiz – pra poder ficar. E lá passei muito tempo. Vizinho de lá, tinha a Boate Guarani. O movimento na Fascinação terminava lá pelas duas, três horas da manhã. Quando a gente saía da Fascinação, ia todo mundo pra Guarani, porque lá tinha refeição, tinha tudo, né? A gente ia prá lá. Mas era bom, sabe? Eu gostei da época.



**Figura 26** Palácio Guarani, em foto da década de quarenta.  
Na década de sessenta, funcionava nos altos a Boate Guarani.  
Fonte: Arquivo do memorialista Nirez.

Os homens que iam lá, tinha uns que eram nojentos, porque gostavam de bater nas mulheres. Eu só levei um tapa na minha vida. Foi lá na Fascinação. Porque eu disse que estava muito cansada pra dançar. Ele veio me chamar, e eu disse que num ia, não, porque eu tava muito cansada. Ele pegou e deu um tapa em mim. Foi assim. Mas os outros, tudo, era pessoas boas, tratavam a gente bem... Mas eu também num liguei pra isso não, né? Graças a Deus, as outras pessoas que eu me comunicava com eles eram pessoas de bem, tudo me tratavam bem. Tinha mais era *senhor*. Eu preferia assim, nunca gostei de menino novo, não. Nem de estudante, adolescente... nunca gostei, não. Toda vida eu gostei de homem idoso... mais idoso do que eu, mesmo quando eu era novinha!

A gente podia escolher o cliente que a gente quisesse, assim como eles escolhiam a gente também, né? Aí eu nunca gostei de pivete, não. Menino novo... era muito chato, muito... não, nunca gostei não, daquelas brincadeiras deles. Sempre gostei de homem mais velho, porque sempre os homens mais velhos respeitam a gente. Eu era nova, mas eu gostava que a pessoa me tratasse bem, e não com brincadeiras que não eram boas. Eu não gostava não!

Eu fiz amizades com senhores que eram gente boa, mesmo. E era difícil homem solteiro pra mim, era mais senhor casado. Eles diziam que iam na boate porque as mulher de casa num tratava ele muito bem, como a gente tratava, né. Eles se sentiam melhor com as de fora do que em casa, com a de casa. Agora, por que ela não tratava ele bem, eu não sei. Tratar bem mesmo, a conversa, a *cama* também... O modo de tratar, de conversar. Tem mulher ignorante, né? É, tem gente assim, eu já conheci muitas...

Aí de lá, fechou, né? Fechou as boates tudim do Centro. Ai a gente veio pra cá, as inquilinas da boate dela, né. Só a gente, a dona do Fascinação não veio pra cá. Ela ficou na casa dela, com o esposo dela.. Elas [as madames] num vieram nenhuma pra cá. Eu conheci um bocado delas, que desmancharam as casas, não continuaram no ramo.

Aqui era muito bom, viu? Muito bom, muito movimentado, passava a noite... era dia e noite, sem parar. Uma hora dessas, tava super lotado, aqui. Estrangeiro, americano, grego... aqueles pretinho, como é que chama? Africanos... *menino*, era tanto... marinheiros, *embarcadíssimos* [embarcadiços], cearense, né? Era muito bom, bom demais!

Mas era melhor os homens de fora! Porque os homens de fora, num sei por que... mas eu nunca, nunca, gostei de homem daqui. Foi poucos, os que eu gostei daqui, de terra, sabe? Porque eles são assim, bruscos. Os homens de fora, não, tratam a gente tão bem! Na época, era. Tratavam a gente tão bem, que até os terrestre ficavam com raiva da gente, quando chegavam os de fora! Que eles diziam que a gente num olhava nem pra eles! Num

olhava nem pra eles quando a gente tava com os de fora. Os de terra reclamavam com a gente né?

Tem uns que era bonito, né? Os gregos são bonitos, os americanos... os africanos é porque são muito pretim, mas tem uns bonitim. Pretim, mas bonito! E os terrestres, também, tem uns feinhos e uns bonitinho, igual à gente, mulher das boates: tinha mulher feia, mulher bonita, outras é bem feita, outras é malfeita. Mas num se perdia, não! Não faltava ninguém pra gente! É sim, num tinha briga, num tinha esse negócio dessas coisas de drogas... antigamente, só tinha o cigarro e a bebida: cerveja, uísque, e essas coisas assim... eu vim tomar cerveja aqui no Farol. Na Fascinação, mulher nenhuma tomava *bebida* no salão, não. Só tomava dose: uísque, Campari, rum, Dreher, sabe? O cliente que pagava. Tinha aqueles copinhos de botar as dose... Menino, fazia aquelas fila de copinho, só da gente. Eles tomavam cerveja e a gente tomava dose. Pagavam pra eles a cerveja e pra gente pagava a dose.



Figura 27 Com amigo, na boate Fascinação.  
Fonte: arquivo da entrevistada.

Quem gostasse de beber muito, aguentasse beber muito, bebia bastante, e dava

muito lucro pra casa. A madame preferia que a gente bebesse muito. O refrigerante, por exemplo, eu não gostava do refrigerante, eu gostava da soda limonada pra misturar com o uísque. Agora o campari? Era só com gelo... Dreher eu nunca gostei, não, nem de rum Montilla, nunca gostei, nunca me dei bem com essas bebidas. Agora Campari e uísque eu bebi bastante... água de coco, tudo era bom! Eu não tinha ressaca, não. Agora, se eu tomasse rum, ai meu Deus, faltava me acabar com dor de cabeça. Uma ressaca tão horrível! Dava uma cólica em mim, dava um tremor...era horrível, sabe. Aí eu parei de vez.

Tinha mulher bêbada, escandalosa, brigava, por causa dos homens! Brigando, jogava copo na mesa, umas nas outras... brigando porque a outra tava com o amigo dela, o homem que se dava com ela. Mas aí ele não ficava só com uma... Uma vez ele ficava com uma, e no outro dia, ele quisesse botar outra, ele botava, né? Mas tinha mulher que não gostava e queria brigar.

Uma vez eu tava grávida, de cinco meses, e no salão, né. Fazendo salão, bebendo, dançando, fazendo toda estripulia. Aí o homem bebeu, bebeu, bebeu e eu bebi muita dose, enchi a mesa de copo só de dose que eu tomava. Aí a gente foi pro quarto. Aí quando terminou lá ele veio dizer que não ia me pagar e eu disse: "Como é a história?!". Peguei a chave, tranquei o quarto, tirei a chave da porta. Pra nós lutar lá dentro, só nós, né? Eu com barriga e tudo.

Aí tinha o vigia, né. Era o guarda. Aí, quando ele ouviu aquela doidice, ficou batendo na porta. E eu digo: "Que é, seu Augusto, que o senhor quer?". "Abra essa porta, Maria!". Eu digo: "Eu não vou abrir, porque esse caboco não quer me pagar, ele vai sair daqui só quando ele me pagar". Aí ele me pagou, né? Eu abri a porta. Mas também, quando eu saí pro salão, eu peguei a cadeira – as cadeiras tinha perna de ferro – peguei a cadeira, sapequei lá na mesa, quebrou tudo que foi de garrafa e copo, sabe? Ele ainda num tinha pago a despesa. E sentei o salto do sapato na cabeça dele, chega o sangue escorreu. Menina, eu era doida. Foi pior pra ele, porque ele foi pagar tudo. Além de ter a bebida, ele pagou o prejuízo de tudo. Mas a madame me pediu o quarto de noite, mesmo. Naquela hora, ela mandou eu sair da casa dela. Então eu saí da Fascinação. Ela me pediu o quarto, e eu fui pra outra boate vizinha, que chamava América. Aí com uns três, quatro dias, ela mandou me buscar de novo, pra eu voltar pra lá. Aí eu voltei, que eu gostava de lá. Ela mandou me pegar, e eu fui. Aí depois, com muito tempo foi que acabou as boates no Centro.

Esse cliente não queria pagar porque ele disse que não gostava de dar dinheiro pra mulher. Eu digo, "então, meu filho, se você tem uma mulher em casa, fique lá, com ela,

comigo não!" Eu não conhecia ele. Na mesa, ele tava todo delicado, mas quando chegou lá começou com as ignorâncias e eu também já tava meia *alta*, né? Aí eu num me controlei. O preço era acertado antes. Ele disse que num ia pagar porque não gostava de pagar. Aí eu fiz isso, mas foi só dessa vez, graças a Deus.

Quando eu cheguei no Farol, com pouco tempo eu saí da boate que eu morava – aqui tinha boate, no começo – e fui morar particular. Aluguei um local e vim morar aqui no Serviluz. E de lá eu vinha pra boate, à noite. Tinha uma casinha, que era uma boate, perto duma churrascaria. Não tinha nome, a boate. Conheciam pelo nome da dona, a Augusta, ainda hoje ela existe. Eu vinha pra boate dela, mas quando eu tava com sono, ou então quando não queria mais ficar, ia pra casa e só voltava no dia seguinte. Aí tinha um rapaz que se *dava* comigo, casado. Ele passava de três, quatro dias, lá em casa, sabe? Eu mandava ele ir embora, ele ir em casa, né? Porque ele tinha deixado a família, mulher e os filhos, em casa, né? E ele dizia que não ia.

Aí, um dia, ele me levou... nesse tempo, ali na Gás Butano, só tinha um muro, um muro cheio de mato. Aí ele sabia que eu gostava muito de carne de carneiro. Ele me chamou: "Maria, vamo *ali* comigo, que um amigo meu trouxe uma carne de carneiro. Vamo lá pegar?" – isso de madrugada. Eu disse: "vamos!" Ele era tão bom pra mim, tão educado, e me tratava tão bem, que eu não... sei lá, eu acreditava muito nele. Eu não estava pensando nada ruim dele, e eu fui. Mas é porque ele tava com ciúmes de mim com outra criatura. Quando chegou lá, ele pegou uma faca, da cintura, e quis me furar com a faca. Eu fiquei gritando, pedindo socorro. Ele era marceneiro, morava ali pelas bandas do Mucuripe. Eu tinha deixado meu filho dormindo, meu filho mais velho, que é deficiente. Aí eu pedi a ele, por tudo no mundo, que ele não fizesse nada comigo, porque eu tinha deixado meu filho dormindo sozinho em casa. Aí ele foi se acalmando, e melhorou, e viemos pra casa. Mas antes de terminar o dia, eu botei ele pra fora da minha casa. Eu disse: "Você entrou por essa porta e por essa mesma você vai sair! E num volte nunca mais!" Pensa que ele foi? Aí o gás acabou. Eu lembro que fui passar o café, aí ele pegou o tubo de gás, botou aqui no ombro e foi comprar um outro novo, bem de manhã, cedinho. Aí, antes de ele chegar, a esposa dele chega à minha porta: "Bom dia, onde é que mora a Maria Angelina?" "tô aqui!" "Cadê o Manel?" "o Manel foi ali comprar o meu gás." "Mas já faz um bocado de dias, cinco ou seis dias que esse homem não vai lá em casa, e os meninos precisando das coisas!" Aí eu expliquei: "Minha senhora, ele não foi porque não quis, bem que eu mando ele ir embora todo dia! Ele diz que não vai, e eu não posso fazer nada. Eu mando. E a senhora quer saber de uma coisa, ele agora vai é de uma vez, sabe por quê? Porque ele fez *uma* comigo, essa noite, que eu não gostei. Passei muito mal, não gostei..." E ela dizia que ele batia nela, pois

em mim num ia bater não! Mas também, olha as costas dele! Minhas unhas nesse tempo eram grandes. As costas dele, o rosto dele, e os peito dele aqui. Eu arranhei todinho. Mas sangrou, viu? Depois desse tempo, eu nunca mais vi a cara desse homem. Foi embora e num voltou nunca mais.

E o resto, tudo bom, os outros amiguinhos que a gente encontrava, era tudo legal... não tenho nada a dizer deles. Criei meus filhos aqui, todos quatro, graças a Deus. Moro com meus filhos. Tenho um casado, tem uma que mora com um rapaz, e tá bem, graças a Deus! E eu me sinto feliz com isso.

[Passa a mostrar fotos antigas] Essa aqui é uma menina que eu criei. Linda, né? Ela tem 18 anos, mas é doentinha da cabeça, sabe? Eu criei ela por seis anos. A mãe, quando teve, rebolou ela no quarto de uma senhora, lá perto da minha casa. Se mandou no meio do mundo e deixou a bichinha sem nada. Aí quando a criança adoeceu, e a mulher também, eu peguei a criança e cuidei. Aí ficou seis anos comigo.

\*\*\*



Figura 28 Fonte: arquivo da entrevistada.

Aqui sou eu com uma peruca. Essa foto foi aqui nesse bairro, num barzinho desse lado. Esse rapaz era embarcaçõ. Era fazendo salão ainda. Essa peruca eu ganhei de um estrangeiro, era linda.

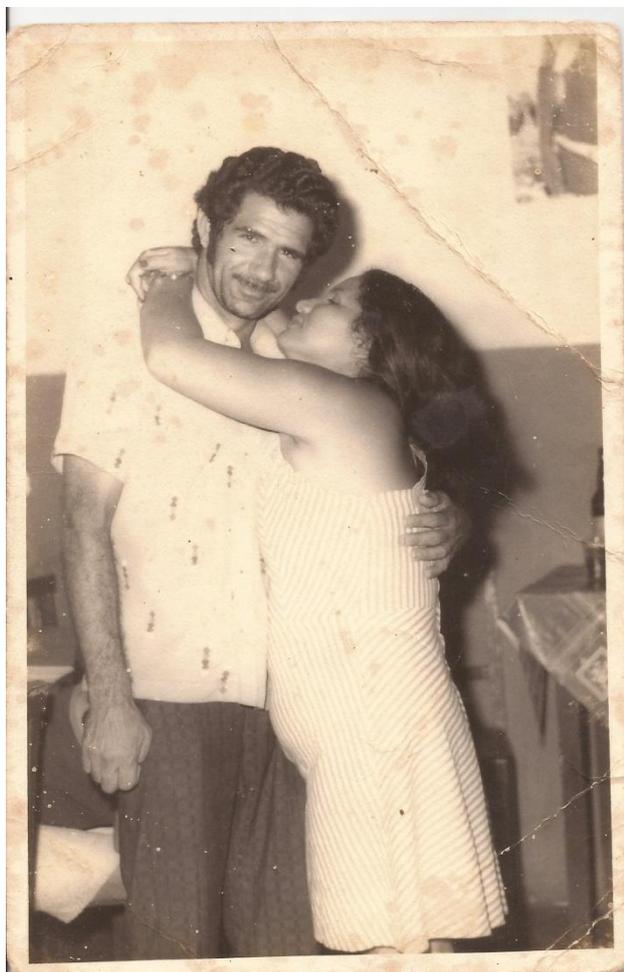


Figura 29 Fonte: arquivo da entrevistada.

Essa foto aqui sou eu com um amigo meu, caminhoneiro. Meu cabelo era bem grandão. Aqui nós tamo dançando.

Lá onde eu morava, na boate, a gente usava muito o vestido *suarê*, um vestido bem comprido, muito bonito as roupas que a gente usava. Fazia com cetim de algodão, seda pura, organdi, tudo tecido bom, coisa boa. Eu tinha uma costureira. Eu também tinha *lavadeira*, nós tudim tinha... Toda vida que ele tava na cidade, ia pra onde eu tava, na Fascinação. Só quando chegava aqui que ele procurava.

Essa foto riscada é no restaurante Cirandinha, ali na praia. Tinha o Cirandinha e o Alabama, né? Ele bebia muito comigo. Ele tinha outra mulher, né? Mas aí, não sei o que foi que ela fez com ele, que ele suicidou-se, com uma bala. Era gente muito boa. Ele bebia muito, veja aqui os copos na foto. Isso aqui tudo era amigo da gente.



Figura 30 Maria Angelina (dir.), com um amigo. Fonte: arquivo da entrevistada.



Eu me maquiava muito. Eu mesma me maquiava, gostava muito de pintura! Cabelo, maquiagem, tudo eu gostava... Tinha o pó compacto, o delineador, a sombra, o lápis, e o batom. Pois é... tem esse outro aqui. Esse aqui é um estrangeiro, americano. Agora esse aqui é brasileiro. Tinha um fotógrafo que batia pra gente a hora que a gente quisesse, da boate. Eles iam pra lá só pra bater foto.

Figura 31 Fonte: arquivo da entrevistada.

Aqui é a Fascinação! Aqui é a frente, quando a gente subia a escada aí, tinha esse pé de árvore desenhado, sabe? Era um pé de árvore, muito bonito, desenhado.

Eu passei dez anos na Fascinação.



**Figura 32 Maria Angelina, na entrada da boate Fascinação.**

\*\*\*

Eu nasci em 1945. Fiz sessenta e seis anos agora, em novembro. É assim, porque meu pai ficou viúvo quando eu tinha 11 meses de idade. Então eu não conheci minha mãe, nunca nem vi, nem na foto. Aí, seis anos depois que ele ficou viúvo, ele arranhou uma moça, noivou e casou novamente. E, quando ele casou, queria que ficasse todo mundo junto. Ele tinha me dado pra uma senhora, uma prima minha, que cuidou de mim – e quando casou fez questão de tomar eu da mulher, eu já com 10 anos. Aí foi uma confusão, porque a mulher ficou muito revoltada, levou até pra polícia, nesse tempo. E eu chorei, e minha irmã, que já faleceu, foi quem veio atrás de mim pra poder o papai me pegar, né. Eu era doida por boneca, e tinha tanta vontade de possuir uma boneca, que naquele tempo chamavam boneca Pierina. Eu era doida por essa boneca, porque ela falava e tudo. Aí pra eu ir pra casa do meu pai, a minha irmã inventou que ela tinha comprado essa boneca pra mim. Eu fiquei doida e não soube mais dizer que não ia! "Agora eu vou! Quero ver minha boneca, quero minha boneca!" Bicho besta é criança, né? Aí cheguei lá, cadê a boneca?! Tinha boneca nenhuma! Aí fiquei lá na casa do meu pai. Mas passava o tempo, e a madrasta não se unia com a gente. Tudo o que a gente fazia – e o que não fazia – ela contava pro papai, e ele batia na gente. Menina, era uma coisa horrível, sabe? O meu irmão, um que já faleceu, ele levou uma pisa tão grande... de corda, feita de couro cru. Aquilo dói, aquilo dói mesmo. Aí o meu irmão ficou com as costas toda cortada, de tanto meu pai bater. Aí ele, com desgosto, foi lá na lagoa, que tinha em frente lá de casa e tentou morrer afogado. Não morreu porque o pessoal tiraram. Quando chegaram com ele em casa, a madrasta lavou as costas dele com água de sal, pra poder cicatrizar. Aí, depois que ele melhorou, ele foi embora. Saiu pelo meio do mundo, foi ficar lá em Porto Velho. Lá ele passou lá muito tempo, muitos anos, sem dar notícia. Depois foi que ele se comunicou novamente com a família.

Com onze anos eu vim embora, pra Fortaleza, pra trabalhar em casa de família. Foi, porque as minhas irmãs apanhavam tanto, né? Minha irmã não podia ter um namorado, receber o namorado em casa. Porque, quando ele saísse, papai ia bater nela... Aí eu digo: "comigo vai ser assim também? Como é que vai ser? Se eu não namorar em casa, eu vou namorar na rua. E na rua é pior, não? Fora de casa?". Naquele tempo, com 12 anos, já era pra casar. Mas não podia chegar um rapaz lá na porta lá da gente, um namorado. Quer dizer, ele achava melhor a gente namorar fora, ou namorar em casa? Qual que era o certo? Em casa, né? Com o pai olhando. Mas ele não queria, e sempre a gente ia apanhar. Aí eu pensei: "agora minhas irmãs foi, todas duas saíram de casa, e até meu irmão. Eu agora vou sair também". Eu me mandei pra Fortaleza. Eu passei foi de 12 anos sem ir no interior, sem dar notícia pra ninguém lá de casa.

Aqui, minha irmã já trabalhava em casa de família, aí ela arranhou um lugar pra mim, uma casa, aí eu fiquei. De lá é que eu saí pros passeio, que comecei a engravidar e a patroa também não queria eu com filho. Eu fui obrigada por essa patroa a fazer três abortos. Porque ela mesma que me levava pra fazer o aborto, porque eu não podia ficar com o barrigão, na casa dela. Aí foi depois disso tudo que eu vim pra boate.

Acho que, na minha primeira gravidez, eu tinha uns 15 anos. Eu era bem novinha. Sofri foi muito.

Tinha os forrós, as festinhas... onde tinha o forró a gente ia. A patroa liberava, mas tinha o horário pra gente chegar, né? Se num voltasse antes do horário, ela deixava a gente amanhecer na rua, não abria a porta. Mas eu nunca precisei, nunca passei do horário. Os rapazes conversavam com a gente e tudo, muito direitinho, e a gente caia na lábia deles, né? Aí acontecia.

O que eu sabia de namoro é porque eu via, né, minhas amigas, e elas me diziam também, aí eu sabia. Naquele tempo, na Praça da Lagoinha, era lá que ficavam os marinheiros, os aprendizes de marinheiro. A gente ficava lá. As empregadas iam tudo pra lá, pra namorar com os marinheiros, com os aprendizes! [Risos]

O meu primeiro namorado foi um homem mais velho do que eu. Eu tinha uns doze, ele tinha vinte, trinta anos. Era muito não, mas era, né? Aí eu me acostumei com o pessoal assim dessa idade... dessa idade pra cima, né?

A gente namorava, e a gente não podia entrar naqueles ambientes *de mulheres*, né? Então a gente ficava fora, a gente ficava por aí, até pelo meio dos mato, tem que dizer. A gente tinha que ir, tinha que acompanhar ele até onde ele levasse a gente, tinha que ir. Eu fui querendo, não fui enganada, não. Ninguém me forçou a nada não, graças a Deus. A gente gostava, né? E ele tinha prometido casar, mas aí, quando apareceu o bucho ele deixa, né? Aí deixam a gente. Aí a mulher mandou eu tirar, e eu tive que tirar. Porque eu não tinha contato com família, ninguém pra me ajudar, nem pra onde ir... aí eu tive que fazer isso, três vezes. O primeiro e o segundo, eu até que me recuperei rápido. Mas o terceiro, a mulher ralou meu útero, e eu fiquei com um ferimento. Sofri muito, quase que eu morro. Se eu num tivesse ido tão rápido lá, pra mulher, pra ela fazer uma curetagem, eu tinha morrido. Ela disse que meu útero tava todo preto. Também me peguei muito com meu São Francisco das Chagas, fiz uma promessa. E me arrependi, né, do que eu tinha praticado. Só que Deus sabe que eu não fiz do meu gosto, não foi do meu querer. Eu prometi, ao meu padrinho São Francisco, que, quantos anos ele me desse de vida, eu nunca mais eu fazia um trabalho desses, e nem aconselhava nenhuma das minhas amigas a fazer, nunca. E graças a Deus

eu fiquei boa! Acho que Deus me perdoou mais por conta de que eu não fiz porque eu quis, não era minha vontade, na época.

Esses quatro filhos que eu tenho, cada um foi com um pai diferente. E os três abortos que eu fiz, foi a mesma coisa! Cada gravidez foi um pai. E deles todos, ninguém me quis, ninguém, ninguém me ajudou. Cada um fez de conta que não me conhecia mais e não ligou mais pra mim. E eu fiquei sozinha... E os tempos de gravidez que eu passei, que foram quatro? Sempre na boate, né. Passava noites acordada, bebendo, dançando e transando, né, que pra ganhar dinheiro tinha que transar, né? Aí o que você acha, não é muito sofrimento? Quatro filhos, foi desses jeito. E pra criar? Foi só com *a minha batalha* que eu criei, teve um pai pra ajudar, não. Porque o pai só apareceu pra fazer. Agora, pra criar, só eu e Deus. Sou o pai e sou a mãe de todos eles.

Sempre eu soube quem era o pai. Só teve um desses homens que me ajudou, durante um tempo... Um é embarcado, baiano, pessoa muito legal. Ele foi muito bom comigo e com meu filho. Mas, com o tempo, ele se aposentou e não veio mais pra cá, também nem deu mais notícias. Antes, ele me ajudava. De onde estivesse, de lá ele me escrevia e mandava uma quantidade pra criança, pra ajudar o menino... Mas com o tempo ele parou, não sei o que foi que aconteceu... se ele ainda existe, se tá vivo... O pai do mais velho bebia muito. Quando o menino nasceu, ele queria que eu desse para a mãe dele cuidar. Mas eu nunca tive coragem de dar meus filhos pra ninguém. Primeiro, eu pagava uma senhora, pra cuidar do meu filho, enquanto eu trabalhava na Fascinação. E quando eu vim aqui pro Serviluz, os mais velhos já estavam no interior, na casa do meu pai. E eu pagava outras pessoas pra ficar com o mais novo, aqui em Fortaleza.

Um tempo, quando eu trabalhava na boate Fascinação, a minha irmã que morava em Fortaleza botou o marido dela pra me seguir na rua, de carro. Pra ver onde era que eu entrava, o canto que eu morava. Aí ele viu quando eu subi na boate. Ele seguiu atrás de mim e chegou lá, falou comigo e me deu o recado que minha irmã tava me procurando e ele tinha que levar o endereço pra ela. Aí minha irmã bater lá, pra me levar pro interior e eu disse: "Minha irmã eu não vou, não. Eu já tô com dois filhos, e eu saí de casa uma criança. Tô com dois filhos, e tenho medo de chegar lá em casa, meu pai não gostar e querer me bater". Aí ela disse que não, que ele não ia fazer isso, não. E assim eu fui, cheguei lá no interior com os dois meninos.

Meu pai ficou sabendo que eu trabalhava na boate. Mas quando eu cheguei lá, ele me recebeu muito bem, graças a Deus. E eu deixei os meus filhos lá, só que eu dava tudo que eles precisasse, eu não queria que ele desse nada.. Ele ficou foi feliz, né, que eu

cheguei lá com as crianças. Eu disse: "Pai, eu quer só que o senhor fique aqui com meus filhos, sua mulher, que tudo que precisar, eu dou pra eles, jamais deixo faltar nada". Nunca deixei faltar. Mas a mulher do meu pai, com o tempo, começou a judiar com as crianças também, e eu não gostei, né? Achei inaceitável. Ela batia nas crianças... Eu comprava bola pro menino, comprava carrinho e sabe o que ela fazia, por que o menino tava brincando, fazendo zuada? Quebrava os carros, cortava a bola com a faca... Meu Deus do céu! Hoje ela tá pagando, tá lá doente véia, sofrendo, sabe mais de nada... Sabe por que, né? Por fazer isso com as crianças, que não é pra fazer. Aí eu chegava lá, e perguntava a meu pai, e ele dizia que era mentira. Uma vez meu filho chegou e disse: "mãe, o pai bateu em mim, a tia bateu em mim". E eu dizia: "pai, o senhor bateu na criança?" "Bati não! Minha filha, que conversa!" "Tia, a senhora bateu na menina?" E ela: "eu mesmo não, é mentira!" E eles ficavam tudo calado com medo dela. Aí, com o tempo, eles foi aumentando de idade, e eu trouxe pra cá. Aluguei uma casa e fui morar com meus filhos. De noite eu saía pra boate, eles ficavam dormindo e eu saía pra ganhar o pão.



Figura 33 Fonte: arquivo da entrevistada.

E eles sabiam o que eu fazia! Os dois mais velhos foram crescendo e eu fui contando a minha história, a minha convivência como era. Não enganei a nenhum. Eu contei assim: "eu não tinha marido", nenhum deles tinha pai, então eu disse: "olha, eu saio de casa, vou lá pra aquela rua lá da frente ali, cheia de bar. Vou beber, vou dançar..." – eu só não dizia *como* era que eu ia ganhar o dinheiro – "e aí, eu ganho dinheiro. Pra dar de comer a vocês, pra pagar aluguel, pagar a roupa e dar tudo o que vocês precisarem, colégio e tudo! A minha vida é essa, vocês sabem que eu não sou casada, vocês também não têm pai. O pai e a mãe de vocês sou eu".

Todos eles me obedeciam, me respeitavam. Seis horas da noite, eu já dava a janta deles. Sete da noite eu já botava eles pra dormir. Então eu me arrumava, saía e deixava eles trancados. "Quem bater na porta, você não abra, viu? Não abra pra ninguém, só se for eu e só se eu lhe chamar!" E assim nós fazia. Agora, uma vez, eu bebi de dia, né, e fiz um

bocado de palhaçada, no meio da rua... Aí eu fiquei com vergonha dos meus filhos, e eu prometi a mim mesma que nunca mais meus filhos me viam naquele estado. E desde esse dia que eu parei de beber e de fumar, por eles... até hoje, graças a eles. Acho que eu tinha uns 40 anos...



Figura 34 Fonte: arquivo da entrevistada.

Olha, eu num tenho muita lembrança não, mas acho que fiz programa aqui no Serviluz durante uns quinze anos. Vim pra cá no começo da década de 70. Meu último programa, a última vez, pra terminar, foi assim. O homem antigamente só queria a mulher se ela bebesse, né. Aí, quando eu não bebia mais, foi diminuindo os homens, porque eles não queriam mais, só queria se eu bebesse, né. Aí eu fiquei sem nada... Era difícil pra mim, ficou mais difícil, porque mais fácil com a bebida, né, arranjar os clientes, os paqueras. Aí foi diminuindo, diminuindo até que eu parei. Aí eu comprei minha casa, comprei uma casa lá na outra rua, primeiro, pra mim morar, porque eu morava de aluguel, né? Essa mesma casa de aluguel que eu morava, eu comprei, mas depois tive que vender...

Voltei a morar de aluguel, morei em num sei quantas casas. Vivia doida, sem sossego, porque não tava dando pra pagar aluguel... os meninos ainda não faziam nada, toda despesa era pra mim, só pra mim... Aí ficou russo, pro meu lado. Mas depois meus filhos compraram o lugar que eu moro hoje, conseguiram acertar pra pagar por mês. Foi assim que eu consegui morar numa casa própria de novo, por causa deles dois. O que eles compraram foi o andar de cima de uma casa onde, um tempo, eu cheguei a ter um bar no andar de baixo. No tempo que eu botei esse bar foi que eu parei mesmo de transar, de fazer programa... Moro em cima, embaixo é o que era o meu bar.

Aí meus filhos foram crescendo, e eu fiquei com vergonha, né. Um dia eu tô com uma cara, outro dia eu tô com outra... aí eu parei. Fiquei com vergonha, vou fazer isso aí mais não, vou parar. Mas já tinha diminuído os homens, porque eu tinha parado a bebida. Se eu tivesse continuado bebendo, acho que mesmo assim tinha problema. Porque eles não iam me querer, né? Eles iam arranjar outras mais nova. Quando a pessoa vai ficando numa idade, eles já vão, né... Passou dos 30, eles já tão se desviando, tem que arranjar outra,

novinha, né? É assim...

As casas também não querem mais, depois de 30. Na gravidez, quando a gente tá grávida, na boate: quando já tá com a barriga, os homem não quer não. *Os amigos da gente deixam a gente*. Aí, depois que tem o neném, eles vem de novo. A madame não dava nenhum tipo de ajuda, durante a gravidez. Quem não se virava passava necessidade. Era ruim, foi muito ruim. Eu fazia salão até quase na hora de ter o neném. Salão e programa também, porque tinha que ganhar o dinheiro! Tinha homens que ainda queriam. Quer dizer... De um cento, se tirava um ou dois, pra querer, né? Horrível.

Mas no resguardo, não. No resguardo, eu passava o meu mês de resguardo todinho tranquilo. Eu só voltava pra boate quando eu terminava o meu mês de resguardo inteirinho. Mas tinha mulher que não terminava nem o resguardo... ela iam mesmo porque elas queriam ir! Deus me livre, eu mesma num fiz isso, não! Que até a gente na menstruação, na boate, tinha um dia, uma semana ou um mês que tinha que ir com menstruação, com tudo... Não é ruim? A gente enganava o homem, porque era ruim, viu? A gente apagava a luz, e tinha muito cuidado pra não sujar cama, lençol, nada. Tinha delas que botavam algodão, mas eu nunca botei, não, porque algodão faz mal. Mas eu ficava, e eles nunca descobriram, não!

Ninguém falava em camisinha. Mas em doenças, falavam muito. Falavam, e existia mesmo. Quem não tivesse cuidado... Os cuidados era que a gente tinha que examinar o membro do homem antes de se deitar, antes de apagar a luz. Tinha que examinar! Mas tinha mulher que não fazia isso, né, e aí ficava doente.

Eu nunca peguei nada na boate, nenhuma doença. Sabe quando eu fui ter problema? No meu primeiro filho, quando eu ainda não morava na boate, né? Tinha um enfermeiro lá no centro da cidade chamado Almeida. E eu, grávida do meu primeiro filho, peguei uma doença, mas foi do rapaz, do pai da criança. Naquele tempo chamava de cavalo de crista, já ouviu falar? Antes d'eu ter o neném, por que assim, eu tive o primeiro, mas ele morreu logo. Antes d'eu ter ele eu tive que fazer um tratamento. Era uns caroços, umas verrugas, umas coisas e tinha que cortar... aí eu fazia o tratamento lá, nesse enfermeiro Almeida. Aí ele fez esse tratamento em mim e eu fiquei boa! Foi só essa. Mas na boate mesmo eu nunca peguei nada não.

Apreendi muitas coisas, muita lição de vida e hoje eu passo até pras pessoas que são novas, que tem a cabeça doida, não têm juízo... elas não atendem a gente... a gente tá dizendo: "Fulano, isso aqui é ruim, não faça isso, isso não presta, isso não dá certo". Não atende não, a gente fala, é mesmo que não falar.



Figura 35 Fonte: arquivo da entrevistada.

# DONA DIRCINHA

Sim, mas era muito bom naquela época, não existia esse negócio de roubo, era muito difícil existir o roubo. Mulher, ninguém via nem briga, naquela época. E hoje em dia a gente só vê é canalhismo, pornografia. Eu detesto pornografia. Antigamente, eu queria que você visse.



Figura 36 Fonte: Fotos de campo. Arquivo da pesquisadora.

Eu tenho 73, não tem quem diga, né. Eu nasci dia dezenove de agosto de 1938, nos meus documentos eu boto assim. Mas eu nasci, porque ele aumentou um ano, né, em trinta e sete. E dá setenta e três anos. É Dirce, mas eu só sou conhecida por Dircinha. Todo mundo só me conhece por Dircinha.

Pois bem. Tu quer que eu debruce tudo, tudo? Eu nasci... Minha mãe foi criada com padre, em Pacoti, na Serra de Baturité. E minha mãe era dona de hotel, e também trabalhava com juiz. E meu pai era oficial de justiça. A minha mãe era muito entendida, sabe? Muito sabida, que ela foi criada com padre. O juiz dizia assim: “dona Luíza, a senhora faça assim, mande uma intimação”. Aí ela fazia uma intimação e meu pai é quem entregava. Fora, porque ele ia de animal. Ela trabalhava muito. E quem tomava conta de nós, de mim e da Eunice, minha irmã gêmea, era uma babá. Por causa de descuido dela, a Eunice morreu, com seis meses. Ela deixou nós duas sentadas em cima da mesa, e foi esfriar um mingau, e a menina caiu, e dessa queda a criança morreu. Eu vim mimbora de Pacoti pra Fortaleza com dois anos de idade. A gente morava em Pacoti na rua da igreja. E meu pai também tinha negócio, lá, vendia rede. Ele tinha as pessoas que tomavam conta do negócio lá. A gente veio morar perto daquele posto José de Alencar. Um irmão meu morreu ali, bem pertinho, na Barão de Aratanha. Naquela rua que fica bem em frente à igreja do Coração de Jesus. Uma rua que começa pela igreja. Antigamente até a Cagece era lá. Hoje é o Procon. Eu tinha um irmão que morreu lá, o mais velho, que tinha uns vinte e cinco anos. Ele tinha tomado uma bebida quente, café com leite, e tava pronto pra viajar pra Pacoti. Aí o carro que ia levar ele buzinou pra ele se apressar, e ele se aperreou, e teve um derrame no meio da rua, e desse derrame ele morreu. Minha mãe morreu muito nova, antes dos quarenta e cinco anos, mas mesmo assim ainda teve trinta filhos, sendo dez gêmeos, inclusive eu e minha irmã Eunice. Foram vinte e cinco partos, mas trinta crianças. Ela morreu em 1951, de doença nos nervos<sup>95</sup>.

Aqui em Fortaleza, eu morei lá perto da praça José de Alencar, perto do Parque, ali. Morei no Mucuripe, morei depois do Mucuripe, mais em cima um pouco. Tudo quando eu era criança. Morei lá no... lá perto do quartel, perto do aeroporto... como é que se diz? Tô esquecidazinha. Morei no São João do Tauape, na Aerolândia, aqui em Fortaleza eu morei em quase todo lado, quando eu era criança.

É como eu digo, eu conheço Fortaleza na palma das minhas mãos. Porque, quando a minha mãe morreu, eu ia fazer treze anos, e ela disse pra minha irmã mais velha: “Maria José, você pede pro padrinho da Dirce cuidar dos estudos dela”. E ele fazia tudo por mim.

---

<sup>95</sup> As imprecisões relativas ao nome de doenças refletem o acesso precário às consultas médicas e tratamentos de saúde. Os cuidados clínicos eram muito menos populares que hoje em dia.

Até o dinheiro do aluguel da casa ele dava. E eu também fazia as entregas dele, que ele era procurador geral da prefeitura. Ele ia pro escritório dele, que ficava lá perto dos Correios, e eu ia fazer todas as entregas dele. Porque, quando a mãe era viva, eu fazia as entregas da mamãe, de bordados, e ia também receber dinheiro, então eu sabia andar em toda parte, no Centro todinho. Era no tempo do prefeito Acrísio Moreira da Rocha. Meu padrinho era tio do prefeito. Era o doutor Jorge Moreira da Rocha, que era o meu padrinho.

Naquele tempo, meu cunhado era doente do pulmão, e na época era uma doença muito exagerada. A pessoa não ficava boa como hoje, em seis meses. Naquela época doença do pulmão era muito complicado. E meu cunhado dizia: “ah, se eu tivesse uma joga, você não vivia aperreada desse jeito não, Dirce, sustentando criança, sustentando tudo”. E eu trabalhava o dia todinho, estudava, fazia cursos... Com treze anos. Fiz curso lá no Carlos de Carvalho, para aprender a escrever à máquina, que era para ensinar ao meu padrinho, que ele só sabia bater com um dedo. E ele queria aprender a bater à máquina com os dez dedos. Então ele mandou eu fazer o curso lá, pra ensinar depois a ele. Era bem em frente à Delegacia de Ordem Social, e a prefeitura ficava do lado.

Meu padrinho me ajudava muito, e uma vez eu pedi a ele pra dizer algo que eu pudesse fazer pra ajudar ele, qualquer coisa. E ele disse: “Dirce, você indica uma pessoa pra fazer faxina aqui no escritório, aos sábados, quando eu não venho?”. Eu não chamava ele “padrinho”, não, eu chamava ele “Jorginho”. E eu disse: “Jorginho, eu não sei, mas vou procurar. Porque em todo canto tem gente querendo trabalhar”. E ele deixou a chave com o rapaz do elevador. Ora, todo sábado, como eu não ia pro colégio, eu mesma ia e fazia toda a faxina pra ele. Com um mês e quinze dias, ele chegou e me chamou a atenção: “venha cá, Dirce. Eu quero saber quem é essa moça que faz essa faxina aqui, tão organizada. Os livros do jeito que eu deixo, tudo limpinho, não mexe em nada meu. Eu quero saber quem é essa moça tão boazinha, quero conversar com ela, e pagar também. Eu quero saber quanto é que ela quer receber”. Aí eu fiquei com vergonha dele. Eu disse: “Jorginho, eu não disse nada ao senhor, mas só porque o senhor não perguntou como era o nome dela, senão eu tinha dito o meu nome. Quem tá fazendo sou eu”. Ele começou a rir. Ele me chamou a atenção: “mas minha filha, você já trabalha o dia todo, e estuda. Era ao menos pra você descansar dia de sábado e domingo. Depois, meu padrinho me deu dinheiro pra o meu cunhado botar a casa de joga.

Eu comecei a ajudar na casa de joga. Eu ficava em casa, acordada, e bordava até duas horas da manhã, pra aproveitar o tempo, enquanto meu cunhado não chegava. Aí ele chegava, com um saquinho, com o dinheiro ganho naquela noite, pra eu selecionar o

dinheiro, ajeitar, fazer contas. E eu ainda acordava muito cedo, pra ir pro Centro. Quando a minha irmã não se levantava cedo, eu merendava no Centro.

Quando eu conheci meu marido, eu ainda era garota, estudava. Porque quando meu pai morreu, eu tinha dois anos e pouco. Foi logo quando nós chegamos aqui em Fortaleza que ele morreu. E a minha mãe começou a mandar fazer bordados, pra manter a gente. Aí ela me levava pra fazer as entregas, mais ela. E quando ela viajava pra buscar os outros bordados, as coisas, ela dizia “Dirce, tal dia você vai a canto tal, que nós já fomos naquele dia, você sabe?”. Aí ela abria o caderno e dizia “está aqui. Nesse dia aqui, você vai nesse canto”, e até no Curral eu ia. Eu só conheço o Curral desse tempo. Que chamavam Curral Moura Brasil, né. Aí eu ia, e quando foi um dia, ela disse: “você desça, ali, na Santa Casa, direto. No Passeio Público. Desça direto. Desça, desça, desça. Quando chegar na praia, tem uma casa desse lado, bem na praia. E você pergunte como é o nome da senhora lá, se é Elisa. E você diga: olhe, eu sou filha da dona Luíza. Eu vim aqui receber essa conta aqui, que minha mãe viajou. E não tire a farda. Tome banho e vista a farda novamente”. Que era pra ninguém me *confundir* com... com outra coisa, né. Aí eu ia de farda, mesmo, e era bom, porque eu botava o dinheiro nos bolsos da farda. No Mercado, eu ia fazer entrega ali, naquele mercado onde desmancharam e agora vão fazer ele de novo. Eu ia deixar tecido lá.

Então, nesse endereço, na dona Elisa, tinha esse rapazinho, um meninote. Aí ela disse assim: “Francisco, vem cá, olhe aqui, que apareceu aqui, uma mocinha, viu? Olhe, uma garotinha. Vai casar com ela, viu? Sua namorada”. Lá era a moradia dela mais o filho, não era casa de recurso. Se ela tivesse alguma coisa nesse tempo, mas eu não sabia, era noutro canto. Porque lá, ela morava mais o filho. E aí ele começou a brincar comigo, e ele tava lendo uma revista, e eu comecei a olhar a revista, e eu disse que na minha casa a minha mãe todos os meses comprava revista pra mim. E ele pediu pra depois eu levar umas pra trocar. Ele tinha dois anos a mais que eu. E aí, passou-se muitos anos, e eu num fui mais lá.

Eu tinha treze anos, minha mãe morreu e eu vim morar voltando, lá de cima, que nós tinha subido muito lá pra cima no Montese, que tava mais ajeitado por lá, e minha irmã morava bem pertinho do antigo Matadouro Modelo. A minha irmã que eu morava com ela era a mais velha de tudim, eu nem me lembro qual era a idade dela, mas ela só tinha três filho, era casada. Ela casou pra cuidar dum rapaz que a mãe dele não ligava pra ele e ele tava doente do pulmão. E num dia de sábado, de tardezinha, eu disse “Mazé, eu vou lá pra Cacá”, que era minha irmã também. E saindo de casa, eu encontrei ele. Eu já tava mocinha, e ele rapaz. E ele disse; “ei, garota, vem cá. Você é uma garota que esteve uma vez lá no Moura Brasil, foi fazer uma cobrança a uma senhora por nome Elisa? Que você olhou uma

revista que eu tava lendo?”. Eu digo: “sou!”. Aí ele disse: “valha, mas você tá muito grande. Pois eu sou aquele menino”. Eu digo: “é? Pois você também tá um homem, um rapaz”. E meu irmão vinha assim por perto, né. Que meu irmão tava sempre me olhando. E hoje de vez em quando ele ainda vem aqui.

Aí, quando eu fui saindo, ele perguntou quem é que morava ali onde eu tinha saído. Eu digo: “é uma irmã minha”. Aí meu irmão veio saindo de lá também, que era rapazinho, mais novo do que eu um ano. E ele disse: “quem é esse rapaz, Dirce, que tu ‘tás conversando com ele?”. E eu digo: “é um filho da freguesa da minha mãe, da finada”. Nessa época, eu tinha uns treze anos, fazia pouquinho tempo que minha mãe tinha falecido. Aí minha irmã chegou achando graça: “que é que tão fazendo aí, tão namorando?”. Aí eu digo: “não, ele é filho da dona Elisa, aquela senhora que a minha mãe mandava eu fazer cobrança, e ele tá morando aí nessa casa”, que ele tinha me mostrado onde era a casa. Aí ele disse: “é sua irmã?”. Eu digo: “é, é minha irmã. É quem me cria, eu moro com ela, que a mãe morreu”. Ele disse: “foi mesmo?”. E minha irmã disse: “olhe, rapaz, se quiserem se namorar, essas coisa assim, você vai lá pra casa. E deu o endereço”. E ele foi e disse: “sim senhora. Pois eu vou agora, pra aprender”. Aí pronto, ficou namorando. Aí com poucos tempo nós casamo. Minha mãe morreu, eu ainda ia fazer treze. Eu me casei, ia fazer catorze. Com catorze ano eu tive o primeiro filho. Com quinze ano, tive o segundo, com dezesseis ano, tive o terceiro. Tô te dizendo? Com dezessete ano, eu cheguei em Natal! Lá, o menino tirou meus documento como se fosse dezoito. Sabe, um que era candidato, que era médico, ele foi tirar meus documento e botou tudo com dezoito que era pra mim poder votar nele.

O casamento, mesmo, pouco durou. A Elisa, mãe do meu marido, era dona de um cabaré. E o cabaré era na 24 de maio, ali no Centro<sup>96</sup>. Ela mantinha a gente de tudo. Pagava aluguel, as contas, tudo, porque ele mesmo jamais trabalhou. E a mãe dele um dia disse: “meu filho, arranje um emprego, que é pra sua mulher ter ao menos o prazer de dizer pra família dela, pras amigas, onde você trabalha, e tudo”. E ele disse: “a senhora tá dizendo isso que é pra ela ir pro seu cabaré, é? Tá tentando fazer a cabeça dela?”. Aí eu não disse nadinha, não. Eu tinha dezessete anos. Com um menino na barriga, uma já ia fazer três anos, e um com um ano e quatro meses. E tinha uma irmã minha, lá em casa. Essa minha irmã ficou tomando conta da menina e eu fui passar o dia lá na casa da minha outra irmã, lá pertim, bem pertim do Montese, assim, ali perto do campo do Ceará. Eu resolvi ficar ali, mas ele só vivia atrás de mim, atrás de mim...

---

<sup>96</sup> Essa informação foi dada de forma diferente em uma conversa posterior, em que dona Dircinha informou que o cabaré de dona Elisa teria funcionado na avenida Barão do Rio Branco, também no Centro de Fortaleza.

Mas meus filhos logo morreram. Só sobreviveu a menina, que tinha ficado com a minha irmã, na casa do pai dela. Quando ela fez treze anos, ela foi embora pra São Paulo, junto com essa minha irmã, que criou ela como mãe. A minha filha casou-se e teve três filhos, e vive bem. Minha neta é uma delegada de polícia. Mas meu filho que nasceu, que eu tava grávida, durou só uns diazinhos. E o outro, de um ano e quatro meses, também morreu de repente. Um dia, eu tinha ido procurar um emprego. Quando saí, meus sobrinhos, filhos da minha irmã, onde eu morava, estavam com uma febre. Saí de manhã e voltei de tardezinha. Talvez o meu filho já estivesse doente também. Quando cheguei, foram logo me chamando, que o menino tinha ficado muito doente, de repente, e corri pra olhar. Mal peguei ele, o menino morreu nos meus braços. E meu marido vivia sempre atrás de mim, e eu tinha medo. Foi aí que eu me desembalei pra vir embora pra Mossoró, pras pensões de Mossoró.

Meu primeiro programa foi o seguinte: eu tava separada do marido, morando na casa da minha irmã. Aí eu vim pra Praia de Iracema. Tomar um banho de mar. Vim com uma conhecida minha, que tinha sido minha colega no colégio. Aí, então, essa moça tinha uma amiga lá, que tinha umas casinhas na Praia de Iracema, que depois acabaram com tudo. É ali onde tem aquele negócio de areia, o aterro. Tinha um bar que tinha orquestra toda hora. Aí a gente ia pro bar, tomava uma cerveja e tudinho. Aí minha colega me chamou pra ir na casa dessa moça. E nós fomos. Nós entramos pelos fundos da casa. A frente ficava pelo calçamento, e nós entramos pelos fundos, na praia. Minha colega me apresentou à amiga dela, e começamos a conversar. E eu perguntei: “a senhora vive aqui? Cadê o esposo da senhora?”. Ela disse que vivia de vender bordados, labirintos, nos navios. E eu: “ah, eu sou doida pra conhecer um navio dentro”. Aí ela disse: “venha dormir aqui, domingo, que vai chegar um navio, e eu lhe levo, pra você subir mais eu. Você avisa à sua família, lá, que é pra não ficarem esperando demais por você”. E em casa eu disse pra minha irmã que ia dormir na casa da minha colega. Não disse que ia dormir na casa dessa mulher da Praia de Iracema, não. Aí nesse negócio, lá eu arranjei um..., lá no navio. Aí ele veio deixar a gente, e fomos pra um bar lá perto da casa da senhora. Nós bebemos lá, cerveja, e tudo. E depois essa senhora foi dormir, lá na sala, e botou o quarto dela pra mim ir dormir mais ele. Aí pronto. Era um amigo dessa senhora. Foi o meu primeiro programa.

Mas depois disso, eu fiquei chateada. Eu fiquei desanimada, porque eu não queria ser assim. Eu queria viver a minha vida de casada, direita, como as minhas irmãs. Aí, quando foi de manhã, sabe o que é que eu fiz? Passou um pessoal perguntando se tinha mulher que quisesse viajar pra Rio Grande do Norte, lá pra Mossoró, no mesmo dia, à noitinha. Aí eu fui em casa, dei à minha irmã o dinheiro que ele tinha me dado, e disse: “toma. Eu não sei mais quando é que eu volto”. Aí fui pra Mossoró e passei dez anos fora. E aí comecei. É uma história comprida. Ah, se eu for começar! Foi, aí fui pra Mossoró. E

cheguei em Mossoró, de lá fui pra Natal. E de lá eu viajava, mais os embarcadiço. Viajei pra tanto canto que eu não sei mais nem o nome [risadas].

Apareceu uma senhora, e me levou lá pra boate dela. Na boate dela, eu gostei muito, tudim. Mas depois eu... Ali ficava bem pertinho do aeroporto, distante da cidade, e eu queria morar mais no Centro. Aí uma conhecida minha que ia beber lá e conversar, levava as amigas... Ela conversava comigo e um dia disse “eu vou lhe levar lá prum canto onde eu moro”. Aí me levou pra lá. Eu gostei foi muito. E depois eu fui pra Natal.

Em Mossoró, eu morei na boate Copacabana, que eu passei esses dias. Foi, bem pertim do sindicato. O Copacabana era bem grande, bem distante, tinha um rio que passava assim... Eu nunca tinha bebido na vida, tomei uns uísque. Quando dá fé, o homi ficou bebendo, e eu entrei, fui dormir. Quando dá fé, o homi tava deitado, dormindo. Aí eu me levantei. [risos]. Aí depois chegou essa pessoa lá em Copacabana, perguntando se não tinha mulher que quisesse viajar pra Natal. Num carro próprio e tal. Nesse dia, quando entramo, tava saindo até uma música, que às vezes eu canto a música e me lembro... Depois eu me lembro da música. Tinha uma mesa lotada só do pessoal que trabalhava no Banco do Brasil. O gerente... Aí a senhora chegou e disse: “olha, como é seu nome?”. Eu disse: “é Dirce”. E ela: “Dirce, tá aqui, o seu quarto é esse. Tá bem arrumadim. Se quiser trocar de roupa, pode trocar. Pode entrar, tá aqui a chave”. E me deu a chave. Aí os rapaz que trabalhava no banco... Tinha um senhor de idade que ficou todo tempo olhando pra mim. E disse: “Dirce, você não bebe, não?”. Eu disse “assim, às vezes, uma coisinha, pouquinho”. Aí ele disse: “tome aqui o que você quiser”. Aí eu mandei tomar uma dose de champanhe, sabe? Aí fiquei tomando as dosezinha de champanhe. Aí, depois, ele disse: “vamo lá o quarto?”. E eu: “vamo”. Eu nunca me esqueço disso. Quando a gente ia entrando, tava saindo a música, que eu me esqueci agora qual era, mas toda vida eu me lembro. Ele disse: “vou trazer meu filho aqui, pra lhe mostrar o rapaz”. Eu era bem novinha. Aí eu digo: “tá legal”. Aí ele teve comigo, tudinho, quando voltou, eu fui tomar um banho. Aí quando eu voltei, ele disse: “quedê minha bolsa?”. Essa era uma casa longe, lá perto do aeroporto. Aí eu fui e disse “não, não sei de bolsa, não”. Eu fui pro banheiro, eu vesti só o traje de banho. Que ainda hoje, eu peguei a mania. Se eu for pro banheiro, eu tenho que ter o traje de levar pro banheiro, o roupão. Ele disse “procure”, e eu “não, procure você, que não sabe onde botou”. Aí já me vesti na frente dele, tudim. Aí quando ele se levantou, foi tirar a roupa pra vestir, que puxou, até a camisa tava desaparecida, a camisa dele. Ele tinha enrolado a camisa com a carteira e botado debaixo do travesseiro. Aí, eu disse “viu/ olha a sua arrumação!”. Mas antes de a gente entrar pro quarto... Eu não posso nem me lembrar disso, que eu só falto morrer de achar graça. Todo mundo que passa por mim eu olho, que é a coisa mais certa do mundo. Antes de entrar pro quarto ele disse: “vá lá na entrada da casa

e volte”. Aí eu fui e disse: “pois não, o que é que está acontecendo?”. Antes de eu ir pro quarto com ele. Eu fui e voltei. Aí ele me explicou: “você, quando se acompanhar com um homem, você olhe logo como é que ele anda. As pessoas que andam assim, com os pés pra dentro, é ladrão. Eu mandei andar pra saber se você era honesta”. Aí até hoje toda vida eu olho como a pessoa anda. Aí ele disse: “agora eu to confiando”. Aí ele foi, pediu desculpa e disse: “agora que eu me lembrei que eu que botei a camisa enrolada com a carteira”. Eu acho que ele fez porque tava bebido, né? Aí quando foi com uns quinze dias que eu tava, ele chegou com um rapaz. O rapaz podia ter assim uns dezoito anos. Aí ele mandou o rapaz ir pro quarto mais eu. Eu não sei se era virgem, mas ele foi lá bem direitinho, e quando acabou disse: “pai, vá lá no quarto da Dirce”. Aí ele falou com o pai, que era pro pai me dar o dinheiro, que ele não tinha. Mas eu não tinha dito nada. E o pai dele disse: “eu gosto muito de você porque você é quieta, calma”.

Naquele tempo, a mulher sentava com um homem... Uma vez, eu... *Você é moça?* Uma vez, lá em Natal, a madame gostava muito de mim. E nesse dia eram oito horas da noite e ainda não tinha entrado uma pessoa pra pedir uma cerveja. E ela disse: “Dirce, vá vestir aquele teu vestido branco, com um cacho de rosas, que ele dá sorte”. O nome dela era Maria Rosa. Aí eu fui. Eu tava até sentada na porta, como uma dose de uísque e a carteira de cigarro em cima da mesa. Aí abri a porta do quarto e só fiz trocar o vestido, que eu já tava toda arrumada. Deixei até o outro jogado lá por cima da cama. Aí eu vesti o vestido. Bastou eu vestir. Quando eu vou saindo do quarto, lá vem entrando um japonês. Aí, o japonês sentou-se. O salão era quase do tamanho dessa casa, só o salão. Mais largo um pouco. Aí, eu sentada assim, numa mesa, e aí ele foi e sentou-se numa mesa, assim. Aí ficou. E de vez em quando, se levantava uma mulher, lá do salão e pedindo as coisas a ele, e doida pra se sentar com ele, e ele: “não, não”. E ele olhando pra mim, e eu fazendo que não tava nem vendo. Que eu toda vida eu gostei de ser egoísta, sabe? Sabe por quê? Não é que eu seja imperosa e orgulhosa não, mas é que eu acho que a mulher deve se dar o respeito. Porque, andando atrás, os homem não querem não. A mulher se entregou demais aos homem, ele não quer. E então eu nem olhava pra ele. Aí uma hora eu me levantei e fui no banheiro. Quando eu cheguei, que me sentei, cadê? Meu copo da dose e meu cigarro não tava mais lá. Aí, o apelido do garçom era Pinga, Pinga-Fogo. Era um senhor de idade. E eu disse: “seu Pinga, faz um favor! Cadê a minha bebida?”. Aí ele disse: “olhe, aquele senhor japonês pediu pra mim botar o seu copo lá na mesa dele”. Aí eu disse: pois eu não vou, não. Vá buscar o copo, bote aqui, por favor. Não vou, não. Só vou se ele vier me buscar”. Aí o japonês foi, falou todo enrolado, com o garçom. E o seu Pinga entendia bem, há muitos anos era garçom, né. Aí o japonês num instante se levantou, e foi lá me buscar. Aí, eu fui, né. Me sentei lá, onde o japonês tava. Aí, vou te dizer... [Risos]. Uma vez, eu

contando essa história a uma amiga minha, ela disse: “valha, ainda bem que era bem miudinho, o negócio do japonês!”. Porque, daí, a pouco, encheu o lugar de japonês. Doze. Aí emendaram as mesas, lá, e ficaram. Aí, quando encheu a casa, que ficou todo mundo bebendo, aí ele me pegou no braço, e falou: “cabine?”. Me perguntando se eu ia para o quarto. Aí ele pediu a chave, e aí abriu o quarto, entrou, aí nós tivemos relação, né, bem ligeirim! Eles não dão dinheiro na mão da gente, não. Aí pegou, levantou o travesseiro, e botou o dinheiro debaixo.

O meu guarda-roupa, eu botava assim [e aponta para um guarda-roupas na parede, mas gesticulando para indicar a posição inclinada, tapando um dos cantos do quarto, de modo a funcionar como um biombo ou pequena divisória]. Aí eu ficava com uma paredezinha, pra me assear. Ele não via eu me asseando, e nem eu via ele se assear, também. E quando ele foi saindo, eu fui e botei assim o dinheiro [e abre e fecha a gaveta de um criado-mudo no quarto, como se guardasse um objeto]. Esse movelzinho que agora chamam criado-mudo. Tinha um ventilador, em cima. Eu fui, peguei o dinheiro e joguei na gaveta. Aí fechei, aí já tava só no espelho, me ajeitando. Quando o japonês foi saindo, aí a porta abriu de novo. Outro japonês, do grupo. Disse: “sim, vamo!”[imita um sotaque diferente]. E foi logo puxando meu vestido. Outro! Mais outro, e ao todo foram onze! Aí o último já tava muito embriagado. E eles iam saindo, porque o navio deles tava pra sair. Aí o outro ficou deitado, e dormiu. Eu saí, e fui me sentar no salão e tomar meu rum Montilla com Coca-Cola, que depois não entrou no meu quarto mais outro homem nessa noite, só eles. Aí, as meninas ficaram tomando mais eu. E o japonês dormindo no meu quarto. Até que deu meia-noite, e eu disse: “hômi, eu vou chamar esse cara, que pode o navio sair, e o cara perder o navio”. E eu: “acorda, acorda, acorda!”. E ele olhou pro relógio, e fez: “oh!”. Aí me deu a mão, agradeceu, pegou o dinheiro que ele tinha nos bolsos tudim e jogou assim em cima da cama. Eu queria que tu visse o monte de dinheiro. Aí eu enchi a gaveta. Aí as menina disse: “Dircinha, o que é isso? Tu não tá se sentindo mal, não?”. Aí o garçom foi, e disse: “que se sentir mal, pra ter relação com japonês! Aquilo nem piroca tem!”. Eu fiquei com onze! Eu não sei porque, mas japonês, quando o primeiro ia com uma, todos só ficavam com aquela.

Em Natal, os japonês, quando chegava assim, só me chamava “Misse Japon” [risos]. Eu tinha os olhos rasos, é porque hoje meus olhos estão doentes, e eu fazia as sobrancelhas assim, pra cima. Todo dia eu fazia maquiagem. Fazia o olho como uma japonesa. Aí ele dizia: “Misse Japon!”. A vida da gente é... Ah, se eu for contar! Eu ganhei um dinheirão de japonês.

Eu vivi dez anos em Natal. Vivi dez anos, daí não fui mais lá. Eu só morei em três casas, lá. As casa em Natal era muito boa, viu? A gente morava em cima, e descia. Lá pra baixo, que tinha quintal, banheiro, era muito bom. Tinha orquestra, mas só aos sábados. Na semana era só radiola. Se tivesse movimento, ficava acordada a noite toda. Se visse que não tinha movimento, fechava. Fechava duas horas, três horas da manhã. Mas às vez a polícia marcava a hora pra fechar, sabe? Às vezes. Era dois, três, quatro, cinco homi, toda noite. Os que aparecesse. Eu dava muita sorte, tinha muito homi, graças a Deus. E nunca saí grávida. Nunca engravidei. E eu nunca usei nem fiz nada pra evitar de sair grávida. Tinha as coisas pra evitar, mas eu nunca usei nada. Eu nunca engravidei, eu não sei se foi porque o último filho que eu tive foi os médicos que tiraram, né. Que tava um parto muito perigoso. Talvez o médico ligou, mas faz muitos anos, eu não sei nem se nessa época tinha ligação [refere-se ao procedimento de laqueadura de trompas, que impede novas gravidezes]. Ou talvez simplesmente eu fiquei sem poder ter filho.

Então, eu morava em Natal, porque eu tinha me separado do marido, e ele vivia andando atrás de mim. Porque eu me mandei pro Mossoró, e lá apareceu uma senhora e me levou pra Natal. Aí eu passei dez anos em Natal. Só no programa, mesmo, só foi esses dez anos, em Natal. E lá eu viajava de navio, viajava mais os pilotos, era assim. Ia mais os pilotos, nas cabines deles. Nunca me apaixonei por esses pilotos, nunca gostei de nenhum. Eu tinha vontade de vir mimbora pra cá, mas eu tinha medo do meu marido que eu tinha largado me achar e fazer uma besteira comigo, sabe? Quando eu quis me aposentar, eu fui lá, mas aí casado não se aposentava, e eu fui pedir uma declaração como eu não tinha notícia do marido. Aí sabe, me deram a declaração que não acharam meu documento de casada. Porque ele rasgou, na hora que eu me separei dele, ele rasgou. Depois foi que eu fui ter notícia dele, sabe? Ele tá morando aqui no Ceará.

A minha carteira é assinada, mas pelo INSS. Porque eu pagava como autônoma. A prostituição é um trabalho. E pior, que é à noite. É ainda pior que um trabalho, porque é uma humilhação. Toda vida, mesmo no cabaré, eu costurava, eu fazia cabelo. Eu fazia penteados e manicure pras outras mulheres, o que aparecesse. Porque, se eu não ganhasse dinheiro de homem, pelo menos eu ganhava uma mixaria. Por isso eu nunca passei necessidade de nada.

Sim, mas era muito bom naquela época, não existia esse negócio de roubo, era muito difícil existir o roubo. Mulher, ninguém via nem briga, naquela época. E hoje em dia a gente só vê é canalhismo, pornografia. Eu detesto pornografia. Antigamente, eu queria que você visse.

Em Natal, depois, eu saí da casa dessa senhora que me levou, e aí eu vim pra outra casa, e lá era o seguinte. Eu costurava, eu fazia cabelo, eu fazia unha. Quando ela viajava pra ir atrás de mulher pra botar, que ela comprou um prédio, e fez uma casa, que ela morava em casa alugada, aí ela deixava era eu. Ela ia atrás de mulher, pra botar nas casas, e eu ficava tomando conta. Até a chave do cofre, ela deixava comigo. A chave do quarto dela e tudo. Eu sei que quando foi um dia, eu comecei a... Eu me dei assim, casualmente, com um embarcadão. Aí ele passou um telegrama pra mim, que se eu quisesse ver ele, viesse ou aqui pra Fortaleza ou então para Recife, porque o navio não ia passar em Natal. Aí, eu tinha uma colega que tinha me dado o endereço de uma casa no Serviluz, ela morava lá. Aí, eu sei que eu vim praí, pra essa casa, e depois aluguei uns cantinhos, e fui fazendo uns barzinhos, umas coisinhas por aqui, e aí fui me movimentando.

Eu tinha era muita jóia. Só coisa cara, relógio de ouro, pulseira, tudo de ouro. Mas eu empenhei pra vir pra cá e nunca fui nem buscar. Eu empenhei pra vir pra Fortaleza, pra ver um embarcadão que tinha me chamado. Ele disse que eu fosse pra Fortaleza ou pra Recife, pra ver ele. Eu achei mais fácil vir pra Fortaleza, que eu vinha pra casa de uma amiga minha, já tinha o endereço, né. Aí, pra pagar as passagens, eu empenhei minhas jóias num bar de um senhor que empenhava as jóias das pessoas. Mas nunca voltei pra pegar nada meu. Deixei minhas coisas tudim lá em Natal, roupa e tudo. Eu nunca liguei pras coisas, nunca. Eu nunca fui ambiciosa, não. Eu não amava o embarcadão, mas ele era muito bom pra mim, educado... A pessoa me tratou bem, pronto.

Eu tinha vontade de vir aqui pra Fortaleza, mas eu só queria vir quando eu viesse e ficasse duma vez. É tanto que, quando eu vim pra cá, eu não voltei mais. Deixei minhas coisas tudim lá. A dona da casa disse: “aonde você vai, que é que você vai ver?”, eu disse: “não, eu vou só encontrar um embarcadão”. Porque ele tinha mandado uma carta, dizendo que ele vinha pra cá. Tinha uma amiga minha que tava junta com o mestre de barco, e tinha me dado o endereço pra quando eu quisesse vir pra cá, se eu não quisesse ir pra casa da família, fosse pra lá. Era uma casa de família, vim pra lá só esperar o embarcadão, porque ficava pertim do porto, e o rapaz da casa também trabalhava no cais e sabia quando o navio chegava.

Quando eu cheguei aqui, um dia eu tomei uma cervejinha e cismeí que ia visitar minha família. Eu já tinha um barzinho. De boate eu nunca quis ser dona, não. Só de bar e restaurante. A minha era mais era assim, quando eu cheguei aqui. Um dia de tarde, fechei, e fui lá na casa da minha família. Nem me reconheceram. Minha irmã nem me conheceu. Aí foi que elas ficaram assim, pensando... Aí falou com minha sobrinha: “faz um café pra essa senhora aqui!”. Eu reconheci logo minha sobrinha, ela banhando uns garotim assim, que

quando eu fui embora ela ainda não tinha esses garotos. Aí eu disse: “Jacira, você não tá me conhecendo não?” E ela disse que não, e entrou pra cozinha. Aí entrou em casa meu cunhado, e ele me conheceu, disse logo: “Dirce!”. Eu disse a ele: “ela não tá me conhecendo não. Quer ver, pergunte a ela aí dentro”. Aí ele entrou, perguntou a ela: “quem é essa senhora que tá aí fora?”. E minha irmã: “é uma senhora que chegou por aqui, conversando, e eu mandei passar um cafezinho pra ela, faz é tempo que ela conversa aí fora”. E nada de ela se lembrar de mim. E eu perguntei pela Dirce, onde ela morava, puxando assunto, e ela só dizia: “olhe, não sei dela não, ela não dá nem notícia”. Aí foi que o marido da minha irmã disse: “olha, ela que tá aí fora, ela é a Dirce”. Aí ela chegou, e as meninas já chegaram, tudo me dando a benção. Aí depois, ele veio me deixar na parada do ônibus. Eu já tinha perto de trinta anos quando eu fui visitar a minha família. Mas eu tinha mudado, eu botei corpo de mulher, pinte o cabelo.

Quando chegou um cunhado meu – que eu não tenho mãe, nem tenho pai, quem tomava conta de mim eram meus cunhados. Aí quando chegou um cunhado meu, de São Paulo, que soube que eu tava aqui, no Farol, que era só movimento de... mulher, *da vida*, né? Ele veio bater aqui, trouxe um caminhão, botou as coisas tudo dentro. Disse só “vamo lá pra casa. Pelo menos, faz companhia à Maria do Carmo”. O nome dela era Maria do Carmo, mas ela era pequenininha, e eu já era mocinha, e eu chamava Cacá, que eu não sabia chamar Maria do Carmo direito. Aí ele disse: “junta tudo, já trouxe o caminhão. Tem alguém aqui a quem você tá devendo alguma coisa?”. Eu disse “não, to devendo, mas acho que é uns cinco dias, faz uns cinco dias, mais ou menos, que eu paguei o aluguel”. Aí meu cunhado mandou chamar o proprietário, e ele disse “não, não vale nada não, cinco dias, não vale nada não, e ela é gente muito boa, a gente gosta muito dela”. Aí dispensou eu e eu fui embora pra lá. Aí, de lá, ele foi embora, eu fiquei lá na casa dele, porque ele negociava em São Paulo.

Lá era filho como o todo: oito! De manhã, ia três pra o colégio, eu me levantava bem cedinho, levava pro colégio, ia pra padaria, trazia pão, fazia merenda, botava leite, fazia tudo, e botava pros meninos. Na casa do meu cunhado, na minha irmã. Depois eles dois até morreram, já, lá em São Paulo. Aí diz aí, eu trabalhando e ela dormindo. Aí eu ia fazer o almoço. Os meninos chegavam, almoçavam e os outros almoçavam também. Levar pro colégio, os outros. Aí, quando ela se levantava, no fundo do quintal tinha um portãozão que saía assim pro outro quintal, que era a outra casa de uma outra irmã minha. Aí ela ia pra lá, conversar, e eu ia lavar roupa, rede mijada, isso e aquilo, que eu nunca tinha lavado, nem minha. Eu só lavava até então minhas calcinhas, porque eu nunca botei pra lavadeira, num sabe? Mas o resto? Aí eu fiquei, mais a esposa dele, depois eu fui pra minha casa, que eu

não gosto de morar com ninguém. Depois que eu fui pra casa da minha irmã, e ela queria fazer de mim empregada, de lá eu viajei pra Belém. Passei três anos em Belém, e aí voltei.



Figura 37 Dircinha fuma, sempre usando uma piteira, enquanto conversamos e ouvimos o barulho do mar. Fonte: foto de campo. Arquivo da pesquisadora.

Pois é, minha vida foi um *distranstorno*. Mas eu sempre fui orientada, gostei de me orientar... Se eu via que uma coisa não dava certo, eu me virava pra outra, né? Entendeu? Eu tomei conta aí, duma boate, logo quando eu cheguei aqui. Queria que você visse, a dona

da boate só vivia embriagada. E eu era quem tomava conta. Eu fui gerente lá, na boate da Baiana. Ela tinha boate e tinha bar. E era eu quem botava garçom, tirava garçom.

Uma vez, o porto lotou de navio de estrangeiro. Foram três dias com quatro noites. Esse tempo todo, eu trabalhei sem parar. Foram essas quatro noites sem dormir. Os quatro dias, eu tomei um banho por dia. Eu ia rapidinho em casa, deixava meu véi cuidando do bar, pegava uma roupa pra mudar, e lá mesmo na boate tomava um banho muito rápido, pra voltar pra gerência. Eu estava conseguindo muitas gorjetas por fora, porque eu comecei a aceitar as bebidas que me ofereciam. E meu véi dizia: “como você é esperta, Dircinha! Tá certa, vá guardando a sua gorjeta”. Eu toda vida respeitei meu véi. Ele nunca teve ciúme de mim, e nem eu dele. Eu sabia que ele não era mulherengo, ele só era viciado em jogo e bebida, mesmo. E eu, depois que eu tava com ele, eu só tive relação com ele. E nisso os embarcações chegavam, conversavam comigo, e me pagavam uma cerveja. Eu fingia que estava bebendo, mas ficava ali sempre o mesmo copo, sem eu triscar, e eu embolsando o dinheiro dessas bebidas. Se algum confundia as coisas, e vinha pedir “Dircinha, não dá pra gente ir para o quarto?”, eu logo explicava que eu estava acompanhada, que meu véi tava lá, e eles entendiam direitinho. Porque nesses quatro dias, a casa ficou cheia, mas também porque eram navios que eu conhecia a tripulação. Os embarcações já eram meus amigos do meu tempo da batalha, de Natal. Eles tudim me queriam bem, me respeitavam. Aí uns vinham, chamavam os outros, e lotavam a casa. E eu chamava mulheres, minhas amigas, e o movimento nessas quatro dias foi grande. Foi muito dinheiro. Eu me movimentava como podia, chamava os donos dos depósitos, e ia abastecendo o bar. Aí, a Baiana nem aparecia. Quando passou os quatro dias, eu fui fazer as contas, e dar o apurado do bar a ela. Mas ela não me deu pagamento. Ela disse que eu já tava com os bolsos cheios de gorjeta, então ela não precisava nem me pagar. Aí meu véi ficou revoltado com ela, e foi quando eu parei de trabalhar lá. Que ele disse: “é, você não precisa mais pagar a ela, viu? Porque ela tá indo embora da sua boate. E aqui ela não volta, que ela não é a sua escrava pra trabalhar quatro dias com três noites sem receber”. Eu não voltei mais, não quis mais saber. E a Baiana faliu logo, logo. Fechou a boate, depois botou um comércio menor, um bar. Mas o bar também fechou rápido. E ela se acabou na bebida.

Eu passei trinta e cinco ano com esse meu velho [e aponta uma fotopintura na parede]. Nunca saí grávida dele. Antes dele, eu passei sete ano com um cara. Fui morar com ele em Belém, e tudo. Mas no final, deixei ele lá, e voltei, porque... era eu só trabalhando, dentro de um depósito, mandando matar porco, fazer isso e aquilo outro, tudo pra fazer comércio, e ele gastando o dinheiro. De avião, de navio, pra lá e pra cá, passeando. Eu conheci ele quando eu vim de Natal pra Fortaleza, pra esperar o embarcação. O embarcação foi embora, que o navio saiu, e eu conheci esse homem, e

fiquei com ele, conversando, e bebendo, e tudo... E começa assim, quando dei fé, se envolveu. Aí ele ficou... No meu pé, no meu pé... Aí pediu pra se juntar. Eu não queria, eu queria ir-me embora pra Natal. Uma vez até ele jogou uma pedra em mim, porque eu vinha trazendo uma trouxa de roupa, pra minha lavadeira lavar, porque eu disse que eu vinha mimbora. Aí ele, do nada, sentado, brincando com outro rapaz, jogou uma pedra em mim. “Cê não vai não! Solta essa trouxa de roupa!”. Aí, quando eu cheguei, dei-lhe uma facada. Aí, eu disse: “tá aqui. O troco da pedrada”. Depois disso, aí a polícia veio me buscar. Mas não foi ele que deu parte, não. Ele tinha ido fazer curativo, sabe? Que eu dei a facada pra matar, mermo, mas entrou aqui no braço e saiu pelo outro lado. Aí ele foi fazer curativo, e foram dar parte de mim, ele ficou até com raiva de quem deu parte.

Na época eu tinha alugado um quartim particular, pra poder morar com ele, que eu tava com pena dele, que ele tava aí jogado. Eu fui viver com ele por pena dele. Deixei minhas coisas tudo em Natal, perdi a passagem de volta, que o embarcadou tinha dado, por causa dele, com pena. Só com pena. E ele foi trabalhar no cais, ser chefe lá, aí depois eu fui-me embora lá pro Montese, e lá ele não quis mais vir de lá pra cá, pra trabalhar. E eu fui pra Belém, e de Belém mandei buscar ele de avião, que a minha família tinha recursos, e me deu o dinheiro pra passagem.

Eu fui pra Belém deixar a sogra da minha irmã, que a minha irmã passou um telegrama pra ela, avisando que eu tinha aparecido em Fortaleza. Aí a minha irmã mandou uma carta pra mim pedindo pra eu ir lá perto da Base Aérea, que ela morava lá. Deu o endereço, tudinho, pra eu ir buscar a sogra dela, que tava muito velhinha e tava com uma sobrinha que não tava tratando ela direito. Pra eu levar ela pra minha casa e fazer umas roupa pra ela, que ela mandava as passagem. Eu viajei pra Belém de avião em junho de 70, uma hora da madrugada. Nós fomos de Boeing. Eu não ia pra morar lá, não. Mas quando eu cheguei lá, ela disse “fica aqui”. E depois eu mandei a passagem dele, pra ele ir pra lá e nós botar um comércio. Aí quando ele me viu com dinheiro, foi viver só viajando, pra lá e pra cá, todo bacana. E ele tinha dito que tinham roubado a bagagem dele com roupa com tudo. E eu com pena, fui vestir ele, aí ele tava todo bacana, parecia um doutor. Mas depois que eu deixo, eu não quero conversa. Porque ele queria viver botando eu pra trabalhar e só gastando dinheiro.

Em Belém, eu fiquei na casa da minha irmã só dois meses, aí botei um depósito de farinha, que lá não tinha farinha d’água, só farinha branca, e eu vendia pras mercearias. Eu também costurava. Ainda tem minha máquina, ali, que ela não costura mais, mas eu não boto fora. Ali, coberta com aquele pano estampado. Ela não costura mais, porque tá com mais de oito anos que eu to aposentada, e o médico proibiu de eu me sentar muito. Os

meus documentos todos consta como costureira. Mas não posso mais costurar, não posso dormir de rede, não posso varrer casa. Já pensou? Por causa de uma queda, quando eu cheguei de Belém, vim pra cá pro Farol pra casa de uma amiga. Eu fui subir na beira da cacimba, pra abrir um ferrolho da janela, pra clarear bem cedim, pra mim tomar um banho. Nesse tempo, não tinha água encanada aqui no Serviluz. Foi em setenta e três que eu cheguei de Belém. Aí eu escorreguei e caí pra dentro da cacimba. Não morri porque me segurei nuns andaimes, uns paus, que botam quando vão fazer obra na cacimba. Eu tinha uns trinta e quatro anos, por aí assim. Mas eu não tinha força, porque eu já tinha levado uma barroada, olha. E eu tenho a clavícula quebrada, e esse olho aqui, a pálpebra do olho é virada devido a essa barroada que eu levei lá em Natal, não sabe? Quer ver, pega aqui [e aponta para as próprias costas]. O osso da coluna, ele é virado, assim pra cima. É um desvio no osso vertebral da coluna. Aí eu comecei a pagar [o INSS, como costureira] e eu depois, me aposentei.

Eu voltei de Belém pra Fortaleza, com meu cunhado, que já morreu. Veio também um sobrinho meu, que hoje é dono de empresa de carro, lá em São Paulo. E veio meu irmão, que morava lá. Que lá em Belém já tava meio *distiorado*, e meu cunhado disse que vinha procurar um comércio aqui. Mas num encontrou um comércio que gostasse de jeito nenhum. Aí meu irmão ficou aqui, com a gente, e meu cunhado foi embora pra São Paulo. Com 15 dias, eu já recebi uma carta de São Paulo, que eles já tavam morando lá. Minhas coisa ficou tudo lá em Belém. Só passei três ano lá, meus móveis tudo novo, ainda, ficou lá em Belém. Fogão, geladeira, dois botijão, cama, mesa...

Eu fui morar em Belém em 70. Viajei no dia do último jogo do Brasil, fui até de avião, num Boeing. Tu acredita que, quando foi com três anos, em 73, eu voltei aqui e tavam fazendo as fogueiras de São João? Voltei pra Fortaleza, aí fui morar na casa da minha irmã, lá no [bairro] Montese. Um dia, eu vim pra assistir à missa lá na Nossa Senhora da Saúde. Aí eu disse, “sabe que eu vou acompanhar esse pessoal e vou bater lá no Farol?”. E vim bater no Farol, acompanhando a procissão. Quando eu cheguei ali, naquela esquina, ali, aí vinha subindo um embarcação, e disse “ei, garota! Você não quer tomar uma dose de uísque, alguma coisa?”. Eu já tinha tomado uma cerveja, lá perto da igreja, que tava com uma barraca lá, sabe. Aí eu tinha tomado uma cerveja quando terminou a novena, e aí eu vim mimbora. Era umas seis horas. Aí esse embarcação ficou mais eu, e tudo, e aí quando dá fé, parou um carro, e era um advogado.

Esse advogado ficou em cima de mim, em cima de mim, e aí eu fui no banheiro, ele foi atrás. E eu disse “eu to acompanhada, eu não posso”. E ele insistiu, insistiu, insistiu... Eu digo: “olhe, o navio vai sair amanhã, deixe esse navio sair e aí você vem”. Aí ele veio, e eu

passei um bocado de tempo com ele. Mas eu já conhecia esse senhor, já conhecia ele da outra vez que ele tinha morado por aqui, porque ele bebia muito lá onde eu tinha os botecos, aí por isso ele bebia mais eu, mas gente rico demais não quer gente pobre. Um dia, eu precisei dele, e ele tinha viajado, e eu fiquei detestando ele.

Depois dele, só fiquei com o Carlos, que eu passei 36 anos junta com ele, embora não fosse casada. Porque eu já tinha um marido, que eu casei muito nova, e me separei, um que morava lá depois do Montese. Um dia desse, no dia 6 de fevereiro, a minha irmã veio me buscar pra ir na casa dela, e foi quando eu soube que esse meu marido ainda existe e anda muito doente.

O Carlos me conheceu bebendo lá no meu barzinho. Às vezes eu ia botar o almoço, e perguntava se ele queria um pouquinho. Aí a gente fez amizade. Às vezes eu ia botar uma música, e ele dizia: “ah, você gosta das músicas que eu gosto”. O Carlos sempre gostou muito de Nelson Gonçalves, Orlando Dias. Eu gostava, também. Mas depois que ele morreu, um dia, eu botei todos os discos dele fora. Não adianta, a radiola não presta mais. Agora eu, a minha preferida sempre foi a Alcione. Mas se bem que ela só piorou com o tempo, ela já cantou muito melhor no passado. E eu sempre fui dançarina de primeira, desde a infância. No tempo que eu fazia a vida, em Natal, eu era a melhor dançarina em qualquer casa. Ninguém dançava um tango como eu. Tinha embarcadiços que só queriam dançar naquela casa comigo. Eles diziam: “eu só sei dançar se for com ela”. E era qualquer tipo de dança: rumba, cúmbia, tango, valsa, marchinha de carnaval, até frevo. Dança de verdade, com passo. Que hoje em dia, não existe mais dança. Eu vejo o povo de hoje dançando, é assim. [Levanta-se e imita passos rápidos e repetitivos, para um lado de cada vez]. Hoje não existe mais a dança.

Um tempo, quando eu tinha o caso com aquele advogado, aqui no Farol, eu trabalhava de gerente nas boates, e gostava de ficar nas mesas com ele. Um dia, veio um embarcadiço, que eu já conhecia de Natal. Eu tava bebendo com o advogado, e o embarcadiço foi até ele, pedir licença pra dançar um tango comigo. E o advogado deixou, disse: “pois não, é claro, fique á vontade”. E aí eu dei um show. O advogado ficou muito impressionado, tanto, que trouxe depois o irmão dele, que era ótimo dançarino de tango. E ele foi bater lá no Farol, só pra dançar um tango comigo, e morreu de elogiar a minha dança.

Hoje não existe mais dança e hoje não existe mais batalha no Farol, também. Porque antes, isso aqui era animado, era só das mulheres que faziam a vida, e não podia nem entrar criança aqui. Se alguma mulher saísse grávida, tinha que dar um jeito de levar a criança pra fora, não podia ficar. Mas agora, tem mais criança do que gente grande. Não existe mais batalha aqui, só menino.

Naquela época, quando eu voltei de Belém pra Fortaleza, esse advogado pelejou pra eu querer ele, e eu não quis, porque eu não conhecia a família dele. E o Carlos também já me conhecia de antes, e já tinha visto que eu tinha voltado, e tava de olho: “eita, a Dircinha chegou, a Dircinha chegou! Onde tu tava?”. E eu: “tava em Belém”. Aí ficou falando comigo, e às vezes ele dizia “Dircinha, hoje eu perdi o meu dinheiro todo no jogo! Me arranje um dinheirinho aí, pra eu ir embora”. Ele morava no Centro, num hotel. A família dele era toda rica, e ele só faltava dormir nas calçadas. Dormia em cima das mesas de casa de jogo. O Carlos era viciado em jogo.

A mulher, pra viver com um homem, tem que ter muita orientação, tem que tratar ele bem, organizar. Eu queria que você visse, quando Carlos saía. Parecia um doutor, todo bem arrumado. Só não era engomada as roupas, que eu nunca gostei de engomar. Só quando ele ia pra casa da família dele, que vestia um paletó, aí eu engomava. Você sabe onde é o Mercado São Sebastião? Uma rua próxima, inteira, era só de comércio e casas da família dele. Tudo gente da alta sociedade, e ele nunca quis viver com eles.

Aí um dia, fazia doze anos que eu vivia com ele, sustentando de tudo, trabalhando, costurando, trabalhando de gerente nas boates, fazendo penteados... Só não fazia programas, mais. Mas não era por causa dele não, que ele não tava nem aí. Ele passava o dia e a noite toda no meio do mundo, bebendo e jogando. Era por mim mesma, porque depois que eu to com um homem, eu gosto de respeitar. Aí, que é que ele fazia. Aí teve um dia, quatro horas da manhã, eu tava fazendo café. Porque tinha um bocado de roupa pra enxaguar, e tinha uns vestidos pra eu fazer os embanhados e as saias de dentro. Aí eu digo: “meu Deus, me daí um toque, o que é que eu devo fazer?”. O toque que eu tive, sabe o que foi? Botar uma roupa e uma sandália dentro de uma sacola, e ir passar uns dias longe dele, pra ele pensar. Aí depois vir buscar ao menos minha máquina de costura e deixar aí o resto tudim. Eu morava de aluguel. Bem aí, nesse mesmo beco. Já fazia doze anos que eu vivia com ele e não tinha dinheiro que chegasse. Aí meus sobrinhos ainda mandavam um dinheirinho pra mim, de São Paulo. Eu era de juntar dinheiro. Mas nessa época, enquanto o Carlos não trabalhava, não dava pra juntar, não, porque era a época que ele bebia muito, ele gastava muito dinheiro. Até eu, quando tava pra amanhecer o dia, assim, que eu já tava organizando as coisas pra fechar o cabaré da Baiana, eu tomava uma cervejinha, uma coisa, sabe?

Nesse dia, ele chegou de manhã, com quatro garçons pra receber o dinheiro da conta dele da noite. Aí eu pedi pra entrarem, e tomarem um cafezinho. Aí eles tomaram, e eu dizendo: “agora vocês vão me escutar!”. E ele escutando também, mas se fazendo que tava dormindo, porque ele bêbado era normal, conversava normal, mas fez que estava

dormindo. Aí eu disse: “olhe, o Carlos, quando chegar num ambiente que vocês estiverem trabalhando, que ele chegar e fizer pedido, perguntem se ele vai pagar lá mesmo. Mas se ele disser que é pra receber em casa, não despachem o pedido, porque eu não sei nem se estarei aqui”. E ele ficou com isso na mente, e foi se deitar. Aí eu fui, arrumei a casa, cobri o fogão, tomei um banho. As minhas coisas já estavam preparadas pra eu sair. Eu ainda deixei um dinheiro num lugar, pra ele ver, podia ele precisar. Eu tenho um coração de mingau. Meu coração é muito mole, com todo mundo. Me vesti, peguei a bolsa, tirei a chave da casa de dentro, aí quando fui botando a bolsa do lado de fora, ele já acordou perguntando pra onde eu tava indo. E eu: “vou pra onde eu nunca deveria ter saído”. Porque eu vinha pra cá pro Farol só nos fins de semana, de sexta a segunda, que eu vinha passar esses dias com o advogado, toda semana. E eu deixei o advogado pelo Carlos, porque ele me aperreava demais, e pra evitar um conflito eu deixei. Aí ele: “não, não vá agora não, entre. Solte a chave. Sente aí. Por que é que você vai?”. Aí eu fui explicar, falando mais baixo, pros vizinhos não ouvir: “Carlos, eu não agüento mais. Eu trabalho a semana todinha, e o dinheiro vai todim pra casa de jogo, todo pra bebida. Você acaba com tudo. Eu não sei como é que sobra dinheiro pra refeição e pra pagar a casa”. E quando o dono da casa vinha receber o dinheiro do aluguel, eu já tava com a quantia aqui escondida na mão, separada. E ele dava bom dia, e o Carlos já ia dizendo: “seu Ademar, só semana que vem, viu?”. E eu dizia: “é, seu Ademar, só na próxima”, mas entregava o dinheiro do aluguel a ele. Porque o Carlos não queria que pagasse, que era pra dar pra ele. E eu vivi 36 anos com o Carlos, até ele morrer. Mas nesse dia ele disse: “Dirce, não vá embora, que você não vai se arrepender”. Ele sentou-se na cama e disse: “sente aí”, e eu me sentei, acendi um cigarro, dei um pouquinho de café a ele, que ele pediu, e ele também acendeu um cigarro, e nós ficamos ali. E pediu pra eu não ir e jurou que eu não ia me arrepender.

Eu não chamava ele “Carlos”, não, eu chamava ele “Calzim”. Aí eu disse: “Calzim, eu vou lhe dar uma chance. Hoje é domingo. Se de hoje a oito dias, no outro domingo, não tiver amenizado essa situação, aí não tem mais volta, não tem mais jeito”. E ele me pediu pra preparar uma roupa pra ele sair, ele saiu. Em seguida eu saí, pra comprar mistura, que só tinha cereais em casa. Foi quando eu passei em frente ao nono distrito e ele tava lá, conversando, que ele já tinha sido da Guarda, era conhecido da Polícia, e tudo, e tava conversando lá. Aí disse: “Dirce, faz um favor, vem aqui”. E eu: “o que é?”. E ele perguntou pra onde eu ia. Eu disse: “eu vou comprar frango, que é mais ligeiro, e já tá tarde”. Ele disse: “pois vá, faça o almoço”. Quando eu tava preparando o almoço, ele chegou, mandando eu preparar uma sacola e uma roupa, porque ele ia trabalhar de noite, de vigilante. Há não sei quantos anos que ele não trabalhava. Só na minha companhia, já fazia doze anos sem trabalhar. E ele disse: “então, é o seguinte. Prepare pra mim uma camisa de frio, uma calça

comprida, de frio”. Eu ainda fui ali e comprei um garrafão de dois litros desses de cachaça, da que ele bebia, Chave de Ouro. Ainda me lembro o nome. Mas eu coloquei em outra garrafa, só um litro, e lacrei bem lacradinha, enrolei no blusão de frio e botei dentro da sacola. Porque podia dar frio nele, trabalhando de madrugada, pra ele tomar uma. Mas não avisei logo não, deixei pra ele ver lá. E fiz um caldo de ovos, com carne moída, e ele comeu e pegou no sono. E eu acordei ele na hora de trabalhar, e preparei uma marmita pra ele levar. E ele levou e foi simhora. Quando foi no outro dia de manhã ele chegou perguntando pelos documentos dele, onde estavam. E eu disse: “é claro que eu sei. Quem guarda tudo não sou eu?”. Aí abri o guarda-roupa e tirei os documentos dele, e ele disse: “me dá, que eu vou já assinar carteira de trabalho”. No outro dia. E antes ele não queria assinar carteira de jeito nenhum, que era pra viver “livre”, só jogando e bebendo. Mas aí assinou carteira, e pronto, ficou trabalhando. Dinheiro que ele me dava, eu não gastava um tostão. Fiz essa casa, comprei outra, botei dinheiro na poupança, na Caixa Econômica. E ele se admirava. Porque antes eu já não gastava! E eu antes já ganhava dinheiro, e não parei de trabalhar quando ele passou a me ajudar. Mas o pessoal hoje diz assim: “essa casa foi Carlos que deixou pra ela”. Ora, não foi ele quem deixou não, fui eu quem comprou! Eu sempre trabalhei por fora, como costureira. Eu quero que você veja, quando ele morreu, minha casa tava tão bonitinha, cheia de móveis! Agora, é os panos tudo sujo, e nem isso eu tenho o gosto de tirar pra lavar. Guarda-roupa não cabe mais roupa... E ali, é tanto par de sapato, eu nem me lembro mais, eu não calço. Porque eu não saio pra canto nenhum. Saio quando é pra ir pro banco, eu vou mais um rapazinho dali, que ele vem me buscar aqui e entra no banco comigo, me acompanha, e vai depois comigo comprar meu colírio, que é oitenta reais, e é cinco ml, só. Ainda pago minhas contas na farmácia mesmo. E faço logo tudo de uma vez, com ele mais eu. Até pra fazer limpeza na vista, pra ir pro médico, ele vai. Até pensam que ele é meu filho. A esposa dele gosta é muito de mim. A minha família também gosta é muito dele.

Antes de o Carlos morrer, ele passou três anos e seis meses doente, só gastando. Eu ia pro hospital, só visitar, e ele não queria que eu deixasse a casa só. E o pessoal dizia que eu não ia porque eu não gostava dele. Mas eu não ia pra ele não se sentir mal, pra fazer a vontade dele. Um dia ele saiu daqui bonzinho, pra tomar um soro lá no Hospital Geral. Aí, quando eu soube, ele tinha falecido lá. Ele faleceu no dia vinte e sete de maio de 2009. Está fazendo dois anos e cinco meses.

Eu toda vida gostei de cuidar, mas agora eu não quero mais homem nenhum. Eu quero que você veja, tanto homem que dá em cima de mim hoje, na idade que eu tenho! Mas eu não quero. Eu não quero mais. Até o cachorro que eu tinha, com seis meses depois que o meu velho faleceu, o cachorro faleceu. Eu não quero nem cachorro, mais. Mas tá ali

em cima da mesa a janta dos gato. Eu compro comida pra mim e pra um bocado de gato que vive solto aí, que eu não sei de quem é, e fica tudo por aí com fome, os coitado. Aí eu boto água, boto o almoço. E quando é mais tarde, eu boto a janta, que eu guardo ali. Porque a minha janta só é uma comida leve, eu mando comprar canja. Aí eu tomo canja, e boto pra eles, e tudo. E as vezes a vizinha também me dá um resto de comida, e eu boto pra eles, lavo as vasilhas... O povo carrega as vasilhas, eu boto outras.

E hoje eu não quero homem, não quero mais animal... Tem esses gatos, dos outros, aí em casa. Eu fui pro banco, receber dinheiro, um dia desses. Quando eu to na fila, eu vi aquele homem dizendo assim: “ah, fila pra não diminuir, só faz é aumentar”. Aí eu reconheci a voz. Muitos anos que eu não via. E ele: “Dirce, é você? Tá fazendo o quê aqui?”. E eu: “o mesmo que os outros”. Aí ele: “ai, e tá aposentada? Cadê o Carlos?”. E eu disse: “o Carlos faleceu”. Aí me pediu meu endereço. Eu disse, “eu não vou lhe dar, não, sabe porque? Por que daqui uns dois ou três dias, eu vou receber uma passagem pra ir embora pra São Paulo”. Disse mesmo, só pra despistar, pra ele não vir bater aqui atrás de mim. Eu quero é que você veja. Da minha idade, esses homens ainda atrás de mim. Eu fico besta, pensando; “o que é que esses homens querem comigo, tem tanta jovem aí!”. Mas eu sei o que é! Eles pensam que eu tenho muito dinheiro. [Risos] Os vizinhos pensam que eu tenho muito. Eles pedem emprestado e dizem: “ela tem, ela tem. Não empresta porque não quer”.

Eu to dando as entrevistas pra ajudar você, porque eu já não to fazendo nada. Eu não vou pra fora, é difícil até eu passar na rua da Frente. Eu só saio pro banco, e o carro vem me buscar na porta. Eu fiquei desgostosa da vida. Olhaí, tudo empoeirado, só tirou uma coisinha e eu gripei, fui até comprar remédio. Eu sofro de sinusite, eu não posso pegar poeira.

Olha minha casa, toda empoeirada. Tá pensando que eu limpo? Perdi o gosto depois que eu meu velho foi embora. Faz dois anos e cinco meses. Dou uma limpezinha, assim, quando uma pessoa vem aqui pra limpar. Eu to aborrecida de viver sozinha aqui dentro dessa casa. Mulher, é muito triste. Essa cadeira aí da mesa, não se senta ninguém, porque era a cadeira dele. E eu fico aqui, que eu sou baixinha, na cadeira de almofada. E o fogão é assim, coberto com uma toalha: faço só café, e cubro novamente. Eu converso às vezes com os vizinhos, só assim, de manhãzinha. Mas é assim: se um vizinho chegar pra mim e pedir cem real emprestado, e eu disser que não tenho no momento, que eu ainda não recebi, ficam mal comigo. E depois, se eu empresto, não devolvem, e ficam mal comigo também. Meu irmão diz pra mim: “quem empresta, não presta”.

Esse ano, no dia 6 de fevereiro, minha irmã de São Paulo veio me buscar, e eu não fui não. Eu não fui porque eu ia deixar minhas coisas tudo aqui de novo? E eu agora já sou

velha, sou sozinha. Só tenho uma filha, morando em São Paulo, com minhas três netas. Quando eu me separei do marido, com uns anos ele foi embora pra São Paulo, pra casa da minha irmã, levando a minha filha, e lá casou de novo. A minha neta não vem me visitar, porque ninguém gosta daqui.



**Figura 38** Os fundos da casa de Dona Dircinha. O mar em vez de quintal. Fonte: fotografia feita em campo. Arquivo da pesquisadora.



Figura 39 Os fundos da casa de Dona Dircinha. O mar em vez de quintal. Fonte: fotografia feita em campo. Fonte: Arquivo da pesquisadora.

A minha irmã teve aqui uns dias, e armava a rede dela ali, que era mais fresco, e aí, ela ouvia cada pornografia, cada grito no meio da rua. O filho dela, com a nora e a netinha, vinham pra cá dia de domingo. Mas era tanto do palavrão no meio da rua. Eu ficava morta de vergonha, não dizia nada. Aí no outro ano minha irmã não veio mais, no outro também não. Ela ligou e disse que tava aqui em Fortaleza, mas ia ficar num hotel antigo, não ia ficar aqui não, porque ouviu muito nome feio, os vizinhos gritando. Eu acho que eu vivo desprezada aqui. É tanto que minhas coisas tão se acabando. Por exemplo, sofá, eu já botei um fora. Mas eu tô é deixando se acabar mesmo, porque dizem que essas casas vão sair, aí eu quero ir embora pra casa de uma irmã minha, no Montese, e lá eu compro um novo. Pelo menos o dinheiro guardado eu tenho. Quando a gente se ver, eu lhe dou o endereço da casa, pra você me visitar lá.

## 5 FRAGMENTOS DA MEMÓRIA E O MOSAICO SOCIAL

O quadro apresentado no capítulo anterior, sobre algumas das teorias já elaboradas a respeito da prostituição, remete à diversidade de abordagens possíveis do tema. Neste trabalho, proponho uma análise a partir de trajetórias de vida de algumas das mulheres que exerceram o meretrício na zona do Farol, em seus primórdios, nas décadas de 1960 e 1970 do século passado. Torno a enfatizar essa especificidade temporal e espacial, de modo a reafirmar que este não é um estudo sobre “a” prostituição enquanto instituição social única, com características imanentes e imutáveis. Nesse sentido, penso que a opção metodológica pelo trabalho com narrativas de histórias de vida pode contribuir para evitar essa visão única, abrindo espaço para a afirmação da multiplicidade possível das experiências sociais. A esse respeito, concordo com Pascali Absi, que afirma que

[...] um certo substancialismo nos incita a confundir configurações particulares com “a” prostituição, a ponto de a considerarmos um ator autorreferencial. Converte-se em uma relação social *sui generis*. Isto é em parte verdade, desde que não esqueçamos de que são indivíduos (e não atividades) que, a partir de suas posições particulares, atribuem sentido e forma às relações sociais, e portanto à prostituição e seus ganhos. [...] A verdade está habitada por modalidades de exercício, trajetórias pessoais e também por contextos sócio-históricos (ABSI, 2011, p. 393, tradução minha).

A autora fala sobre a importância de não subsumir uma pluralidade de experiências a um único conceito. Neste capítulo, elaboro uma tentativa de interpretação sociológica das trajetórias apresentadas. Busco entender as especificidades da prostituição no contexto a que as entrevistadas se reportam, de modo a compreender o modo de ser mulher engendrado pelo conjunto das fundadoras da zona do Farol.

Buscando os significados das práticas das mulheres pesquisadas, a partir de seus próprios pontos de vista, é possível compreender como o papel de meretriz, apesar de todo estigma que o envolve, pode ser acionado para a obtenção de algum empoderamento feminino. Não se trata, entretanto, de aderir aos pontos de vista das pesquisadas, mas de compreendê-los. Nesta empreitada interpretativa, situar as escolhas e motivações das entrevistadas em um espaço e tempo determinados também é condição importante para a análise. É preciso compreender que a prostituição praticada em 1960 e aquela exercida hoje, após a profissionalização do mercado do sexo, são modalidades diferentes. Da mesma forma que se deve desnaturalizar o gênero, é necessário também observar a prostituição como uma instituição social em permanente reinvenção.

## 5.1 Tornar-se mulher *na batalha*

Simone de Beauvoir, em uma de suas frases mais célebres, afirma que “não se nasce mulher; torna-se”. Ser mulher, portanto, não significaria possuir uma essência permanente, mas faz parte de um aprendizado social. Os significados da “feminilidade” são moldados pelos costumes e a cultura, como apontado anteriormente por tantas obras da literatura feminista. Para evitar o determinismo biológico implícito no conceito de sexo, o termo “gênero” passou a ser usado como “uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres” (SCOTT, 1990, p. 4). O gênero é, segundo essa definição, “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1990, p. 4). Se o *feminino* não é uma essência, e sim um devir, as possibilidades de se construir enquanto mulher não são dadas pela natureza, mas são contingentes e variam de acordo com cada época e cultura. De acordo com Judith Butler:

se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável (BUTLER, 2003, p. 195).

Com Scott, é possível apreender que os modelos de feminilidade socialmente aceitos impõem-se pelo ocultamento das possibilidades de outras formas de ser no mundo.

[...] “‘homem’ e ‘mulher’ são categorias ao mesmo tempo vazias e transbordantes, vazias porque elas não tem significado definitivo e transcendente, transbordantes porque, mesmo quando parecem fixadas, elas contém ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas. (SCOTT, 1990, p. 19)

A vivência das entrevistadas na prostituição acontece a partir da década de sessenta. No contexto internacional, sobretudo nos Estados Unidos e na França, esse período marcou a segunda onda do feminismo, que denunciava a manutenção da subalternidade feminina a partir das formas de sexismo arraigadas na linguagem e no agir de homens e mulheres. Repercutiam, nos movimentos sociais feministas, as idéias divulgadas nas obras “A mística feminina”, de Betty Friedan, publicada em 1963 nos Estados Unidos, e “O Segundo Sexo”, publicado em 1949, na França, por Simone de Beauvoir. Nesta fase, o feminismo “deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres” (PEDRO, 2008, p. 158). Entre as principais reivindicações da segunda onda feminista, o direito de “ter filhos quando quiser, se quiser”, a luta contra a violência doméstica, a reivindicação de que as tarefas do lar deveriam ser divididas” (op. cit., p. 80). Neste

contexto, é importante observar que, embora o debate sobre os papéis da mulher passasse por rápidas mudanças, as transformações no cotidiano feminino não se davam na mesma velocidade. A convivência de padrões divergentes nesse período é um dado importante a ser observado: enquanto a fala feminista buscava um novo posicionamento para a mulher na sociedade, papéis tradicionais eram reforçados no discurso midiático e em peças publicitárias. O casamento era ainda valorizado como o lócus privilegiado de realização pessoal de uma mulher.

Eu fui educada em colégio de freira. Tinha a escola das meninas ricas, e outra das meninas pobres. Mas as salas eram próximas. Eu pensava ser freira, achava lindo. Eu fui ficando mocinha, aí eu vi que eu queria casar. Antes eu queria ser advogada. Sonho, né, de criança. Eu queria ser advogada. Porque eu via muita injustiça, meu pai dentro de casa, com a gente, a vizinhança... Eu queria pra defender aquelas pessoas. Mas aí eu olhava assim pra frente e via aquilo tão distante, que eu não via possibilidade de galgar aquele posto que eu queria. Aí eu digo – não, vou casar e vou ter filhos. Aí, eu noivei com 14 anos. [DORINHA]

Durante sua juventude, as mulheres pesquisadas neste trabalho estavam confrontadas com um ideal de feminilidade muito estrito. Suas falas de orgulho sobre a experiência de ter sido prostitutas aparecem como índice de uma busca de autonomia feminina.

Nos anos 1950, quando a maioria das entrevistadas viveu a infância, ideais de feminilidade restringiam as possibilidades das mulheres. De acordo com a historiadora Carla Bassanezi:

A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da *feminilidade*, como o instinto materno, pureza, resignação e doçura. [...]

A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas de feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade. A mulher que não seguisse *seus* caminhos estaria indo contra a natureza, não poderia realmente ser feliz ou fazer com que outras pessoas fossem felizes. (BASSANEZI, 1997, p. 608-9).

As trajetórias das entrevistadas ilustram uma situação compartilhada por muitas mulheres de seu tempo, que não se ajustavam ao padrão de dona-de-casa valorizado na época. Ao nos relatar os anseios pessoais e motivações sociais que as conduziram ao meretrício, as mulheres pesquisadas estão descrevendo a alternativa que lhes proporcionou alguma autonomia, diante das restritas possibilidades a seu alcance. Desta forma, as narradoras nos revelam um conflito interno que foi também social. As mulheres buscavam

maior autonomia e participação social, enquanto padrões antigos de comportamento lhes eram cobrados.

Como sugere Norbert Elias<sup>97</sup>, seria importante observar as fases de *transição* nos processos de mudança social. Elias destaca que, nesses momentos, os “conflitos de padrões” vividos entre as classes, em um contexto macrossocial, também podem se produzir no interior dos indivíduos. A partir dessa reflexão de Elias, podemos considerar o caso específico de cada uma dessas mulheres como uma das peças do mosaico social<sup>98</sup> (BECKER, 1993), que, embora única e dotada de uma importante dimensão criativa do sujeito, pode ser retomada para ilustrar e interpretar processos sociais mais amplos.

## 5.2 O valor da autonomia

Enquanto coletivo, as fundadoras da zona de meretrício do Farol do Mucuripe produziram uma forma específica de autonomia feminina, caracterizada pela negação das características da mulher doce e indefesa, dependente de um homem provedor. Como aspectos de sua feminilidade, elas elegeram a *valentia*, a força e um certo espírito de aventura. “Se eu fosse homem, teria sido um marítimo. Se ganha muito dinheiro, se viaja muito. Eu ia conhecer o mundo todo”, me disse Dona Novinha, enquanto manuseávamos fotos de antigos navios que aportaram no Cais do Mucuripe em meados da década de 1960. E acrescenta: “eu morro de orgulho. O *meu filho* é marítimo”. A seu modo, entretanto, Novinha realizou a fantasia de viajar em navios, ao acompanhar embarcações, *amigos*<sup>99</sup> seus. O fascínio com os navios e viagens é parte de um elemento aventureiro nessa identidade feminina diferenciada:

É uma história comprida. Ah, se eu for começar! Foi, aí fui pra Mossoró. E cheguei em Mossoró, de lá fui pra Natal. E de lá eu viajava, mais os embarcações. Viajei pra tanto canto que eu não sei mais nem o nome [risadas]. [DIRCINHA].

Eu ia pros navios, pros navios da marinha, quando chegava aí. O pessoal ia visitar, era muito bom [AUGUSTA].

<sup>97</sup> Cf. ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

<sup>98</sup> Para Howard Becker (1993), um dos usos possíveis dos depoimentos em primeira pessoa, na pesquisa social, seria a produção de um “mosaico” capaz de retratar a complexidade da vida na cidade. Becker descreve um modelo colaborativo de produção científica, em que diversos empreendimentos de pesquisa, com diferentes técnicas, poderiam ser acionados para produzir um quadro dos processos sociais a partir das experiências individuais.

<sup>99</sup> Refiro-me à categoria nativa, que define como “amigos” os clientes preferenciais, com os quais há um laço de intimidade afetiva.

Diante das contingências culturais, econômicas e sociais que lhes foram impostas, elas buscaram um modo de ser-no-mundo que lhes propiciasse alguma liberdade. A busca de autonomia na trajetória de cada uma, no entanto, não implicou na adesão a bandeiras revolucionárias, nem a projetos transgressores. De fato, seus discursos revelam predominantemente a conformidade a valores tradicionalistas. A liberdade que reivindicaram para si ia longe de ideais emancipatórios do gênero feminino. A fala de Dona Novinha demonstra que ter autonomia era uma importante conquista, mas havia limites a respeitar:

Nunca ninguém me manobrou. Me manobrava quando eu era criança, que dizia que eu tinha que casar. Mas depois eu separei, e arranjei outro marido diferente, e aí ninguém mandava na minha vida, mais. Eu fiquei sendo só dona de casa... eu era boa dona de casa, eu não era de andar na rua, não era de bebedeira, eu não era de estar saindo muito. Aí o marido não mandava muito em mim, não. Pra quê? Mandasse se eu fosse essas mulher *forasteira*, que sai muito.

Eu nunca gostei de rua. Tem essas mulheres casadas, tem delas que levam até o marido pra rua, pra beberem, pra farrear... levam até os filhos pra farrear. E isso num é dona de casa! Dona de casa tem que ser uma pessoa que vive pro seu lar, que vive trabalhando, dando de comer a seus filhos. [NOVINHA]

Para Novinha, o marido não deveria *mandar* em sua esposa, desde que esta não desse motivos. A entrevistada fala de um papel feminino vivido de forma subalterna. Tendo vivido em uma época em que este era o modo de ser mulher socialmente aceito, ela não questiona valores tradicionalistas, mas adere a eles. Tal postura não se trata, no entanto, de uma particularidade dessa personagem específica, mas é compreensível quando se observam aspectos relacionais do período, e quando se afasta a ideia de uma sujeição absoluta vivida pelas mulheres. Como afirmou Sartre, na frase que serve de epígrafe à obra “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, as mulheres são “metade vítimas, metade cúmplices, como todo mundo”.

Na referida obra, cuja primeira edição foi lançada em 1949, Beauvoir defende que o conjunto das mulheres não se coloca autenticamente como sujeito, permanecendo como expressão da alteridade ou, nas palavras da autora, “o Outro” do homem. Questionando os motivos para a continuidade desta contingência, a autora afirma que “a mulher não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto”, mas também “porque, muitas vezes, se compraz no papel de *Outro*” (BEAUVOIR, 1970, p. 15). Ainda que subalterna com relação ao homem, a posição ocupada por essas mulheres, tanto no casamento como no meretrício, foi aquela que lhes possibilitou, à época, obter proteção simbólica e material, ao mesmo tempo em que alcançavam algum grau de autonomia.

Enquanto o contexto sócio-histórico não lhes permitia, de modo geral, uma existência de sujeitos plenamente livres, cada uma dessas mulheres buscou, a seu modo, ampliar seu universo de oportunidades, de modo a constituir seus projetos de vida.

Apelar para o peso de cada uma, de cada um, não é uma maneira de subestimar o peso da História [...], mas sim, de tentar libertar a condição feminina, como a condição humana em geral, dos entraves biológicos, sociais ou destinais, valorizando a iniciativa consciente ou inconsciente do sujeito contra as imposições do seu projeto, ditado pelos diversos determinismos (KRISTEVA, 2007, p. 438).

Entre as contingências sociais e as linhas de fuga em que se delineia a criatividade subjetiva, elas se movimentaram em busca de *autonomia* – palavra que, embora não apareça em seus discursos, serve para sintetizar a liberdade de ação a que almejavam. Analisando o passado sob o prisma do presente, as entrevistadas valorizam, sobretudo, aquilo que puderam *realizar*. Elas enumeram viagens feitas, festas de que participaram, amores e vestidos que colecionaram, assim como demonstram orgulho de terem provido o sustento de si, dos filhos e de suas famílias de origem, por meio dos ganhos no meretrício. Enquanto a participação no mercado de consumo é descrita com orgulho, a compra ou construção da casa própria são apontadas como a realização de projetos acalentados durante muito tempo. Para elas, o valor das experiências vividas é inquestionável, embora isso não signifique que todas definam o período vivido na prostituição como plenamente satisfatório. Uma ampla gama de emoções é mencionada para caracterizar o conjunto de suas experiências como prostitutas, de felicidade e prazer a sofrimento e humilhação. Edna pontua suas narrativas com declarações de que sua vida foi marcada por muito sofrimento. Glória, por sua vez, mostra-se satisfeita com sua trajetória, ao dizer que o período nas boates do Farol Ihe traz, sobretudo, boas lembranças. Se as entrevistadas divergem quanto à satisfação pessoal com a vivência da prostituição, elas são unânimes em afirmar que *não* se arrependem de ter ingressado no meretrício, onde puderam atender algumas de suas aspirações de se autogovernar.

Mas se o tempo voltasse, e eu ficasse nova de novo, talvez eu fizesse a mesma presepada! [risos] Talvez se eu fosse nova, do jeito que eu era, talvez até ficasse do mesmo jeito, viu? Eu tenho nenhum arrependimento. Não me arrependo de nada que eu fiz, tenho é saudades. [NOVINHA]

Então, é isso, eu não me arrependo de ter vindo morar aqui, não, eu não me arrependo, sinceramente. Eu me arrependo de eu não ter usado a minha cabeça. Porque eu ganhei dinheiro, mas não soube me haver. Se eu disser pra você, que tem idade de ser a minha neta, se eu disser pra você que eu tenho arrependimento de ter me prostituído... Na minha época, não. Hoje, eu não aconselharia. Eu não me arrependo de nada. [GLÓRIA]

Sinto orgulho, sinto orgulho graças a Deus, porque hoje eu sou a mulher que eu sou, eu dou graças a Deus, ao aprendizado do passado. Eu olho para trás e vejo o quanto eu aprendi, quantas lições.[DORINHA]

Era tudo bom, os amiguinhos que a gente encontrava, era tudo legal... não tenho nada a dizer deles. Criei meus filhos aqui, todos quatro, graças a Deus. [...] E eu me sinto feliz com isso. [MARIA ANGELITA]

Determinar os rumos da própria vida ou, nas palavras de Novinha, não ser uma mulher *manobrada*, foi, para cada uma delas, um valor posto acima da busca da felicidade em moldes tradicionais.

O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como acessória. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? [...] Isso quer dizer que, interessando-nos pelas oportunidades dos indivíduos, não as definiremos em termos de felicidade e sim em termos de liberdade. (BEAUVOIR, p. 23).

As entrevistadas engendraram seus próprios modos de ser mulher. Vestiam-se, comportavam-se e usavam o espaço público de formas que eram vedadas às mulheres casadas. E, embora tenham dependido, em muitos momentos, da proteção simbólica e material de companheiros e clientes, elas dão mostras de que a zona não foi um reduto de mulheres vitimizadas por uma dominação masculina absoluta. Em suas falas, as mulheres desejam representar-se como responsáveis por suas escolhas. Seus discursos expressam o desejo de se constituírem como sujeitos livres, ou, como na expressão de Alain Touraine, “atrizes na construção de si mesmas”<sup>100</sup>.

Quando as mulheres pesquisadas se congratulam pela independência que puderam conquistar, elas estão revelando o valor que norteou suas trajetórias: o desejo de construir a si mesmas. Isso se evidencia no uso constante da expressão “se fazer”, que significa ter realizado os projetos traçados para si. O aprendizado – “saber se fazer” – passa pelo controle dos ganhos na prostituição, com vistas à independência financeira, mas também pela construção de uma postura de autonomia de modo geral. Souberam “se fazer”, na opinião das pesquisadas, aquelas mulheres que casaram com maridos que as respeitavam, mas também aquelas que, na velhice, tem o respeito dos vizinhos e não são governadas por filhos e netos.

[...] as mulheres, diferentemente da maioria dos estudos que falam pelas mulheres ou sobre elas, não acreditam no necessário desaparecimento da identidade feminina, não se consideram vítimas,

<sup>100</sup> Cf. TOURAINE, Alain. O mundo das mulheres. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

até mesmo quando sofrem injustiças ou violências e, nos convenceremos disso rapidamente, as mulheres carregam dentro delas projetos positivos bem como o desejo de viver uma existência transformada por elas mesmas (TOURAINÉ, 2007, p. 23).

As ex-prostitutas do Farol não se autorreferenciam como vítimas, apesar de terem histórias de sofrimento relacionadas ao meretrício e também às questões de outras esferas da vida. Em seus relatos, assumem preferencialmente a postura de protagonistas, e enfatizam a própria autonomia.

Pois é, minha vida foi um *distranstorno*. Mas eu sempre fui orientada, gostei de me orientar... Se eu via que uma coisa não dava certo, eu me virava pra outra, né? Entendeu? [DIRCINHA]

Isso é evidenciado nas falas que descrevem as relações das entrevistadas com os namorados e companheiros: “Eu nunca deixei homem me humilhar” é a fala de Dorinha que sintetiza este significado. Os homens não são colocados como seus antagonistas, em primeiro lugar, porque não ocupam uma centralidade nas narrativas. As entrevistadas falam sobre *se fazer*, um processo cuja responsabilidade reivindicam. Distantes de ideologias feministas, elas falam sobre si mesmas a partir de seu lugar social. Mesmo dependendo dos homens – afinal, deles vinha seu sustento – elas enfatizam o fato de terem se mantido na posição de sujeitos. Em suas trajetórias, muitas são as histórias de relacionamentos em que elas tiveram o papel de provedoras, enquanto os companheiros negligenciavam os gastos com o lar. Nesses contextos, elas obtinham a contrapartida da autoridade moral sobre o parceiro. Sobre o término do relacionamento com o pai de sua primeira filha, Dorinha relata:

Eu nunca deixei homem dar as cartas na minha vida, me governar... Não, toda vida fui muito assim, sabe, de tomar iniciativa, a minha vida, e o que é bom pra mim pertence a mim! Viu? [...]  
Aí eu disse que não dava mais certo. E ele: “Por quê?”. Eu digo: “eu não lhe disse, eu não lhe disse, quando a gente começou a se gostar, que eu não ia fazer covardia com você e você não fizesse comigo? Que, no dia que eu me interessasse por outro homem, eu diria pra você? Pois é, estou com outro homem, não lhe quero mais”. “Que coisa, eu não acredito”. “Pois pode acreditar. Eu estou com outro e não lhe quero mais. Não dá mais certo. Que é que eu espero de você? Nada. [DORINHA].

### 5.3 A mulher *imperosa*

O temperamento forte é apresentado, pelas mulheres com as quais conversei, como uma característica que valorizam em si mesmas. No dia em que fui apresentada a Dircinha, ouvi de sua amiga, que me acompanhava: “agora você vai saber o que é uma mulher *imperosa*”. O dicionário Houaiss (2010) oferece duas acepções para a palavra *imperiosa*, da

qual é provável que tenha se derivado o termo usado pelas entrevistadas. Imperiosa é aquela “que manda com energia, sem admitir réplica; que exige obediência” ou ainda “autoritário, dominador, arrogante”. Todas essas características, que descrevem uma mulher implacável, que não precisa de ajuda externa, se adéquam à autorrepresentação das entrevistadas – mesmo quando essas negam o adjetivo:

Eu toda vida eu gostei de ser egoísta, sabe? Sabe por quê? Não é que eu seja imperiosa e orgulhosa não, mas é que eu acho que a mulher deve se dar o respeito. Porque, andando atrás, os homem não querem não. A mulher se entregou demais aos homem, ele não quer. [DIRCINHA].



Figura 40 Dona Dircinha. Fonte: arquivo da pesquisadora.

Nos encontros em que contavam suas trajetórias, as entrevistadas performatizavam histórias de seu passado. Reproduziam o tom e o volume da voz e os gestos expansivos com que se impuseram em determinadas ocasiões, sobretudo em brigas nas quais se defendiam de alguma injustiça. Mais que *contadas*, as histórias são revividas – o que explica o uso preferencial do discurso direto, como recurso de dramatização. Em vez de dizerem: “ele perguntou se...”, elas anunciam que o personagem em questão perguntou algo, e, em seguida, passam a reproduzir a pergunta, imitando a voz, o tom e os gestos da pessoa de quem falam. É o caso da história contada por Maria Angelina, referente à única confusão em que recorda ter se envolvido:

Uma vez eu tava grávida, de cinco meses, e no salão, né. Fazendo salão, bebendo, dançando, fazendo toda estripulia. Aí o homem bebeu, bebeu, bebeu e eu bebi muita dose, enchi a mesa de copo só de dose que eu tomava. Aí a gente foi pro quarto. Aí quando terminou

lá ele veio dizer que não ia me pagar e eu disse: "Como é a história?!". Peguei a chave, tranquei o quarto, tirei a chave da porta. Pra nós lutar lá dentro, só nós, né? Eu com barriga e tudo.

Aí tinha o vigia, né. Era o guarda. Aí, quando ele ouviu aquela doidice, ficou batendo na porta. E eu digo: "Que é, seu Augusto, que o senhor quer?". "Abra essa porta, Maria!". Eu digo: "Eu não vou abrir, porque esse caboco não quer me pagar, ele vai sair daqui só quando ele me pagar". Aí ele me pagou, né? Eu abri a porta. Mas também, quando eu saí pro salão, eu peguei a cadeira – as cadeiras tinha perna de ferro – peguei a cadeira, sapequei lá na mesa, quebrou tudo que foi de garrafa e copo, sabe? Ele ainda num tinha pago a despesa. E sentei o salto do sapato na cabeça dele, chega o sangue escorreu. Menina, eu era doida. Foi pior pra ele, porque ele foi pagar tudo. Além de ter a bebida, ele pagou o prejuízo de tudo. [MARIA ANGELINA].

As histórias assim contadas, com direito a interpretação, têm algumas características específicas. Cada uma dessas histórias tem um valor quase lendário, folclórico. É certo que tais performances não eram inéditas quando apresentadas a mim, mas já haviam sido repetidas antes, ao longo dos anos, aos parentes e vizinhos próximos. Para a antropóloga Cláudia Fonseca, as histórias pertencentes à tradição oral de uma comunidade, encenadas por narradores locais nas conversas cotidianas, tem duplo valor: de entreter e transmitir lições morais (FONSECA, 2004). A observação da autora é válida também para o conjunto das histórias em análise neste estudo. É possível atestar que, além de reter a atenção da audiência, as histórias são contadas primeiramente por causa das lições nelas contidas. Os atributos de coragem e valentia, que nas palavras das entrevistadas significam ser “doida”, “danada” ou “ruim”, representam características pessoais consideradas, por elas, admiráveis. A história narrada por Novinha, sobre o fim de seu segundo casamento, reforça o valor dado à sua característica de mulher decidida:

Ele era bom pra mim, e minha mãe começou a gostar dele. Depois de um tempo, eu fiquei grávida de um menino. Aí, um dia, chegou uma senhora na minha porta e uma mocinha bem novinha, bonitinha, moreninha. Eu morava numa casinha bem pequenininha, bem bonitinha, bem arrumadinha. Eu morava sabe onde, ali na rua João Sorongo, ali pertinho do trilho. Aí a mulher disse que era esposa do nêgo. Eu falei logo: “pois ele disse que a mim que era viúvo, por isso que eu tô com ele, esse tempo todim”. E ela: “pois ele num é viúvo não, tô aqui vivinha, e quero que ele vá na minha casa hoje”. E ele num me contava nada... Nem toda noite ele dormia lá em casa não, porque ele dizia que ia estar de vigia na prefeitura... A mesma desculpa que ele dava pra mim, ele dava pra a outra mulher. Aí quando ele chegou, eu disse: “olha, eu não lhe quero mais” – e eu já tava grávida de quatro meses – “num quero mais, porque você não é viúvo. Você tem uma esposa e uma menina”.

Eu arrumei um emprego e num quis mais o tal do nêgo, de jeito nenhum. Porque *eu sou ruim*. Depois que eu digo que eu num quero mais uma coisa, acabou mesmo! Devolvi a chave da casa pra mulher que alugava a casa, e fui embora. E eu tava grávida. [NOVINHA]

O papel de mulher indefesa, antítese dessas características, é, assim, refutado pelas entrevistadas. Para corroborar as afirmações e histórias sobre o próprio temperamento, são citadas as opiniões que dizem ouvir de parentes e conhecidos de longa data:

Minha mãe me achava muito danada. Ela dizia “essa menina foi quem ensinou o diabo a andar de cangalha” [...]

Às vezes ele [o marido] dizia pra mim: “menino, essa mulher parece que é a encarnação é do Lampião”. [DORINHA].

Poder-se-ia dizer, a partir dessas falas, que a descrição de si mesmas como mulheres corajosas e fortes seria apenas um subterfúgio diante de uma situação de opressão ou dominação absoluta. Opto, entretanto, por considerar o modo de ser das *imperosas* como uma forma original de criar-se como mulher. Em uma época em que as revistas femininas de circulação nacional recomendavam fazer vistas grossas às traições do marido, as personagens deste estudo optavam por abandonar o lar quando algo as indignava mais seriamente. O fato de não se colocarem como vítimas, mesmo quando relatam situações de sofrimento, permite questionar a existência de uma dominação absoluta exercida sobre essas mulheres.

A condição da prostituta, como a do conjunto das mulheres, não é de dominação ampla e irrestrita. As personagens aqui apresentadas detinham também sua própria parcela de poder, exercida sobretudo na esfera relacional, a partir da autoridade que afirmam ter exercido sobre os homens. Descrivê-las como mulheres submetidas a uma dominação ampla e inescapável seria exercer sobre elas uma nova opressão, negando sua capacidade de agência e seu papel como atrizes do mundo social.

[...] “hoje estamos em condições de opor-nos à velha idéia segundo a qual o ator é incapaz de agir segundo suas próprias orientações em um mundo modelado por uma dominação” (TOURAINÉ, 2007, p. 187).

#### 5.4 Afetividade e utilitarismo – esferas distintas?

Para Laurie Shrage, não seria possível estabelecer uma definição única do trabalho sexual. A autora parte da afirmação de que os significados das práticas sociais variam conforme os contextos socioculturais. Analisando etnografias sobre a temática da prostituição, a autora observa que a mesma prática básica, da troca do sexo por dinheiro, é interpretada de maneira bastante distinta pelos sujeitos de cada pesquisa. Os significados do aluguel do corpo, atribuídos pelas prostitutas e os clientes, variam conforme os valores sociais. A partir dessa compreensão, Shrage chama a atenção para o fato de que os atuais

conceitos sociológicos e políticos sobre a prostituição não se aplicam a pesquisas que se reportam a outros momentos históricos.

As observações de Shrage sobre uma etnografia em particular interessam a este estudo, pois demonstram que a oposição entre os modelos femininos de esposa e prostituta, que tende a ser posta como uma evidência, na verdade pode ser desmentida em alguns contextos empíricos. Para essa autora, a idéia de modelos opostos foi herdada do ideário normatizador da prostituição, que, no século XIX, rotulava as meretrizes como *desviantes* da norma instituída. Para questionar a imanência de tal oposição de papéis, Shrage lança mão da etnografia de Luise White<sup>101</sup>, sobre a prostituição praticada em Nairóbi, capital do Quênia<sup>102</sup>, na primeira metade do século XX. De acordo com White, na modalidade de meretrício praticada em Nairóbi,

As mulheres, na ausência de oportunidades de emprego formal, ganhavam o dinheiro necessário à aquisição de propriedades por meio da prostituição... Não houve rufiões ou cafetinas em nenhuma época da história do Quênia, o que possibilitou às prostitutas administrar seus próprios ganhos – quando lhes era de interesse – e manter relações íntimas e estáveis com os colonos que eram seus clientes. (WHITE, 1990, pp. 1-2, apud SHRAGE, 1994, p. 106, tradução minha).

Segundo a autora, a forma de prostituição praticada no Quênia, à época, estava relacionada como características do regime colonial em que o país vivia. Os colonos que ali viviam, segundo a pesquisadora, contratavam os serviços de prostitutas não apenas como válvula de escape sexual, mas também lhes pagavam pela realização de tarefas domésticas nas residências que fixavam na colônia.

Em suma, a prostituição nesse contexto era organizada a partir de pressupostos culturais e necessidades formatadas por uma conjuntura social específica – os pressupostos de gênero e as supostas necessidades de subsistência da força de trabalho masculina, assim como as necessidades familiares e as aspirações pequeno-burguesas das filhas de camponeses locais (SHRAGE, 1994, p. 108, tradução minha).

De tal modo que, nesse contexto, Shrage conclui, as prostitutas assumiam o papel de “esposas de meio-período”. As reflexões dessa autora interessam a esta pesquisa, na medida em que, no contexto retratado nas memórias das entrevistadas, a prática prostituinte era informada por alguns aspectos particulares, a saber: a *sociabilidade de fronteira*,

---

<sup>101</sup> Cf. WHITE, Luise. *The comforts of home: prostitution in colonial Nairobi*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

<sup>102</sup> País da África Oriental, colônia do Reino Unido até o ano de 1963.

característica da prostituição portuária; e as relações de longo prazo estabelecidas entre prostitutas e alguns marítimos, que se tornavam seus clientes preferenciais. Passo a discutir esses dois aspectos a seguir.

Utilizando o termo “sociabilidade de fronteira”, refiro-me aos trânsitos de pessoas típicos das zonas de meretrício localizadas em regiões portuárias. Nas décadas de 1960 e 1970, o porto do Mucuripe recebia navios com bandeiras de várias nacionalidades, de forma rotineira<sup>103</sup>. A circulação constante de marítimos holandeses, dinamarqueses, norte-americanos, japoneses e alemães, entre outras nacionalidades, configurava uma cultura local com características cosmopolitas. Os encontros interculturais forjavam, entre as mulheres nativas, novas idealizações sobre as masculinidades, que contrapunham as características dos homens locais àquelas atribuídas aos estrangeiros. Sobre este período da história do Serviluz, o antropólogo Leonardo Sá escreve:

A zona do Farol era um desses exemplares dos bas-fonds característicos das zonas portuárias mundo afora. Os trabalhadores portuários, estivadores, os pescadores artesanais, os pequenos comerciantes e os marítimos do Serviluz entravam num circuito de concorrência masculina pela preferência e estima das prostitutas mais bonitas, benquistas, apreciadas e comercialmente procuradas. Os homens locais enfrentavam nesse espaço de masculinidades em disputa os homens da cidade de outros bairros e os marítimos e marinheiros forasteiros ou estrangeiros. Estes dois últimos como clientes eram mais estimados, pois possuíam recursos e repertórios culturais próprios muito apreciados entre as prostitutas (SÁ, 2010, p. 201-201).

#### 5.4.1 A generosidade dos *amigos*

Esse contexto cultural, engendrado tanto pelas aspirações das mulheres locais, como pelas demandas dos marítimos estrangeiros que acediam ao porto do Mucuripe de forma regular, criou as condições para que as prostitutas tivessem, na zona do Farol, um tipo de cliente preferencial que recebia a alcunha de *amigo*. Da mesma forma, esses embarcações – estrangeiros ou de outros estados brasileiros – elegiam, em alguns portos, como evidenciam os relatos das entrevistadas, *acompanhantes* que lhes supriam necessidades afetivas de acolhimento, além da prestação de serviços sexuais. Havia um acordo tácito entre a prostituta e seu amigo, de modo que, durante a estadia do marítimo na

---

<sup>103</sup> A queda no movimento do porto foi determinada, entre outros fatores, pela inauguração do Terminal Portuário do Pecém, no ano de 2002, no município de São Gonçalo do Amarante, a sessenta quilômetros de Fortaleza. Por sua localização estratégica e pela infraestrutura capaz de receber navios de maiores proporções, tem substituído o Porto do Mucuripe como ponto de passagem de rotas internacionais.

cidade, os encontros sexuais entre ambos seriam mutuamente exclusivos<sup>104</sup>, como descreve Dona Novinha: “[...] quando ele vinha, era só pra ele. Quando ele tava perto de mim, eu passava dois dias sem ficar com outro homem! Só ficava com outro homi depois que ele ia embora”.

No caso das relações entre *acompanhantes* e *amigos*, a figura feminina da esposa, ao contrário de um par antagônico, poderia ser mais precisamente descrito como um modelo do qual as narradoras dependiam. No caso de Novinha, o conceito de “esposa em meio-período”, descrito por Shrage, parece mais aproximado. No relato transcrito abaixo, a entrevistada descreve uma relação mantida com um embarcadiço seu *amigo*, durante um período de nove anos:

Ah, eu conheci ele... Passei mais de nove ano gostando dele. Mais de nove ano. Ele era muito bom, muito bom, mesmo. Essa chinela japonesa<sup>105</sup>, não tinha no Brasil. Quem primeiro botou chinela japonesa, no Brasil, aqui, foi eu, e a Dolores Branca, que era uma mulher que gostava do rapaz do mesmo navio, do Crispim<sup>106</sup>. Aí, ele trouxe uma chinelinha pra nós, aí começou a dizer assim: “minha filha, calce a chinelinha, pro pessoal ver, que eu tenho muito lá, à bordo [à venda].

Eu conheci esse rapaz quando eu morava no Mucuripe. Aí, quando nós viemo pra cá, avisei ele também. Quando o navio chegava, ele vinha direto pra minha casa. Aí foi o tempo que, não sei porque, nós se deixamo. Aí foi um desacerto danado. Foi muito choro. Ele trazia muita coisa pra mim, só coisa estrangeira. Era perfume, era roupa, era calçado. Ele passava dois, três mês, pra vir. Porque o navio ia pro exterior, demorava muito. E aí, quando ficava aqui, passava às vezes três dias, dois dias, porque o navio era estrangeiro. Navio estrangeiro não pode demorar muito no porto. Ele era muito bom pra mim, muito mesmo. Tô dizendo, essas chinelinha japonesa quem primeiro botou no pé, no Brasil, foi eu, e eles trouxe um bocado pra vender, que era contrabando, naquele tempo. Fazenda [tecidos] ele trazia só pra mim, trazia corte. Trazia muita coisa, muita. Ele era de Rio Novo, de São Luís do Maranhão. Ele era um cabocão alto, bonito que só. Ave Maria, eu era encantada por ele, meu Deus do céu. Quase que eu enlouqueço. Era novinha, né, parecia até com gente.

Se desencontramos porque foram dizer lá que eu tava com outro amigo dele, e eu nem tava. E jurou como eu tava, e eu disse uma

<sup>104</sup> A maioria dos relatos menciona estadias de três dias a cinco dias, período de permanência dos navios na cidade.

<sup>105</sup> “Chinela japonesa” era então a denominação geral para o modelo de sandália de tiras, importado do Japão, originalmente chamado de Zori. No começo da década de sessenta, a marca brasileira Havaianas passou a produzir chinelos similares, em borracha, abrindo espaço para a popularização deste tipo de calçado no país, nos anos seguintes.

<sup>106</sup> O lagosteiro Crispim, de bandeira britânica, fez sua primeira viagem pela costa brasileira em 1958. Pertencia à companhia de exportação Pan Americana, fundada por um comerciante inglês. Fonte: Tradição - Modernidade - Sustentabilidade. Icapuí-Ce: Os desafios do desenvolvimento de uma comunidade diante do imperativo da sustentabilidade. 272 págs., tese de doutorado, UNB, Desenvolvimento Sustentável, 2002. Disponível em: <http://www.unbcds.pro.br/publicacoes/LuisAssad.pdf>

porção de coisa com ele, e ele disse que eu tava, e eu que eu não tava, não... Eu disse que o outro teve lá em casa, mas tava com uma inquilina minha. Não era comigo, não. Pois é, minha filha. Aí nós deixemo tudo. Também, eu comecei a arranjar os outros homi. Aí perdi a amizade dele. Comecei a arranjar outros namorado, né. Era nova...

Mas nesses nove anos, eu não tinha só ele, não. Tinha meus namorado! Tinha muito namorado, e era mais era americano. Não era brasileiro, não. E ganhava muito presente, naquela época, era bom. [NOVINHA].

O dinheiro pago pelos homens que freqüentavam as casas de prostituição deste período comprava não apenas sexo com as mulheres ali disponíveis, mas intermediava a construção de relações em que afetividade e interesse econômico não parecem ser pares antagônicos, mas antes estabelecem uma relação complementar. Nas próximas páginas, pretendo examinar as interpolações entre afetividade e dinheiro, a partir das memórias das entrevistadas sobre as relações com seus clientes.

O meretrício tem sido comumente representado como a troca de sexo por dinheiro, e a “ausência de amor” entre prostituta e cliente já foi definida como uma das características do comércio do sexo, como na etnografia de Anjos Jr sobre a zona do Farol<sup>107</sup>. O dicionário Houaiss da língua portuguesa traz a acepção da prostituição como “atividade institucionalizada que visa a ganhar dinheiro com a cobrança por atos sexuais”. Perspectivas sociológicas mais recentes, no entanto, tem modificado a definição desta instituição social, por meio da observação mais detalhada das trocas envolvidas entre prostituta e cliente<sup>108</sup>. Neste estudo, as memórias das personagens apresentam tantos casos em que afetividade e sexo venal se inter cruzam, que se torna impossível considerar tais casos exceções à regra da ausência de sentimentos. As personagens desta pesquisa falam de um período em que o envolvimento afetivo com os clientes era não apenas comum, mas parte da maneira como o meretrício era praticado. Entre os opostos extremos da relação romântica e do sexo venal, as mulheres das pensões situavam as modalidades intermediárias de envolvimento afetivo, representadas em uma classificação própria, que distingue os clientes eventuais daqueles que lhes visitavam assiduamente e compartilhavam com elas alguma intimidade, nomeados de *amigos*.

Nas primeiras ocasiões em que ouvi sobre os clientes na condição de “amigos”, pareceu-me que estes seriam, nos espaços de prostituição, uma minoria, exceções à regra

<sup>107</sup> Cf. ANJOS JÚNIOR, Carlos Silveira Versiani dos. A serpente domada: Um estudo sobre a prostituição de baixo meretrício. Fortaleza: UFC, 1983.

<sup>108</sup> Cf. ABSI, Pascale. De la trasgresión a la subversión: el valor del dinero em los prostíbulos de Bolívia. In: PAVEZ, Jorge e KRAUSHAAR, Lilith: Capitalismo y Pornologia. Santiago, Universidad Católica del Norte, 2011. p. 379-404.

de encontros rápidos e sem perspectiva de continuidade. Minhas próprias projeções, a partir de uma pesquisa no baixo meretrício em 2005, estavam ainda relacionadas a uma prática prostituinte contemporânea, em que a prostituta se autodetermina como profissional do sexo e o termo “cliente” é empregado com naturalidade. Essa perspectiva, no entanto, não poderia ser empregada para compreender o contexto das narradoras observadas neste estudo.

Com a repetição das conversas com as mesmas mulheres, ao longo de várias tardes em suas casas, no Serviluz, a temática dos amigos mostrou-se muito recorrente, constituindo-se em um eixo norteador de assuntos. Os depoimentos das entrevistadas revelam uma época em que a prostituição não possuía um estatuto profissional. O fato de se referirem aos frequentadores dos cabarés não como clientes, mas como “amigos”, não resulta de um mero eufemismo. A categoria “amigos”, presente nas falas das narradoras, diferencia-se da figura do cliente, representando um embarcado que se tornava conhecido da casa e desenvolvia um laço social com uma das inquilinas, a quem passava a visitar a cada vinda do navio para aquela estação portuária. Para restabelecer o contato, providências de ambos os lados eram tomadas, e era comum que os marítimos voltassem a procurar suas companheiras de costume nas boates em que as encontraram trabalhando da vez anterior, enquanto as mulheres cuidavam, caso as interessasse, em não assumir outros compromissos nos dias em que o navio de um amigo iria aportar.

Os amigos frequentemente ofereciam, além do pagamento, presentes e “ajudas”. Dona Dircinha relata a ocasião em que, como gerente da “boate da Baiana”, no Serviluz, garantiu que a casa permanecesse lotada durante quatro dias, em virtude da vinda de alguns navios em que trabalhavam amigos seus.

Porque nesses quatro dias, a casa ficou cheia, mas também porque eram navios que eu conhecia a tripulação. Os embarcados já eram meus amigos do meu tempo da batalha, de Natal. Eles tudim me queriam bem, me respeitavam. Aí uns vinham, chamavam os outros, e lotavam a casa (Dircinha, 2011).

A *consideração* dos amigos era valorizada na construção de uma imagem positiva de si. É demonstrando orgulho que sublinham, em seus relatos: “meus amigos me ajudaram muito”. Ter uma cota de amigos significava mais que ter conquistado uma clientela cativa, sinalizava o pertencimento a uma rede de solidariedade social. Cultivar cotidianamente esse tipo de laços possibilitava, às mulheres, inscreverem-se em uma economia particular de dádivas e contradádivas.

As mulheres ofereciam companhia, amizade. E a retribuição devia ser feita também, permitindo a continuidade dessa modalidade de ciclo da dádiva, com a oferta de presentes e artigos de luxo de difícil acesso. As entrevistadas se queixam da substituição desta lógica de solidariedade por uma mentalidade comercial mais estrita.

Mas eu tive sorte de ganhar geladeira de homem, eu tive sorte de ganhar televisão, eu tive sorte de ganhar armário. Entendeu? [...] Na época dos navios de passageiros, Anna Nery, Rosa da Fonseca, traziam seda japonesa. Tecidos, perfumes. Perfume Isa, que hoje já se encontra aqui, mas naquela época... Só quem usava Isa é quem usa um perfume da Boticário hoje, ou da Natura, entendeu? (GLÓRIA, 2011).

Para Mauss, as trocas de presentes são, no fundo, misturas entre as pessoas envolvidas. “Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas”, diz o autor (MAUSS, 2009, p. 212). Mauss observa que, em uma determinada sociedade dita primitiva, o oferecimento de presentes faz parte dos ritos de encontro de duas pessoas há muito separadas, de tal forma que as trocas realizadas não têm função utilitária, mas de reforço dos laços preexistentes. Neste sistema complexo, pode haver relações de rivalidade, em que se disputa sobre a capacidade de ofertar coisas mais valiosas. Aspectos dessa dinâmica societária podiam ser encontrados também na comunidade da zona de meretrício do Farol, décadas atrás, quando era comum que os clientes oferecessem às prostitutas, além do pagamento pelos serviços sexuais, objetos como perfumes, bebidas e cortes de tecido. Tais ofertas não poderiam ser explicadas por uma lógica utilitarista, mas se tornam compreensíveis à luz da teoria da dádiva, enunciada por Mauss.

É possível localizar, no sistema de trocas que as entrevistadas descrevem, aspectos do sistema da dádiva descrito por Mauss. São exemplos disso o caráter não-utilitário das trocas realizadas, que tinham, sobretudo, o papel de selar laços de amizade, assim como o valor de disputa que os gastos masculinos costumavam assumir. As rivalizações sobre quem é capaz de agir de forma mais pródiga representavam, também, demonstrações de masculinidade<sup>109</sup>.

As histórias contadas por Dona Glória, sobre as trocas de gentilezas na recepção dos marítimos em uma casa de prostituição local, constituem um exemplo desta dinâmica. Ela explica que era comum, à época, que os marítimos recém-chegados, após um longo

<sup>109</sup> Conclusão semelhante foi obtida pela antropóloga Pascali Absi, em outro contexto empírico. Em sua etnografia sobre uma zona de meretrício na região mineradora de Potosí (Bolívia), ela afirma: “como o trabalho, a magnanimidade é também uma qualidade essencial da masculinidade. Significativamente, o insulto familiar “*q’ewa*” significa, a um só tempo, tacanho e efeminado, no dialeto quéchua”. (ABSI, 2011, p. 392, tradução minha).

tempo sem visitar a casa de sua preferência, oferecessem uma quantidade determinada de peixes ou frutos do mar à dona do local. Com esse donativo, as mulheres da casa preparavam, na noite seguinte, um jantar de recepção aos marinheiros. Nessa ocasião, era costume que os marítimos presentearassem novamente as donas-de-casas com objetos provenientes do navio, que passavam a compor a decoração do local. Na casa descrita nas recordações de Glória, a aliança entre a madame e seus clientes ficava marcada também por quadros na parede, em que os nomes dos marítimos daquela embarcação eram listados à tinta, em letras de forma. Recorrendo ao vocabulário de Mauss, é possível descrever tal troca de amabilidades como “desinteressada e obrigatória ao mesmo tempo” (MAUSS, 2009, p. 232). O interesse estaria na importância social de criar um laço de amizade perene, garantindo às madames a clientela cativa, e, aos marítimos, a acolhida e a precedência sobre outros clientes, assim como o reforço de seus ideais de masculinidade.

As trocas não-utilitárias tinham, nesse contexto, um papel simbólico importante: para as mulheres que trabalharam na zona do Farol nessas décadas, a experiência no meretrício parece abranger todas as áreas da vida – em vez de se resumir a uma esfera separada. As relações com os marítimos facilmente se confundiam com relações afetivas, uma vez que o sistema de pagamento por serviços sexuais poderia ser ocultado ou substituído por dádivas feitas e retribuídas.



Figura 41 No alto, à direita: quadro com nomes de embarcações enfeitada parede da boate. Fonte: arquivo pessoal da entrevistada Glória.



Figura 42 Bandeiras de embarcações decoram as paredes da boate. No alto, à esquerda: bandeira da Companhia Brasileira de Transportes de Granéis (CBTG). No alto, à direita: bandeira da Aliança Navegação e Logística. Fonte: arquivo pessoal da entrevistada Glória.

Os envolvimento românticos descritos pelas mulheres pesquisadas neste trabalho contradizem a noção comum de que amor e relações utilitárias não podem – ou não deveriam – se misturar.

A zona não era apenas lugar de jogatinas, de comércio de sexo, de drogas e de bebidas. O Farol estava eivado de significações amorosas, libidinosas, investimentos estéticos, fluxos de desejos, que ultrapassavam a simples equação de uma troca monetária por serviços sexuais. (...) Foi deste modo que eu pude perceber que o circuito de trocas dos bordéis acabou se transformando em uma modalidade local de potlach em torno de liberalidades, honras e moedas de um universo de práticas sexuais e relações amorosas não-convencionais. As rivalidades e os antagonismos masculinos em torno da preferência e da estima das mulheres dos cabarés levava às brigas, às mortes e às traições, pois envolviam prestações totais de tipo agonístico (Mauss, 2003) (SÁ, 2010, p. 201-202).

De fato, o discurso das narradoras incorpora uma noção de *liberalidade obrigatória*<sup>110</sup>. A partir das declarações das entrevistadas, depreende-se que a avareza é, para elas, uma característica particularmente condenável. Percebe-se que, na zona de meretrício do Farol, um princípio moral parecia limitar a quantidade de riquezas cuja acumulação poderia ser considerada justa. Quando afirmam ter acumulado algum dinheiro ao longo da vida, as entrevistadas acrescentam de imediato a informação de que não foram avarentas, enumerando as pessoas, parentes, amigos, maridos e filhos, que por ela foram sustentados ou ajudados.

Minhas filhas nunca moraram comigo, porque eu não queria que as minhas filhas me vissem embriagada, hoje com um homem e amanhã com outro. Eu não queria dar mau exemplo. Então elas foram criadas com a minha família. Só que a responsabilidade era minha. Comida, roupa, tudo eu pagava. Até pros meus irmãos e minhas irmãs, eu custeava tudo. Eu acho que a minha mãe não tem o que dizer de mim. Hoje eu não ajudo mais porque eu não tenho.

[...]

Também ajudei muito a minha família, fiz a casa da minha mãe. O meu pai, na época, não era aposentado. Ele passava quinze dias trabalhando e quinze bebendo. Os quinze dias que ele trabalhava, ele recebia. E os quinze dias que ele passava no goró, ele gastava tudo que tinha recebido. Então, eu ajudei muito a minha família. Muita gente aqui sabe que eu fui uma boa filha. [DONA GLÓRIA].

Da mesma forma, apressam-se em contar casos em que sua conduta foi pródiga, como forma de sublinhar que jamais detiveram, para si, uma quantidade de riquezas além do que se poderia chamar de *justo*.

<sup>110</sup> A noção de liberalidade obrigatória é discutida originalmente por Marcel Mauss, a partir da observação de comunidades ditas primitivas. Cf. MAUSS, Marcel. Dom, contrato, troca. In: \_\_\_\_\_. Ensaio de sociologia. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 351-367.

Eu tinha era muita jóia. Só coisa cara, relógio de ouro, pulseira, tudo de ouro. Mas eu empenhei pra vir pra cá e nunca fui nem buscar. Eu empenhei pra vir pra Fortaleza, pra ver um embarcado que tinha me chamado. Ele disse que eu fosse pra Fortaleza ou pra Recife, pra ver ele. Eu achei mais fácil vir pra Fortaleza, que eu vinha pra casa de uma amiga minha, já tinha o endereço, né. Aí, pra pagar as passagens, eu empenhei minhas jóias num bar de um senhor que empenhava as jóias das pessoas. Mas nunca voltei pra pegar nada meu. Deixei minhas coisas tudim lá em Natal, roupa e tudo. Eu nunca liguei pras coisas, nunca. Eu nunca fui ambiciosa, não. [...] É tanto que, quando eu vim pra cá, eu não voltei mais. Deixei minhas coisas tudim lá [DONA DIRCINHA].

São comuns, também, as histórias de mulheres que, mesmo tendo que trabalhar diariamente para garantir o seu sustento e o dos filhos, se dispõem a adotar e criar os filhos de outras prostitutas, mortas ou impossibilitadas de sustentá-los por motivos de doença. É o caso de Novinha, Dircinha, Edna e Maria Angelita, todas mães adotivas de crianças cujas mães não puderam arcar com o cuidado dos filhos. Mostrando-me um álbum de família, uma das entrevistadas conta sobre sua filha adotiva, abandonada por um colega do Farol:

Essa aqui é uma menina que eu criei. Linda, né? Ela tem 18 anos, mas é doentinha da cabeça, sabe? Eu criei ela por seis anos. A mãe, quando teve, rebolou ela no quarto de uma senhora, lá perto da minha casa. Se mandou no meio do mundo e deixou a bichinha sem nada. Aí quando a criança adoeceu, e a mulher também, eu peguei a criança e cuidei. Aí ficou seis anos comigo [DONA MARIA ANGELINA].

Mais uma vez, o valor dado à generosidade é demonstrada não apenas no discurso das mulheres, mas em suas práticas cotidianas. Os significados atribuídos à riqueza e à sua acumulação guardam semelhanças com noções morais anteriormente observadas por Mauss entre os costumes do povo Houssa: existe uma moral relacionada à posse de bens materiais, de modo que se introduz a necessidade da ajuda aos mais pobres:

A esmola é fruto de uma noção moral da dádiva e da fortuna, de um lado, e de uma noção do sacrifício, de outro. A liberalidade é obrigatória, porque Nêmesis vinga os pobres e os deuses pelo excesso de felicidade e riqueza de alguns homens que devem desfazer-se delas: é a velha moral da dádiva transformada em princípio de justiça; e os deuses e os espíritos consentem que as porções que lhes dão e que são destruídas em sacrifícios inúteis sirvam aos pobres e às crianças. (MAUSS, 2009, p. 208).

Nas histórias contadas, os gastos suntuários serviam como medida de valorização pessoal. Entre os homens, a prodigalidade era incentivada: pagar muitas “doses” às mulheres, ser generoso no pagamento dos programas e oferecer-lhes presentes eram atitudes masculinas prestigiosas. Entre os pescadores locais, tais comportamentos eram

adotados também para rivalizar com os estrangeiros que freqüentavam o local. Entre os marítimos de outras nacionalidades, a disputa por mulheres e os gastos nos cabarés locais também refletiam uma rivalidade permanente. Assim, as entrevistadas descrevem a separação de clientes por nacionalidades, de modo que algumas casas especializavam-se na acolhida exclusiva de alemães ou de americanos, sem jamais misturá-los, como forma de evitar lutas corporais e prejuízos ao negócios.

Era muito homem. Descia trinta, quarenta, cinquenta homens, assim, a fileira. Só pra você ter uma idéia, aqui tinha as boates: Sayonara, Chave de Ouro, Las Vegas... Só recebia gringo. Chave de Ouro, uma época, também só recebia gringo. Depois que trocou de proprietária foi que passou a receber brasileiro. Las Vegas, Sayonara, Hamburg Bar, só era casa de alemão. Alemão, norueguês, dinamarquês. Sayonara, que quer dizer *grego*<sup>111</sup>: os gregos chegavam, a dona da casa tinha aquela pilha de prato, que eles só dançam quebrando. Comprava pra eles quebrarem, mas ela não perdia nada com aquilo ali, não. No final da festa, o dela tava na mão [DONA GLÓRIA].

### 5.5. Envelhecimento e *aposentadoria*: “eu não estou morta”

O conflito entre as aspirações de autonomia e os entraves sociais enfrentados pelas entrevistadas se reatualiza durante a velhice, exigindo-lhes um permanente esforço para a produção de si mesmas como mulheres livres. Quando refletem sobre seu momento atual, elas colocam dificuldades relacionadas ao declínio do corpo, mas também expõe o que consideram vantagens advindas do avanço da idade. Paradoxalmente, a decadência do corpo é, a um só tempo, tematizada como causa das perdas e dos ganhos do envelhecimento.

As reflexões da antropóloga Mirian Goldenberg, que afirma que, na cultura brasileira, o corpo assume o valor de um capital, serão centrais para a discussão que apresento a seguir. Segundo Goldenberg,

Na cultura brasileira contemporânea, determinado modelo de corpo é uma riqueza, talvez a mais desejada pelos indivíduos das camadas médias urbanas e também das camadas mais pobres, que o percebem como um importante veículo de ascensão social. (GOLDENBERG, 2009, p. 15).

Para a autora, o medo de envelhecer, sentido por parte das mulheres brasileiras, se explica em virtude da depreciação e perda do capital representado pelo corpo jovem e desejável. Pesquisando mulheres em torno dos cinquenta anos, Goldenberg destaca alguns tipos de discursos femininos mobilizados pela temática do envelhecimento, dentre os quais

<sup>111</sup> A entrevistada recebeu esta explicação da dona da casa, mas o vocábulo, de origem japonesa, quer dizer “adeus”.

a ideia de perdas e *aposentadoria*, que interessa particularmente a este estudo. A pesquisadora verifica a tendência de algumas mulheres se excluírem, por decisão própria, do mercado afetivo, por considerarem que não mais correspondem a um modelo de corpo ideal.

Discurso semelhante é encontrado na fala de dona Dircinha, de setenta e três anos, que descreve sua desconfiança diante dos apelos masculinos que ainda lhe são dirigidos:

E hoje eu não quero homem, não quero mais animal... Tem esses gatos, dos outros, aí em casa. Eu fui pro banco, receber dinheiro, um dia desses. Quando eu to na fila, eu vi aquele homem dizendo assim: “ah, fila pra não diminuir, só faz é aumentar”. Aí eu reconheci a voz. Muitos anos que eu não via. E ele: “Dirce, é você? Tá fazendo o quê aqui?”. E eu: “o mesmo que os outros”. Aí ele: “ai, e tá aposentada? Cadê o Carlos?”. E eu disse: “o Carlos faleceu”. Aí me pediu meu endereço. Eu disse, “eu não vou lhe dar, não, sabe porque? Por que daqui uns dois ou três dias, eu vou receber uma passagem pra ir embora pra São Paulo”. Disse mesmo, só pra despistar, pra ele não vir bater aqui atrás de mim. Eu quero é que você veja. Da minha idade, esses homens ainda atrás de mim. Eu fico besta, pensando; “o que é que esses homens querem comigo, tem tanta jovem aí!”. Mas eu sei o que é! Eles pensam que eu tenho muito dinheiro. [Risos]

Viver sem um companheiro é algo apresentado como a opção mais razoável para ela, que duvida da autenticidade do interesse masculino por uma mulher de sua idade. É por escolha própria que Dircinha se retira do mercado afetivo. Comportamento semelhante é demonstrado por Edna, que usa a expressão “me aposentei” após falar de seu atual desinteresse por relações afetivas e sexuais. Entre as entrevistadas desta pesquisa, o valor da “aposentadoria” é associado, em seus discursos, a valores como honra e dignidade. Assim, a recusa do envolvimento afetivo e sexual aparece como um índice do retorno à norma, após as transgressões vividas na juventude.

Edna fala-me sobre uma colega, de sua mesma idade, que vive um relacionamento com um homem mais novo: “é uma sem-vergonha”. É interessante observar que o mesmo sentido de “sem-vergonhice” está presente em trechos das narrativas de Glória, quando fala de si mesma e de sua vida sexual ativa:

(...) eu sou “rede de arrasto”, *mermo*. Eu vou morrer véa sem-vergonha, *mermo*. Eu vou esconder nada da minha mãe? [Mostro] Tá aqui, mamãe, olhe: arranjei um homem, ele me deu trezentos dólar. Num vou trepar? *Mar minina!* Tomo banho ali, lavo o chinim, bota a camisinha, bota a rôla pra *dentu!* Ói, *mar minino*, boquete, tudo!

[Nesse momento, entra na sala uma menina de uns dois anos, neta de uma vizinha da entrevistada].

- Meu amor, ande dar um cheiro na vovó. Tu tava onde? Pega na mão da Érika, pergunta pra ela se ela tá boa! Fale “tudo bom?”. Olhe, essa moça tá fazendo uma entrevista do tempo quando eu era puta, eu era quenga. Agora sou *quenga véa, de segunda!* [GLÓRIA]

A prostituta, na velhice, tem seu estigma duplicado. As perdas do envelhecimento, narradas pelas entrevistadas, são percebidas a partir da idade de trinta anos, faixa etária em que, segundo elas, o aluguel do corpo começa a oferecer lucros cada vez menores.

Eles iam arranjar outras mais nova. Quando a pessoa vai ficando numa idade, eles já vão, né... Passou dos 30, eles já tão se desviando, tem que arranjar outra, novinha, né? É assim... As casas também não querem mais, depois de trinta [MARIA ANGELINA].

Deixa eu lhe dizer uma coisa, bem profunda. A prostituta é igual ao jogador de futebol: se ela não fizer nada até os trinta... Porque, depois dos trinta, só se ela for muito abençoada por Deus. O jogador de futebol, ele só tem carreira até os trinta. Porque se ele não se fizer até os trinta, depois, babau. Depois de ele cansar, já era. Entendeu?

(...)

Mas eu ainda bebo aqui, mais meus amigos, eu. Eu faço o maior fuá, eu. Bebendo, danço, e... Tomo banho [com os amigos], e faço o mó "Zé de Alexandre". É! Fazer os babado! Morri não! O pessoal diz: "ó, uma véa dessa!". Mulher, eu não morri, não! Pois é, minha filha! Eu tenho cinquenta e cinco anos. [GLÓRIA].

Quer se declarando como "fora do mercado" ou como sexualmente ativas, as entrevistadas apresentam-se como responsáveis por suas próprias vidas. Em seus discursos, novamente, a ideia de liberdade aparece como valor apreciado. Glória se apresenta como uma mulher que não tem medo de assumir sua sexualidade ativa, enquanto Dircinha enfatiza que já não precisa dos homens. Em ambas as formas de interpretar o envelhecimento do corpo, estão descritas estratégias de produção de si mesmas como sujeitos autônomos.

As falas das entrevistadas se referem a discursos sociais conflitantes entre si. A abstinência sexual pode simbolizar, para estas mulheres que foram prostitutas, um retorno à disciplina, uma forma de reafirmar sua normalidade. Por outro lado, o caráter transgressor do sexo é cada mais questionável, em uma época em que o discurso médico relaciona à prática sexual à manutenção da saúde física e psicológica. Como constatado por Nehring,

Houve uma época em que o sexo - até mesmo dentro do casamento - tinha um vestígio de transgressão. Hoje ele tem o sabor de quase obrigação. (...) A falta de desejo em qualquer ponto de nossas vidas ou de nossos relacionamentos é tratada como uma doença não menos legítima do ponto de vista médico do que o câncer. Até mesmo os habitantes de alguns asilos de idosos são encorajados a aderir e explorar seu "direito" ao prazer sexual. Algumas gerações se ofendiam com o desejo sexual; nós nos ofendemos com a falta dele. Resultado: o único comportamento sexual genuinamente transgressor que ainda resta pode muito bem ser a *falta* de comportamento sexual. (NEHRING, 2012, p. 84-85).

Com esta autora, penso que a opção de *não* fazer sexo pode também ser considerada transgressora. Quando uma mulher se mostra alheia às necessidades sexuais que a Medicina diz que são imperativas, esta postura pode ser mais contestadora que o sexo disciplinado, praticado de forma a reafirmar a normalidade e a funcionalidade do corpo. O aspecto transgressor estaria, neste caso, na possibilidade de viver o envelhecimento sem se deixar reduzir à condição de um corpo envelhecido. Como afirma Le Breton,

O velho já não é sua história, já não é sujeito, mas um corpo desfeito, cuja higiene e sobrevivência é preciso cuidar. Assim como um portador de deficiência, **o velho é objeto de seu corpo, e não mais completamente sujeito.** (...)

O envelhecimento, em termos ocidentais, marca a redução progressiva ao corpo, uma espécie de escravização a uma dualidade que opõe o sujeito ao seu corpo e o torna dependente deste último (LE BRETON, 2011, p. 225-6).

Para o autor, na percepção da sociedade, a pessoa que envelhece se reduz progressivamente ao seu corpo. Cuidar do corpo velho torna-se um imperativo mais importante, neste processo, do que preservar o papel de sujeito da pessoa que envelhece. O velho é, aos poucos, relegado a um papel coadjuvante em sua própria existência.

Talvez o aspecto realmente transgressor das experiências dessas mulheres idosas esteja no fato de que elas desafiam, com suas práticas, a visão da pessoa que envelhece como um não-sujeito. Nesse aspecto, optar pela falta da prática sexual ou viver o erotismo de forma intensa são condutas igualmente desafiadoras, na medida em que contestam a sexualidade normativa, praticada como medida de conservação da saúde, ou vivida por corpos belos, jovens, adequados a padrões. Contando suas aventuras sexuais, Glória enfatiza: “eu não estou morta!”. Ela não se resigna ao seu corpo, como se espera da mulher velha. Em última instância, a personagem inverte o olhar da sociedade sobre a mulher que envelhece, e coloca-se como sujeito, em vez de objeto, de seu próprio corpo.

## 5.6 Transgressão ou retorno à norma?<sup>112</sup>

As relações entre meretrizes e seus *amigos*, descritas pelas entrevistadas, foram um exemplo de sexualidade direcionada ao prazer, independente de objetivos reprodutivos. Desafiaram a moral vigente, na medida em que introduziam a suspensão dos códigos

---

<sup>112</sup> Agradeço ao prof. Dr. Alexandre Fleming Câmara Vale, pelas observações sobre a necessidade de problematizar os significados da transgressão nas trajetórias aqui estudadas, a partir das teorizações de Georges Bataille. O uso que fiz das sugestões, entretanto, é de minha inteira responsabilidade.

familiares. Em suas falas, as narradoras desta pesquisa ajudam a compreender alguns aspectos que diferenciavam suas experiências com os amigos e o que descrevem como a vida das esposas e donas de casa, que descrevem como “muito presa” ou “muito parada”.

Ao falar sobre suas relações com amigos marítimos, as narradoras estão descrevendo uma forma original de laço afetivo, engendrada em um contexto histórico específico, para escapar a algumas determinações que os modelos de feminilidade da época lhes impunham. Para além de suas necessidades econômicas, elas aspiravam por mais autonomia e por vínculos afetivos genuínos com os homens que escolhessem.

A gente podia escolher o cliente que a gente quisesse, assim como eles escolhiam a gente também, né? (...) Eu fiz amizades com senhores que eram gente boa, mesmo [MARIA ANGELINA].

Esse aspecto criativo e original das relações em questão convivia, no entanto, com valores tradicionalistas. As mesmas mulheres que criaram, mesmo diante de possibilidades restritas, formas de se afirmar enquanto sujeitos, também se alinham, em seus discursos aos valores que contrariaram. Assim, tem-se, na fala de Glória, uma grande preocupação em evitar o divórcio de seu amigo, enquanto Dora explica que não gostaria de ser responsável pelo fim de um casamento:

Eu nunca quis que ele pedisse divórcio. Não adianta ninguém querer ser feliz em cima da infelicidade de ninguém, não adianta. Quando a mulher dele teve um problema *no rins*, eu me prontifiquei em doar o meu pra ela. Eu me prontifiquei, sem que ela soubesse. Eu falei a ele: “olhe, se for tudo compatível, meu com o dela, sangue e tudo, eu vou pro Rio de Janeiro, você arca com a despesa, e eu vou aí pro Rio de Janeiro doar meu rim pra ela”. Ele chorou. “Glória, você... Você é capaz de fazer isso?”. Eu disse “por você eu faço qualquer coisa. Ela não é a mãe de seus filhos? Faça!”. Mas, graças a Deus, não foi preciso. É a vida, né, filha, fazer o quê? [GLÓRIA].

Aí eu pensei: “mas ele é casado, Deus me livre de fazer a infelicidade de ninguém”. (...) E eu com uma paixão louca, e isso passou meses, né [DORINHA].

A valorização do casamento é contada em muitas histórias nas quais os amigos casados são incentivados, pelas próprias meretrizes, a voltar às suas casas e prover seus filhos com o necessário, antes de gastar a totalidade de seus ganhos fora do lar, como na história contada por Dona Maria Angelina:

Aí tinha um rapaz que se dava comigo, casado. Ele passava de três, quatro dias, lá em casa, sabe? Eu mandava ele ir embora, ele ir em casa, né? Porque ele tinha deixado a família, mulher e os filhos, em casa, né? E ele dizia que não ia. (...)

Eu lembro que fui passar o café, aí ele pegou o tubo de gás, botou aqui no ombro e foi comprar um outro novo, bem de manhã, cedinho.

Aí, antes de ele chegar, a esposa dele chega à minha porta: "Bom dia, onde é que mora a Maria Angelina?" "tô aqui!" "Cadê o Manel?" "O Manel foi ali comprar o meu gás." "Mas já faz um bocado de dias, cinco ou seis dias que esse homem não vai lá em casa, e os meninos precisando das coisas!" Aí eu expliquei: "Minha senhora, ele não foi porque não quis, bem que eu mando ele ir embora todo dia! Ele diz que não vai, e eu não posso fazer nada. Eu mando" [MARIA ANGELINA].

A postura conservadora também é verificada nas opiniões sobre algumas modalidades sexuais, tidas como menos legítimas e pouco honrosas - é o caso das relações orais, que algumas entrevistadas qualificam como pecado ou "safadeza". As opiniões das entrevistadas a respeito da prostituição também podem ser consideradas conservadoras. Mesmo nos espaços dos cabarés, que poderiam ser considerados transgressores, havia comportamentos proscritos e condutas adequadas a se observar.

A partir da observação desse cenário, em que comportamentos transgressores e condutas conservadoras parecem se misturar, é possível questionar até que ponto a prostituição, no contexto pesquisado, teve algum papel violador das normas instituídas. Afinal, as entrevistadas desafiaram ou reforçaram as normas e valores instituídos?

A questão pode ser melhor examinada a partir das reflexões de Bataille sobre a maneira como a razão rege também as violações de regras sociais. Para este autor, o rompimento com as normas, dentro da vida social, acontece de forma regular, sendo possível falar em "transgressão organizada" (BATAILLE, 1987, p. 43). A zona de prostituição do Farol era, a um só tempo, cenário de vivências sexuais fora da instituição do casamento, e espaço dotado de suas próprias regras.

A transgressão organizada forma com o interdito um conjunto que define a vida social. A frequência - e a regularidade - das transgressões não invalida a firmeza intangível do interdito, do qual ela é sempre o complemento esperado (BATAILLE, 1987, p. 43).

A proposição de Bataille sobre a complementaridade das normas e das transgressões se adéqua à reflexão sobre o papel transgressor da prostituição no contexto aqui estudado. Em suma, para este autor, a transgressão pode contribuir para o reforço da norma. Como afirmado por Vale, a transgressão "(...) pode girar em torno da lei e de si própria, reforçando as relações de poder e dominação que transgride" (VALE, 2000, p. 27). Esta relação de complementaridade entre norma e transgressão é evidenciada quando se observa que, sem os interditos em torno da sexualidade, a prostituição em zonas confinadas, como a do Farol, seria inconcebível.

Assim, esta modalidade de prostituição não existia como uma forma de negação da conjugalidade tradicional. As mulheres que ali viviam não eram uma figura antitética à da esposa e dona de casa - seria mais preciso afirmar que, nas relações com seus amigos, as meretrizes dependiam do modelo do casamento tradicional, burguês e heteronormativo, atuando muitas vezes como esposas em tempo parcial, como tratado anteriormente neste capítulo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas apresentadas neste trabalho, por seis mulheres diferentes, que participaram da fundação de uma zona de meretrício na cidade de Fortaleza, resumem trajetórias de transgressão a normas sociais, mas também retratam experiências de liminaridade entre modelos restritos de conduta feminina. Dorinha, Edna, Novinha, Glória, Maria Angelina e Dircinha fizeram parte da construção coletiva de um modo *sui generis* de se tornar mulher, que tentei descrever neste trabalho. Os papéis femininos por elas criados não se enquadrariam na descrição de mulheres liberadas ou feministas *avant la lettre*, em busca de emancipação. Também não se encaixariam na figura de vítimas de uma dominação masculina inelutável, exploradas por terem vivido a condição de prostituta. Entretanto, formulando maneiras próprias de ser mulher, dentro de uma configuração social específica, construíram para si o papel que reivindicam ao contar suas histórias: o de atrizes sociais e protagonistas de suas vidas.

Em um contexto silenciador das subjetividades femininas, certamente as prostitutas que viveram na Fortaleza do tempo das pensões tiveram maior chance de expressão, através de suas falas, de seus corpos e de sua circulação no espaço social, se comparadas a muitas de suas contemporâneas. Diante de opções limitadas, a prostituição foi o meio encontrado por algumas mulheres para obter um grau de liberdade diferente do que alcançariam ingressando em carreiras profissionais “normais” ou vivendo sob arranjos conjugais regulares. A despeito do estigma enfrentado, o ingresso no meretrício as ajudou a conquistar liberdade para anseios pessoais desaconselhados pela moral dominante.

Nos caminhos deste trabalho, o rigor metodológico foi, muitas vezes, confrontado com a admiração que as personagens inspiravam, com suas histórias de força e auto-determinação. No início do trabalho, entrei no campo com a imagem estereotipada do que seriam minhas entrevistadas. Provavelmente mulheres corajosas, com algo de heroísmo. Em nenhum momento pretendi fazer-lhes uma hagiografia<sup>113</sup>, uma história de santas, mas isso não me impede de afirmar que essa impressão inicial de *bravura* apenas se confirmou. Cada uma das narrativas contada neste trabalho apresenta a trajetória de senhoras que sustentaram a si mesmas e às suas famílias em condições adversas, enquanto se construíam como sujeitos livres, apesar das limitadas possibilidades que lhes foram

---

<sup>113</sup> Em seu relato etnográfico sobre travestis da cidade de Salvador, Kulick (2008) destaca que as pesquisadas foram prevenidas, no início dos contatos com o pesquisador, de que o intento deste não seria descrevê-las como santas, mas da forma mais aproximada possível da realidade observada. Portanto, ele não iria escrever histórias de vida de santas (hagiografias), mas relatos incluindo também defeitos e aspectos pouco prestigiosos.

apresentadas. Cada uma delas representa uma parte importante da história social da cidade de Fortaleza.

Identifico, na forma como viveram as mulheres do Farol, algo das esposas de pescador, na longínqua aldeia do Mucuripe, nas primeiras décadas do século XX: os olhos fixos no mar, a esperar a volta de seus maridos. Penso na vida construída ativamente, nos períodos das esperas pelos amigos eleitos. Nas dobras das falas, adivinham-se as intensidades dos reencontros, vividos como despedidas, como na canção cearense: “as velas do Mucuripe vão sair para pescar/ vão levar as minhas mágoas pras águas fundas do mar/ hoje à noite namorar/ sem ter medo da saudade e sem vontade de casar”.

O momento da escrita, em que é necessário se distanciar fisicamente do campo - adquirir perspectiva, conseguir estranhar o que se tornou familiar - foi acompanhado de saudade. Enquanto escrevia, tinha em mente a imagem das personagens deste estudo. Me lembro de cada uma, teimosamente varrendo as calçadas de suas casas, invadidas pelo avanço constante da areia da praia. E, em outro movimento contrário às expectativas, amando o bairro periférico e estigmatizado. Com as unhas lustrosas de esmalte, cabelos alinhados, envelhecem orgulhosas de suas histórias. *Imperosas*. Mais uma vez, teimosamente, dizem alto a idade. Com indisfarçado orgulho, se declaram velhas.

O afeto interpelava o desejo de neutralidade, a cada novo laço criado entre pesquisadora e pesquisada. Entretanto, ciente de que razão e afetos não precisam ser opostos inconciliáveis, me permiti, deliberadamente, me deixar afetar pelas mulheres que me entregavam, junto com suas narrativas, os aprendizados de toda uma existência.

A busca por autonomia, que eu aprendi a admirar, se tornou um objeto desse estudo. Quis, assim, que as teorias sociológicas fossem instrumentos para a aproximação dessa riqueza encontrada no real. A constatação da profundidade e qualidade das narrativas obtidas com as pesquisadas foi, desde o início da pesquisa de campo, um motivo de alegria, mas também de apreensão. Concluo a pesquisa ciente de que as reflexões e análises apresentadas neste trabalho não chegaram a contemplar todos os aspectos relevantes trazidos à tona nos discursos das entrevistadas. Mesmo assim, decidi-me pela exposição das narrativas na íntegra, em vez de selecionar trechos de temáticas determinadas. Penso que, dessa forma, lego ao leitor a possibilidade de partilhar da verve narrativa das entrevistadas, e tecer suas próprias considerações.

Espero que este texto, resultado de dois anos de pesquisa, consiga ter dito algo sobre as dificuldades envolvidas no processo de fazer-se mulher. Confrontadas com possibilidades sempre limitadas, como as mulheres criaram sua condição de sujeito? E o

que este trabalho de resistência e criatividade diz ao mundo? Penso que o devir-mulher das fundadoras do Farol, marcado por um desejo de liberdade que se debate contra contingências sociais, nos fala sobre os processos, sempre singulares, de criação e aprendizagem da identidade feminina.

Para as entrevistadas, a zona foi também espaço de construção subjetiva. Elas celebram o território do *mulheril*, que ficou no passado, e onde viveram a juventude: “o tempo bom do Farol”, que não querem esquecer. Suas falas operam uma inversão, quando enaltecem o espaço social alijado pelas autoridades: “Do lodo também nascem lírios”, diz Dona Dorinha.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABSI, Pascale. De la trasgresión a la a la subversión: el valor del dinero em los prostíbulos de Bolívia. In: PAVEZ, Jorge e KRAUSHAAR, Lilith: **Capitalismo y Pornologia**. Santiago, Universidad Católica del Norte, 2011. p. 379-404.

AGUIEIROS, Gabriela Hasimoto. O traje e o decoro. In: MARTINS, José de Sousa (Org.). **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 125-137.

ALMADA, Zenilo. **A história como memória**. Jornal Diário do Nordeste, Fortaleza, Ceará, 18 jul., 2007.

ALMEIDA, Rosemary. **Violência, identidade e processos organizativos**: o forró da bala como cenário de análise. Fortaleza: UFC, PPGS: Dissertação de Mestrado, 1995.

AMADO, Janaína, e FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ANJOS JÚNIOR, Carlos Silveira Versiani dos. **A serpente domada**: Um estudo sobre a prostituição de baixo meretrício. Fortaleza: UFC, 1983.

AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). **Cronologia ilustrada de Fortaleza**: roteiro para um turismo histórico e cultural. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2001.

BACELAR, Jeferson. **A Família da Prostituta**. São Paulo: Ática, 1982.

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loiola**. Paris: Seuil, 1971.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

\_\_\_\_\_. **O segundo sexo**: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

\_\_\_\_\_. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo; Hucitec, 1983.

BERTAUX, Daniel. L'approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités. In: **Cahiers Internationaux de Sociologie**, Vol. LXIX, p. 197-225, Paris, 1980.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaína, e FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.) **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

\_\_\_\_\_. **A miséria do mundo**. Petrópolis; Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. É possível um ato desinteressado? In: BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 2010. p. 137-157.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Benedita Edina Lima. Mulher e velhice. In: MOTTA, Alda Britto da et al.(Org). **Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional**. Salvador: UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2005. p. 53-61.

CAMINHA, Raquel. Quintal, salas de visitas, rua e cacimba: agressões femininas em Fortaleza nos anos 1929, 1941 e 1944. In: XII Simpósio Internacional Processo Civilizador. 2009. **Anais**. Disponível em: [http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C\\_Caminha.pdf](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C_Caminha.pdf)

CARLOS, Caio Anderson Feitosa. As prostitutas na rua: resistência e organização de um coletivo de prostitutas em Fortaleza. XXVIII Congresso Internacional da Alas 6 a 11 de setembro de 2011, UFPE, Recife-PE, 2011.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

COSER, L. A. Georg Simmel's neglected. Contributions to the sociology of women. Signs: **Journal of women in culture and society**. Chicago: University of Chicago, 1977.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco: 1986.

\_\_\_\_\_. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 2004.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DITMORE, Melissa Hope (Org). **Encyclopedia of Prostitution And Sex Work**. Westport, Greenwood Press, 2006.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

DUBET, François. **Sociologie de l'expérience**. Paris: Éditions du Seuil, 1994.

DURAS, Marguerite. **A doença da morte**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

\_\_\_\_\_. **O amante**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. A narrativa e a captura do movimento da vida vivida. **Revista Iluminuras**, Porto Alegre, v. 5, nº 9, 2004. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9184> Acesso em: 4 de abril de 2011.

EIZIRIK, Marisa. **Michel Foucault: Um pensador do presente**. Ijuí, Editora Unijuí, 2005.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

\_\_\_\_\_. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

\_\_\_\_\_. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FABIANI, Jean-Louis. O que resta do agente social? A análise sociológica frente à exemplaridade biográfica e à diminuição de si. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**. São Paulo, n. 14, v. 1, p. 33-65, 2002.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzuchi. O retrato de si. In: LEAL, Ondina Fachel (Org). **Corpo e significado: ensaios de antropologia social**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.

FONSECA, Cláudia. A dupla carreira da mulher prostituta. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, IFCS/ UFRJ - PPCIS / UFRJ, vol. 4, nº 1, 1996.

\_\_\_\_\_. **Família, fofoca e honra: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: **O que é um autor**. Lisboa: Passagens, 1992

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Graal, 2003.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2009.

FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos brancos: do uso aos abusos no tempo das "Coca-Colas"**. Fortaleza: ABC Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. **Mucuripe: de Pinzón ao Padre Nilson**. Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha, 1998.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, LTC, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A outra**: estudos antropológicos sobre a identidade do homem casado. Rio de Janeiro: Record, 1997.

\_\_\_\_\_. **Coroas**: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GRIFFIN, Susan. **O livro das cortesãs**: um catálogo das suas virtudes. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

GUATTARI, Feliz. **A Revolução Molecular**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GUEDES, Mardônio Silva. Pelas ruas e pensões: o meretrício em Fortaleza (1930 – 1940). In: **Gênero**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 53-79.

GUY, Donna. **Sex and danger in Buenos Aires**: prostitution, family and nation in Argentina. Lincoln: University of Nebraska Press, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

\_\_\_\_\_. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Mouton, 1975.

HIRATA, Helena *et al.* (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

JUCÁ, Gisafra Nazareno Mota. **O lazer em Fortaleza (1945-1960)**. Fortaleza: UFC/NUDOC, 1996.

\_\_\_\_\_. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)**. São Paulo: Annablume, 2003.

KOFES, Suely. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 117-141, 1994.

\_\_\_\_\_. **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

KRISTEVA, Julia. **O gênio feminino**: a vida, a loucura, as palavras. Tomo III, Colette. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

\_\_\_\_\_. **Powers of horror**: an essay on abjection. New York: Columbia University Press, 1982.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LAHIRE, Bernard. Do habitus ao patrimônio individual de disposições: rumo a uma sociologia em escala individual. **Revista de Ciências Sociais**. Vol. 34, nº 2, 2003.

LE BRETON, David. O envelhecimento intolerável - o corpo desfeito. In: LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 223-237.

LEITÃO, Juarez. **Sábado, estação de viver**: histórias da boemia cearense. Fortaleza:

Editora Premium, 2000.

LEITE JUNIOR, Jorge. **Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia "bizarra" como entretenimento.** Rio de Janeiro, Annablume, 2006.

LIMA, Ernandy Luís Vasconcelos de. **Das areias da praia às areias da moradia: um embate socioambiental em Fortaleza-CE.** Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Dissertação de Mestrado, 2005.

LOMBROSO, Cesare e Ferrero, G. **La femme criminelle et La prostituée.** Paris: Felix Alcan, 1896.

LOPES, Marciano. **Royal Briar: a Fortaleza dos anos 40.** Fortaleza: ABC, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

MAUSS, Marcel. Dom, contrato, troca. In: MAUSS, Marcel. **Ensaio de sociologia.** São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 351-367.

\_\_\_\_\_. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-314.

\_\_\_\_\_. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 399-422.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, COORDENAÇÃO NACIONAL DE DST E AIDS. **Manual do Multiplicador – Profissional do Sexo.** Brasília: Ministério da Saúde, 1996.

\_\_\_\_\_. **Profissionais do sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da Aids/ Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids.** Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

\_\_\_\_\_. **Sobre valores e fatos: a experiência das ONGs que trabalham com Aids no Brasil.** Brasília: Ministério da Saúde, 1997.

MOREIRA, Edna Monteiro. O carnaval fortalezense de ontem e de hoje. In: \_\_\_\_\_. **Folhas esparsas no outono da minha vida.** Fortaleza: Nave Edições, 2004. p. 35-37.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece.** Belo horizonte: Autêntica, 2006.  
Organização das Nações Unidas. Assembléia Mundial sobre Envelhecimento: Resolução 39/125. Viena; 1982.

NEHRING, Cristina. **Em defesa do amor: resgatando o romance no século XXI.** Rio de Janeiro: Best-Seller, 2012.

NOGUEIRA, André Aguiar. **Fogo, vento, terra e mar: migrações, natureza e cultura popular no bairro Serviluz em Fortaleza (1960-2006).** 2006. 155p. Dissertação de Mestrado em História Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: [http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_arquivos/3/TDE-2007-04-09T08:51:41Z-2892/Publico/HIS%20-%20Andre%20Aguiar%20Nogueira.pdf](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/3/TDE-2007-04-09T08:51:41Z-2892/Publico/HIS%20-%20Andre%20Aguiar%20Nogueira.pdf)

\_\_\_\_\_. **Fogo, vento, terra e mar: A arte de falar dos trabalhadores do**

mar. São Paulo: Secretaria de Cultura Esportes e Lazer do Município de Caçapava, 2007.

OLIVEIRA, Luciana Rodrigues de. Memórias afetivas: os bordéis do Sobrado Dr. José Lourenço e seus personagens (1950-1970). In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300855936\\_ARQUIVO\\_MEMORIASAFETIVAS.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300855936_ARQUIVO_MEMORIASAFETIVAS.pdf)

PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. Corpos/seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. **Revista Bagoas**, n.4, 2009.

\_\_\_\_\_. **Reservados e invisíveis: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas**. Campinas: Pontes; Fortaleza: PPG-Sociologia UFC, 2007

PARENT-DUCHATELET, Alexandre. La prostitution à Paris au XIX<sup>ème</sup> siècle. Paris, Seuil, 1981.

PASINI, Elisiane. Sexo com prostitutas: uma discussão sobre modelos de masculinos. In: DIAZ-BENITEZ, Maria Elvira; FIGARI, Carlos Eduardo (Org.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro, Garamond, 2009.

PATAI, Daphne. **História oral, feminismo e política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.

\_\_\_\_\_. O feminismo que veio do exílio: memórias de uma segunda onda no Brasil, na Argentina e no Uruguai (1964-89). In: REIS, Daniel Aarão; ROLLAND, Denis. **Modernidades alternativas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. p. 157-172.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PEREIRA, Armando dos Santos. **Sexo e Prostituição**. Rio de Janeiro, Gráfica Record Editora, 1967.

PEREIRA, Ivonete. **As decaídas: prostituição em Florianópolis (1900-1940)**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004

PERROT, Michele. **A mulheres e os silêncios da história**. Bauru/SP: EDUSC, 2005.

PISCITELLI, Adriana: Género en los mercados contemporáneos del sexo. In: PAVEZ, Jorge e KRAUSHAAR, Lilith. **Capitalismo y Pornología**. Santiago, Universidad Católica del Norte, 2011. p. 317-343.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da sociedade disciplinar – Brasil, 1890-1930**. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. São Paulo, Paz e Terra, 2008a.

\_\_\_\_\_. O corpo exótico, espetáculo da diferença. **Estudos feministas**, janeiro/junho 2008b. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys13/perspectivas/marga.htm>> Acesso em 28 de novembro de 2010.

RODRIGUES, Nara Costa e TERRA, Newton Luiz. **Gerontologia social para leigos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

ROGERS, Daniel. **Prazer com segurança?** As relações entre michê e polícia num ponto de prostituição do Centro de Fortaleza, Fortaleza: 2011.

SÁ, Leonardo Damasceno de. **Guerra, mundo e consideração:** uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz. 2010. 283 pp. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), Universidade Federal do Ceará, 2010.

SANTOS, Lídia Noêmia. **Brotinhos e seus problemas:** juventude gênero na imprensa fortalezense da década de 1950. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, 16(2); 5-22, jul/dez, 1990.

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da, LAGO, Mara Coelho de Souza, RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Org). **Falas de gênero:** teorias, análises, leituras. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 21-55.

SHRAGE, Laurie. **Moral dilemmas of feminism:** prostitution, adultery and abortion. Nova Iorque: Routledge, 1994.

SILVA, Hélio Raimundo Santos. **Travestis:** entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macedo e. Um espaço em disputa: norma e desvio nas calçadas de Fortaleza. In: **Comportamento**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 57-97.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SMITH, Marjorie. **No Bed of Roses:** the diary of a lost soul. New York: The Sheridan House, 1930.

\_\_\_\_\_. **God have mercy on me**. New York: The Sheridan House, 1930.

SOUSA, Francisca Inar de. **Experiências masculinas e femininas nos territórios da sexualidade:** permanências e mudanças. 2004. 354f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-São Paulo. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **O cliente:** o outro lado da prostituição. 2.<sup>a</sup> ed. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto; São Paulo: Annablume, 1998.

TOURAINÉ, Alain. **A busca de si:** diálogo sobre o sujeito. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. **O mundo das mulheres**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **No escurinho do cinema:** cenas de um público implícito. São Paulo: AnnaBlume, 2000.

\_\_\_\_\_. O riso da paródia: transgressão, feminismo e subjetividade. In: PAIVA, Antônio Cristian Saraiva; VALE, Alexandre Fleming Câmara. **Estilísticas da sexualidade**. Campinas: Pontes Editores, 2006.

\_\_\_\_\_. **O vôo da beleza** [manuscrito] : travestilidade e devir minoritário. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Fortaleza-CE, 2005.

VASCONCELOS, Helena. O carnaval da chiquita bacana pesquisadores e memorialistas lembram os carnavais do passado. *Jornal Diário do Nordeste*, Fortaleza, Ceará, 1º fev. 1999.

VASCONCELOS, J. G. (Org.); SILVA, S.M.A. (Org.) ; FRANCO, C.M.B. (Org.) ; SANTANA, J. R. (Org.). **Lápis, Agulhas e Amores: História de Mulheres na Contemporaneidade**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ZELIZER, Viviana. **A negociação da intimidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

## Matérias de jornais

Providência louvável. O Nordeste, Fortaleza, 13 de junho de 1935.

O problema do seu bairro - Moura Brasil. Jornal O Nordeste, p.8, 24 de dezembro de 1951.

Bairros abandonados - O Povo, 9 de fevereiro de 1953, p.3.

Coluna "O problema do seu bairro" - Moura Brasil - Jornal O Nordeste, 24 de dezembro de 1951, p.8

Tangido pelo ciúme - Jornal Gazeta de Notícias, 18 de junho de 1947, p. 4

Dois homens se desavieram - Jornal O Unitário, 18 de junho de 1947, p.1.

Portaria da Chefatura de Polícia - O Nordeste, 22 de junho de 1935, p.3.

Nota da Chefatura de Polícia do Estado do Ceará - O Nordeste, 12 de junho de 1935, p.3.

Gazeta de Notícias, 18 de junho de 1947, p.3.

Sobrado José Lourenço e as histórias de cabaré do Centro - O Povo, 17 de maio de 2010. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/www/opovo/fortaleza/984448.html>

Coluna Comentários do dia - Providências moralizadoras da Polícia. O Povo, 22 de maio de 1954, p. 3.

Mudança de cabarés - Correio do Ceará, 07 de dezembro de 1971, p. 4.

O carnaval da chiquita bacana: pesquisadores e memorialistas lembram os carnavais do passado. Diário do Nordeste, 1º de fevereiro de 1999. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/1999/02/01/030001.htm>

Cordeiro começou Beira-Mar. Um quilômetro na arrancada. Jornal Gazeta de Notícias, 12 de agosto de 1962, p.5.

Negócios. Jornal Correio do Ceará, 27 de dezembro de 1971, p. 11.

De madame Julinha a Pirrita - Diário do Nordeste, 18 de novembro de 2007. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/m/materia.asp?codigo=487190>.

De um alguém para outro alguém: Cenas da prostituição em Fortaleza em 80 quadros de Descartes Gadelha - Jornal Diário do Nordeste, 26 de fevereiro de 1991. Disponível em: <http://www.mauc.ufc.br/expo/1991/01/index1.htm>

As pensões da cidade. Diário do Nordeste, 18 de julho de 2007. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=487184>

---